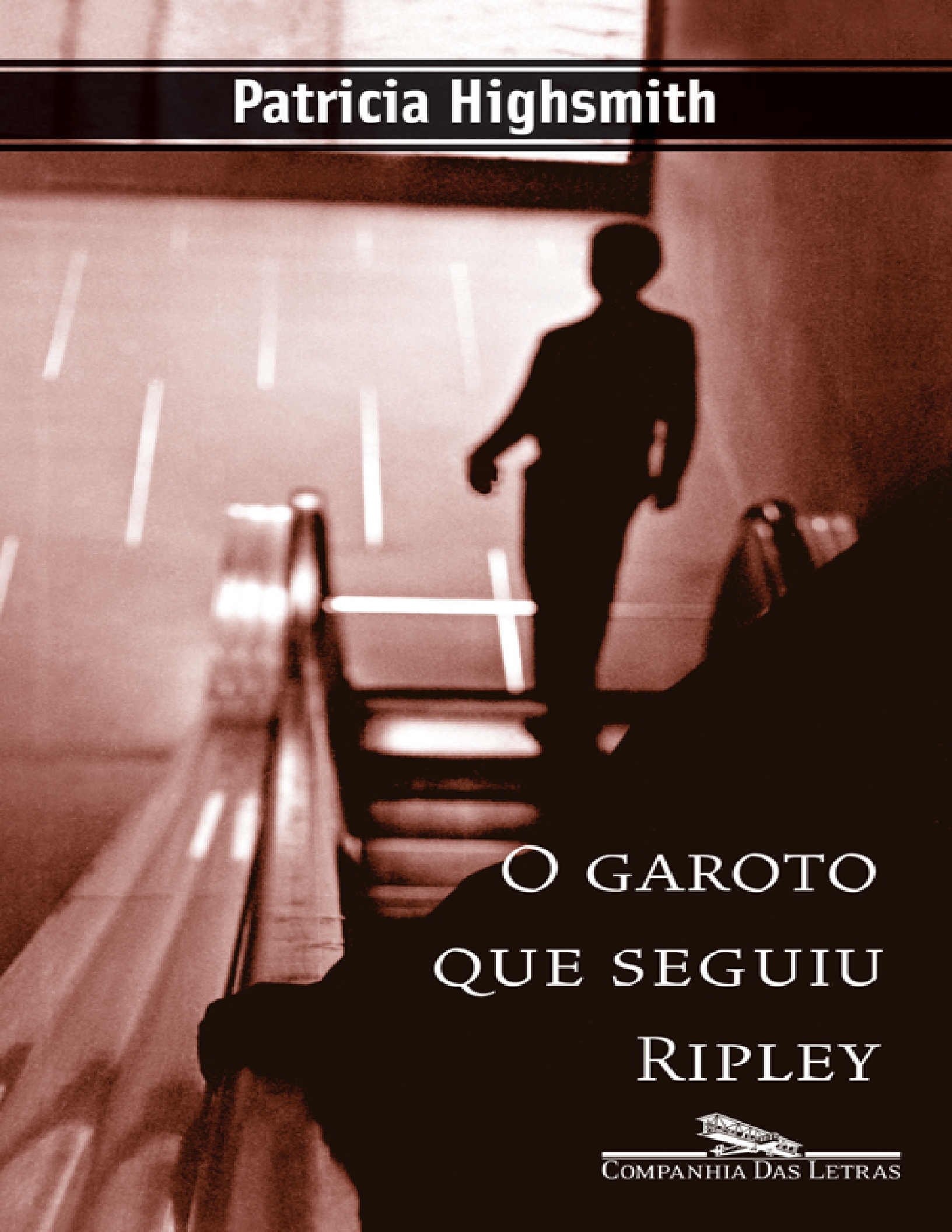




Patricia Highsmith

O GAROTO
QUE SEGUIU
RIPLEY



COMPANHIA DAS LETRAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PATRICIA HIGHSMITH

*O GAROTO QUE
SEGUIU RIPLEY*

Tradução:
ALVARO HATTNER



Para Monique Buffet

Tom engatinhou no assoalho de madeira, tentando fazer o mínimo de barulho, cruzou a soleira do banheiro, parou e ficou ouvindo.

Zz-zzz---zz-zzz---zz-zzz.

As criaturinhas hiperativas estavam atacando de novo, embora Tom ainda pudesse sentir o cheiro do inseticida que, com grande esforço, ele havia injetado naquela tarde nos buracos de saída das tocas, ou seja lá o que fossem. A serração continuava sem parar, como se tudo o que ele fizera não tivesse servido para nada. Olhou para uma toalha cor-de-rosa dobrada embaixo de uma das prateleiras de madeira e viu que já havia um montículo de serragem avermelhada.

“Calem a boca!”, disse Tom, batendo no armário com o punho fechado.

Eles obedeceram. Silêncio. Tom imaginou os pequenos insetos com serras nas mãos, parando, entreolhando-se com apreensão, mas talvez balançando a cabeça, como se dissessem “Isso já aconteceu antes. É o ‘patrão’ de novo, mas daqui a pouco ele vai embora”. Tom também já havia passado por aquilo: se entrasse no banheiro caminhando normalmente, sem sequer pensar em cupins, ele às vezes conseguia detectar a presença do ruído dos insetos antes que eles pudessem detectar sua presença. No entanto, bastava um só passo a mais, ou o barulho de uma torneira sendo aberta, para que eles ficassem em silêncio por alguns minutos.

Heloise achava que ele se preocupava demais com aquilo. “Vai levar anos até que eles consigam fazer o armário *cair*.”

Mas Tom não gostava do fato de ter sido derrotado pelos cupins, nem de ter que limpar serragem de um pijama limpo que ele tirara de uma prateleira, nem do fato de sua compra de um produto francês chamado Xylophene (um nome de fantasia para querosene) e sua consulta a duas enciclopédias terem sido totalmente em vão.

Camponotus rói a madeira, abrindo galerias, e constrói seus ninhos. Ver *Campodea*. Sem asas, cegas, mas serpenteantes, evitam a luz e vivem sob pedras. Tom não conseguia imaginar as pragas que atacavam sua casa como serpenteantes, e elas não viviam embaixo de pedras. Um dia antes ele fora até Fontainebleau para comprar inseticida. Sim, ontem é que ele havia lançado sua *Blitzkrieg*, o segundo ataque fora hoje, e mesmo assim tinha sido derrotado. Era difícil, é claro, borrifar o inseticida para cima, e isso era necessário porque os buracos estavam na parte inferior das prateleiras.

O *zz-zz-zz* recomeçou, no mesmo instante em que a música do *Lago dos cisnes* que tocava na vitrola no andar de baixo alterou graciosamente seu andamento, tornando-se uma elegante valsa, como se a zombar dele, como faziam os insetos.

Tudo bem, eu desisto, pensou Tom, *pelo menos por hoje*. Mas fez questão de que os dias de ontem e hoje fossem produtivos: havia limpado sua escrivaninha, jogado papéis fora, varrer a estufa, escrevera cartas de negócios, inclusive uma muito importante enviada para o endereço particular de Jeff Constant em Londres. Tom havia adiado aquilo, mas hoje escrevera uma carta que pedia para Jeff destruir imediatamente: aconselhava que não se fizessem mais descobertas de telas ou esboços de Derwatt, e perguntava, retoricamente, se os lucros cada vez maiores da empresa de material de pintura e da escola de arte em Perugia já não bastavam. A Galeria Buckmaster, mais especificamente Jeff Constant, fotógrafo profissional que agora era um dos proprietários da galeria, junto com Edmund Banbury, jornalista, estavam se entretendo com a idéia de vender mais algumas das falsificações de Bernard Tufts, imitações não tão perfeitas da obra de Derwatt. Até agora eles tinham sido bem-sucedidos nisso, mas Tom queria parar com tudo, por razões de segurança.

Tom decidiu fazer uma caminhada, tomar um café no Georges e pensar em outras coisas. Eram apenas nove e meia da noite. Heloise estava na sala de visitas, tagarelando em francês com sua amiga Noëlle. Noëlle, que era casada e morava em Paris, ia passar a noite lá, mas sem o marido.

“*Succès, chéri?*”, perguntou Heloise, animada, sentando-se no sofá amarelo.

Tom teve que rir, um pouco sem jeito. “*Non!*”, respondeu ele em francês. “Reconheço a derrota. Fui derrotado por cupins!”

“A-a-aaaaah!”, gemeu Noëlle, cheia de solidariedade, mas em seguida desatou a rir.

Sem dúvida ela estava pensando em alguma outra coisa, louca de vontade de retomar a conversa com Heloise. Tom sabia que elas estavam planejando fazer um cruzeiro no final de setembro ou começo de outubro, talvez até a Antártica, e queriam que Tom fosse junto. O marido de Noëlle já havia recusado em definitivo: razões de trabalho.

“Vou andar um pouco. Volto daqui a uma meia hora. Vocês querem cigarros?”, perguntou ele.

“Ah, *oui!*”, disse Heloise. Ela queria um maço de Marlboro.

“Eu parei!”, disse Noëlle.

Era pelo menos a terceira vez que ela parava, pelo que Tom se lembrava. Ele se despediu e saiu pela porta da frente.

Mme. Annette ainda não havia fechado os portões da frente. Ele faria isso quando voltasse, pensou Tom. Virou à esquerda e caminhou em direção ao centro de Villeperce. O ar estava até frio para meados de agosto. As rosas desabrochavam em profusão nos jardins dos vizinhos da frente, visíveis atrás das cercas de arame. Por causa do horário de verão, estava mais claro do que o normal, mas Tom de repente desejou ter trazido uma lanterna para o trajeto de volta. Não havia calçadas nessa rua. Tom inspirou profundamente. Amanhã iria pensar em Scarlatti, e em tocar cravo, em vez de pensar nos cupins. Pensaria quem sabe em levar Heloise para os Estados Unidos no final de outubro. Seria a segunda visita dela. Heloise adorara Nova York e achara San Francisco e o Pacífico azul lindos.

Luzes amareladas haviam aparecido em algumas das pequenas casas na vila. E lá estava o talismã de Georges, com a palavra *tabac* em vermelho, iluminada por baixo por uma lâmpada.

“Marie”, disse Tom, acenando com a cabeça ao entrar, cumprimentando a proprietária que acabava de colocar bruscamente uma garrafa de cerveja sobre o balcão para um freguês. Aquele era um bar de trabalhadores, mais perto da casa de Tom do que qualquer outro bar na vila, e com frequência mais divertido.

“Monsieur Tome! *Ça va?*” Marie jogou o cabelo preto e ondulado para trás, com certa afetação que pretendia ser charmosa, e sua grande boca e, cheia de batom, lançou um sorriso maroto para Tom. Deveria ter uns cinqüenta e cinco anos, se tanto. “*Dis-donc!*”, gritou ela, voltando a conversar com dois homens que estavam curvados sobre seus copos no balcão. “Aquele bundão — aquele *bundão!*”, gritou ela como se quisesse chamar a atenção com aquela palavra que era dita dezenas de vezes por dia naquele estabelecimento. Sem receber atenção dos homens barulhentos que agora falavam todos ao mesmo tempo, ela continuou: “Aquele *bundão* fica se exibindo como se fosse uma prostituta com muito serviço! Ele merece o que recebe!”.

Será que ela estava falando de Giscard, perguntou-se Tom, ou de alguém do local? “Café”, pediu Tom quando conseguiu um segundo da atenção de Marie, “e um maço de Marlboro!” Ele sabia que Georges e Marie eram pró-Chirac, que era chamado de fascista.

“Ô, Marie!”, disse Georges com sua voz forte de barítono, à esquerda de Tom, tentando sossegar a esposa. Georges, um homem com a constituição de um grande barril, com as mãos gordas enxugava taças que colocava cuidadosamente sobre a prateleira à direita da caixa registradora. Atrás de Tom acontecia um barulhento jogo em uma mesa de pebolim: quatro adolescentes giravam os varões de metal e homenzinhos de chumbo chutavam uma bolinha ao girarem para a frente e para trás. De repente Tom reparou, na extremidade esquerda depois da curva do balcão, um adolescente que ele vira na rua perto de sua casa alguns dias atrás. O garoto tinha cabelo castanho-escuro e usava uma jaqueta jeans azul comum, pelo que Tom se lembrava. Quando o vira pela primeira vez — Tom estava abrindo os portões certa tarde para uma visita —, o garoto havia saído de sua posição sob um enorme castanheiro do outro lado da rua e fora embora, em direção contrária a Villeperce. Será que ele estava rondando Belle Ombre, observando os hábitos da família? Outra preocupação menor, pensou Tom, como os cupins. Era melhor pensar em outra coisa. Tom mexeu o café, tomou um gole, olhou de relance para o garoto novamente e percebeu que o rapaz olhava para ele. O garoto logo abaixou os olhos e tomou um gole de sua cerveja.

“*Écoutez, monsieur Tome!*” Marie inclinava-se sobre o balcão de frente para Tom, e apontou o garoto com o polegar. “*Américain*”, sussurrou ela em tom alto o bastante para ser ouvido sobre o barulho terrível de uma vitrola automática que começara a tocar naquele momento. “Disse que está aqui para trabalhar durante o verão. Ha-ha-haah!” Ela riu com voz rouca, como se fosse hilariante um americano trabalhar, ou talvez porque acreditasse que não havia trabalho na França, o que explicava o desemprego. “Quer conhecê-lo?”

“*Merci, non.* Onde ele trabalha?”, perguntou Tom.

Marie deu de ombros, e foi atender um pedido de cerveja. “Ah, mas você sabe onde enfiar *isso!*”, gritou Marie alegremente para outro cliente enquanto abria a cerveja.

Tom estava pensando em Heloise e na possível viagem aos Estados Unidos. Eles deveriam ir à Nova Inglaterra dessa vez. Boston. O mercado de peixe, o Independence Hall, Milk Street e Bread Street. Era o lugar onde ele havia nascido, mas que agora achava que não reconheceria mais. A tia Dottie, que antigamente lhe dava, de má vontade, presentes na forma de cheques de onze dólares e setenta e nove centavos, havia morrido, deixando-lhe dez mil dólares, mas não a casinha abafada que havia lá, e que Tom gostaria de ter herdado. Pelo menos poderia mostrar a Heloise a casa onde havia crescido, pelo lado de fora. Tom achava que os filhos da irmã de tia Dottie haviam herdado a casa, visto que tia Dottie não tinha filhos. Tom colocou sete francos sobre o balcão para pagar o café e os cigarros, olhou para o garoto de jaqueta azul mais uma vez e viu que ele também estava pagando. Tom apagou o cigarro, disse “*Soir!*” para ninguém em especial e saiu.

Estava escuro agora. Tom atravessou a rua principal sob a luz não muito clara de um poste de iluminação e entrou na rua mais escura, onde ficava sua casa, a uns duzentos metros de distância. A rua de Tom era quase reta, de duas mãos e pavimentada, e Tom conhecia-a bem, mas ficou contente com a aproximação de um carro cujas luzes o ajudaram a enxergar o lado esquerdo da rua por onde ele estava caminhando. Logo que o carro passou, Tom percebeu passos rápidos mas leves atrás de si e virou-se.

Um vulto trazia uma lanterna. Tom viu um jeans e tênis. O garoto do bar.

“Senhor Ripley!”

Tom ficou tenso. “Sim?”

“Boa noite.” O garoto parou, a lanterna balançando na mão. “M-meu nome é Billy Rollins. Já que eu tenho uma lanterna... o senhor não quer que eu o acompanhe até sua casa?”

Tom viu indistintamente um rosto quadrado, com olhos escuros. Ele era mais baixo do que Tom. Sua maneira de falar era educada. Será que aquilo era um assalto, ou ele estava excessivamente ansioso naquela noite? Tom tinha apenas algumas notas de dez francos consigo, mas uma briga nem lhe passava pela cabeça. “Tudo bem, obrigado. Eu moro aqui perto.”

“Eu sei. Bom... estou indo na mesma direção.”

Tom lançou um olhar apreensivo para a escuridão à sua frente e recomeçou a andar. “Você é americano?”, perguntou.

“Sim, senhor.” O garoto cuidadosamente apontava a lanterna para um ângulo que era conveniente para os dois, mas seus olhos estavam mais em Tom do que no caminho.

Tom mantinha-se afastado do garoto, as mãos livres e prontas para agir. “Está de férias?”

“Mais ou menos. Trabalhando um pouco também. Como jardineiro.”

“É mesmo? Onde?”

“Em Moret. Numa residência.”

Tom desejou que um outro carro aparecesse, para que ele pudesse olhar melhor a expressão do garoto, porque sentia uma tensão que poderia ser perigosa. “Em que lugar em Moret?”

“Na casa de madame Jeanne Boutin, Rue de Paris, 78”, respondeu o garoto de pronto. “Ela tem um jardim razoavelmente grande. Um pomar. Mas o que eu mais faço é capinar e cortar a grama.”

Tom cerrou os punhos, nervoso. “Você dorme em Moret?”

“Durmo. Madame Boutin tem uma casinha no jardim. Com uma cama e uma pia. A água é fria, mas no verão isso não é problema.”

Agora Tom estava verdadeiramente surpreso. “Não é comum um americano escolher o campo em vez de Paris. De onde você é?”

“Nova York.”

“E quantos anos tem?”

“Vou fazer dezenove.”

Tom achou que era menos. “Você tem autorização para trabalhar aqui?” Tom viu o garoto sorrir pela primeira vez. “Não. É um acordo informal. Cinquenta francos por dia, o que é pouco, eu sei, e madame Boutin me deixa dormir lá. Ela até já me convidou para almoçar com ela uma vez. E eu, é claro, posso comprar pão e queijo para comer na casinha. Ou em um café.”

Tom percebeu, pela maneira de falar do garoto, que ele não vinha da sarjeta, e, pela maneira como pronunciava “madame Boutin”, que sabia um pouco de francês. “Há quanto tempo você está aqui?”, perguntou Tom em francês.

“*Cinq, six jours*”, respondeu o garoto. Seus olhos continuavam sobre Tom.

Tom ficou feliz ao avistar o grande olmo que se inclinava sobre a rua, o que significava que sua casa estava a uns cinquenta passos dali. “O que o trouxe a esta parte da França?”

“Ah... talvez a floresta de Fontainebleau. Eu gosto de andar pelo mato. E fica perto de Paris. Fiquei uma semana em Paris... passeando.”

Tom agora caminhava mais devagar. Por que o garoto estaria interessado nele a ponto de saber onde morava? “Vamos atravessar.”

O cascalho bege que cobria a entrada de Belle Ombre apareceu a alguns metros, embaixo da lâmpada da porta de entrada. “Como é que você sabia onde era minha casa?”, perguntou Tom, e percebeu o constrangimento do garoto, que desviou a cabeça e fez tremer o facho da lanterna. “Eu o vi nesta rua... há uns dois ou três dias, não foi?”

“Sim”, respondeu Billy, a voz mais grave. “Vi seu nome nos jornais... nos Estados Unidos. E fiquei com vontade de ver onde o senhor morava, já que eu estava perto de Villeperce.”

Nos jornais, quando, perguntou-se Tom, e por quê? Ele provavelmente tinha uma pasta de recortes de jornal em algum lugar. “Você deixou uma bicicleta em Villeperce?”

“Não”, respondeu o garoto.

“E como vai voltar a Moret esta noite?”

“Ah, vou pegar uma carona. Ou vou andando.”

Eram sete quilômetros. Por que alguém que dormia em Moret percorreria sete quilômetros até Villeperce depois das nove da noite sem um transporte para voltar? Tom viu uma luz fraca à esquerda das

árvores: Mme. Annette ainda estava acordada, mas em seu quarto. A mão de Tom se mantinha sobre um dos portões de ferro, que não estava bem fechado. “Eu teria prazer em lhe oferecer uma cerveja.”

As sobrancelhas escuras do garoto se franziram um pouco, ele mordeu o lábio inferior e olhou melancolicamente para as duas torrezinhas da frente de Belle Ombre, como se estivesse tomando uma grande decisão. “Eu...”

A hesitação deixou Tom ainda mais intrigado. “Meu carro está logo ali. Posso levá-lo a Moret.” Indecisão. Será que o garoto realmente trabalhava e dormia em Moret?

“Tudo bem. Obrigado. Vou entrar um minuto”, disse o garoto.

Atravessaram os portões e Tom fechou-os, sem trancá-los. A chave grande estava na fechadura pelo lado de dentro. À noite ela ficava escondida ao pé do rododendro, perto do portão.

“Minha esposa está com uma visita esta noite”, disse Tom, “mas podemos tomar uma cerveja na cozinha.”

A porta da frente estava destrancada. Havia uma luz acesa na sala de visitas, mas Heloise e Noëlle evidentemente tinham subido. Muitas vezes Noëlle ficava conversando até tarde com Heloise no quarto de hóspedes ou no quarto de Heloise.

“Cerveja? Café?”

“Que lugar agradável!”, disse o garoto, olhando ao redor de onde estava. “O senhor sabe tocar cravo?”

Tom sorriu. “Estou tendo aulas... duas vezes por semana. Vamos até a cozinha.”

Entraram no corredor à esquerda. Tom acendeu a luz da cozinha, abriu a geladeira e tirou uma embalagem com seis garrafas de Heineken.

“Está com fome?”, perguntou Tom, olhando para os restos do rosbife em uma travessa cobertos por papel-alumínio.

“Não, senhor. Obrigado.”

De volta à sala de visitas, o garoto olhou para o quadro *Homem na cadeira* sobre a lareira, e depois para outro, um pouco menor mas um Derwatt genuíno, chamado *As cadeiras vermelhas*, que estava na parede perto das portas-janelas. Os olhares do garoto duraram apenas alguns segundos, mas Tom os observou. Por que os Derwatts e não o

Soutine que era maior, com tons de vermelho e azul mais chamativos, que estava pendurado sobre o cravo?

Tom fez um gesto apontando o sofá.

“Não posso sentar aí... meu jeans está muito sujo.”

O sofá era coberto de cetim amarelo. Havia algumas cadeiras sem estofado, de encosto reto, mas Tom disse: “Vamos para o meu quarto”.

Subiram a escada, Tom levando as cervejas e o abridor. O quarto de Noëlle estava aberto, a luz acesa, e a porta de Heloise estava levemente aberta, e de lá Tom ouviu vozes e risadas. Tom foi para seu quarto, à esquerda, e acendeu a luz.

“Sente-se aqui. É de madeira”, disse Tom, puxando a cadeira de braços de sua escrivaninha para o centro do quarto. Ele abriu duas garrafas.

Os olhos do garoto passaram pela superfície da cômoda estilo Wellington, por suas cantoneiras e puxadores de metal, que, como sempre, haviam sido polidos com perfeição por Mme. Annette. O garoto balançou a cabeça em tom de aprovação. Tinha um rosto bonito, um pouco sério, o queixo robusto e imberbe. “O senhor leva uma *boa* vida, não?”

O comentário podia ser resultado de uma reflexão, ou de uma zombaria. Será que o garoto havia lido coisas sobre ele e o considerava um vigarista? “E por que não?” Tom deu-lhe uma das garrafas. “Desculpe, esqueci os copos.”

“O senhor se importa se eu lavar as mãos antes?”, perguntou o garoto com excessiva cerimônia.

“Claro que não. É aqui.” Tom acendeu a luz de seu banheiro.

O garoto curvou-se sobre a pia, esfregando as mãos por quase um minuto. Não havia fechado a porta. Voltou sorrindo. Tinha lábios finos, dentes fortes, cabelo castanho-escuro liso. “Muito melhor. Água quente!” Sorriu olhando para as próprias mãos e pegou a cerveja. “Que cheiro é aquele lá dentro, aguarrás? O senhor pinta?”

Tom riu. “Às vezes, mas hoje eu estava atacando cupins nas prateleiras.” Tom *não* queria falar sobre cupins. Quando o garoto se sentou, Tom, que estava sentado em outra cadeira de madeira, perguntou-lhe: “Quanto tempo você pretende ficar na França?”.

O garoto pensou para responder. “Talvez mais um mês.”

“E aí volta para a faculdade? Você está na faculdade?”

“Ainda não. Não tenho certeza se quero fazer faculdade. Vou ter que decidir.” Ele passou os dedos pelo cabelo, arrumando-o do lado esquerdo da cabeça. Mas parte do cabelo parecia querer ficar espetada, para cima. Pareceu constrangido com o olhar de Tom e tomou um gole de cerveja. Tom percebeu um pequeno sinal de nascença do lado direito do rosto do garoto. E disse: “Se quiser tomar um banho quente, fique à vontade. Sem problema”.

“Ah, não, muito obrigado. Talvez eu esteja um pouco sujo. Mas garanto que consigo tomar banho de água fria. Tomo mesmo. Qualquer um pode tomar.” Os lábios jovens tentaram um sorriso. O garoto colocou a garrafa de cerveja no chão e percebeu alguma coisa no cesto de lixo ao lado da cadeira. Olhou mais de perto. “Auberge Réserve de Quatre Pattes”, leu Billy no envelope jogado no cesto. “Que engraçado! Você esteve lá?”

“Não. Eles me mandam umas cartas de vez em quando, pedindo donativos. Por quê?”

“Porque bem nesta semana eu estava andando em algum lugar do bosque... a leste de Moret, em uma estrada de terra, e encontrei um homem e uma mulher que me perguntaram se eu sabia onde ficava esse albergue, porque deveria ser perto de Veneux les Sablons. Essas pessoas disseram que já estavam procurando o lugar havia algumas horas. Disseram que haviam mandado dinheiro algumas vezes e agora queriam ver o lugar.”

“Nos boletins eles dizem que não recebem visitantes porque isso pode deixar os animais nervosos. Tentam encontrar lares para os animais pelo correio... depois escrevem contando histórias sobre como o cachorro ou gato está satisfeito em seu novo lar.” Tom sorriu, lembrando-se da pieguice de algumas das histórias.

“O senhor já mandou dinheiro para eles?”

“Ah... uns trinta francos uma ou duas vezes.”

“Para onde mandou?”

“Eles têm um endereço em Paris. Uma caixa postal, eu acho.”

Billy sorriu. “Não seria engraçado se o lugar não *existisse*?”

Tom também achou divertida aquela possibilidade. “É mesmo. Um golpe de caridade. Por que isso não me ocorreu?” Tom abriu mais duas

cervejas.

“Posso dar uma olhada?”, perguntou Billy, referindo-se ao envelope no cesto de lixo.

“Por que não?”

O garoto retirou também as páginas do impresso que viera com o envelope. Passou os olhos por ela e leu em voz alta, “...‘uma criaturinha adorável que merece o lar para... disíaco que a providência lhe encontrou.’ É uma gatinha. ‘E agora em nossa porta se encontra um fox-terrier branco e marrom muito magro e que precisa de injeções de penicilina e outras vacinas...’”. O garoto ergueu os olhos para Tom. “Fico me perguntando onde fica a porta deles. E se for uma *fraude*?” Pronunciou a palavra “fraude” como se a saboreasse. “Se esse lugar existe, vou querer encontrá-lo. Fiquei curioso.”

Tom observava-o com interesse. Billy... Rollins, não era? De repente, o garoto se animara.

“Caixa Postal 287, 18^o *arrondissement*”, leu o garoto. “Qual é a agência do correio no 18^o? Posso ficar com isso, já que parece que o senhor jogou fora?”

O empenho do garoto impressionou Tom. E o que dera a ele, tão jovem, um entusiasmo para desmascarar fraudes? “Claro que sim, pode ficar com ele.” Tom se acomodou na cadeira. “Você já foi vítima de alguma fraude?”

Billy riu, mas em seguida pareceu pensar se aquilo havia acontecido com ele ou não. “Não, acho que não. Não exatamente de uma fraude.”

Talvez algum tipo de tapeação, pensou Tom, mas decidiu não perguntar nada. “E não seria divertido”, disse Tom, “mandar a essas pessoas uma carta assinada com um nome falso dizendo que sabemos o que elas estão fazendo, que estão ganhando dinheiro com animais que não existem, e que se preparem para uma visita da polícia a sua... caixa postal.”

“Seria melhor não avisá-los, mas sim descobrir onde eles realmente estão e acabar com a brincadeira deles. Vai ver são um bando de valentões que moram em um belo apartamento em Paris! Teríamos que seguir a pista deles... começando pela caixa postal.”

Nesse momento Tom ouviu baterem à porta e levantou-se.

Heloise estava no corredor, de pijama e um robe cor-de-rosa de linho. “Ah, você está com alguém, Tome! Pensei que as vozes eram do rádio!”

“É um americano que encontrei na cidade. Billy...” Tom virou-se, segurando a mão de Heloise. “Minha esposa, Heloise.”

“Billy Rollins. *Enchanté*, madame.” Billy, de pé, curvou-se levemente.

Tom continuou em francês: “Billy está trabalhando como jardineiro em Moret. Ele é de Nova York. Você é um bom jardineiro, não é, Billy?”, perguntou Tom sorrindo.

“Minhas... intenções são boas”, respondeu o garoto. Ele abaixou a cabeça e colocou a garrafa de cerveja cuidadosamente no chão ao lado da escrivaninha de Tom.

“Espero que tenha uma estada agradável na França”, disse Heloise com gentileza, mas seus olhos rápidos já haviam examinado o garoto. “Só vim dizer boa noite, Tome, e amanhã... Noëlle e eu vamos ao antiquário na Le Pavé du Roi e depois vamos a Fontainebleau para almoçar no L’Aigle Noir. Quer almoçar conosco?”

“Acho que não, querida, obrigado. Divirtam-se. Eu vejo vocês amanhã de manhã, antes de saírem, não é? Boa noite, durma bem.” Ele beijou Heloise no rosto. “Vou levar Billy para casa, por isso não se assuste se me ouvir chegando mais tarde. Eu tranco a casa quando sair.”

Billy disse que seria fácil pegar uma carona, tinha certeza disso, mas Tom insistiu em levá-lo. Ele queria ver se a casa Moret na Rue de Paris existia realmente.

No carro com Billy, Tom perguntou: “Sua família mora em Nova York? O que seu pai faz, se isso não for uma indiscrição?”.

“Ele... está no ramo de eletrônica. Eles fabricam equipamentos de medição. Para medir todos os tipos de coisas eletronicamente. Ele é um dos gerentes.”

Tom achou que Billy estava mentindo. “Você se dá bem com sua família?”

“Ah, claro. Eles...”

“Eles escrevem para você?”

“Escrevem. Eles sabem onde estou.”

“E depois da França, para onde você vai? De volta para casa?”

Um breve silêncio. “Talvez eu vá até a Itália. Ainda não decidi.”

“Esta é a rua certa? Viro aqui?”

“Não, para o outro lado”, disse o garoto bem a tempo. “Mas é a rua certa, sim.”

Então o garoto indicou a Tom onde ele deveria parar, perto de uma casa de tamanho médio e aparência modesta, com janelas que estavam às escuras, um jardim na frente cercado por um muro baixo e branco, os portões de correr fechados.

“A chave”, disse Billy, puxando uma chave comprida do bolso da jaqueta. “Não posso fazer barulho. Muito obrigado, senhor Ripley.” Ele abriu a porta do carro.

“Depois você me conta o que descobriu sobre o albergue de animais.”

O garoto sorriu. “Sim, senhor.”

Tom ficou olhando enquanto ele se aproximou dos portões escuros, iluminou a fechadura com a lanterna e colocou a chave. Bill entrou, acenou para Tom e fechou os portões. Ao dar ré para fazer a volta, Tom viu nitidamente o número 78 na placa azul oficial ao lado da porta de entrada. Que estranho, pensou Tom. Por que o garoto iria querer um trabalho tedioso como esse, mesmo que por um curto período, a menos que estivesse se escondendo de alguma coisa? Mas Billy não parecia ser um delinquente. O mais provável, pensou Tom, era que Billy tivesse brigado com os pais ou tivesse passado por alguma decepção com uma garota, e entrado em um avião para tentar esquecer. Tom intuiu que o garoto tinha muito dinheiro e que não precisava trabalhar de jardineiro para ganhar cinquenta francos por dia.

Três dias depois, uma sexta-feira, Tom e Heloise estavam sentados à mesa perto da sala de visitas, tomando o café-da-manhã e olhando a correspondência e os jornais que haviam chegado às nove e meia. Era o segundo café de Tom, pois Mme. Annette levava-lhe o primeiro mais ou menos às oito, com o chá de Heloise. Uma tempestade estava se formando, criando uma atmosfera de tensão que acordara Tom às oito, antes da chegada de Mme. Annette. Lá fora havia uma escuridão sinistra, nada se movia, nem uma única brisa, e podiam-se ouvir sons distantes de trovão.

“Um cartão-postal dos Clegg!”, exclamou Heloise, descobrindo-o sob as cartas e uma revista. “Noruega! Eles estão em um cruzeiro. Lembra, Tome? Olhe! Não é lindo?”

Tom levantou os olhos do *International Herald Tribune* e pegou o cartão-postal que Heloise lhe estendia. Mostrava um navio branco atravessando um fiorde entre montanhas muito verdes, com alguns chalés aparecendo perto da costa, em primeiro plano. “Parece fundo”, disse Tom, de repente pensando, por algum motivo, em afogamento. Ele tinha medo de águas profundas, odiava nadar ou tentar fazê-lo, e com frequência pensava que, de alguma forma, seu fim seria na água.

“Leia atrás”, disse Heloise.

Estava escrito em inglês, assinado por Howard e Rosemary Clegg, seus vizinhos ingleses que tinham uma casa a cinco quilômetros dali. “Um cruzeiro maravilhosamente relaxante. Ouvimos Sibelius no gravador para manter o clima. Um abraço de Rosemary. Gostaríamos que vocês estivessem aqui sob o sol da meia-noite conosco...” Tom parou de falar quando um trovão fez um estrondo e rosnou como um cachorro bravo. “Hoje não tem jeito, vai ser forte”, disse Tom. “Espero que as dalias agüentem.” De qualquer forma, ele as havia escorado.

Heloise pegou de volta o cartão que Tom lhe deu. “Você está tão nervoso, Tome. Já tivemos outras tempestades antes. Ainda bem que vai ser agora e não à noite. Eu tenho que ir à casa de papai, você sabe.”

Tom sabia. Em Chantilly. Todas as sextas-feiras Heloise jantava com os pais, e não costumava faltar. Às vezes Tom ia junto, às vezes não. Ele preferia não ir, porque os pais dela eram chatos e o entediavam, sem mencionar que eles nunca se importaram muito com ele. Tom achava interessante que Heloise sempre dissesse que tinha de ir à casa de “papai” em vez de à casa de seus “pais”. Papai era quem tinha o controle das finanças. Mamãe era consideravelmente mais generosa por natureza, mas no caso de haver uma crise real — se Tom saísse da linha como quase acontecera na confusão com Derwatt, Bernard e o americano Murchinson —, Tom duvidava que mamãe teria alguma influência se papai resolvesse cortar a mesada de Heloise. A manutenção e a administração adequadas de Belle Ombre dependiam daquela mesada. Tom acendeu um cigarro, encolheu-se com um misto de ansiedade e prazer diante de mais um relâmpago, e pensou em Jacques Plisson, o pai de Heloise, um homem gorducho e imponente que tinha as rédeas (financeiras) do destino em suas mãos, e ele as segurava como um cocheiro do século xx. Era uma pena que o dinheiro tivesse tanto poder, mas, é claro, isso era um fato.

“Monsieur Tome, mais café?” Mme. Annette apareceu de repente em pé atrás de Tom, com o bule de prata que, Tom reparou, tremia, ainda que levemente.

“Estou satisfeito, madame Annette, mas deixe o bule, talvez eu queira mais um pouco depois.”

“Vou dar uma olhada nas janelas”, disse Mme. Annette, colocando o bule sobre uma toalhinha no centro da mesa. “Que escuridão! Vai ser uma tempestade daquelas!” Seus olhos azuis sob sobrancelhas normandas encontraram os de Tom por um instante, mas em seguida ela saiu apressada em direção à escadaria. Ela já havia verificado as janelas, pensou Tom, talvez até tivesse fechado algumas persianas, mas fazer isso outra vez a deixava contente. E a Tom também. Ele se levantou, inquieto, e foi para perto de uma janela onde havia mais luz, e leu a coluna “Gente” na última página do *Tribune*. Frank Sinatra ia fazer mais uma aparição final, desta vez em um filme que estava para

ser lançado. Frank Pierson, de dezesseis anos, o filho favorito de John Pierson, o falecido supermagnata da indústria de alimentos, havia desaparecido da propriedade da família no Maine e todos estavam preocupados depois de três semanas sem notícias dele. Frank ficara muito deprimido com a morte do pai em julho.

Tom lembrou-se de uma notícia sobre a morte de John Pierson. Até o *Sunday Times* de Londres havia reservado alguns centímetros de espaço para falar sobre o ocorrido. John Pierson andava em cadeira de rodas, tal como George Wallace, do Alabama, e pelo mesmo motivo alguém havia tentado assassiná-lo. Ele fora riquíssimo, não tão rico quanto Howard Hughes, mas ainda assim com uma fortuna que andava na casa das centenas de milhões, conquistada por meio de seus produtos alimentícios, gastronomia, e alimentos dietéticos e para a saúde. Tom lembrava-se da notícia da morte especialmente porque não ficara claro se ele havia cometido suicídio jogando-se de um penhasco em sua propriedade ou se fora um acidente. John Pierson gostava de ver o pôr-do-sol de um penhasco e havia se recusado a mandar colocar uma grade de segurança, porque ela teria atrapalhado a visão.

Ca-buum!

Tom afastou-se da porta-janela e arregalou os olhos para ver se as vidraças da estufa ainda estavam intactas. Começara a ventar, o que fazia alguma coisa se arrastar pelas telhas, e Tom esperava que não fosse nada além de um galho solto.

Heloise lia uma revista, indiferente às forças da natureza.

“Preciso me vestir”, disse Tom. “Você não vai sair para almoçar com ninguém, vai?”

“*Non, chéri*. Só vou sair depois das cinco. Você está sempre nervoso pelo motivo errado. Esta casa é muito sólida!”

Tom conseguiu movimentar a cabeça afirmativamente, mas parecia algo natural ficar nervoso com rios caindo por toda parte. Pegou o *Tribune* que estava na mesa e subiu. Tomou banho e fez a barba, imerso em devaneio. Quando será que o velho Plisson iria morrer, de morte natural? Não que Tom e Heloise precisassem de dinheiro, mais dinheiro, de maneira alguma. Mas ele era tão chato, e também a sogra, que era horrorosa. Jacques Plisson, é claro, também apoiava Chirac. Já vestido, Tom abriu a janela lateral do quarto e recebeu uma rajada de

vento com chuva no rosto, e ele a aspirou, porque era refrescante e estimulante, mas fechou a janela rapidamente. Que delícia de cheiro, chuva sobre a terra seca! Tom foi até o quarto de Heloise e viu que as janelas estavam fechadas. O som da chuva batendo nelas parecia um cochicho alto. Mme. Annette estava arrumando a colcha sobre os travesseiros na cama de casal, onde ele e Heloise tinham dormido.

“Está tudo seguro, monsieur Tome”, disse ela, arrumando um travesseiro e endireitando o corpo. Sua figura pequena e corpulenta parecia impregnada com a energia de uma pessoa muito mais jovem. Tinha quase setenta anos, mas ainda iria viver muitos mais, pensou Tom, e esse pensamento o confortou.

“Vou dar uma olhada rápida no jardim”, disse Tom, virando-se e saindo do quarto.

Desceu a escada, saiu pela porta da frente e deu a volta em direção ao gramado dos fundos. As escoras das dalias ainda estavam se agüentando. As dalias carmesins balançavam loucamente, mas não iriam ser arrancadas, muito menos as alaranjadas, que eram suas preferidas.

Um relâmpago iluminou o céu cinzento a sudoeste, e Tom ficou esperando o trovão enquanto a chuva lhe molhava o rosto. Ele veio com um barulho arrasador, arrogante, seco.

E se o garoto que ele havia conhecido na outra noite fosse Frank Pierson? Dezesseis anos. Era com certeza mais adequado do que os dezenove que o garoto havia dito. Maine, e não Nova York. Não publicaram uma fotografia de toda a família no *International Herald Tribune* quando o velho Pierson morreu? De qualquer forma havia saído uma fotografia do pai, de cujo rosto Tom não conseguia se lembrar de maneira alguma. Ou será que foi no *Sunday Times*? Mas do garoto de três dias atrás ele se lembrava melhor do que geralmente acontecia em relação a outras pessoas. O rosto do garoto era bastante sério, e ele não sorria com facilidade. Tinha uma boca firme e sobrancelhas escuras e retas. E o sinal do lado direito do rosto — que talvez não fosse grande o bastante para aparecer em uma fotografia comum, mas era um sinal. O garoto não só fora educado como também cauteloso.

“Tome!... *Entre!*” Era Heloise gritando da janela.

Tom correu para ela.

“Você quer ser atingido por um raio?”

Tom secou as botas no capacho. “Não estou molhado! Estava pensando em outra coisa!”

“Em quê? Seque o cabelo.” Ela lhe deu uma toalha azul que estava no lavabo.

“Roger virá hoje, às três”, disse Tom, enxugando o rosto. “Hoje vai ser Scarlatti. Preciso praticar agora de manhã e depois do almoço também.”

Heloise sorriu. Sob a luz difusa daquele dia de chuva os olhos azuis acinzentados dela pareciam emitir radiações lilases das pupilas, algo que Tom adorava. Será que ela havia escolhido usar um vestido lilás especialmente para aquela ocasião?, perguntou-se Tom. Provavelmente não, aquele era apenas um momento de feliz coincidência estética.

“Eu mesma ia sentar para praticar”, disse ela com afetação em inglês, “quando vi você parado aí no gramado como se fosse um idiota.” Ela foi até o cravo e sentou-se, as costas eretas, e sacudiu as mãos — como uma profissional, pensou Tom.

Ele foi para a cozinha. Mme. Annette estava limpando o armário que ficava do lado direito da pia. Tinha um pano para tirar pó na mão e esfregava os potes de tempero montada em um banquinho de três pernas. Era cedo demais para começar a preparar o almoço, e provavelmente a tempestade havia feito com que ela adiasse as compras da tarde.

“Quero dar uma olhada nos jornais velhos”, disse Tom, inclinando-se perto da entrada do corredor que dava para o quarto de Mme. Annette à direita. Os jornais velhos eram guardados em uma cesta com alça, do tipo usado para guardar lenha para lareira.

“Alguma coisa em especial, monsieur Tome? Posso ajudá-lo?”

“Obrigado. Vou saber em um minuto. Preciso de jornais americanos. Acho que me viro sozinho.” Tom falava distraidamente, enquanto remexia os exemplares de julho do *International Herald Tribune*. Nos obituários ou nas notícias, essa era a questão, mas ele se lembrava de as notícias sobre Pierson estarem na coluna superior da esquerda em uma página da direita, com uma fotografia. Havia apenas uns dez exemplares do jornal para olhar, pois outros haviam sido jogados fora.

Tom subiu até o quarto. Lá encontrou mais alguns exemplares, mas nenhum tinha a matéria sobre John Pierson.

A “Invenção” de Bach que Heloise tocava parecia muito boa ouvida lá de cima. Será que ele estava com inveja? Tom teve vontade de rir. Será que o Scarlatti que ele iria tocar aquela tarde não ficaria tão bom (aos ouvidos de Roger Lepetit, é claro) quanto o Bach de Heloise? Tom riu, colocou as mãos na cintura e olhou desapontado para a pequena pilha de jornais no chão. A edição do *Who is Who*, pensou ele, e atravessou o corredor em direção à outra ala da frente da casa, que usavam como biblioteca. Tom tirou o livro da prateleira mas não encontrou nenhum verbete sobre John Pierson. Tentou o *Quem é Quem nos Estados Unidos*, um volume mais antigo do que a edição inglesa, mas também não encontrou nada. Os dois volumes eram de mais ou menos cinco anos atrás. E John Pierson talvez fosse do tipo que se recusava a dar permissão para elaborarem um verbete.

A terceira execução de Heloise da “Invenção” se concluiu com um suave acorde final.

Será que o garoto chamado Billy iria visitá-lo novamente? Tom achava que sim.

Tom praticou Scarlatti depois do almoço. Agora ele poderia praticar com concentração por meia hora ou mais sem ter que fazer um intervalo para cuidar do jardim, o que já era um progresso em relação às primeiras sessões de quinze minutos de tempos atrás. Roger Lepetit (que era qualquer coisa, menos *petit*, um jovem alto e gorducho, um Schubert francês, pensava Tom, de óculos e cabelos encaracolados) dizia que a jardinagem poderia ser a ruína para as mãos de um pianista ou de um cravista, mas Tom optou por conciliar as duas coisas: não queria abandonar a jardinagem, mas talvez deixasse a tarefa de arrancar as ervas daninhas e outros serviços pesados para Henri, o jardineiro que trabalhava meio período. Afinal de contas, ele não pretendia se tornar um cravista profissional. Tudo na vida era conciliação.

Por volta das cinco e quinze da tarde, Roger Lepetit estava dizendo: “Aqui é um *legatto*. No cravo, você tem que se *esforçar* para conseguir um *legatto*...”.

O telefone tocou.

Tom vinha tentando obter a tensão correta, o grau correto de relaxamento para executar convenientemente a peça, que era simples. Deu um suspiro profundo e levantou-se, desculpando-se. Heloise, que já tivera sua aula, estava em seu quarto, vestindo-se para ir à casa dos pais. Tom atendeu o telefone que estava ali perto.

Heloise já havia atendido o telefone lá em cima e estava falando em francês. Tom reconheceu a voz de Billy e entrou na conversa.

“Senhor Ripley”, disse Billy. “Fui a Paris. O senhor sabe... aquela coisa do albergue. Foi... interessante.” O garoto parecia acanhado.

“Você descobriu alguma coisa?”

“Algumas coisinhas... pensei que, como o senhor poderia se interessar... se tiver alguns minutos hoje lá pelas sete da noite...”

“Hoje à noite está ótimo”, disse Tom.

Desligaram abruptamente, antes que Tom tivesse tempo de perguntar como o garoto faria para chegar lá. Bem, ele já havia chegado lá antes. Tom deu de ombros e voltou para o cravo. Sentou-se com as costas retas. Achou que sua próxima versão da pequena sonata de Scarlatti fora melhor.

Roger Lepetit declarou que ela estava fluente. Um grande elogio.

A tempestade havia acabado por volta do meio-dia, e no final da tarde o jardim brilhava, sob a luz do sol incomumente clara. Heloise foi embora, dizendo que estaria de volta lá pela meia-noite ou antes. A viagem até Chantilly durava uma hora e meia. Ela e a mãe sempre conversavam depois do jantar, embora o pai se recolhesse sempre às dez e meia.

“O garoto americano que você conheceu vai vir até aqui hoje às sete”, disse Tom. “Billy Rollins.”

“Ah. Da outra noite. Eu me lembro.”

“Vou lhe oferecer alguma coisa para comer. Talvez ele ainda esteja aqui quando você voltar.”

Aquilo não era importante, e Heloise não respondeu. “Tchau, Tome!”, disse ela, pegando um buquê de margaridas de cabo longo, com uma única peônia vermelha, uma das últimas do jardim. Por precaução, vestira uma capa de chuva sobre a saia e a blusa.

Tom estava ouvindo o noticiário das sete, quando a campainha tocou. Tom havia dito a Mme. Annette que esperava um visitante às

sete, e interceptou-a no meio da sala de estar, dizendo que ele mesmo receberia o amigo.

Billy Rollins atravessava a área de cascalho entre os portões, que estavam abertos, e a porta da frente. Usava calça cinza de flanela, camisa e jaqueta. Trazia debaixo do braço alguma coisa plana em um saco plástico.

“Boa noite, senhor Ripley”, disse ele, sorrindo.

“Boa noite. Entre. Como chegou aqui... com tanta pontualidade?”

“Táxi. Estou gastando hoje”, disse o garoto, limpando os pés no capacho. “Isto aqui é para o senhor.”

Tom abriu o saco plástico e tirou um disco dos *Lieder* de Schubert cantados por Fischer-Dieskau, uma gravação nova de que Tom ouvira falar recentemente. “Muito obrigado. É bem o que eu queria, como se diz. De verdade, Billy.”

As roupas do garoto pareciam imaculadas, em comparação com a outra noite. Mme. Annette entrou para perguntar o que desejavam tomar. Tom fez as apresentações.

“Sente-se, Billy. Quer tomar uma cerveja ou alguma outra coisa?”

Billy sentou-se no sofá. Mme. Annette saiu para buscar cerveja, que seria acrescentada ao carrinho de bebidas.

“Minha esposa foi visitar os pais”, disse Tom. “Ela faz isso todas as sextas-feiras.”

Naquela noite Mme. Annette estava tentando preparar o gim-tônica para Tom, com uma rodela de limão. Quanto mais trabalho Mme. Annette tinha, mais feliz ela ficava, e Tom não tinha do que se queixar em relação aos drinques que ela lhe preparava.

“O senhor teve aula de cravo hoje?” Billy havia reparado nos livros de música abertos sobre o instrumento.

Tom respondeu que sim, Scarlatti para ele e Bach para a esposa. “É muito mais divertido do que jogar bridge à tarde.” Tom ficou grato por Billy não ter sugerido que ele tocasse alguma coisa. “Agora me fale sobre sua viagem a Paris... e os nossos amigos de quatro patas.”

“Certo”, disse Billy, jogando a cabeça para trás como se estivesse pensando cuidadosamente antes de começar. “Eu passei a manhã de quarta-feira me certificando de que o albergue de fato não existe. Perguntei em um café, e também em uma oficina mecânica onde

disseram que algumas outras pessoas também haviam perguntado a mesma coisa... e perguntei até para a polícia em Veneux. Disseram que nunca haviam ouvido falar a respeito e não conseguiram encontrar nada em um mapa detalhado. Então perguntei em um grande hotel que existe lá, e eles nunca ouviram falar no local.”

Tom conhecia o lugar, era provavelmente o Hotel Grand Veneux, um nome que sempre o fizera pensar em “venéreo”, sugerindo algum tipo de luxúria intensa. Tom piscou diante dos próprios pensamentos. “Ao que parece, você andou bem ocupado na quarta-feira pela manhã.”

“Pois é, e acabei indo trabalhar na quarta à tarde, porque geralmente fico umas cinco ou seis horas na casa de madame Boutin.” Ele tomou um gole de cerveja. “Então, ontem, quinta-feira, fui até Paris, até o 18^o *arrondissement*, começando pela estação de metrô Les Abbesses. E depois Place Pigalle. Fui às agências dos correios e perguntei pela caixa postal 287. Disseram que não podiam dar esse tipo de informação. Eu perguntei quem era a pessoa que recolhia a correspondência.” Billy sorriu um pouco. “Eu estava com a minha roupa de trabalho e disse que queria dar dez francos para um fundo de ajuda a animais, e perguntei se aquela caixa não era de um fundo para animais. Pelo jeito como eles me olharam, parecia que *eu* era o vigarista!”

“Mas você acha que perguntou na agência certa?”

“Não sei dizer, porque todas as agências do *arrondissement*... são quatro agências... se recusaram a dizer se *tinham* uma caixa 287. Então fiz a coisa que julguei mais certa... a mais lógica, acho eu...”, disse Billy, olhando para Tom como se esperasse que este adivinhasse o que ele havia feito.

Tom não conseguiu adivinhar. “O quê?”

“Comprei papel e selos, fui até um café e escrevi uma carta ao albergue dizendo: ‘Prezadas pessoas do albergue, o endereço na cópia mimeografada de vocês não existe. Eu sou um dos muitos trouxas... *trompés*, sabe...’”

Tom balançou a cabeça em aprovação.

“... e me aliei a outros amigos bem-intencionados de sua caridosa... *fraude*. Assim, preparem-se para um ataque das autoridades.” Billy sentou-se com o corpo mais para a frente, e parecia haver um conflito

em seu rosto ou em sua mente, entre um estado de divertimento e sincera indignação. O rosto corou, ele sorriu e franziu a testa ao mesmo tempo. “Eu disse que a caixa postal deles iria ser vigiada.”

“Excelente”, disse Tom. “Espero que eles estejam apavorados.”

“Ainda fiquei fazendo hora em uma das agências, que eu julgava promissora. Perguntei para uma funcionária quantas vezes eles vinham fazer a coleta na caixa postal. Mas ela não disse nada. É claro, isso é tipicamente francês. Não que ela estivesse de fato tentando proteger alguém.”

Tom sabia disso. “Como é que você sabe tanto sobre os franceses? E o seu francês é muito bom, não?”

“Ah... tive aulas na escola, é claro. Depois... alguns anos atrás, eu... minha família passou um verão na França. No Sul.”

Tom teve a impressão de que o garoto havia sido trazido diversas vezes à França, talvez com a tenra idade de cinco anos. Ninguém aprendia francês que prestasse em uma escola americana comum. Tom abriu outra Heineken que tirou do carrinho de bebidas e a trouxe para a mesa de centro. Havia decidido ir mais fundo. “Você leu sobre a morte de John Pierson... mais ou menos um mês atrás?”

Os olhos do garoto revelaram surpresa por um segundo, e ele então pareceu tentar se lembrar. “Acho que li alguma coisa a respeito... em algum lugar.”

Tom esperou e depois disse: “Um dos dois garotos da família desapareceu. O que se chama Frank. A família está preocupada”.

“Ah, é? Eu não sabia.”

Será que o rosto do garoto tinha ficado mais pálido? “Ocorreu-me que... poderia ser você”, disse Tom.

“Eu?” O garoto sentou-se mais para a frente, o copo de cerveja na mão, e seus olhos deixaram Tom e fixaram-se na lareira. “Acho que eu não estaria trabalhando de jardineiro se...”

Tom deixou que se passassem uns quinze segundos. O garoto não disse mais nada. “Vamos tocar o disco que você trouxe? Como soube que eu gostava de Fischer-Dieskau? Pelo cravo?” Tom riu. Ligou a vitrola que estava em uma prateleira à esquerda da lareira.

O piano começou a tocar, e em seguida o barítono leve de Fischer-Dieskau surgiu, cantando em alemão. Tom sentiu-se instantaneamente

revigorado, mais feliz, então sorriu, pensando em um terrível barítono profundo que por acaso ele captara no rádio na noite passada, um inglês que cantava em inglês gemendo, o que fizera Tom pensar em um búfalo morrendo, talvez deitado na lama e com as patas para cima, embora as palavras falassem de uma donzela córnica que ele amara e perdera havia muitos anos, e deviam ser muitos anos mesmo, a julgar pela maturidade da voz. De repente Tom soltou uma gargalhada e percebeu que estava tenso de uma maneira incomum.

“Qual é a graça?”, perguntou o garoto.

“Eu estava pensando em um título que inventei para um *lied*. ‘Minha alma não tem sido a mesma desde a tarde de quinta-feira quando, ao abrir um livro com os poemas de Goethe, descobri um rol de roupas da lavanderia.’ Fica melhor em alemão. ‘*Seit Donnerstag nachmittag ist meine Seele nicht dieselbe, denn ich fand beim Durchblättern eines Bandes von Goethegedichten eine alte Wäscheliste.*’”

O garoto estava rindo também — será que com o mesmo tipo de tensão? Ele balançou a cabeça. “Não entendo muitas palavras em alemão. Mas é engraçado. Lavanderia! Rá!”

A música encantadora continuou, e Tom acendeu um Gauloise e caminhou vagarosamente pela sala de visitas, pensando em como continuar a conversa. Seria o caso de forçar e pedir para ver o passaporte do garoto, pedir para ver alguma coisa — como uma carta que tivesse sido endereçada a ele — para esclarecer aquele assunto?

No final de uma canção, o garoto disse: “Acho que não quero ouvir o lado todo, se o senhor não se importar”.

“Claro que não.” Tom desligou o aparelho. Recolocou o disco na capa.

“O senhor me perguntou... sobre Pierson.”

“É.”

“E se eu dissesse...” O tom da voz do garoto baixou bastante, como se alguma outra pessoa na sala, ou mesmo Mme. Annette na cozinha, pudesse estar escutando. “... que sou o filho dele que fugiu?”

“Ah”, disse Tom calmamente, “eu diria que é assunto seu. Se quis vir para a Europa — incógnito —, isso já foi feito antes.”

O rosto do garoto pareceu aliviado, com um dos cantos da boca retorcido. Mas ele permaneceu em silêncio, rodando entre as mãos o

copo cheio pela metade.

“A não ser pelo fato de a família estar, ao que parece, preocupada”, acrescentou Tom.

Mme. Annette entrou. “Com licença, monsieur Tome, os senhores vão...”

“Sim, acho que sim”, disse Tom, porque Mme. Annette ia perguntar-lhe se os dois iam jantar. “Você fica para comer alguma coisa, não é, Billy?”

“Fico, sim, obrigado.”

Mme. Annette sorriu para o garoto, mais com os olhos do que com os lábios. Ela gostava de visitantes, gostava de agradá-los. “Daqui a uns quinze minutos, monsieur Tome?”

Quando Mme. Annette saiu da sala, o garoto avançou com o corpo até a beirada do sofá e perguntou: “Posso dar uma olhada no seu jardim antes que escureça?”.

Tom levantou-se. Saíram pela porta-janela, descendo alguns degraus até o nível da grama. O sol estava afundando no canto esquerdo da linha do horizonte, lançando uma luz alaranjada e rósea por entre os pinheiros. Tom percebeu que o garoto queria se afastar mais ainda dos ouvidos de Mme. Annette, mas naquele momento ele estava contemplando a paisagem.

“É um belo projeto de jardim. Bonito... sem ser muito formal.”

“O crédito do projeto não é meu. Já estava aqui. Eu só tento conservá-lo.”

O garoto curvou-se para olhar de perto um tipo de saxífraga chamado “London Pride” (que agora estava sem flores), e ele o conhecia pelo nome, o que surpreendeu Tom. Em seguida voltou a atenção para a estufa.

Lá havia folhas multicoloridas, brotos, plantas prontas para serem dadas de presente, todas acomodadas em solo rico e com a umidade adequada. O garoto respirou fundo, como se adorasse aquilo. Será que era realmente o filho de John Pierson, criado em meio ao luxo para assumir as rédeas dos negócios familiares — ou será que esse era o dever do irmão mais velho? Por que ele não falava nada agora, quando contavam com a privacidade proporcionada pela estufa? Mas o garoto

continuava espiando o interior de diversos vasos, e tocou uma das plantas delicadamente com a ponta de um dos dedos.

“Vamos voltar”, disse Tom, um tanto impaciente.

“Sim, senhor.” O garoto endireitou o corpo como se tivesse feito alguma coisa errada e saiu da estufa, seguindo Tom.

Que tipo de escola nos dias de hoje exigia que os alunos respondessem “sim, senhor”? Uma escola militar?

Jantaram em um canto da sala de visitas. O prato principal foi frango com bolinhos, que tinham sido preparados, a pedido de Tom, logo depois do telefonema do garoto naquela tarde. Tom havia ensinado Mme. Annette a fazer os bolinhos à moda americana. O garoto comeu bem e pareceu gostar do vinho Montrachet também. Fez perguntas educadas sobre Heloise, sobre onde os pais dela moravam e como eram eles. Tom absteve-se de dar sua opinião verdadeira sobre os Plisson, especialmente sobre o pai de Heloise.

“A sua... quero dizer, madame Annette fala inglês?”

Tom sorriu. “Não sabe dizer nem ‘bom dia’. Acho que ela não gosta de inglês. Por quê?”

O garoto umedeceu os lábios e inclinou-se para a frente. Ainda estavam separados por mais de um metro de mesa. “E se eu lhe contasse que sou a... a pessoa de quem você estava falando... Frank.”

“Sei, você já me perguntou isso”, disse Tom, percebendo que o vinho começava a fazer efeito em Frank. Tanto melhor! “Você está aqui... só para se afastar de casa por uns tempos?”

“É”, disse Frank ansiosamente. “O senhor não vai me entregar, vai? Espero que não.” Ele quase sussurrava, tentando encarar Tom, mas seus olhos estavam inquietos.

“É claro que não. Pode confiar em mim. Você provavelmente teve seus motivos...”

“*Tive*. Eu queria ser outra pessoa”, interrompeu o garoto, “talvez por uns...” Ele parou de falar. “Fiquei chateado por ter fugido desse jeito, mas... mas...”

Tom ouvia, sentindo que Frank estava contando apenas parte da verdade, e que talvez não falasse muito mais naquela noite. Tom sentiu-se grato pelo poder do vinho de revelar a verdade. Mas havia um limite daquele poder sobre as pessoas, pelo menos sobre alguém

tão jovem quanto Frank Pierson. “Fale-me sobre sua família. Parece que existe um John Junior, não é?”

“É, Johnny.” Frank girou o pé de sua taça de vinho. Estava olhando fixamente para o centro da mesa. “Eu peguei o passaporte dele. Roubei de seu quarto. Ele tem dezoito, quase dezenove anos. Eu sei falsificar a assinatura dele... pelo menos o suficiente para passar por verdadeira. Não estou dizendo que tentei outras vezes antes... essa foi a primeira vez.” Frank fez uma pausa e balançou a cabeça como se estivesse confuso com muitos pensamentos ao mesmo tempo.

“Então o que você fez depois que fugiu?”

“Peguei um avião para Londres, fiquei lá por uns... cinco dias, eu acho. Depois vim para a França. Paris.”

“Entendo. E você tinha dinheiro suficiente? Não estava falsificando assinaturas em cheques de viagem, não é?”

“Ah, não, peguei dinheiro vivo, dois ou três mil dólares. Isso foi fácil... lá em casa. E é claro que sei abrir o cofre.”

Nesse instante, Mme. Annette entrou para retirar os pratos e servir o bolo de morangos com creme — *fraises de bois*.

“Você estava falando sobre Johnny”, disse Tom para retomar a conversa depois que Mme. Annette saiu.

“Johnny está em Harvard. Agora está em férias, claro.”

“E onde fica a casa?”

Os olhos de Frank ficaram inquietos novamente, como se ele estivesse se perguntando “qual casa?”. “Maine. Kennebunkport. Essa casa?”

“O funeral foi no Maine, não foi? Acho que me lembro. Você saiu da casa no Maine?” Tom se surpreendeu com o fato de o garoto parecer chocado com a pergunta.

“De Kennebunkport, sim. Geralmente ficamos lá nesta época do ano. O funeral foi lá... e a cremação.”

Você acha que seu pai se matou, era o que Tom queria perguntar, mas achou a pergunta vulgar, apenas para satisfazer sua curiosidade, e não a fez. “E como está sua mãe?”, foi o que Tom perguntou, como se conhecesse a mãe de Frank e quisesse saber sobre a saúde dela.

“Ah, ela é... ela é bem bonita... embora já tenha quarenta e tantos anos. Loira.”

“Você se dá bem com ela?”

“Sim, claro. Ela é mais alegre do que... do que meu pai era. Gosta de vida social. E de política.”

“Política? De que tipo?”

“Republicana.” Frank sorriu e olhou para Tom.

“Ela é a segunda mulher de seu pai, se não me engano.” Tom achava que havia lido isso no obituário.

“É.”

“E você contou a sua mãe onde está?”

“Bem, não. Deixei um bilhete dizendo que estava indo para Nova Orleans, porque eles sabem que eu gosto de lá. Já fiquei outras vezes no Hotel Monteleone... sozinho. Tive que andar até o ponto de ônibus, caso contrário Eugene... é o motorista... ele teria me levado de carro para a estação ferroviária e de alguma maneira... eles poderiam descobrir que eu não estava indo para Nova Orleans. Tudo que eu queria era me virar sozinho, e foi o que eu fiz, fui até Bangor, depois até Nova York, e lá eu peguei um avião para vir para cá. Posso?” Frank estendeu o braço para tirar um cigarro de um copo de prata. “Não tenho dúvida de que minha família ligou para o Monteleone e descobriu que eu não estava lá, o que explica... eu sei, li no *Tribune*, que eu compro às vezes.”

“Você foi embora quanto tempo depois do funeral?”

Frank esforçou-se para dar uma resposta exata. “Uma semana... talvez uns oito dias depois.”

“E por que você não manda um telegrama para sua mãe dizendo que está bem, e que está na França e quer ficar por aqui um pouco mais? É chato ter que se esconder, não é?” Mas talvez Frank se divertisse com aquele tipo de jogo, também pensou Tom.

“Acontece que no momento eu não quero... nenhum contato com eles. Quero ficar sozinho. Livre.” Disse essas palavras com determinação.

Tom aprovou, com um movimento de cabeça. “Pelo menos agora eu sei por que seu cabelo fica espetado. Você costumava reparti-lo do lado esquerdo.”

“É verdade.”

Mme. Annette estava trazendo uma bandeja com café para a sala. Frank e Tom levantaram-se, e Tom olhou o relógio. Ainda não eram dez horas. Por que será que Frank Pierson havia decidido que Tom Ripley seria solidário? Pelo fato de Ripley ter uma reputação questionável, segundo os recortes de jornal que o garoto talvez tivesse visto? Será que Frank havia feito alguma coisa errada também? Talvez matado o pai, empurrando-o do penhasco?

“Sei”, disse Tom sem motivo aparente, balançando um dos pés enquanto andava na direção da mesa do café. Aquele era um pensamento perturbador. E teria sido a primeira vez que lhe ocorrera? Tom não tinha certeza. De qualquer forma, ele deixaria que o garoto tocasse no assunto, se e quando quisesse. “*Cafê*”, disse Tom com firmeza.

“O senhor quer que eu vá embora?”, perguntou Frank, depois de ver Tom olhando para o relógio.

“Não, não, eu estava pensando em Heloise. Ela disse que estaria de volta antes da meia-noite, mas ainda falta muito para a meia-noite. Sente-se.” Tom pegou a garrafa de conhaque que estava no carrinho. Quanto mais Frank falasse naquela noite, melhor, e Tom o levaria para casa. “Conhaque.” Tom serviu o garoto e serviu uma dose igual para si mesmo, embora não gostasse de conhaque.

Frank olhou seu próprio relógio de pulso. “Vou embora antes que sua esposa chegue.”

Heloise era mais uma pessoa que poderia descobrir a identidade de Frank, supôs Tom. “Infelizmente, eles irão ampliar a busca, Frank. Eles já não sabem que você está na França?”

“Não sei.”

“Sente-se. Eles devem saber. A busca pode chegar até mesmo a uma cidadezinha como Moret, logo depois que terminarem de procurar em Paris.”

“Não se eu estiver usando roupas velhas, tiver um emprego... e um outro nome.”

Seqüestro, pensou Tom. Isso seria a próxima coisa, com certeza era uma possibilidade. Tom não quis lembrar a Frank do seqüestro do jovem Getty, e da busca, uma operação pente-fino que se mostrou inútil. Os seqüestradores haviam cortado o lóbulo de uma das orelhas

do rapaz para provar que ele estava com eles, e os três milhões de resgate foram pagos. Frank Pierson também era um alvo potencial. Se vigaristas o reconhecessem (e eles tentariam fazer isso mais do que o público em geral), seria mais lucrativo raptá-lo do que chamar a atenção da polícia para ele. “Por que”, perguntou Tom, “você pegou o passaporte de seu irmão? Você não tem passaporte?”

“Tenho. E é novo.” Frank sentou-se no mesmo canto do sofá em que estivera antes. “Não sei. Talvez porque ele é mais velho e eu me sentiria mais seguro. Nós somos um pouco parecidos. Só que ele é mais loiro.” Frank encolheu o corpo, como se estivesse envergonhado.

“Você se dá bem com Johnny? Gosta dele?”

“Ah, muito bem. Claro.” Frank olhou para Tom.

Tom achou que aquela era uma resposta sincera. “Você se dava bem com seu pai?”

Frank olhou para a lareira. “É difícil falar sobre isso desde que...”

Tom deixou que ele lidasse com a dificuldade.

“Primeiro ele quis que Johnny se interessasse pela Pierson... quero dizer, a empresa, depois quis a mesma coisa para mim. Johnny não consegue entrar na escola de Administração de Harvard, ou não quer entrar. O interesse dele é *fotografia*.” Frank disse aquela palavra como se fosse alguma coisa extravagante, e olhou para Tom. “Então papai começou a tentar comigo. Isso foi há... bem, mais de um ano. Eu continuei dizendo que não tinha certeza, porque, sabe... o volume dos negócios era muito grande, e eu não sabia se queria... dedicar a minha vida a eles.” Um rápido brilho de raiva passou pelos olhos castanhos de Frank.

Tom esperou.

“Então... talvez a resposta seja que não, não nos dávamos tão bem... para ser sincero.” Frank pegou a xícara de café. Ele não havia provado o conhaque, e talvez não precisasse, porque estava falando espontaneamente.

Os segundos se passaram, e Frank não disse mais nada, e por compaixão, porque percebeu que a dor do garoto era grande, Tom disse: “Reparei que você ficou olhando o Derwatt”. Tom acenou para *Homem na cadeira*, que estava em cima da lareira. “Você gosta dele? É o meu favorito.”

“Esse eu não conheço. Conheço aquele ali... de um catálogo”, disse Frank olhando por cima do ombro.

Ele se referia a *As cadeiras vermelhas*, um Derwatt genuíno, e Tom sabia em qual catálogo o garoto provavelmente vira o quadro, um dos exemplares recentes da Galeria Buckmaster. A galeria agora se esforçava para manter as falsificações fora de seus catálogos.

“Alguns deles foram mesmo falsificados?”, perguntou Frank.

“Não sei”, disse Tom, esforçando-se ao máximo para ser sincero. “Isso nunca foi provado. Não. Acho que me lembro de o Derwatt ter ido a Londres para verificar... alguns deles.”

“É, pensei que talvez o senhor soubesse, porque conhece os donos da galeria, não é?” Frank animou-se um pouco. “Sabe, meu pai tem um Derwatt.”

Tom ficou contente com a leve mudança no rumo da conversa. “Qual deles?”

“Chama-se *O arco-íris*. O senhor conhece? Tons de bege embaixo e um arco-íris praticamente todo vermelho em cima. Todo irregular e pouco nítido. Não dá para dizer qual cidade é, México ou Nova York.”

Tom conhecia o quadro. Era uma das falsificações de Bernard Tufts. “Conheço”, disse Tom, como se cativado pela lembrança de um quadro verdadeiro. “O seu pai gostava de Derwatt?”

“E quem não gosta? Existe alguma coisa calorosa no que ele pinta... quero dizer, algo humano nem sempre presente na pintura moderna. Quero dizer... se é isso que se está querendo. Francis Bacon é forte e verdadeiro, mas esse também é, mesmo que se trate apenas de umas garotinhas.” O garoto olhou por cima do ombro esquerdo para as duas garotinhas nas cadeiras vermelhas, um fogo vermelho e chamejante atrás delas, um quadro que certamente poderia ser chamado de “caloroso” por seu tema, mas Tom sabia que Frank se referia à postura de Derwatt, que se revelava em seus contornos repetidos dos corpos e rostos.

Tom sentiu um curioso sentimento de afronta pessoal, porque aparentemente o garoto não preferia *Homem na cadeira*, que expressava atitude semelhante por parte do artista, embora nem o homem nem a cadeira estivessem em chamas. No entanto, era falso. Era por isso que Tom o preferia. Pelo menos Frank ainda não havia

perguntado se aquele quadro poderia ser uma falsificação, uma pergunta que, se fosse feita, seria baseada em alguma coisa que ele havia lido ou ouvido falar, pensou Tom. “Você, é claro, gosta de pintura.”

Frank contorceu-se um pouco. “Gosto muito de Rembrandt. Talvez o senhor ache isso engraçado. Meu pai tem um. Ele o guarda em um cofre em algum lugar. Mas eu já o vi diversas vezes. Não é muito grande.” Frank pigarreou e endireitou as costas. “Só por prazer...”

Era isso que a pintura significava, pensou Tom, apesar de Picasso ter dito que quadros serviam para fazer a guerra.

“Gosto de Vuillard e Bonnard. *Eles*, sim, são agradáveis. Mas essas coisas modernas, abstratas... Talvez um dia eu venha a entendê-las.”

“Então pelo menos você tinha alguma coisa em comum com seu pai, os dois gostavam de quadros. Ele o levava a exposições?”

“Bem, fomos a algumas. Quero dizer, eu gostei. Desde os doze anos, pelo que me lembro. Mas meu pai esteve em uma cadeira de rodas desde que eu tinha uns cinco anos. Alguém atirou nele, o senhor sabia?”

Tom fez que sim com a cabeça, percebendo de repente que o estado de John Pierson teria tornado muito estranha a vida da mãe de Frank nos últimos onze anos.

“Tudo por conta dos negócios, os encantadores negócios”, disse Frank com sarcasmo. “Meu pai sabia quem estava por trás de tudo, uma outra companhia de alimentos. Um assassino contratado. Mas meu pai nunca tentou perseguir... *processar*, porque sabia que isso só pioraria as coisas para ele. Sabe de uma coisa? É assim que são as coisas nos Estados Unidos.”

Tom podia imaginar. “Experimente o conhaque.” O garoto pegou o copo, bebericou e fez uma careta. “Onde está sua mãe agora?”

“Maine, eu acho. Ou talvez no apartamento de Nova York, não sei.”

Tom queria retomar o assunto, para ver se Frank diria alguma coisa nova. “Telefone para ela, Frank. Você deve saber os números. O telefone está bem ali.” Estava em uma mesa perto da porta da frente. “Eu vou lá para cima, assim não ouço nada do que você disser.” Tom levantou-se.

“Não quero que saibam onde estou.” Frank olhou de maneira mais firme para Tom. “Eu ligaria para uma garota, se pudesse, mas não posso deixar nem ela saber onde estou.”

“Que garota?”

“Teresa.”

“Ela mora em Nova York?”

“Mora.”

“Por que não telefona para ela? Ela não está preocupada? Você não precisa dizer a ela onde está. Eu vou lá para cima mesmo assim...”

Mas Frank estava balançando a cabeça lentamente. “Ela conseguiria descobrir que a ligação foi feita da França. Não posso me arriscar.”

Será que ele havia fugido da garota? “Você contou a Teresa que estava fugindo?”

“Contei a ela que estava pensando em fazer uma viagem curta.”

“Você brigou com ela?”

“Ah, não. Não.” Um contentamento silencioso espalhou-se pelo rosto de Frank, um olhar onírico, que Tom não havia visto antes. Então o garoto olhou para o relógio e levantou-se. “Desculpe, já é tarde.”

Eram apenas onze e pouco, mas Tom sabia que Frank não queria que Heloise o visse novamente. “Você tem uma foto de Teresa?”

“Tenho sim!” Mais uma vez a alegria brilhou em seu rosto enquanto ele procurava a carteira no bolso interno da jaqueta. “Esta aqui. É minha favorita. Ainda que tenha sido tirada com uma polaróide.” Passou para Tom uma foto pequena e quadrada em um envelope transparente do mesmo tamanho.

Tom viu uma garota de cabelos castanhos e olhos vivos e ligeiramente puxados, um sorriso malicioso nos lábios fechados. O cabelo era liso e brilhante, curto, o rosto na verdade revelava mais alegria que malícia, como se ela tivesse sido fotografada enquanto dançava. “Charmosa”, comentou Tom.

Frank concordou com um movimento da cabeça, alegre e silencioso. “O senhor se importaria de me levar de carro? Estes sapatos são confortáveis mas...”

Tom riu. “Claro.” Frank calçava sapatos Gucci pretos, do tipo mocassim, de couro enrugado brilhante. Sua jaqueta marrom de tweed do tipo Harris tinha um interessante padrão de losangos que Tom

poderia ter escolhido para si próprio. “Vou ver se madame Annette ainda está acordada e lhe dizer que vou sair, mas volto logo. Às vezes ela fica assustada com barulho de carro, embora esteja esperando Heloise voltar. Pode usar o banheiro, se quiser.” Tom apontou para uma porta estreita no corredor.

O garoto foi até o banheiro, e Tom atravessou a cozinha até a porta de Mme. Annette. Olhando para a fenda sob a porta, percebeu que a luz estava apagada. Tom rabiscou um bilhete sobre a mesinha do telefone: “Vou levar um amigo para casa. Volto lá pela meia-noite. T.”. Tom deixou-o no terceiro degrau da escada, onde Heloise certamente o encontraria.

3

Tom queria ver a “casinha” de Frank naquela noite, e na estrada fez o pedido em tom casual. “Posso ver onde você está morando? Ou iríamos perturbar madame Boutin?”

“Ah, ela sempre vai dormir às dez! Claro, vamos lá.”

Naquele momento estavam entrando em Moret. Tom sabia o caminho agora, virou à esquerda na Rue de Paris e diminuiu a velocidade procurando o número 78 à esquerda. Um carro estava estacionado perto da residência Boutin de frente para Tom. Não havia nenhum movimento de carros na rua, e Tom foi para a esquerda para estacionar, os faróis de seu carro iluminando a frente do carro estacionado. Tom reparou que a placa do carro terminava em 75, o que indicava um carro licenciado em Paris.

Ao mesmo tempo, os faróis altos do outro carro se acenderam sobre o pára-brisas de Tom, e o carro de Paris deu marcha à ré rapidamente. Tom achou ter visto dois homens ocupando os bancos da frente.

“O que foi aquilo?”, perguntou Frank, um tanto assustado.

“É exatamente isso o que eu estava me perguntando.” Tom observou o carro andar para trás até a próxima curva à esquerda, endireitar-se e arrancar em boa velocidade. “Carro de Paris.” Tom havia parado o carro, mas os faróis ainda estavam acesos. “Vou estacionar do outro lado da esquina.”

Tom fez isso, entrando na rua ainda mais escura e menor por onde o carro de Paris havia feito a volta. Apagou os faróis e trancou as portas depois que Frank desceu. “Talvez não seja nada importante”, disse Tom, mas ele estava um pouco preocupado, imaginando que pudesse haver um homem, talvez dois, escondidos no jardim de Mme. Boutin. “Vou pegar uma lanterna”, disse Tom, pegando a sua no porta-luvas. Trancou a porta do motorista, e os dois caminharam na direção da residência Boutin.

Frank tirou a chave comprida do bolso da jaqueta e abriu os portões que davam para o jardim.

Tom ficou tenso, pronto para brigar assim que cruzassem os portões — que tinham apenas dois metros e meio, o que não seria difícil para alguém transpor, mesmo com as pontas de ferro em cima. O portão da frente seria até mais fácil.

“Tranque-os de novo”, sussurrou Tom depois que os dois entraram.

Frank obedeceu. Em seguida, Frank pegou a lanterna, e Tom seguiu-o enquanto ele caminhava entre videiras e algumas árvores que podiam ser macieiras em direção a uma casinha à direita. A casa de Mme. Boutin, à esquerda, estava totalmente às escuras. Tom não ouvia um ruído sequer, nem mesmo os sons da televisão de algum vizinho. À meia-noite, as vilas francesas eram silenciosas como um sepulcro.

“Cuidado”, sussurrou Frank, e Tom desviou-se dos três baldes agrupados no chão que Frank iluminava com a lanterna. Frank pegou uma chave menor, abriu a porta da casinha, acendeu a luz e devolveu a lanterna a Tom. “É simples, mas é o meu lar!”, disse Frank alegremente, fechando a porta.

Era um quarto não muito grande com uma cama de solteiro, uma mesa de madeira pintada de branco sobre a qual havia alguns livros, um jornal francês, canetas esferográficas, uma caneca com um resto de café. Uma camisa azul de trabalho estava pendurada em uma cadeira de encosto reto. Em uma das paredes do quarto havia uma pia e um pequeno fogão à lenha, um cesto de lixo, uma prateleira com toalhas. Uma mala de couro marrom, usada, estava sobre uma prateleira mais alta, e embaixo dessa prateleira uma haste de um metro servia para pendurar roupas, e Tom viu algumas calças, um jeans e uma capa de chuva.

“A cama é mais confortável para sentar do que essa cadeira”, disse Frank. “Só posso lhe oferecer Nescafé... feito com água fria.”

Tom sorriu. “Você não precisa me oferecer nada. Acho que este lugar é bastante... adequado.” As paredes pareciam ter sido pintadas recentemente, talvez pelo próprio Frank. “E aquilo é bonito”, disse Tom, notando uma aquarela em um pedaço de papelão branco (que vinha no fundo de maços de papel de carta) pregada na parede sobre a cama de Frank. O criado-mudo era um caixote de madeira sobre o qual

havia um copo com uma rosa vermelha e algumas flores selvagens. A aquarela retratava os portões pelos quais eles haviam acabado de passar, parcialmente abertos no desenho. Era uma pintura direta, forte, sem detalhes.

“Ah, o desenho. Eu encontrei uma aquarela na gaveta da mesa.” Agora o garoto parecia mais sonolento do que embriagado.

“Está na hora de eu ir embora”, disse Tom, já com a mão na maçaneta. “Pode me telefonar quando quiser.” Tom estava com a porta entreaberta quando viu uma luz se acender na casa de Mme. Boutin, uns vinte metros à sua frente.

Frank também viu. “E agora, o que é?”, disse ele, irritado. “Não fizemos nenhum barulho.”

Tom quis sair correndo, mas, de repente, em meio ao silêncio absoluto, ouviu os passos dela no que parecia ser o caminho de cascalho, e bem perto. “Vou me esconder nos arbustos”, sussurrou Tom, movendo-se rapidamente enquanto falava, e saiu para a esquerda, onde sabia que estava escuro, fosse perto de um dos muros do jardim ou sob uma árvore.

A velha senhora andava com cuidado, ajudada por uma lanterninha que parecia uma caneta. “Billy, é você?”

“Sim, senhora, madame!”, disse Frank.

Tom estava agachado, apoiado no chão com uma das mãos, a uns seis metros da casinha de Frank. Mme. Boutin estava dizendo que dois homens haviam aparecido lá pelas dez horas, pedindo para falar com ele.

“Falar comigo? Quem eram?”, perguntou Frank.

“Não disseram quem eram. Disseram que queriam falar com o meu jardineiro. Para mim, eram estranhos! Achei estranho estarem procurando por um jardineiro às dez da noite!” O tom de Mme. Boutin era de constrangimento e de certa desconfiança.

“Não é culpa minha”, disse Frank. “Como eles eram?”

“Ah, só consegui ver um deles. Talvez tivesse uns trinta anos. Perguntou quando você iria voltar. Eu não sabia!”

“Lamento se eles a incomodaram, madame. Posso lhe garantir que não estou procurando outro emprego.”

“Espero que não! Não gosto que essas pessoas fiquem tocando a campainha à noite.” Enquanto ela falava, sua figura pequena e curvada começou a se afastar. “Eu sempre deixo meus dois portões trancados. Mas tive que ir até a frente para falar com eles.”

“Vamos... esquecer tudo isso, madame Boutin. Sinto muito pelo que aconteceu.”

“Boa noite, Billy, e durma bem.”

“A senhora também, madame!”

Tom esperou, observando-a voltar para a casa. Ouviu o som da porta da casa de Frank se fechando e, por fim, o som da tranca da casa de Mme. Boutin, o rangido fraco de uma segunda chave e em seguida o ruído forte de um ferrolho sendo fechado. Será que aquele era o último? Não se ouviram mais barulhos de trancas, mas Tom esperou mesmo assim. Uma luz no andar de cima da casa brilhava fraca através da vidraça embaçada. Em seguida, apagou-se. Era evidente que Frank estava esperando que ele fizesse o primeiro movimento, o que Tom considerou uma atitude inteligente do garoto. Tom saiu furtivamente dos arbustos, aproximou-se da porta da casinha e bateu com as pontas dos dedos.

Frank entreabriu a porta, e Tom entrou rapidamente.

“Ouvi o que ela disse”, sussurrou Tom. “Acho que é melhor você ir embora daqui. Agora.”

“*Você acha?*” Frank parecia alarmado. “Eu sei que você está certo, eu sei, eu sei.”

“Muito bem... então é melhor fazer as malas. Você fica na minha casa esta noite e amanhã se preocupa com o amanhã. Essa é a única mala que você tem?” Tom tirou-a da prateleira e abriu-a sobre a cama.

Fizeram tudo rapidamente, Tom passando as coisas para Frank, calças, camisas, um par de tênis, livros, creme dental e escova de dentes. Frank arrumava tudo com a cabeça baixa, e Tom achou que ele estava quase chorando.

“Não há nada com que se preocupar se conseguirmos fugir desses vigaristas hoje à noite”, disse Tom com calma, “e amanhã deixaremos um bilhete para a velhinha... talvez dizendo que você telefonou para sua família e que tem que voltar para os Estados Unidos

imediatamente. Alguma coisa assim. Mas não podemos perder tempo com isso agora.”

Frank apertou a capa de chuva dentro da mala e fechou-a.

Tom apanhou sua lanterna, que havia ficado na mesa. “Espere um segundo, quero ver se eles voltaram.”

Tom caminhou tão silenciosamente quanto possível sobre a grama recém-aparada, em direção aos portões. Conseguia enxergar apenas uns três metros ao seu redor sem a lanterna, e não queria acendê-la. De qualquer forma, não havia nenhum carro na frente da residência Boutin. Será que estavam esperando perto de seu carro do outro lado da esquina? Que pensamento ruim! Os portões agora estavam trancados, o que impedia Tom de contornar a esquina para verificar. Voltou para buscar Frank e encontrou-o pronto para ir embora, segurando a mala. Frank deixou a chave na fechadura da casinha, com a porta trancada, e os dois foram para os portões.

“Fique aqui um minuto”, disse Tom depois que Frank havia destrancado os portões. “Quero dar uma olhada na esquina.”

Frank colocou a mala no chão e nervosamente começou a acompanhar Tom, mas Tom empurrou-o para trás, certificou-se de que o portão parecia estar fechado e andou na direção da esquina. Sentia-se bastante seguro, porque certamente não era a ele que os dois sujeitos queriam.

Seu próprio carro era o único que Tom conseguia ver. Isso era confortador. As pessoas naquela vizinhança tinham garagens, e não havia nenhum carro estacionado na calçada. Tom torcia para que os dois homens não tivessem reparado na placa de seu carro, porque se tivessem feito isso, poderiam chegar a seu nome e endereço por meio da polícia, inventando alguma contravenção. Tom voltou para pegar Frank, que ainda estava atrás dos portões. O garoto saiu quando Tom acenou.

“Não sei o que fazer com esta chave”, disse Frank.

“Jogue-a por cima do portão”, sussurrou Tom. Frank havia trancado o portão novamente. “Nós diremos a ela no bilhete amanhã.”

Começaram a andar, Frank carregando a mala e Tom, uma pequena valise, viraram a esquina e entraram no carro, que pareceu um porto seguro para Tom depois que fecharam as portas. Tom concentrou-se

em sair da cidade, e por um caminho diferente. Até onde podia ver, não estavam sendo seguidos. Na área principal da cidade, do outro lado da ponte com as quatro torres, poucas luzes estavam acesas nos postes de rua, um bar estava fechando, passaram apenas por uns dois ou três carros, que não lhes deram a menor atenção. Tom entrou na N5 e em seguida virou à direita em direção à cidadezinha de Obelique, em uma estrada que finalmente os levaria a Villeperce.

“Não se preocupe”, disse Tom. “Sei aonde estamos indo e não creio que ninguém esteja nos seguindo.”

Frank parecia mergulhado nos próprios pensamentos.

O pequeno mundo de Mme. Boutin havia desmoronado, pensou Tom, e o garoto não sabia onde estava agora. “Vou ter que dizer a Heloise que você vai passar a noite conosco”, disse Tom. “Mas para ela você ainda é Billy Rollins. Vou dizer a ela que você quer fazer a nossa jardinagem, e...” Tom olhou novamente pelo espelho retrovisor, mas não havia nada atrás deles. “Direi que você está procurando um trabalho de meio período. Não se preocupe.” Tom olhou para Frank. O garoto olhava fixamente para a frente e mordida o lábio inferior.

Por fim, chegaram. Tom viu o brilho suave da luz da entrada de Belle Ombre, que Heloise deixara acesa, e atravessou os portões abertos, entrando na garagem, que ficava à direita da casa. Tom viu que Heloise havia parado a Mercedes-Benz vermelha do lado direito da garagem. Tom saiu do carro, pediu a Frank que esperasse um pouco, pegou uma chave grande que estava embaixo dos rododendros e trancou os portões da frente.

Enquanto isso Frank ficou em pé ao lado do carro, segurando a mala e a valise. Uma das luzes da sala de visitas estava acesa. Tom acendeu uma outra luz que iluminou a escada, apagou a luz da sala e então chamou Frank com um sinal. Eles foram para a esquerda no final da escada, e Tom acendeu a luz do quarto de hóspedes. A porta de Heloise estava fechada.

“Fique à vontade”, disse Tom a Frank. “O armário é aqui...” Ele abriu uma porta de cor creme. “As gavetas estão aqui... e pode usar o meu banheiro esta noite, porque o outro é de Heloise. Eu ainda vou ficar acordado por uma hora, mais ou menos.”

“Obrigado.” Frank havia colocado a mala sobre o banquinho de carvalho ao pé de uma das camas.

Tom foi até seu quarto, acendeu a luz e também a luz do banheiro. Então não resistiu e foi até as janelas da frente, que haviam sido fechadas por Mme. Annette, e espiou para ver se havia algum carro estacionado por perto ou mesmo passando por lá. Tudo que conseguiu ver foi a escuridão, a não ser pela área de luz sob um poste de rua à esquerda da casa. É claro que um carro com os faróis apagados poderia estar parado lá perto, mas Tom preferiu pensar que não havia nenhum.

Frank bateu na porta parcialmente aberta e entrou de pijama, descalço e segurando a escova de dentes. Tom fez um gesto mostrando o banheiro.

“É todo seu”, disse ele, “e fique à vontade.” Tom sorriu, observando o garoto cansado — ele estava com olheiras — entrar no banheiro e fechar a porta. Tom vestiu o pijama. Estava curioso por saber o que o *Tribune* diria nos próximos dias a respeito do desaparecimento de Frank Pierson. Com certeza as buscas estavam ficando mais intensas.

Tom foi até a porta do quarto de Heloise no corredor, olhou pelo buraco da fechadura por onde sempre podia ver luz, se houvesse alguma acesa, embora a chave estivesse pelo lado de dentro. Tudo apagado.

Voltou para seu quarto e estava na cama folheando uma gramática francesa quando Frank saiu do banheiro, sorrindo, com o cabelo molhado.

“Um banho quente! Uau!”

“Vá dormir um pouco. Durma até a hora que quiser.”

Em seguida Tom foi tomar banho. Pensava no carro que estava na frente da casa de Mme. Boutin. Fossem quem fossem, aqueles homens não quiseram se arriscar a um confronto barulhento, ou até mesmo a encontrar Frank com alguma outra pessoa. Mesmo assim, a situação não era boa. Por outro lado, poderia ser apenas curiosidade: alguém em Moret poderia ter comentado que vira um garoto novo, um americano, que talvez fosse Frank Pierson, e a mesma pessoa poderia ter um amigo em Paris. Ao que parecia, os homens não tinham perguntado por Frank, apenas pelo “jardineiro” de Mme. Boutin. Tom

pensou em entregar o bilhete de Frank a Mme. Boutin no dia seguinte, sem o garoto, e o mais rápido possível.

Um pássaro solitário — e não era uma cotovia — acordou Tom com uma canção de seis notas. Que pássaro seria aquele? Seu canto parecia questionador, quase tímido, mas curioso também, cheio de vigor. O pássaro ou algum outro de sua família freqüentemente acordava Tom no verão. Agora, com os olhos entreabertos, ele fitava as paredes cinzentas, as sombras cinzentas mais escuras — que pareciam um desenho a guache. Tom gostava do ambiente, do volume da cômoda com guarnições de metal, do contorno mais escuro da escrivaninha. Deu um suspiro e afundou a cabeça no travesseiro para dormir mais um pouco.

Frank!

Tom de repente lembrou que o garoto estava na casa, e despertou completamente. Seu relógio marcava sete horas e trinta e cinco minutos. Precisava contar a Heloise que Frank estava lá — ou melhor, Billy Rollins. Tom calçou os chinelos, vestiu o roupão e desceu. Seria confortador falar primeiro com Mme. Annette, e ele se antecipara para o café, que ela sempre servia às oito. Hóspedes nunca incomodavam Mme. Annette, e ela nunca perguntava por quanto tempo eles iriam ficar, a não ser no que dizia respeito às próximas refeições.

A chaleira havia começado a apitar quando Tom entrou na cozinha. “*Bon jour, madame!*”, disse ele alegremente.

“Monsieur Tome! Dormiu bem?”

“Muitíssimo bem, obrigado. Temos um hóspede esta manhã, o jovem americano que a senhora conheceu ontem à noite... Billy Rollins. Ele está no quarto de hóspedes e talvez fique por aqui durante alguns dias. Ele gosta de jardinagem.”

“Ah, é? É um jovem *simpático!*”, disse Mme. Annette em tom de aprovação. “E a que horas ele gostaria de tomar o café-da-manhã? Aqui está o seu, monsieur Tome.”

O café de Tom já estava pronto, a água na chaleira era para o chá de Heloise. Ele observou Mme. Annette colocar o café em uma xícara branca. “Não precisa se preocupar. Eu disse a ele que poderia dormir o quanto quisesse. Ele pode tomar o café aqui embaixo. Eu cuido disso.” A bandeja de Heloise estava pronta, e Mme. Annette pegou-a. “Vou subir com a senhora”, disse Tom, e seguiu-a, segurando a xícara de café.

Tom esperou até que Mme. Annette tivesse batido e entrado no quarto de Heloise com a bandeja com chá, toranja e torradas, e em seguida apareceu na porta aberta.

Heloise estava acordando. “Ah, Tome, entre! Eu estava tão cansada ontem à noite...”

“Mas pelo menos você não chegou tarde. Eu voltei à meia-noite, acho. Escute, querida, eu convidei o rapaz americano para dormir aqui. Ele vai fazer alguns serviços no jardim para nós. Está no quarto de hóspedes. Billy Rollins. Você já o conheceu.”

“Ah”, disse Heloise, colocando uma colher com toranja na boca. Ela não ficou muito surpresa, mas perguntou: “Ele não tem onde morar? Não tem dinheiro?”.

Tom foi cuidadoso ao responder. Eles estavam conversando em inglês. “Tenho certeza de que tem algum dinheiro, o suficiente para se acomodar em algum canto, mas ontem à noite ele disse que não estava muito feliz com o lugar onde estava alojado, então eu o convidei para passar a noite aqui, e nós trouxemos as coisas dele para cá. Ele é um rapaz muito bem-educado”, acrescentou Tom. “Dezoito anos, gosta de jardinagem e parece conhecer um pouco do assunto. Se ele quiser trabalhar para nós por uns tempos... existem acomodações baratas com os Jacobs.” Os Jacobs eram um casal em Villeperce donos de um bar e restaurante, com um “hotel” de três quartos no andar de cima.

Mastigando uma torrada, Heloise estava mais desperta e disse: “Você é tão impulsivo, Tome. Um garoto americano em nossa casa... assim, vindo do nada! E se ele for um ladrão? Você o convidou para passar a noite aqui... e como sabe se ele ainda está aqui?”.

Tom abaixou a cabeça por um momento. “Você está certa. Mas esse garoto não é um daqueles andarilhos. Você...” Nesse instante Tom ouviu uma campainha semelhante a seu próprio despertador. Heloise

pareceu não ouvir, pois não estava tão perto do corredor. “Acho que ele ajustou o relógio para despertar. Falo com você daqui a pouco.”

Tom saiu, ainda carregando a xícara de café, fechou a porta de Heloise e bateu na porta de Frank.

“Sim? Pode entrar.”

Tom encontrou Frank sentado na cama e apoiado em um dos cotovelos. Sobre o criado-mudo havia um despertador de viagem muito parecido com o de Tom. “Bom dia.”

“Bom dia, senhor.” Frank penteou o cabelo para trás com a mão e virou as pernas sobre a beirada da cama.

Tom estava satisfeito. “Quer dormir mais um pouco?”

“Não, achei que oito horas era um bom horário para acordar.”

“Quer café?”

“Sim, obrigado. Eu posso tomar o café lá embaixo.”

Tom disse que preferia trazer-lhe o café e desceu em direção à cozinha. Mme. Annette já havia preparado uma bandeja com suco de laranja, torradas e outras coisas, e Tom quis levá-la, mas Mme. Annette lhe disse que ainda não havia servido o café.

Ela colocou o café no bule de prata pré-aquecido que estava na bandeja. “O senhor realmente quer levar lá para cima, monsieur Tome? Se o rapaz desejar ovos...”

“Acho que isto aqui será perfeito, madame Annette.” Tom subiu de novo.

Frank experimentou o café e murmurou: “Hum-m!”

Tom serviu-se de mais café e sentou-se em uma cadeira. Ele havia colocado a bandeja sobre a mesinha. “Você precisa escrever o bilhete para madame Boutin ainda esta manhã. Quanto antes, melhor, e eu o entrego.”

“Certo.” Frank saboreava o café, acordando aos poucos. Seu cabelo estava arrepiado no alto da cabeça, como se o vento o eriçasse.

“Não se esqueça de avisar que a chave está atrás dos portões.”

O garoto confirmou com um movimento da cabeça.

Tom deixou que ele comesse uma torrada com geléia. “Você se lembra da data em que saiu de casa?”

“Vinte e sete de julho.”

Agora era sábado, 19 de agosto. “Você ficou alguns dias em Londres e depois... onde ficou em Paris?”

“Hôtel d’Angleterre, Rue Jacob.”

Tom conhecia o hotel, mas nunca se hospedara lá. Ficava na área de St-Germain-des-Près. “Posso dar uma olhada no passaporte que você trouxe? O do seu irmão?”

Frank foi imediatamente até a mala, retirou o passaporte de lá e entregou-o a Tom.

Tom abriu-o e virou-o de lado para ver a fotografia de um rapaz loiro, cabelo repartido do lado direito, o rosto mais magro, apesar de alguma semelhança com Frank nos olhos, sobrancelhas e boca. Ainda assim, Tom se perguntava como ele havia conseguido. Até aquele momento, tivera sorte. O garoto da foto deveria ter uns dezenove anos, um metro e setenta, portanto um pouco mais alto do que Frank atualmente. Nos hotéis franceses não era mais necessário apresentar um passaporte ou documento de identidade. Mas os departamentos de imigração da Inglaterra e da França já deviam saber do desaparecimento de Frank Pierson, talvez até já tivessem recebido uma fotografia de Frank. E o irmão, já não teria dado pela falta do passaporte?

“Acho que é melhor você desistir”, disse Tom, tentando uma outra abordagem. “Como acha que vai continuar a rodar a Europa? Eles podem parar você em qualquer fronteira. Especialmente na fronteira francesa.”

O garoto pareceu surpreso e também ofendido.

“Não entendo por que você quer se esconder.”

Os olhos do garoto desviaram-se, mas não por desonestidade. Frank parecia estar se perguntando o que queria fazer. “Eu queria ficar *em paz*... só por mais alguns dias.”

Tom reparou em um tremor na mão do garoto quando ele fez menção de recolocar o guardanapo na bandeja, dobrou-o distraidamente e deixou-o cair. “A essa altura sua mãe já sabe que você pegou o passaporte de Johnny, e que o seu está em casa. Eles podem descobrir facilmente que você está na França. Vai ser muito mais desagradável você ser apanhado pela polícia aqui do que simplesmente lhes contar agora.” Tom colocou sua xícara na bandeja

de Frank. “Vou deixá-lo sozinho para escrever o bilhete para madame Boutin. Já contei a Heloise que você está aqui. Tem papel para escrever?”

“Sim, senhor.”

Tom quase lhe ofereceu papel comum e um envelope barato, porque o papel que havia na gaveta do quarto de hóspedes tinha o endereço de Belle Ombre. Foi para seu quarto, fez a barba com o barbeador elétrico e colocou uma velha calça de veludo verde que sempre usava quando ia cuidar do jardim. O dia estava magnífico, fresco e ensolarado. Tom deu água para algumas plantas na estufa, pensou no que ele e Frank fariam naquela manhã, e separou o ancinho e a tesoura de podar. Estava interessado na correspondência, que chegaria em poucos minutos. Assim que ouviu o barulho familiar do freio de mão da van do correio, Tom foi até o portão da frente.

Ele queria ver se o *Tribune* trazia alguma coisa sobre Frank Pierson, e foi isso que procurou em primeiro lugar, embora houvesse uma carta de Jeff Constant, de Londres. Era estranho que Jeff, um fotógrafo *freelance*, lhe escrevesse com mais frequência do que Edmund Banbury, que não fazia nada além de administrar a Galeria Buckmaster, passando a maior parte de seu tempo lá. Não havia nada nas páginas de notícias, nem na coluna “Gente”, sobre Frank Pierson. De repente, Tom lembrou-se do *France-Dimanche*, o velho pasquim de fofocas dos finais de semana. Era sábado, dia em que sai uma nova edição. O *France-Dimanche* tratava quase exclusivamente das atividades sexuais das pessoas, mas dinheiro era o segundo tópico de interesse dos editores. Ele abriu a carta de Jeff na sala de visitas.

Passando os olhos pela folha datilografada, Tom percebeu que Jeff não mencionara o nome de Derwatt. Jeff dizia que concordava com Tom quanto a colocar um ponto final nas atividades, e havia informado as pessoas certas, depois de discutir o assunto com Ed. Tom sabia o que ele queria dizer com “as pessoas certas”: um jovem pintor de Londres chamado Steuerman, que vinha tentando fazer falsificações de Derwatt para eles — umas cinco, até agora — mas que não chegava nem aos pés do dedicado Bernard Tufts. Embora àquela altura dos acontecimentos Derwatt provavelmente tivesse morrido, no vilarejo mexicano cujo nome ele nunca revelou, Jeff e Ed havia anos

conseguiam “descobrir” antigos trabalhos de Derwatt e comercializá-los. Jeff dizia: “A medida vai reduzir nossa renda consideravelmente, mas, como você sabe, nós sempre ouvimos seus conselhos, Tom...”. Ele terminava pedindo a Tom que rasgasse a carta. Tom sentiu um certo alívio e começou a rasgar a carta de Jeff lentamente, em pedaços bem pequenos.

Frank desceu com um envelope na mão. Estava usando um jeans. “Está feito. O senhor pode dar uma olhada? Acho que ficou bom.”

O gesto fez Tom pensar em um colegial entregando um trabalho ao professor. Tom reparou em dois pequenos erros no francês, que considerou normais. Frank havia escrito que telefonara para casa e que tinha que voltar imediatamente devido a um caso de doença na família. Ele agradecia a Mme. Boutin pela gentileza e dizia que havia jogado a chave do portão para o lado de dentro da casa.

“Acho que está bom”, disse Tom. “Vou levá-lo já. Você pode ler o jornal ou passear pelo jardim. Volto em meia hora.”

“Vou ler o jornal”, disse Frank em voz baixa, com um tremor nos lábios que deixou transparecer os dentes.

“Não saiu nada. Já olhei.” Tom apontou o *Tribune* que estava no sofá.

“Vou ver o jardim.”

“Mas não na parte da frente da casa, está bem?”

Frank entendeu o conselho.

Tom saiu e pegou a Mercedes, cujas chaves ele apanhara na mesinha do corredor. O carro estava com pouca gasolina, e ele teria que parar em um posto na volta. Dirigiu tão rápido quanto permitia o limite de velocidade. Uma pena que o bilhete tivesse a letra de Frank, mas teria sido estranho se fosse datilografado. A menos que a polícia batesse na porta de Mme. Boutin, ninguém iria se interessar pela caligrafia de Frank, ou assim Tom esperava.

Em Moret, Tom estacionou a uns cem metros da casa e foi até lá a pé. Infelizmente, havia uma mulher em pé do lado de fora do portão da frente, conversando com Mme. Boutin, supôs Tom, embora não pudesse ver a dona da casa. Talvez estivessem conversando sobre o desaparecimento de Billy. Tom virou-se e andou na direção contrária por alguns minutos. Quando olhou novamente, a mulher que estava na

frente da casa agora andava em sua direção. Tom caminhou na direção da residência Boutin e não olhou para a mulher ao passar por ela. Colocou o bilhete na ranhura da caixa de correspondência que havia no portão da frente, deu a volta no quarteirão e voltou ao lugar onde o carro estava estacionado. Então rumou para o centro da cidade, em direção à ponte sobre o rio Loing, onde conhecia um lugar para comprar jornais.

Tom parou e comprou um exemplar do *France-Dimanche*. As manchetes da primeira página estavam compostas em letras vermelhas, como sempre, mas falavam sobre a namorada do príncipe Charles e sobre o catastrófico casamento de uma herdeira grega. Tom atravessou a ponte, parou no posto de gasolina e, enquanto enchiam o tanque, abriu o jornal. Levou um susto: havia uma fotografia de Frank, de frente, o cabelo repartido do lado esquerdo, o lado direito do rosto com o pequeno sinal de nascença. Estava junto a um texto em duas colunas, em formato quadrado. FILHO DE MILIONÁRIO AMERICANO ESCONDIDO NA FRANÇA, dizia o título do texto, e embaixo da foto: “Frank Pierson. Você o viu?”.

Tom leu o texto:

Pouco mais de uma semana depois da morte do multimilionário John J. Pierson, o magnata da indústria alimentícia, Frank, seu filho caçula, de apenas dezesseis anos, fugiu da luxuosa mansão em que morava no estado do Maine, Estados Unidos, levando consigo o passaporte do irmão mais velho, John. O sofisticado John é conhecido por sua independência e também ficou extremamente perturbado pela morte do pai, disse sua bela mãe, Lily. O jovem Frank deixou um bilhete dizendo que estava indo para Nova Orleans, Louisiana, por alguns dias. Mas a família e a polícia não encontraram nenhuma pista de que ele tenha chegado a ir para lá. A partir desse momento, a busca conduziu a Londres e agora à França, segundo as autoridades.

A família, que é extraordinariamente rica, encontra-se desesperada, e o irmão mais velho, John, talvez venha à Europa com um investigador particular em uma tentativa de encontrar Frank. “Tenho mais condições de localizá-lo porque o conheço muito bem”, disse John Pierson Jr.

John Pierson, o pai, que vivia em uma cadeira de rodas desde um atentado sofrido onze anos atrás, morreu no dia 22 de julho passado, ao cair de um penhasco em sua propriedade no Maine. Teria sido suicídio ou um acidente? As autoridades americanas atribuíram o acidente a “causas naturais”.

Mas... qual seria o mistério por trás da fuga do garoto?

Tom pagou o frentista e deu-lhe uma gorjeta. Precisava falar com Frank imediatamente, mostrar-lhe o jornal, pensou. Aquilo com certeza faria com que ele tomasse uma atitude. Em seguida ele teria que se livrar do jornal, caso Heloise ou Mme. Annette (o que era mais provável) quisessem vê-lo.

Eram dez e meia quando Tom cruzou os portões de Belle Ombre para entrar na garagem. Dobrou o jornal, enfiou-o debaixo do braço e deu a volta pelo lado esquerdo da casa, passando pela porta de Mme. Annette, que tinha dois vasos de gerânios vermelhos em flor, um de cada lado — um toque de orgulho, pensou Tom, já que ela mesma os havia comprado. Ele viu Frank no final do jardim, agachado e aparentemente arrancando ervas daninhas. Através das portas-janelas, que estavam entreabertas, ele ouviu Heloise praticando Bach disciplinadamente. Tom sabia que, depois de meia hora, ela iria colocar um disco de alguém tocando a mesma coisa, ou alguma outra coisa para mudar seu estado de espírito completamente, algo como rock.

“Bil-ly”, Tom chamou em voz baixa, tentando fixar na mente que precisava chamar o garoto de Billy, e não de Frank.

O garoto levantou-se da grama e sorriu. “Conseguiu entregar? O senhor a viu?”, perguntou ele, a voz igualmente baixa, como se alguém na floresta atrás do jardim pudesse ouvir.

Tom também ficava apreensivo com a floresta atrás do jardim — depois de uns dez metros de arbustos as árvores começavam a ficar maiores. Certa vez ele ficara enterrado lá por uns quinze minutos. Era impossível enxergar através das urtigas que chegavam à cintura, das selvagens e espinhentas amoreiras de três ou quatro metros de altura, que não davam frutos, sem falar nas limeiras altas um pouco mais à frente, tão grossas que seus troncos poderiam ocultar um homem que

desejasse se esconder atrás de uma delas. Tom fez um movimento brusco com a cabeça, e o garoto aproximou-se dele. Moveram-se em direção à estrutura acolhedora da estufa. “Saiu alguma coisa sobre você no jornal de fofocas”, disse Tom, abrindo o jornal na página certa. Ele ficou de costas para a casa, onde a música tocada por Heloise ainda era audível. “Achei que você deveria ver.”

Frank pegou o jornal, e Tom viu o choque do garoto na maneira como ele repentinamente torceu as mãos. “Que droga”, disse ele em voz baixa. Ele leu o texto com o maxilar apertado.

“Você acha que seu irmão virá até aqui?”

“Acho que é... acho que sim. Mas dizer que minha família está ‘desesperada’... isso é um absurdo.”

Tom disse um tanto casualmente: “E se Johnny aparecesse aqui hoje e dissesse, ‘Ora, ora, aí está você!’”.

“Por que ele apareceria aqui?”, perguntou Frank.

“Alguma vez você falou a meu respeito para a sua família? Ou para Johnny?”

“Não.”

Tom estava sussurrando agora. “E quanto ao quadro de Derwatt? Não surgiram conversas a esse respeito? Você se lembra? Há mais ou menos um ano?”

“Eu me lembro. Meu pai mencionou isso, por causa do que havia saído nos jornais. Mas não era especificamente *sobre* o senhor, de maneira alguma.”

“Mas e quando você... você disse que leu sobre mim... nos jornais?”

“Foi na Biblioteca Pública de Nova York. Há algumas semanas.”

Ele estava se referindo aos arquivos de jornais. “Você não mencionou o meu nome para sua família ou para alguma outra pessoa?”

“Ah, *não*.” Frank olhou para Tom, e em seguida seus olhos se fixaram em algo atrás de Tom, e os sinais de ansiedade reapareceram-lhe no rosto.

Tom virou-se e o que viu foi o velho Henri caminhando na direção deles, parecendo tão forte e grandalhão como se fosse algum personagem de conto de fada. “É o nosso jardineiro, que trabalha meio período. Não tenha medo e não se preocupe. Despenteie o cabelo um

pouco. E deixe-o crescer... para usar no futuro. Não fale nada, apenas ‘*Bon jour*’. Ele irá embora lá pelo meio-dia.”

A essa altura o gigante francês estava próximo deles, e cumprimentou Tom com sua voz alta e grossa: “*Jour*, monsieur Reeply!”.

“*Jour*”, respondeu Tom. “François”, disse Tom, apontando para Frank. “Estava arrancando umas ervas daninhas.”

“*Bon jour*”, disse Frank. Ele havia desarrumado o cabelo passando a mão na cabeça, adotando um ar mais desleixado, e voltou para o lugar onde estivera arrancando cavalinhas e convólculos em um canto do jardim.

Tom ficou satisfeito com a apresentação de Frank. Com sua jaqueta azul surrada, ele podia muito bem passar por um garoto local que tivesse pedido algumas horas de trabalho na casa de Tom. Não se podia depender do trabalho de Henri, portanto ele não poderia reclamar de concorrência. Tom tinha a impressão de que Henri não sabia distinguir entre terça e quinta-feira. Ele nunca aparecia no dia em que combinava vir. Henri não se mostrou surpreso com a presença do garoto, mantendo seu sorriso distraído, visível dentro do círculo formado pelo bigode e pela barba mal-aparados. Usava calça larga de brim azul, uma camisa xadrez de lenhador e um boné azul e branco desbotado, com um bico, como os usados pelos ferroviários nos Estados Unidos. Henri tinha olhos azuis. Dava a impressão de estar sempre um pouco alterado por bebida, mas, até onde Tom conseguia perceber, nunca estava bêbado, e Tom pensava que talvez a bebida tivesse, em algum momento do passado, tido um efeito nocivo para ele. Henri tinha uns quarenta anos. Tom pagava-lhe quinze francos por hora, por qualquer coisa que ele fizesse, mesmo se eles apenas ficassem conversando sobre a melhor terra para os vasos ou sobre métodos de armazenamento de tubérculos de dalias durante o inverno.

Tom sugeriu que eles fizessem uma nova investida na cerca de quase cem metros que ficava no fundo do jardim, onde Frank ainda trabalhava, mas Frank estava afastado para a esquerda, perto da estradinha que levava até a floresta. Tom entregou a Henri a tesoura de podar e pegou o forcado e um ancinho forte de metal.

“É só construir aqui um muro baixo de pedra e o senhor não terá mais esses problemas”, murmurou Henri alegremente, pegando uma pá. Ele já fizera essa observação muitas vezes antes, e Tom não pretendia passar pela tediosa rotina de repetir que ele e a esposa preferiam que o jardim desse a impressão de estar se misturando à floresta. Henri, então, dizia a Tom que a floresta é que estava se misturando ao jardim.

Os dois começaram a trabalhar, e quando Tom olhou por sobre o ombro uns quinze minutos depois, Frank não estava à vista. Muito bom, pensou Tom. Se Henri perguntasse o que havia acontecido com o garoto, Tom diria que ele provavelmente tinha ido embora, talvez porque não estivesse de fato querendo trabalhar. Mas Henri não perguntou nada; tanto melhor. Tom entrou na cozinha pela porta de serviço. Mme. Annette estava lavando alguma coisa na pia.

“Madame Annette, eu gostaria de lhe pedir um pequeno favor.”

“*Oui*, monsieur Tome!”

“O jovem que está conosco... ele acabou de passar por uma experiência desagradável com sua namorada nos Estados Unidos. Ele estava com alguns rapazes americanos aqui na França. Então ele quer ficar sossegado aqui conosco por alguns dias. Seria melhor se a senhora não contasse a ninguém no vilarejo que Billy está hospedado aqui. Ele não quer que seus amigos venham procurá-lo aqui, entende?”

“Ah-h.” Mme. Annette entendia. Os assuntos do coração eram coisas íntimas, dramáticas, dolorosas, e o garoto era tão jovem, parecia dizer o rosto dela.

“A senhora não falou sobre Billy para ninguém, não é?” Tom sabia que Mme. Annette com frequência ia ao café de Georges para uma xícara de chá, sentando-se em uma mesinha com outras governantas.

“É claro que não, monsieur.”

“Ótimo.” Tom voltou ao jardim.

Era perto do meio-dia quando Henri começou a dar sinais de diminuir o ritmo de seu trabalho, que já era lento, fazendo uma observação sobre como o dia estava quente. Não estava quente, mas Tom não se importou de parar de trabalhar. Foram até a estufa, onde Tom mantinha uma reserva de seis ou mais garrafas de cerveja Heineken em uma espécie de reservatório quadrado de cimento no

chão, que era usado para escoamento. Tom puxou duas garrafas e abriu-as com um abridor enferrujado.

Os minutos seguintes passaram distraidamente para Tom, porque ele pensava em Frank, tentando imaginar onde estaria. Henri continuava seu murmúrio sobre as colheitas ruins de framboesa naquele verão, enquanto andava de um lado para outro com sua garrafinha de cerveja, olhando uma planta e outra na estufa. Henri usava velhas botas de amarrar que lhe chegavam acima dos tornozelos, com solas grossas e macias, que eram a própria imagem do conforto, mas não de bom gosto. Ele tinha os maiores pés que Tom se lembrava de ter visto em qualquer pessoa. Será que os pés de Henri realmente preenchiam aquelas botas? A julgar pelas mãos dele, a resposta era afirmativa.

“*Non, trente*”, disse Henri. “Não se lembra da última vez? O senhor ficou me devendo quinze.”

Tom não se lembrava, mas preferiu dar trinta francos a Henri a ficar discutindo.

Então Henri foi embora, prometendo voltar na próxima terça ou quinta-feira. Para Tom, dava na mesma. Henri estava em “aposentadoria permanente”, ou “em repouso”, devido a um acidente de trabalho havia alguns anos. Ele levava uma vida simples e sem ansiedades, invejável em muitos aspectos, pensou Tom, enquanto observava a enorme figura passar em frente a uma das torres de Belle Ombre. Tom lavou as mãos na pia da estufa.

Alguns minutos mais tarde, Tom entrou em casa pela porta da frente. Um quarteto de Brahms soava no toca-discos da sala de visitas e talvez Heloise estivesse lá. Tom subiu, à procura de Frank. A porta do quarto de Frank estava fechada, e Tom bateu.

“Pois não?”, disse a voz de Frank no tom interrogativo que Tom ouvira antes.

Tom entrou e viu que Frank havia arrumado a mala, retirado e dobrado cuidadosamente os lençóis de sua cama. Ele também havia trocado de roupa. Tom viu também que o garoto se encontrava à beira de um colapso nervoso, ou prestes a chorar, embora estivesse conseguindo se controlar. “Ora”, disse Tom em voz baixa, fechando a porta. “O que está acontecendo? Ficou preocupado com Henri?” Tom

sabia que não era isso, mas tinha que tentar fazer o garoto falar alguma coisa. O jornal ainda fazia volume no bolso de trás da calça de Tom.

“Se não for Henri, será alguma outra pessoa”, disse Frank com a voz trêmula mas bastante decidida.

“Mas o que está errado... até agora?” Johnny estava vindo, com um investigador particular, e o jogo em breve iria acabar, pensou Tom. Mas que jogo? “Por que você não quer voltar para casa?”

“Eu matei o meu pai”, disse Frank em um sussurro. “É, eu o empurrei daquele...” O garoto não conseguiu continuar, a boca retorcida como a de um velho, e ele abaixou a cabeça.

Um assassino, pensou Tom. E por quê? Tom nunca vira um assassino tão gentil. “Johnny sabe disso?”

Frank balançou a cabeça. “Não. Ninguém me viu.” Seus olhos castanhos brilhavam com lágrimas, mas não havia lágrimas bastantes para cair.

Tom entendeu, ou estava começando a entender. A consciência do garoto o fizera fugir. Ou as palavras de alguém. “Alguém *disse* alguma coisa? Sua mãe?”

“Minha mãe, não. Susie... a empregada. Mas ela não me viu. Não poderia ter visto. E, de qualquer forma, ela é míope e o penhasco nem sequer é visível da casa.”

“Ela disse alguma coisa para você ou para alguma outra pessoa?”

“As duas coisas. A polícia... eles não acreditaram nela. Ela é velha. Um pouco caduca.” Frank moveu a cabeça, como se estivesse sendo torturado, e procurou a mala no chão. “Pronto, já contei. O senhor é a única pessoa no mundo a quem eu contaria, e não me importo com o que diga. Quero dizer, para a polícia ou para qualquer outra pessoa. Mas é melhor eu ir embora.”

“Ora, vamos, ir embora para onde?”

“Não sei.”

Tom sabia. Ele não poderia sair da França, mesmo com o passaporte do irmão. Não tinha lugar algum onde se esconder, a não ser nos campos. “Você não vai conseguir ir a lugar nenhum fora da França e não irá muito longe dentro do país. Escute aqui, Frank, vamos conversar sobre isso depois do almoço. Teremos toda a...”

“Almoço?”, perguntou Frank, como se estivesse ofendido com a palavra.

Tom avançou sobre ele. “Estou lhe dando ordens agora. É hora do almoço. Você não pode simplesmente desaparecer agora, pareceria muito estranho. Recomponha-se, almoce direito e conversaremos depois.” Tom estendeu a mão em busca de um aperto de mãos com Frank, mas o garoto se afastou.

“Vou embora enquanto posso.”

Tom agarrou o ombro do garoto com a mão esquerda e a garganta dele com a direita. “Não vai, não. Não vai, *não!*” Tom deu-lhe um chacoalhão e soltou-o em seguida.

O garoto arregalou os olhos, completamente chocado. Era isso o que Tom queria. “Venha comigo. Vamos descer.” Tom indicou o caminho, e o garoto andou na frente dele em direção à porta. Tom foi até o quarto para se livrar do *France-Dimanche*. Por via das dúvidas, ele o enfiou em um canto no fundo do armário, entre os sapatos. Não queria que Mme. Annette o encontrasse nem mesmo no cesto de lixo.

Lá embaixo, Heloise arrumava gladiolos alaranjados e brancos — Tom sabia que ela não gostava deles e que provavelmente Mme. Annette os tinha trazido — em um vaso alto sobre a mesa do café. Ela levantou os olhos e sorriu para Tom e Frank. Para se acalmar, Tom sacudiu os ombros, como se estivesse ajustando um paletó ao corpo. Precisava ficar calmo e tranqüilo.

“Linda manhã, não?”, perguntou Tom a Heloise em inglês.

“É mesmo. Pelo jeito Henri decidiu aparecer.”

“Fazendo o mínimo possível, como de costume. Billy é melhor.” Tom fez um gesto para que Frank o seguisse até a cozinha, de onde Tom achava que poderia sentir o cheiro de costeletas de carneiro cozidas. “Madame Annette, *excusez-nous*. Eu gostaria de um aperitivo antes do almoço.”

Ela de fato estava inspecionando umas costeletas de carneiro sobre a grelha do fogão. “Ora, monsieur Tome, por que não disse antes? *Bonjour, monsieur!*”, disse ela a Frank.

Frank respondeu educadamente.

Tom foi até o carrinho de bebidas, que agora estava na cozinha, colocou uísque em um copo, nem muito, nem pouco, e entregou-o a Frank. “Quer água?”

“Um pouco.”

Tom acrescentou um pouco de água da torneira e devolveu o copo a Frank. “Isso vai deixar *você* mais solto, mas não necessariamente vai soltar a sua língua”, murmurou Tom. Tom preparou para si mesmo um gim-tônica sem gelo, embora Mme. Annette se prontificasse a pegar um pouco no congelador. “Vamos voltar para a sala”, disse Tom a Frank, indicando a sala de visitas.

Os dois voltaram, sentaram-se em seus lugares à mesa com suas bebidas, e Mme. Annette quase imediatamente trouxe o primeiro prato,

um consômê caseiro. Heloise tagarelou sobre seu Cruzeiro da Aventura para o final de setembro. Noëlle lhe havia telefonado naquela manhã para contar mais detalhes.

“A Antártica”, exclamou Heloise, alegre. “Vamos precisar... ah... imagine o tipo de roupa de que vamos precisar! Dois pares de luvas ao mesmo tempo!”

E ceroulas, pensou Tom. “Será que, por esse preço, eles não ligam o aquecedor central?”

“A-ah, Tome!”, disse Heloise, bem-humorada.

Ela sabia que ele não dava a mínima para o preço. Jacques Plisson provavelmente daria a viagem de presente a Heloise, porque sabia que Tom não ia junto.

Frank perguntou, em francês, quanto tempo o cruzeiro iria durar, e quantas pessoas estariam no navio. Tom percebeu que admirava a criação do garoto, aqueles velhos costumes de escrever cartas de agradecimento três dias depois de receber um presente, quer a pessoa gostasse do presente ou da tia que o dera, quer não. O garoto americano comum, de dezesseis anos, não teria mantido a calma em tais circunstâncias, pensou Tom. Quando Mme. Annette passou a travessa de costeletas de carneiro pela segunda vez — havia quatro na travessa, e Heloise havia comido apenas uma —, Tom serviu a Frank uma terceira costeleta.

Então o telefone tocou.

“Eu atendo”, disse Tom. “Com licença.” Que estranho receber um telefonema na sagrada hora francesa do almoço, e Tom não estava esperando nenhuma ligação. “Alô”, disse Tom.

“Alô, Tom! É o Reeves.”

“Espere um pouco, está bem?” Tom colocou o fone sobre a mesa e disse a Heloise: “Interurbano. Vou atender lá em cima para não ter que gritar”. Tom subiu a escada correndo, tirou o fone do gancho em seu quarto e disse a Reeves novamente que esperasse. Desceu e desligou o telefone de baixo. Nesse meio-tempo, ele pensava que era uma sorte Reeves ter ligado, porque um novo passaporte para Frank poderia vir bem a calhar, e Reeves era exatamente a pessoa certa para conseguir isso. “Voltei”, disse Tom. “Quais são as novidades, meu amigo?”

“Ah, não *muita* coisa”, disse Reeves Minot com a voz rouca e o ingênuo tom americano. “Só um pouco... é... bem, é por isso que estou telefonando. Você poderia hospedar um amigo meu... só por uma noite?”

Tom não gostou muito da idéia naquele momento. “Quando?”

“Amanhã à noite. O nome dele é Eric Lanz. Está indo daqui. Ele sabe chegar até Moret, então não precisa pegá-lo no aeroporto, mas... é melhor ele não passar a noite em nenhum hotel de Paris.”

Nervoso, Tom apertou o telefone. O sujeito deveria estar carregando alguma coisa, é claro. Reeves atuava principalmente como receptor. “Claro. Sim, claro”, disse Tom, pensando que, se recusasse, Reeves não seria tão receptivo quando Tom lhe fizesse algum pedido. “Apenas por uma noite?”

“É, só isso. Depois ele vai para Paris. Você vai ver, mas agora não posso dar mais explicações.”

“Eu tenho que encontrá-lo em Moret? Como ele é?”

“Ele vai reconhecer você. Quase quarenta anos, não muito alto, cabelo preto. Estou com os horários aqui e Eric pode pegar o das oito e vinte amanhã à noite. Isto é, horário de *chegada*.”

“Muito... bem”, disse Tom.

“Você não parece muito contente. Mas é um negócio mais ou menos importante, Tom, e eu ficaria...”

“É claro que eu farei isso por você, Reeves, meu velho! E já que estamos nos falando, vou precisar de um passaporte americano. Mando a foto para você pelo correio expresso na segunda-feira e deve chegar por aí no máximo até quarta. Você está em Hamburgo, não é?”

“Claro, no mesmo lugar”, disse Reeves com tom de voz agradável, como se fosse o gerente de uma casa de chá, mas o prédio de Reeves perto do Alster — mais especificamente o apartamento de Reeves — já sofrera um atentado à bomba uma vez. “É para você?”, perguntou Reeves.

“Não, para alguém mais jovem. Com menos de vinte e um anos, Reeves, portanto não pode ser um passaporte velho e gasto. Pode conseguir isso? Você receberá notícias minhas.”

Tom desligou e desceu novamente. Sorvete de framboesa fora servido. “Desculpem-me”, disse Tom. “Não era nada importante.” Ele

reparou que Frank parecia melhor e que um pouco de cor havia voltado a seu rosto.

“Quem era?”, perguntou Heloise.

Ela raramente perguntava a Tom quem havia ligado, e Tom sabia que ela desconfiava de Reeves Minot, ou pelo menos não gostava muito dele, mas Tom disse: “Reeves, de Hamburgo”.

“Ele vai vir para cá?”

“Ah, não, só queria notícias”, respondeu Tom. “Quer café, Billy?”

“Não, obrigado.”

Heloise geralmente não tomava café depois do almoço, e não foi diferente dessa vez. Tom disse que Billy queria olhar sua coleção de livros *Jane's fighting ships*, os três deixaram a mesa e Tom subiu para o quarto com o garoto.

“Que telefonema chato!”, disse Tom. “Um amigo meu em Hamburgo quer que eu receba um amigo dele amanhã à noite. Só por uma noite. Não pude dizer não, porque ele é muito prestativo... meu amigo Reeves.”

Frank concordou com um movimento de cabeça. “O senhor quer que eu vá para um hotel ou coisa do tipo... aqui por perto? Ou quer que eu simplesmente *suma*?”

Tom balançou a cabeça. Estava deitado na cama, apoiado em um dos cotovelos. “Vou dar a ele o seu quarto, você dorme no meu... e eu dormirei no quarto de Heloise. Então este quarto ficará fechado e... direi a nosso hóspede que estamos fumigando o quarto contra os cupins e que a porta não pode ser aberta.” Tom riu. “Não se preocupe. Tenho absoluta certeza de que ele irá embora na segunda-feira. Já tive outros hóspedes amigos de Reeves antes.”

Frank havia se sentado na cadeira de madeira que Tom usava na escrivaninha. “O sujeito que vem vindo é um de seus... amigos interessantes?”

Tom sorriu. “O sujeito que está vindo é um estranho.” *Reeves* era um de seus amigos interessantes. Talvez Frank também tivesse visto o nome de Reeves Minot nos jornais. Isso era algo que Tom não ia perguntar. “Agora”, disse Tom em voz baixa, “vamos à sua situação.” Esperou, reparando no incômodo do garoto, a testa franzida. Tom também não estava à vontade, então tirou os sapatos, colocou os pés

sobre a cama e puxou um travesseiro para debaixo da nuca. “A propósito, achei que você se saiu muito bem durante o almoço.”

Frank olhou para Tom, mas sua expressão não se modificou. “O senhor me perguntou antes”, disse o garoto em voz baixa, “e eu lhe contei. É a única pessoa que sabe.”

“Vamos manter isso assim. Não confesse a ninguém... nunca. Agora me conte: em que momento do dia aconteceu?”

“Lá pelas sete, oito.” A voz do garoto estava trêmula. “Meu pai sempre ficava olhando o pôr-do-sol... quase toda tarde durante o verão. Eu não tinha...”

Houve uma longa pausa.

“De forma alguma eu havia planejado fazer o que fiz. Eu nem estava muito bravo, acho que nem estava bravo. Mais tarde... mesmo no dia seguinte, de alguma forma... eu não conseguia acreditar que havia *feito*.”

“Eu acredito em você”, disse Tom.

“Eu geralmente não acompanhava meu pai nesses passeios para ver o pôr-do-sol. Na verdade, acho que ele gostava de ficar sozinho lá, mas naquele dia ele me convidou para ir com ele. Ele ficou falando comigo sobre eu estar indo muito bem na escola, e sobre como a Escola de Administração de Harvard estava próxima e como seria fácil... bem, o de sempre. Ele até tentou fazer um comentário simpático sobre Teresa, porque ele sabia que eu... que eu gosto dela. Mas até aquele momento, *não*. Ele se aborrecera com o fato de Teresa ter ido à nossa casa... ela só foi duas vezes... dizendo que era uma imbecilidade estar apaixonado aos dezesseis, casar-se cedo ou coisa do tipo, muito embora eu nunca tivesse dito uma única palavra sobre casamento, nem mesmo falei sobre isso com Teresa! Ela ia rir de mim! De qualquer forma, acho que cheguei ao meu limite naquele dia. A falsidade, a falsidade ao meu redor e em todo lugar para onde eu olhasse.”

Tom começou a dizer alguma coisa, e o garoto o interrompeu nervosamente.

“Nas duas vezes em que Teresa foi à nossa casa no Maine, meu pai foi um pouco rude com ela. Não foi amigável, sabe? Talvez porque ela seja bonita, e meu pai sabe que ela era popular. Sabia. Daria para pensar que era alguma garota que eu arranjei na rua! Mas Teresa é

muito educada, ela sabe como se comportar! E ela não gostou... é claro! Ela não ia voltar à minha casa, e mais ou menos me disse isso.”

“Isso deve ter sido muito duro para você.”

“*Muito.*” Então Frank ficou calado durante um bom tempo, olhando para o chão. Parecia petrificado.

Tom supôs que ele poderia ir à casa de Teresa ou encontrá-la em Nova York de vez em quando, mas não quis se desviar do assunto principal. “Quem estava na casa naquele dia? Susie, a governanta. Sua mãe estava?”

“E meu irmão também. Estávamos jogando croqué, e de repente Johnny parou de jogar. Tinha um encontro. Ele tem uma namorada cuja família mora... Bem, de qualquer forma, meu pai estava na varanda da frente quando Johnny saiu de carro, e papai se despediu dele. Johnny havia conseguido um buquê de rosas do jardim para dar a essa garota, lembro-me disso, e lembro-me também de pensar que, se não fosse pela atitude de meu pai, Teresa poderia estar na casa naquele dia, *de alguma maneira*, e poderíamos ter ido a algum lugar. Meu pai nem me deixa dirigir, mas eu já sei dirigir. Johnny me ensinou, lá nas dunas. Meu pai sempre achava que eu iria bater o carro e me matar, mas garotos de quinze anos e até mesmo no Texas ou na Louisiana dirigem a qualquer hora.”

Tom sabia disso. “E depois, o que aconteceu? Depois que Johnny saiu. Você estava conversando com seu pai...”

“Eu estava ouvindo-o falar... na biblioteca. Eu quis fugir, mas ele disse: ‘Venha passear comigo, vamos olhar o pôr-do-sol, vai fazer bem a você’. Eu estava de péssimo humor e tentei esconder isso. Eu deveria ter dito: ‘Não, vou para o meu quarto’, mas não fiz isso. E então Susie... ela não é má pessoa, mas é um pouco infantil demais, me irrita... ela estava por perto e se certificou de que meu pai conseguiria descer a rampa com a cadeira de rodas. Existe uma rampa na varanda de trás que vai até o nível do jardim e que foi feita especialmente para o meu pai. Mas ela não precisava ter se preocupado, porque meu pai sabia se virar sozinho. Então ela entrou de novo na casa, e meu pai continuou pela trilha, que é larga e pavimentada com lajes, em direção à floresta e ao penhasco. E quando chegou lá, ele recomeçou a falar.” Frank abaixou a cabeça, cerrou o punho direito e o abriu em seguida. “De

alguma forma, depois de quatro ou cinco minutos daquele falatório, eu já não agüentava mais.”

Tom piscou, incapaz de continuar olhando para o garoto, que agora estava olhando para ele. “O penhasco é íngreme? Vai até o mar?”

“É bastante íngreme, mas não chega até lá. Mas de qualquer forma... é suficiente para... para matar uma pessoa, com certeza. Há muitas rochas lá.”

“Muitas árvores também?” Tom ainda se perguntava quem poderia tê-lo visto. “Barcos?”

“Não, barcos não. Pelo menos não existe nenhum ancoradouro ali. Árvores, sim. Pinheiros. Tudo ali faz parte de nossas terras, mas mantemos tudo em estado selvagem naquela parte. A única coisa que fizemos foi abrir uma trilha até o penhasco.”

“Uma pessoa não poderia ser vista da casa nem com binóculos?”

“Não, eu sei. Mesmo no inverno, se meu pai estivesse no penhasco... não seria visível da casa.” O garoto deu um suspiro profundo. “Agradeço o senhor por ouvir tudo isso. Talvez eu devesse tentar escrever ou tentar... de alguma forma... tirar isso da minha mente. É terrível. Eu não sei como analisar o que aconteceu. Às vezes não acredito no que fiz. É estranho.” Frank olhou de repente para a porta, como se fosse alertado da existência de outras pessoas na casa, mas não se ouviu nenhum som vindo da porta.

Tom sorriu um pouco. “Por que não escreve sobre tudo? Poderia mostrar apenas para mim... se tiver vontade. Em seguida podemos destruir tudo.”

“É”, disse Frank com a voz débil. “Lembro que... tinha a impressão de que eu não conseguiria olhar para os ombros e para a nuca dele nem um segundo mais. Eu pensei... não sei *o que* pensei, mas avancei sobre ele, soltei a alavanca do freio com um chute e apertei o botão que fazia a cadeira ir para a frente, além de dar um empurrão. Então ela foi caindo, de cabeça para baixo. Depois não olhei. Só ouvi o barulho.”

Por um instante, Tom sentiu-se mal, imaginando a cena. Será que ficaram impressões digitais na cadeira?, perguntou-se Tom. Mas ninguém as estranharia, se Frank acompanhara o pai até o penhasco. “Alguém comentou sobre impressões digitais na cadeira?”

“Não.”

Se desconfiassem de algo, impressões digitais seriam a primeira coisa que procurariam, pensou Tom. “E naquele botão sobre o qual você falou?”

“Acho que o atingi com a lateral do punho.”

“O motor ainda devia estar funcionando quando o encontraram.”

“Sim, tenho a impressão de que alguém disse que estava.”

“Então o que você fez... logo depois?”

“Eu não olhei para baixo. Comecei a andar em direção à casa. De repente me senti exausto. Então apertei o passo, um pouco para despertar daquilo. Não havia ninguém no jardim, a não ser Eugene... é o nosso motorista, e também uma espécie de mordomo... ele estava na enorme sala de jantar que fica no térreo, na verdade, estava sozinho, e eu disse: ‘Meu pai caiu do penhasco’. Então Eugene me disse para contar para a minha mãe e pedir a ela que chamasse uma ambulância e saiu correndo em direção ao penhasco. Minha mãe estava com Tal na sala de visitas no andar de cima, assistindo a televisão, e eu contei a ela, e Tal chamou a ambulância.”

“Quem é Tal?”

“Um amigo da minha mãe, de Nova York. Talmadge Stevens. Ele é advogado, mas não é um dos que trabalham para o meu pai. Um sujeito grandalhão. Ele...”

O garoto se interrompeu novamente.

Será que Tal era amante da mãe de Frank? “Tal disse alguma coisa para você? Perguntou alguma coisa?”

“Não”, respondeu Frank. “Bom... eu disse que meu pai tinha avançado sozinho com a cadeira. Tal não perguntou nada.”

“Muito bem... a ambulância... e em seguida suponho que a polícia tenha aparecido?”

“Sim. Chegaram juntas. Tenho a impressão de que demorou uma hora até que conseguissem trazê-lo para cima. E a cadeira de rodas. Estavam usando uns holofotes enormes. Em seguida, é claro, apareceram os jornalistas, mas mamãe e Tal se livraram deles bem rápido. Os dois são muito bons nisso. Minha mãe ficou furiosa com os jornalistas, mas naquela noite tinham aparecido apenas os jornalistas locais.”

“E mais tarde... os jornalistas reapareceram?”

“Minha mãe teve que falar com alguns. Eu cheguei a falar com pelo menos um deles, acabei tendo que fazer isso.”

“E o que... exatamente... você disse?”

“Disse que meu pai estava perto do penhasco. E que ele me pareceu de fato querer se atirar.” Ao dizer a última palavra, Frank dava a impressão de não ter mais fôlego. Levantou-se da cadeira e andou até a janela, que estava entreaberta. Frank virou-se. “Eu menti. Já lhe disse isso.”

“Sua mãe desconfia de você... mesmo que só um pouco?”

Frank balançou a cabeça. “Eu saberia caso ela suspeitasse, e ela não desconfia de nada. Eles me consideram muito... é... *sério*... se é que me entende. E honesto também.” Deu um sorriso nervoso. “Com a minha idade, Johnny era mais rebelde, tiveram que arrumar professores particulares para ele, ele sempre fugia de Groton para ir a Nova York. Então ele acalmou... um pouco. Não estou querendo dizer que ele bebia demais, mas às vezes fumava maconha, é claro. E um pouco de cocaína. Agora está melhor. Mas eu... quero dizer... sou considerado um escoteiro em relação a ele. É por isso que meu pai me pressionava, entende, para me interessar pela companhia, pelo império Pierson!” Frank sacudiu os braços e riu.

Tom percebeu que o garoto estava exausto.

Frank cambaleou de volta à cadeira, sentou-se e jogou a cabeça para trás, os olhos semicerrados. “Sabe o que eu penso às vezes? Que, de qualquer forma, meu pai estava muito próximo da morte. Já estava meio morto na cadeira de rodas e talvez fosse morrer em breve. E fico me perguntando se penso essas coisas apenas para me arranjar uma desculpa pelo que fiz. É terrível pensar isso!”, disse Frank, ofegante.

“Vamos voltar a Susie por um instante. Ela acha que você empurrou a cadeira e disse isso a você?”

“Disse.” Frank olhou para Tom. “Disse até que me viu da casa, e é por isso que ninguém acredita nela. Não dá para ver o penhasco da casa. Mas Susie estava muito aborrecida quando disse isso. Meio histérica.”

“Susie também falou com a sua mãe?”

“Ah, claro, tenho certeza disso. Minha mãe não acreditou nela. Na verdade, minha mãe não gosta de Susie. Meu pai gostava dela, porque

ela é muito confiável... era... e está conosco há muitos anos, quase desde o tempo em que eu e Johnny éramos bebês.”

“Ela era sua governanta?”

“Não, era mais uma empregada. Sempre tivemos outras mulheres como governantas. A maioria inglesas.” Frank sorriu. “Babás. Só nos livramos da última delas quando eu tinha uns doze anos.”

“E Eugene? Ele disse alguma coisa?”

“Sobre mim? Não. Nada.”

“Você gosta dele?”

Frank riu um pouco. “Ele é legal. É de Londres. Tem senso de humor. Mas sempre que ele e eu contávamos piadas, mais tarde meu pai me dizia que eu não devia ficar contando piadas com o mordomo ou com o motorista. Na maior parte do tempo Eugene era as duas coisas.”

“Havia mais alguém na casa? Outros empregados?”

“Não naquele momento. Havia empregados ocasionais, trabalhando meio período. Vic, o jardineiro, tira férias em julho, às vezes fica mais tempo fora, então eles contratam gente em meio período. Meu pai sempre quis o mínimo possível de empregados e auxiliares por perto.”

Tom estava pensando que talvez Lily e Tal não estivessem tão infelizes com a morte de John Pierson. O que estava acontecendo ali? Levantou-se e foi até a escrivaninha. “Para o caso de você querer colocar tudo por escrito”, disse Tom, dando ao garoto umas vinte folhas de papel sulfite, “à mão ou com a máquina de escrever. De qualquer forma, está tudo aqui.” A máquina de escrever de Tom estava no centro da escrivaninha.

“Obrigado.” Frank olhou para as folhas de papel que estavam em sua mão, admirado.

“Talvez você queira fazer uma caminhada... mas infelizmente não pode.”

Frank levantou-se. “É bem o que eu gostaria de fazer!”

“Só se tentar a trilha que fica atrás da casa”, disse Tom. “Ela não é muito larga e quase não é usada, a não ser por um ou outro fazendeiro de vez em quando. Você sabe onde é, atrás do lugar onde estávamos trabalhando hoje de manhã.” O garoto sabia, e foi em direção à porta. “E não corra”, disse Tom, porque Frank parecia carregado com uma

energia nervosa. “Volte em meia hora, senão vou ficar preocupado. Você tem um relógio?”

“Tenho. São... duas e trinta e dois.”

Tom olhou o mostrador de seu relógio e viu que estava adiantado um minuto. “Mais tarde, se precisar da máquina de escrever, é só vir até aqui e usá-la.”

O garoto foi até o quarto que estava usando, para deixar o papel, e em seguida desceu a escada. De uma janela lateral, Tom pôde ver Frank atravessando o gramado, passando por entre alguns arbustos baixos, pulando, caindo apoiado nas mãos, levantando-se de um salto como se fosse um acrobata. O garoto virou à direita e ficou escondido sob as árvores enquanto seguia pela estrada estreita.

Um momento depois, Tom ligava o rádio. Queria ouvir o noticiário francês das três da tarde, mas também queria mudar a atmosfera depois da história de Frank. Na verdade, era surpreendente que o garoto não tivesse desmoronado mais ainda ao contá-la. Será que isso ainda iria acontecer, ou não? Ou será que já havia acontecido à noite, talvez algumas noites antes, quando o garoto estava em Londres ou sozinho na casa de Mme. Boutin, a mente aterrorizada por um julgamento imaginário que viria de algum lugar? Ou será que as breves lágrimas de hoje, antes do almoço, foram suficientes? Havia garotos (e garotas) de mais ou menos dez anos em Nova York que tinham testemunhado assassinatos, ou assassinado, em gangues, seus companheiros ou estranhos, mas Frank não era desse tipo. A culpa em alguém como Frank apareceria de alguma forma, em algum momento. Tom achava que todas as emoções fortes, como o amor, o ódio ou o ciúme se mostravam em algum gesto, nem sempre sob a forma de uma expressão clara daquela emoção, nem sempre algo que a própria pessoa ou o público esperavam.

Inquieto, Tom desceu para falar com Mme. Annette, que estava envolvida na desagradável tarefa de jogar uma lagosta viva em uma enorme panela de água fervente. Ela erguia o crustáceo sobre o vapor, os membros agitando-se, e Tom recuou na soleira, indicando por meio de um gesto que esperaria na sala de visitas.

Mme. Annette deu-lhe um sorriso compreensivo, porque já o vira ter aquela reação antes.

Será que Tom havia ouvido um chiado de protesto da lagosta? Por acaso alguma parte muito sensível de seu nervo auditivo captara um grito de dor e indignação vindo da cozinha, um derradeiro guincho agudo enquanto a vida se esvaía? Onde será que a infeliz criatura havia passado a noite, já que Mme. Annette deve tê-la comprado ontem na caminhonete da *poissonerie* ambulante que estacionava toda semana em Villeperce? Essa lagosta era das grandes, não como algumas das criaturinhas que Tom vira se debatendo em vão, amarradas de cabeça para baixo, presas nas prateleiras da geladeira. Quando ouviu o ruído da tampa da panela sendo fechada, Tom aproximou-se da cozinha novamente, a cabeça um pouco baixa.

“Ah, madame Annette”, disse ele. “Não é nada importante, apenas...”

“Oh, monsieur Tome, o senhor sempre se preocupa com as lagostas! Até mesmo com os mexilhões, não é?” Ela riu com gosto. “Vou contar para minhas colegas... *mes copines* Geneviève e Marie-Louise...” Essas eram outras empregadas que trabalhavam para a burguesia local, e que Mme. Annette encontrava durante as compras. Às vezes elas se visitavam em noites de boa programação na TV, porque todas tinham TV, e alternavam o local das reuniões.

Tom reconheceu a fraqueza com um aceno de cabeça e um sorriso educado. “Estômago amarelo”, disse Tom em francês, uma expressão inútil, porque fora o resultado de uma tradução cujo original era “estômago fraco” ou “fígado amarelo”. Mas não importava. “Madame Annette, teremos *um outro* hóspede amanhã, mas apenas para a noite de domingo e a manhã de segunda-feira. Um cavalheiro. Vou trazê-lo para casa por volta das oito e meia, para o jantar, e ele ficará no quarto onde agora está o garoto, e eu dormirei no quarto de minha esposa. Monsieur Billy dormirá no meu quarto. Amanhã eu lembrarei isso à senhora.” Mas ele sabia que não precisaria lembrá-la de nada.

“Muito bem, monsieur Tome. O hóspede é americano também?”

“Não, ele... é europeu”, disse Tom, dando de ombros. Fingiu que estava sentindo o cheiro da lagosta e saiu da cozinha. “*Merci*, madame Annette.”

Tom voltou para o quarto, ouviu o noticiário das três em uma estação popular francesa, nada ouviu sobre Frank Pierson. Quando o noticiário terminou, Tom percebeu que se passara exatamente meia

hora desde que Frank havia saído. Olhou pela janela lateral de novo. A floresta que ficava no canto de seu jardim não revelava nenhuma figura humana. Tom esperou, acendeu um cigarro e voltou à janela. Eram três e sete agora.

Não havia nenhum motivo para se preocupar, disse Tom a si mesmo. Dez minutos a mais ou a menos. Afinal, quem é que usava aquela estrada? Fazendeiros de olhar sonolento puxando ou cavalgando um cavalo, às vezes com uma carroça, algum idoso dirigindo um trator de vez em quando, indo-se para algum campo do outro lado da estrada principal. Ainda assim, Tom estava preocupado. E se alguém os estivesse vigiando, desde Moret, e os tivesse seguido até Belle Ombre? Certa noite Tom fora a pé até o barulhento café de George e Marie para tomar algo e ver se alguma personagem nova havia surgido por lá, curioso para saber coisas até mesmo dele. Tom não vira ninguém assim, e, o que era mais importante, a tagarela Marie não lhe perguntara nada sobre o garoto que ele estava hospedando. Tom ficara um pouco mais aliviado.

Às três e vinte, Tom desceu novamente. Onde estava Heloise? Tom saiu por uma das portas-janelas e atravessou a passos lentos o gramado em direção à estradinha. Seus olhos estavam fixos na grama, e ele esperava que o garoto gritasse um “Oi!” a qualquer momento. Ou será que já havia ouvido? Tom apanhou uma pedra na grama e atirou-a desajeitadamente com a mão esquerda em direção à floresta. Afastou os galhos de uma amoreira selvagem e entrou na estradinha. Agora ele conseguia enxergar pelo menos trinta metros à frente na estrada estreita e um pouco encoberta pela vegetação. Tom começou a caminhar, os ouvidos atentos, mas ouviu apenas os trinados inocentes e distraídos dos pardais e de uma rola escondida em algum lugar.

Ele com certeza não queria chamar Frank pelo nome, ou nem mesmo “Billy!”. Tom parou e ficou escutando de novo. Nada, realmente, nem mesmo o som do motor de um carro, nem mesmo atrás dele, na estrada perto de Belle Ombre. Tom apertou o passo, pensando que seria melhor dar uma olhada no final da estrada — e onde era o final? Tom achava que ela continuava por mais ou menos um quilômetro e se juntava a uma outra estrada mais importante, com fazendas, plantações de milho para gado e às vezes repolho e

mostarda. Tom começou a procurar galhos quebrados dos dois lados da estrada, que pudessem ser o indício de alguma briga, mas sabia que uma carroça também poderia quebrá-los, e não encontrou nada de incomum na folhagem. Continuou andando. Chegou a um cruzamento, uma estrada maior, sem pavimentação, que delimitava a floresta. Depois dela havia campos limpos, que pertenciam a fazendeiros cujas casas ele não conseguia ver. Tom inspirou profundamente e deu meia-volta. Será que o garoto havia voltado para a casa, antes que Tom saísse? Será que estava no quarto? Tom avançou, correndo.

“Tom?” A voz veio de sua direita.

Tom parou e olhou para a floresta.

Frank saiu de trás de uma árvore — ou assim pareceu a Tom, materializando-se repentinamente do meio das folhas verdes e dos troncos marrons com sua calça cinzenta e seu suéter bege, quase se misturando à vegetação em meio à luz irregular do sol que entrava na floresta. Estava sozinho.

Tom sentiu um alívio enorme, como uma dor. “O que aconteceu? Você está bem?”

“Claro.” O garoto abaixou a cabeça e começou a caminhar com Tom em direção a Belle Ombre.

Tom entendeu. O garoto havia se escondido de propósito, para ver se Tom se daria ao trabalho de procurá-lo. Frank queria ver se podia confiar nele. Tom enfiou as mãos nos bolsos e levantou a cabeça. Sentiu o olhar tímido do garoto sobre ele. “Você demorou um pouco, um pouco mais do que disse que iria demorar.”

O garoto não disse nada, e colocou as mãos nos bolsos, exatamente como Tom.

Por volta das cinco horas da mesma tarde de sábado, Tom disse a Heloise: “Não estou com vontade de ir à casa dos Graís esta noite, querida. É algo muito importante? *Você* pode ir”. Eles haviam sido convidados para um jantar e deveriam aparecer lá pelas oito.

“Ah, Tome, por que não? Podemos perguntar a eles se Billy pode ir conosco. Tenho certeza de que dirão que sim.” Heloise levantou os olhos da mesa triangular que havia comprado em um leilão naquela tarde e que agora encerrava. Estava ajoelhada no chão, vestindo um jeans.

“O problema não é Billy”, disse Tom, embora o problema fosse exatamente Billy. “Eles sempre convidam outras pessoas...” Tom se referia a outras pessoas que divertissem Heloise. “O que importa? Posso ligar para eles e inventar uma desculpa, se você quiser.”

Heloise jogou para trás o cabelo loiro. “Antoine insultou você na última vez em que estivemos lá. É isso?”

Tom riu. “Insultou? Se isso aconteceu, eu já esqueci. Ele *não consegue* me insultar.” Antoine Graís, um diligente arquiteto de quarenta anos e dedicado jardineiro de sua casa de campo, tinha um certo desprezo pela vida ociosa de Tom, mas suas observações levemente insultosas não atingiam Tom, e Tom achava que Heloise não entendia todas elas. “Velho puritano”, acrescentou Tom. “Ele devia estar nos Estados Unidos de trezentos anos atrás. Estou com vontade de ficar em casa. Além disso, eu já ouço falar em Chirac o dia todo.” Direitista, Antoine Graís era pretensioso demais para ser visto com um exemplar do *France-Dimanche*, mas era do tipo que espiaria o de outra pessoa em um café. A última coisa que Tom queria era que Antoine reconhecesse Billy como Frank Pierson. Antoine e a esposa, Agnès, que era um pouco menos tacanha, nunca guardariam o segredo. “Quer que eu ligue para eles, querida?”, perguntou Tom.

“Não, eu vou mesmo assim”, disse Heloise, continuando a encerrar o móvel.

“Diga que recebi a visita de um de meus amigos desagradáveis. Alguém socialmente inaceitável”, disse Tom. Ele sabia que Antoine considerava suspeito seu círculo de amizades. Quem Antoine havia encontrado certa vez, por acaso? Ah, sim, o gênio Bernard Tufts, que sempre parecera molambento, e às vezes distraído demais para ser educado.

“Acho que Billy é bastante simpático”, disse Heloise, “e sei que você não está preocupado com ele. Acontece que você não gosta dos Graís.”

Tom estava aborrecido com aquilo tudo, e tão nervoso, pelo fato de Billy estar na casa, que teve de se conter para não fazer outra observação sobre os Graís: a de que eles eram *muito* chatos. “Acho que eles têm o direito de viver.” Tom decidiu de repente não mencionar que o homem chamado Eric Lanz iria aparecer na noite seguinte, embora pretendesse contar a Heloise naquele momento.

“Mas, então, o que você acha da mesa? É para o meu quarto, naquele canto, ao lado de onde você dorme. E a outra mesa que está lá ficaria melhor entre as camas do quarto de hóspedes”, disse Heloise, admirando o brilho sobre o tampo da mesa.

“Gostei muito... mesmo”, disse Tom. “Quanto você disse que pagou?”

“Só quatrocentos francos. Carvalho... e é uma cópia de estilo Luís xv... tem uns cem anos. Eu pechinchei. Muito.”

“Você se saiu bem”, disse Tom, com sinceridade, porque a mesa era bonita e parecia robusta o suficiente para sentar em cima, embora ninguém fosse fazer isso, e Heloise adorava pensar que havia conseguido uma pechincha, o que dificilmente acontecia. A cabeça dele estava longe.

Tom voltou para o quarto, onde teve que se entregar à entediante tarefa de gastar uma hora exata preparando os dados de sua renda e gastos mensais para o contador. Ou melhor, para o contador do pai de Heloise. Esse homem, um tal de Pierre Solway, mantinha as contas de Tom e de Heloise separadas das contas do augusto Jacques Plisson, é claro, mas Tom estava bastante satisfeito por ter se livrado da remuneração do contador (paga por Jacques Plisson), e também por

saber que as contas tinham a aprovação de Plisson, porque o velho senhor com certeza encontrava tempo para examiná-las. A renda de Heloise, ou a mesada que recebia do pai, vinha em dinheiro vivo, portanto não era lançada na declaração de renda dos Ripley. A renda de Tom que vinha da companhia Derwatt — talvez uns dez mil francos por mês, ou cerca de dois mil dólares quando a cotação estava favorável — também lhe chegava por debaixo do pano, sob a forma de cheques em francos suíços, dinheiro que era totalmente lavado em Perugia, onde ficava a Academia de Arte Derwatt, embora uma parte também viesse das vendas da Galeria Buckmaster. Os dez por cento que Tom recebia dos lucros de Derwatt derivavam também da linha de materiais de pintura que levavam o nome de Derwatt, que ia de cavaletes a borrachas, mas era mais fácil transferir dinheiro do Norte da Itália para a Suíça do que transferi-lo de Londres para Villeperce. Além disso, havia a renda da herança de Dickie Greenleaf para Tom, que aumentara para cerca de mil e oitocentos dólares por mês, dos trezentos ou quatrocentos dólares de anos atrás. Sobre essa quantia, curiosamente, Tom pagava imposto de renda americano, de valor considerável por se tratar de ganhos de capital. Aquilo era irônico e bastante adequado, pensava Tom, porque ele havia falsificado o testamento de Dickie depois de sua morte, escrevendo-o com a própria caneta Hermes de Dickie em Veneza, e falsificando-lhe a assinatura.

Mas no fim das contas, pensava Tom, o que fazia todos os meses, quais eram os gastos de Belle Ombre? Apenas migalhas. Depois de uns quinze minutos listando gastos, Tom mergulhou em profundo tédio, levantou-se e acendeu um cigarro.

Bem, não havia do que reclamar, pensou ele olhando pela janela. Tom declarava parte da renda da companhia Derwatt para o fisco francês, especificando a origem em ações da Derwatt Ltda. Tom agora possuía suas próprias ações e alguns títulos do Tesouro Americano, cujos juros ele tinha que declarar. Sua declaração francesa era apenas para fontes de renda na França (uma parte de Heloise, não dele), enquanto os americanos queriam saber sobre sua renda total. Tom residia na França, embora ainda mantivesse o passaporte americano. Tinha que preparar uma folha com informações em separado para Pierre Solway, em inglês, porque Solway também cuidava dos

impostos dos Ripley nos Estados Unidos. Era tudo uma confusão. A papelada era a maldição da população francesa, e até mesmo o mais humilde cidadão tinha que preencher dezenas de formulários para conseguir receber o seguro-saúde estatal. Do jeito que gostava de matemática ou de simples aritmética, Tom se entendia em copiar as despesas do mês passado, e olhava para a folha de papel esverdeado, com a eficiente disposição de campos, renda na parte de cima, despesas na parte de baixo, e xingava-a com veemência. Mais um pouco e ele teria completado uma hora de trabalho e acabaria tudo. Estava fazendo o mês de julho, que deveria ter terminado no fim desse mês, e agora já estavam no fim de agosto.

Tom pensava em Frank, que estava escrevendo seu relato sobre o último dia do pai. De vez em quando, Tom ouvia o fraco barulho das teclas da máquina de escrever. O garoto a levava para o quarto. Em determinado momento, Tom escutou um profundo suspiro de Frank. Será que ele estava angustiado? Havia períodos tão longos de silêncio da máquina de escrever que Tom se perguntava se o garoto estava escrevendo uma parte à mão.

Juntando sua pequena pilha de recibos — contas de telefone, eletricidade, água, conserto de carro —, Tom sentou-se para o ataque final, disposto a terminar. Enfim terminou, e o formulário e os recibos foram parar em um envelope de papel manilha que seria guardado em um envelope maior com os outros relatórios mensais para Pierre Solway. Só não iam os cheques cancelados, que ficavam com o banco francês. Tom colocou o envelope grande em uma das gavetas da escrivaninha e levantou-se com uma sensação de alegria e dever cumprido.

Espreguiçou-se. E bem naquele momento um dos discos de rock de Heloise começou a tocar lá embaixo. Exatamente do que ele precisava! Era Lou Reed. Tom entrou no banheiro e lavou o rosto com água fria. Que horas eram? Seis e cinquenta e cinco, já! Decidiu contar a Heloise sobre Eric.

Nesse exato momento Frank saiu do quarto. “Ouvi a música”, disse ele a Tom no corredor. “É o rádio? Não, é um disco, não é?”

“De Heloise”, respondeu Tom. “Vamos descer.”

O garoto havia trocado o suéter por uma camisa, e a parte de trás estava para fora da calça. Ele desceu a escada com um sorriso feliz, como se estivesse em um transe, pensou Tom. A música realmente o tocara.

O volume da música de Heloise estava bastante alto, e ela dançava sozinha, movimentando os ombros, mas parou envergonhada quando viu Tom e o garoto descendo a escada, e diminuiu o volume.

“Não precisa abaixar por minha causa! Eu gosto assim”, disse Frank.

Tom podia ver que eles iam se dar bem em relação a música e dança. “Acabei os malditos formulários!”, anunciou Tom em voz alta. “Já está vestida? Está linda!” Heloise usava um vestido azul-claro com um cinto de couro preto e sapatos de salto alto.

“Telefonei para Agnès. Ela disse para eu ir mais cedo para podermos conversar”, disse Heloise.

Frank olhou novamente para Heloise com admiração. “Gosta desse disco?”

“Gosto, sim!”

“Eu sempre o escuto quando estou em casa.”

“Pode dançar, se quiser”, disse Tom animado, mas viu que Frank estava um pouco constrangido naquele momento. Que vida para um garoto, pensou ele, escrevendo sobre assassinato minutos atrás e agora mergulhado em rock. “Fez algum progresso esta tarde?”, perguntou Tom em voz baixa.

“Sete páginas e meia. Um pouco escrito à mão. Alternei com a máquina.”

Heloise, que estava perto do toca-discos, não ouviu as palavras do garoto.

“Heloise”, disse Tom, “vou receber um amigo de Reeves amanhã à noite. Ele só vai passar a noite aqui. Billy pode ficar no meu quarto, e eu durmo com você.”

Heloise virou o rosto bonito e maquiado para Tom. “Quem é?”

“Reeves disse que o nome é Eric. Vou buscá-lo em Moret. Não temos nenhum compromisso para amanhã à noite, temos?”

Ela balançou a cabeça negativamente. “Acho que já vou indo.” Foi até a mesinha do telefone, onde havia deixado a bolsa, e tirou uma

capa de chuva transparente do armário do corredor, pois o tempo parecia instável.

Tom acompanhou-a até a Mercedes-Benz. “A propósito, querida, não comente com os Graís que estamos hospedando alguém. Não diga nada sobre o garoto americano. Diga que vou ficar esperando um telefonema esta noite. Só isso.”

O rosto dela iluminou-se com uma idéia repentina. “Você, por acaso, está *escondendo* Billy? Para fazer um favor a Reeves?” Ela falava através da janela aberta do carro.

“Não, querida. Reeves nunca ouviu falar de Billy! Billy é só um garoto americano que vai fazer alguns serviços de jardinagem para nós. Mas você conhece muito bem o burguês esnobe que é Antoine. ‘Colocar um jardineiro no seu quarto de hóspedes!’ Divirta-se.” Tom inclinou-se e beijou-a no rosto. “Promete?”, perguntou ele.

Queria que ela promettesse não dizer nada sobre Billy, e pôde ver pelo sorriso tranqüilo e satisfeito dela, e pelo movimento da cabeça, que ela havia prometido. Ela sabia que Tom de vez em quando fazia favores para Reeves; tinha uma vaga idéia sobre alguns, mas nenhuma a respeito de outros. De certa forma, aqueles favores significavam dinheiro em caixa, e era isso que importava. Tom havia aberto os portões para ela, e acenou quando ela os atravessou e virou à direita.

Por volta das nove e quinze daquela noite Tom estava deitado na cama, sem sapatos, lendo o manuscrito, ou relato, de Frank.

Aquele sábado, 22 de julho, começou como um dia comum para mim. Nada de extraordinário. O sol brilhava e era o típico dia que todos chamam de lindo, no que se refere ao tempo. Agora, acho aquele dia duplamente estranho, porque eu não tinha a menor idéia sobre como ele iria acabar. Eu não tinha planos para nada. Lembro-me de que, por volta das três da tarde, Eugene me perguntou se eu queria jogar tênis, já que não tínhamos visitantes (convidados) e ele tinha tempo livre. Eu disse que não, não sei por que disse isso. Tentei telefonar para Teresa, e a mãe dela disse que ela havia saído (Bar Harbor) e que talvez só voltasse para casa depois da meia-noite. Senti muito ciúme, imaginando com quem ela estaria, com um monte de pessoas ou só com uma, o sentimento era o mesmo. Decidi que iria

para Nova York no dia seguinte, de qualquer jeito, mesmo que não pudesse usar o nosso apartamento, que ficava fechado durante o verão, com panos sobre os móveis e tudo mais. Eu ia telefonar para Teresa e convencê-la a ir para Nova York, e poderíamos ou ficar muitos dias em um quarto de hotel ou ela poderia ficar comigo no apartamento de Nova York. Eu queria tomar uma atitude, e NY parecia excelente para sugerir a ela, um lugar ótimo para se desejar ir. Eu já poderia ter ido para Nova York, a não ser pelo fato de que meu pai queria que eu tivesse umas “conversas” com um sujeito chamado Bumpstead ou alguma coisa com esse som, que ia passar algumas semanas de férias em Hyannisport. Esse Bumpstead é um homem de negócios de uns trinta anos, segundo disse meu pai. Tenho certeza de que ele achava que uma pessoa de trinta anos seria jovem o bastante para me converter. O tal de Bumpstead ia chegar no dia seguinte. Acabou não vindo por causa do que aconteceu.

(Nesse ponto Frank havia mudado para uma caneta esferográfica.)

Mas eu estava tentando pensar em coisas maiores, na minha vida toda, se pudesse. Estava tentando fazer um balanço da minha vida, como diz Maugham em um livro que batizei de O balanço, mas não estou muito certo de que poderia fazê-lo ou que teria fôlego para isso. Eu andava lendo contos de Somerset Maugham (muito bons), e eles pareciam abranger tudo, em poucas páginas. Tentei pensar em qual é o propósito da minha vida, como se, é claro, minha vida tivesse um significado, o que não é necessariamente o caso. Tentei pensar no que eu queria da vida, e só consegui pensar em Teresa, porque fico tão feliz quando estou com ela, e ela parece feliz também, e eu pensei que se estivéssemos juntos poderíamos chegar a alguma coisa que pudesse ser chamada de um significado, ou felicidade, ou de um avanço. Sei que quero ser feliz e acho que todas as pessoas deveriam ser felizes, e não aprisionadas por alguma coisa ou por alguém. Com isso quero dizer que elas têm que estar satisfeitas fisicamente e em relação à maneira como vivem. Mas

(Frank havia riscado a palavra “mas” e mudado para a máquina de escrever novamente.)

Eu me lembro que, depois do almoço, Tal, o amigo de minha mãe, estava conosco, e meu pai, como sempre, fez alguma observação sobre mandar consertar o grande relógio de meu avô que fica no corredor. Está parado há um ano, e papai sempre falava em mandar consertá-lo, mas não confiava em nenhum dos profissionais da região e também não queria mandá-lo para NY. É um relógio antigo da família. Eu estava entediado durante o almoço. Minha mãe e Tal conseguiram dar boas risadas, mas eles têm suas próprias piadas sobre pessoas que conhecem em NY.

Depois do almoço ouvi meu pai na biblioteca gritando ao telefone com alguém em Tóquio. Fiquei esperando no hall. Meu pai disse que tinha um assunto para conversar comigo. Por fim, descobri que ele queria que eu fosse à biblioteca lá pelas seis da tarde. Achei que ele poderia ter me dito isso durante o almoço. Então fui para o meu quarto, sentindo raiva. Os outros começaram a jogar croqué no gramado lateral.

Eu detestava meu pai, admito isso, e ouvi falar que muitas pessoas detestam os próprios pais. Isso não quer dizer que uma pessoa tenha que matar o pai. Acho que ainda sou incapaz de perceber o que fiz, e por esse motivo posso andar por aí como um ser humano mais ou menos comum, embora não devesse, e por dentro me sinto diferente, tenso, e talvez nunca venha a superar isso. É por esse motivo que, depois de ter feito o que fiz, resolvi procurar T. R., que, por algum motivo, me interessava muito. Isso, em parte, se devia ao mistério do quadro de Derwatt. Minha família tem um Derwatt, e alguns anos atrás meu pai ficou interessado quando surgiu a suspeita de que alguns dos quadros de Derwatt eram falsificações. Eu devia ter uns catorze anos. Havia diversos nomes mencionados nos jornais, principalmente nomes ingleses em Londres, Derwatt morava no México, e eu estava lendo muita coisa de espionagem naquela época, interessei-me por aquilo tudo e fui à grande biblioteca em NY e consultei os registros de todos aqueles nomes nos arquivos de jornais, da maneira que os investigadores fazem. As menções a T. R. pareciam ser as mais interessantes, um americano morando na Europa, havia morado na Itália, alguma coisa sobre um amigo ter lhe deixado sua

renda ao morrer — o que indica que gostava de T. R. — e também alguma coisa sobre um americano desaparecido de nome Murchinson, relacionado com o mistério de Derwatt, o americano tendo desaparecido depois de uma visita à casa de T. R. Achei que T. R. também poderia ter matado alguém, apenas uma hipótese, mas de qualquer forma ele não parecia durão o bastante, nem tinha jeito de valentão, porque havia duas fotos dele nos jornais que vi. Ele tinha ótima aparência e não parecia ser cruel. E parecia não haver prova alguma de que tivesse matado alguém.

(Neste ponto Frank pegou a caneta novamente.)

Naquele dia me perguntei, e não era a primeira vez que o fazia, por que eu deveria aderir ao velho sistema, que já havia matado os idiotas que aderiram a ele? Já havia matado ou iria matar muitos deles, por suicídio, colapsos nervosos, talvez por simples insanidade? Johnny já havia recusado incondicionalmente, e ele era mais velho do que eu, portanto acho que devia saber o que estava fazendo. Por que eu não seguia Johnny, em vez de meu pai?

Esta é uma confissão, e eu agora confesso a uma única pessoa, T. R., que matei meu pai. Eu empurrei a cadeira dele no penhasco. Às vezes não consigo acreditar que fiz isso, mas eu sei que fiz. Já li sobre covardes que não querem enfrentar aquilo que fizeram. Não quero ser um deles. Às vezes me vem um pensamento cruel: meu pai já havia vivido o bastante. Ele era cruel e frio com Johnny e comigo — na maior parte do tempo. Ele poderia ter mudado, tudo bem. Mas tentou nos dobrar ou nos mudar. Ele teve sua vida, duas esposas, namoradas no passado, dinheiro a rodo, luxo. Há onze anos ele não conseguia andar, porque um “inimigo comercial” tentou matá-lo a tiros. Será que aquilo que eu fiz é tão ruim?

Estou escrevendo esta linhas só para T. R., porque ele é a única pessoa no mundo para quem eu contaria o que contei. Sei que ele não me detesta, porque neste momento estou sob seu teto e ele está me oferecendo sua hospitalidade.

Quero ser livre e me sentir livre. Só quero ser livre e ser eu mesmo, seja lá o que isso for. Acho que T. R. é livre em espírito, em suas

atitudes. Ele também parece ser gentil e educado com as pessoas. Acho que vou parar por aqui. É o bastante.

Música é legal, qualquer tipo de música, clássica ou qualquer outra. É bom não estar em nenhum tipo de prisão. É bom não manipular outras pessoas.

Frank Pierson

A assinatura era firme e clara, e sublinhada com o que parecia uma tentativa de fazer um traço. Tom suspeitou que aquele traço não era habitual para Frank.

Tom estava comovido, mas esperava uma descrição do exato instante em que Frank empurrara o pai sobre a beira do penhasco. Será que era esperar demais? Será que o garoto havia apagado aquilo da memória, ou será que era incapaz de colocar em palavras o instante da violência — o que demandaria uma análise e também uma descrição da ação física? Era provável, pensou Tom, que um saudável impulso de autopreservação impedisse Frank de voltar mentalmente para aquele momento. E Tom teve que admitir para si próprio que não se importaria nem um pouco de analisar ou de reviver os sete ou oito assassinatos que havia cometido, o pior indiscutivelmente sendo o primeiro, o de Dickie Greenleaf, quando batera naquele jovem até a morte com um remo. Havia sempre um segredo curioso, e um certo horror, em tirar a vida de outro ser. As pessoas talvez não quisessem encarar isso, simplesmente porque não conseguiam entender o que significava. Era tão fácil matar alguém, conjecturou Tom, se a pessoa fosse um assassino contratado para matar o membro de alguma gangue ou um inimigo político a quem não se conhece pessoalmente. Mas Tom conhecera Dickie muito bem, e Frank conhecera o pai. Talvez o bloqueio mental fosse resultado disso, ou pelo menos é o que Tom imaginava. De qualquer forma, ele não pretendia pressionar o garoto ainda mais.

Mas Tom sabia que o garoto iria estar ansioso para ouvir a opinião dele sobre o relato, iria querer, no mínimo, uma palavra elogiosa por sua honestidade, e Tom realmente achava que o garoto havia tentado ser honesto.

Frank estava na sala de visitas. Tom ligara a televisão para ele depois do jantar, mas era evidente que Frank se entediara (o que era muito provável em uma noite de sábado), porque colocara o disco de Lou Reed para tocar de novo, ainda que não tão alto quanto Heloise. Tom desceu, deixando no quarto as páginas escritas pelo garoto.

O garoto estava deitado no sofá amarelo, os pés cuidadosamente para fora para não sujar o cetim, as mãos apoiando a cabeça, os olhos fechados. Ele nem sequer ouviu Tom descer a escada. Ou será que estava dormindo?

“Billy?”, disse Tom, mais uma vez tentando fixar “Billy” na mente pelo tempo que ainda fosse necessário.

Frank sentou-se imediatamente. “Sim, senhor?”

“Acho que o que você escreveu está muito bom... interessante até onde vai.”

“Acha? O que quer dizer com ‘até onde vai?’”

“Eu estava esperando...” Tom olhou para a cozinha, mas pôde ver, pela porta entreaberta, que as luzes já estavam apagadas. No entanto, decidiu não seguir em frente com o comentário. Por que forçar seus próprios pensamentos na mente de um garoto de dezesseis anos? “Ainda assim, no momento em que você o empurrou, quando correu para a beira do penhasco...”

O garoto balançou a cabeça rapidamente. “É um espanto que eu mesmo não tenha caído. Penso muito nisso.”

Tom podia imaginar isso, mas não era o que queria dizer. O que tinha em mente era a percepção de que ele havia interrompido a vida de outra pessoa. Se até aquele momento o garoto conseguira escapar àquele mistério, ou à perplexidade que vinha dele, tanto melhor, porque o que ele poderia ganhar por refletir a respeito e, finalmente, entender o que havia acontecido? E será que isso era possível?

Frank esperava que Tom dissesse mais alguma coisa, mas ele ficou calado.

“O senhor já matou alguém?”, perguntou o garoto.

Tom aproximou-se do sofá, para relaxar e para se afastar dos aposentos de Mme. Annette. “Já.”

“Mais de um?”

“Para ser sincero, sim.” O garoto devia ter vasculhado muito bem o dossiê de Tom nos arquivos de jornais da Biblioteca Pública de Nova York, além de ter usado um pouco de imaginação. Desconfianças, boatos, nada mais, nenhuma acusação direta contra ele, e Tom sabia disso. A morte de Bernard Tufts na encosta de uma montanha perto de Salzburgo, por incrível que pareça, era o mais próximo que ele chegara de ser acusado de alguma coisa, e Bernard — que Deus lhe guardasse a alma — havia se suicidado.

“Não creio que eu consiga entender o que fiz até agora”, disse Frank em uma voz que mal se ouvia. Agora estava com o cotovelo esquerdo apoiado no braço do sofá, uma posição mais relaxada que a de alguns minutos antes, mas longe de estar realmente relaxado. “Será que algum dia vou entender?”

Tom deu de ombros. “Talvez nós não consigamos enfrentar.” O “nós” teve um significado especial para Tom naquele momento. Ele não estava falando com um assassino contratado, e ele já havia conhecido alguns.

“Espero que o senhor não se importe por eu ter colocado esse disco de novo. Eu costumava ouvi-lo com Teresa. Ela tem. Nós dois temos o disco. Então...”

O garoto não conseguiu continuar, mas Tom entendeu, e ficou satisfeito por ver que o rosto de Frank estava mais inclinado à autoconfiança, e até mesmo a dar um sorriso, do que a lágrimas ou a algum colapso nervoso. *E que tal ligar para Teresa agora, Tom quis dizer, e se você colocasse a música bem alto e dissesse a ela que está bem e que está indo para casa?* Mas já havia dito isso a Frank antes e não dera em nada. Tom puxou uma das cadeiras estofadas. “Veja bem, Frank... se ninguém suspeita de você, você não tem motivos para se esconder. Quem sabe agora, que já escreveu a respeito, você possa voltar para casa... em breve. O que acha?”

Os olhos de Frank fixaram-se nos de Tom. “Só preciso ficar com o senhor por mais alguns dias. Posso trabalhar, sabe? Não quero ser um estorvo na casa. A não ser que ache que eu posso representar algum perigo para o senhor.”

“Não.” Na verdade havia alguma possibilidade de risco, mas Tom não saberia explicar exatamente o porquê, a não ser pelo fato de o

nome Pierson ser perigoso, porque poderia atrair seqüestradores. “Vou arranjar um passaporte novo para você... deve estar pronto na semana que vem. Com um nome diferente.”

Frank sorriu como se Tom lhe tivesse dado um presente de surpresa. “É mesmo? Como?”

Mais uma vez Tom olhou desnecessariamente para a cozinha. “Na segunda-feira vamos a Paris tirar uma fotografia nova. O passaporte será feito em... Hamburgo.” Tom não gostava de revelar seu contato em Hamburgo, Reeves Minot. “Eu encomendei hoje. Aquele telefonema durante o almoço. Você vai ter um nome americano diferente.”

“Ótimo!”, disse Frank.

O disco mudou para a faixa seguinte, um ritmo diferente, mais simples. Tom percebeu o rosto sonhador do garoto. Será que estava pensando na nova identidade que teria, ou na linda garota chamada Teresa? “Teresa também está apaixonada por você?”, perguntou Tom.

Frank ergueu um dos lados da boca, mas não chegou a sorrir. “Ela não *diz* isso. Disse só uma vez, há algumas semanas. Mas tem uns outros sujeitos... não que ela goste deles, mas eles estão sempre por perto. Acho que já contei ao senhor que sei que a família dela tem uma casa perto de Bar Harbor... e também um apartamento em Nova York. Por isso eu sei. É melhor não ficar falando muito sobre o que eu sinto... em relação a ela ou a qualquer outra pessoa. Mas ela sabe.”

“Ela é sua única namorada?”

“Ah, sim.” Frank sorriu. “Não consigo me imaginar gostando de duas garotas ao mesmo tempo. Só um pouco, talvez. Mas não de verdade.”

Tom deixou-o ouvindo música.

No quarto, já de pijama, Tom estava lendo *Christopher and his kind*, de Christopher Isherwood, quando ouviu um carro entrando em Belle Ombre. Era Heloise. Olhou para o relógio: cinco para a meia-noite. Frank ainda estava lá embaixo, ouvindo música, quase em transe, supôs Tom, e esperou que o garoto estivesse feliz. Tom ouviu o carro ser acelerado antes que o motor fosse desligado, e percebeu que não era Heloise. Pulou da cama, agarrou o roupão e vestiu-o rapidamente enquanto descia a escada. Entreabriu a porta e viu o Citroën creme de Antoine Grais parado na área de pedregulho em frente à casa. Heloise desceu do banco do passageiro. Tom fechou a porta e virou a chave.

Frank estava em pé na sala de visita e parecia preocupado.

“Suba”, disse Tom. “É Heloise. Trouxe um visitante. É só subir e fechar a porta do quarto.”

O garoto saiu correndo.

Tom caminhou em direção à porta no exato instante em que Heloise girou a maçaneta. Destrancou a porta, e Heloise entrou, acompanhada por um Antoine bastante sorridente. Tom percebeu que os olhos de Antoine estavam voltados para a escada. Teria ouvido alguma coisa? “Como vai, Antoine?”, perguntou Tom.

“Tome, que coisa mais estranha!”, disse Heloise em francês. “O carro não queria dar partida, de jeito nenhum! Então Antoine fez a gentileza de me trazer para casa. Entre, Antoine! Ele acha que é só...”

A voz de barítono de Antoine interrompeu-a: “Acho que é um cabo solto na bateria. Já dei uma olhada. Precisa de uma chave das grandes e uma limpeza com uma lima. Mas eu não tenho nem uma coisa nem outra, ha-ha! E como vai você, Tome?”.

“Muito bem, obrigado.” Eles agora estavam na sala de visitas, onde a música ainda estava tocando. “Quer tomar alguma coisa, Antoine?”, perguntou Tom. “Sente-se.”

“Ah, hoje não tem música de cravo”, disse Antoine, referindo-se ao toca-discos, e ele parecia estar farejando o ar como se esperançoso de descobrir algum odor. Tinha cabelos pretos um pouco grisalhos e uma figura atarracada, que girou na ponta dos pés.

“Qual o problema com rock?”, perguntou Tom. “Meus gostos são bastante abrangentes, espero.” Enquanto observava os olhos de Antoine passearem pela sala de visitas, procurando alguma pista sobre o tipo de pessoa que possivelmente poderia ter subido a escada, Tom lembrou-se de uma discussão tediosa que ele e Antoine tiveram a respeito da estrutura azul-clara, semelhante a um tubo de borracha, chamada de Centre Pompidou ou Beaubourg. Tom a detestava, Antoine a defendia, dizendo que ela era “nova demais” para que os olhos não treinados de Tom (esse era o raciocínio) pudessem apreciá-la.

“Você está com uma visita? Desculpe incomodar”, disse Antoine. “Homem ou mulher?” O comentário era para ser uma piada, mas tinha embutida uma desagradável curiosidade.

Tom poderia tê-lo esmurrado com prazer, mas apenas sorriu, os lábios apertados, e disse: “Adivinhe”.

Enquanto isso, Heloise estava na cozinha, e apareceu pouco depois trazendo café para Antoine. “Aqui está, Antoine, querido. Para ajudá-lo a ficar acordado na volta.”

O abstinente Antoine havia bebido apenas um pouco de vinho durante o jantar.

“Sente-se, Antoine”, disse Heloise.

“Não, querida, estou bem assim”, ele respondeu, bebericando o café. “Sabe, vimos a luz acesa em seu quarto, e a luz da sala de visitas acesa também, então... eu me convidei para entrar.”

Tom balançou a cabeça com educação, como se fosse um pato de brinquedo. Será que Antoine estava pensando que um garoto ou garota havia fugido para o quarto de Tom e que Heloise era conivente com isso? Tom cruzou os braços, e nesse instante o disco chegou ao final.

“Tome pode me levar a Moret amanhã, Antoine”, disse Heloise. “Vamos falar com Marcel, o mecânico, e levá-lo à sua casa para pegar o carro. Você o conhece?”

“Conheço muito bem, Heloise.” Antoine colocou a xícara de café na mesa, eficiente como sempre, até mesmo para beber café rapidamente. “Agora preciso ir embora. Boa noite, Tome.”

Antoine e Heloise trocaram beijinhos franceses à porta, um de cada lado do rosto. Tom odiava aquilo. Não os beijos franceses no sentido americano, é claro. Não havia nada de sensual naqueles beijos, eram apenas tolos. Será que Antoine conseguira ver um pedaço das pernas de Frank subindo correndo a escada? Tom concluiu que não. “Então Antoine acha que eu talvez tenha uma namorada!”, disse Tom com um risinho depois que Heloise fechou a porta.

“É claro que não! Mas por que você está escondendo Billy?”

“Eu não o estou escondendo, ele é quem está se escondendo. Ficou envergonhado até na frente de Henri, ora essa! De qualquer forma, querida, pode deixar que eu cuido do carro... na terça.” Tinha que ser na terça porque o dia seguinte era domingo, e na segunda-feira a oficina que usavam estava fechada, como a maioria das oficinas mecânicas francesas, visto que ficavam abertas aos sábados.

Heloise tirou os sapatos de salto alto e ficou descalça.

“Foi boa a noite? Outras pessoas por lá?” Tom guardou um disco na capa.

“Um casal de Fontainebleau, um outro arquiteto... mais jovem que Antoine.”

Tom mal estava ouvindo. Pensava nas páginas escritas por Frank sobre sua escrivaninha, no lugar onde costumava ficar a máquina de escrever. Heloise estava subindo a escada. Ela usava o banheiro dele na maioria das vezes, porque o garoto estava no quarto de hóspedes. Mas Tom continuou guardando os discos — faltava só mais um. Heloise não tinha o costume de parar e olhar folhas escritas que estivessem sobre a escrivaninha. Tom apagou as luzes da sala de visitas, trancou a porta da frente e subiu. Heloise estava em seu próprio quarto, trocando de roupa, supôs Tom. Ele pegou as folhas escritas pelo garoto, prendeu-as com um clipe e enfiou-as na gaveta de cima do lado direito da escrivaninha. Depois, pensando melhor, colocou-as em uma pasta marcada “Particular”. O garoto teria que se livrar daquelas páginas, a despeito de seu mérito literário, pensou Tom. Iria queimá-las. Amanhã. Com o consentimento do garoto, é claro.

No dia seguinte, um domingo, Tom levou Frank para um passeio nos bosques de Fontainebleau, a oeste, um lugar onde quase não havia andarilhos e turistas, e que Tom sabia que o garoto ainda não havia visitado. Heloise não quis ir, preferiu tomar sol e ler um romance que Agnès Grais lhe emprestara. Para uma loira, Heloise conseguia um ótimo bronzeado. Ela nunca exagerava nos banhos de sol, mas às vezes sua pele ficava um pouco mais escura que o cabelo. Talvez seus genes estivessem misturados de maneira adequada, porque a mãe era loira e o pai, evidentemente, moreno, porque tinha o cabelo, ou o que havia sobrado dele, castanho-escuro com um círculo grisalho no meio, que para Tom sugeria um ar de santidade, embora nada estivesse mais distante da verdade.

Perto do meio-dia, Tom e Frank seguiam de carro em direção a Larchant, um vilarejo sossegado muitos quilômetros a oeste de Villeperce. A catedral em Larchant havia sido semidestruída por alguns incêndios desde o século x. As casinhas, todas muito juntas umas das outras em alamedas de paralelepípedos, pareciam ilustrações de livro infantil; chalés tão pequenos para abrigar um casal que faziam Tom pensar que talvez fosse interessante viver sozinho de novo. Mas quando é que ele realmente havia vivido sozinho? Com a idiota da tia Dottie — idiota para qualquer coisa, menos em relação a dinheiro —, desde a infância até deixar o apartamento dela em Boston na adolescência, depois apartamentos vagabundos em Manhattan por períodos curtos, até se arranjar com amigos mais ricos que sempre tinham um quarto de hóspedes ou um sofá na sala de visitas. E depois disso Mongibello e Dickie Greenleaf, quando tinha vinte e seis anos. E por que será que tudo isso passara por sua cabeça enquanto ele observava o interior bege e empoeirado da catedral de Larchant?

Não havia mais ninguém na catedral além deles. Larchant atraía poucos turistas, e Tom não receava que Frank pudesse ser descoberto ali. Tom teria se preocupado se estivessem no castelo em Fontainebleau, por exemplo, com seus visitantes internacionais, e provavelmente Frank já o visitara, mas Tom não confirmou isso.

Em um balcão vazio perto da porta, Frank pegou alguns cartões-postais da catedral e colocou a devida quantia pela abertura de uma caixa de madeira. Então, vendo que sua mão ainda estava cheia de moedas, colocou tudo pela abertura.

“Sua família vai à igreja?”, perguntou Tom enquanto descia uma íngreme ladeira de paralelepípedos em direção ao carro.

“Nã-ã-ão!”, disse Frank. “Meu pai sempre dizia que a igreja é um atraso cultural, e minha mãe acha tudo um tédio. Nem à força ela iria.”

“Sua mãe está apaixonada por Tal?”

Frank olhou para Tom e riu. “Apaixonada? Minha mãe fica na dela. Talvez ela esteja. Mas nunca faz papel de boba, nunca demonstra nada. Ela foi atriz, sabe? Acho que ela consegue representar até mesmo na vida real.”

“Você gosta de Tal?”

Frank deu de ombros. “Não tenho problemas com ele. Já vi piores. É do tipo esportista, fisicamente muito forte, considerando-se que é advogado. Eu procuro não me meter na vida deles, entende?”

Tom ainda estava curioso sobre a possibilidade de a mãe de Frank se casar com Talmadge Stevens, mas por qual motivo? Frank era mais importante e, até onde Tom podia perceber, ele não se importava com o dinheiro da família, caso sua mãe e Tal, por alguma razão, talvez até desconfiança de parricídio, decidissem deserdá-lo.

“Aqueles páginas que você escreveu”, disse Tom, “têm que ser destruídas, você sabe. É perigoso guardá-las, não acha?”

O garoto, que observava os próprios passos, pareceu hesitar. “Sim”, disse ele com firmeza.

“Se alguém as encontrasse, não daria para você dizer que é apenas um conto, com todos aqueles nomes escritos.” É claro que ele poderia fazer isso, pensou Tom, mas seria loucura. “Ou você está pensando em confessar?”, perguntou Tom, a entonação da voz dando a entender que aquilo seria loucura total, fora de questão.

“Ah, não. *Não*.”

A força da negativa agradou Tom. “Está bem. Com a sua permissão, vou me livrar daquelas folhas ainda hoje. Talvez você queira lê-las mais uma vez.” Tom estava abrindo a porta do carro.

O garoto balançou a cabeça. “Acho que não. Eu já li tudo.”

Depois do almoço em Belle Ombre, Tom foi para o jardim (porque Heloise estava estudando cravo na sala de visitas, onde ficava a lareira) levando as folhas que dobrara duas vezes. Frank estava trabalhando com a pá perto da estufa, usando o jeans que Mme. Annette havia lavado na máquina e passado a ferro para ele. Tom queimou as folhas em um canto do jardim, perto de onde começava o bosque.

Pouco antes das oito da noite, Tom foi de carro até Moret para buscar Eric Lanz, o amigo de Reeves, na estação ferroviária. Frank quis ir com ele, para aproveitar o passeio e voltar a pé, e insistiu em chegar a Belle Ombre andando. Relutante, Tom havia concordado. E dissera a Heloise antes de sair: “Billy vai jantar no quarto esta noite. Ele não quer encontrar ninguém que seja estranho, e eu também não quero que esse amigo de Reeves o encontre”. Heloise dissera: “É mesmo? E por quê?”, e Tom respondera: “Porque pode ser que ele tente convencer o garoto a fazer algum servicinho para ele. Não quero que o garoto se meta em encrencas, mesmo se ganhar bem para isso. Você sabe como é o Reeves e o pessoal dele.” De fato, Heloise sabia, e diversas vezes Tom lhe havia dito: “Reeves é útil... às vezes”, o que significava que Reeves podia prestar alguns serviços que, às vezes, eram muito necessários, como providenciar passaportes, agir como intermediário, oferecer uma casa segura em Hamburgo. Às vezes Heloise entendia parte do que estava acontecendo, e a outra parte ela não sabia, não queria saber. Tanto melhor. Dessa forma, o pai intrometido não conseguiria tirar muita coisa dela.

Em uma clareira à beira da estrada, Tom encostou e desligou o carro. “Agora vamos fazer um trato, Billy. Você está a uns três ou quatro quilômetros de Belle Ombre, é uma bela caminhada. Não quero que vá comigo até Moret.”

“Certo.” O garoto começou a abrir a porta do carro.

“E tem mais isto. Espere um pouco.” Tom tirou uma caixa achatada do bolso da calça. Era maquiagem que havia tirado do quarto de

Heloise. “Não quero que esse sinal fique aparecendo.” Colocou um pouco do produto sobre o rosto do garoto e esfregou levemente.

Frank sorriu. “Fico me sentindo um bobo com isso.”

“Guarde com você. Não acho que Heloise vá sentir falta, ela tem tantos. Vou voltar um quilômetro.” Tom fez a volta com o carro. Quase não havia tráfego.

O garoto não disse nada.

“Quero que você chegue em casa antes de mim. Não quero que entre pela porta da frente.” Tom parou o carro a apenas um quilômetro de Belle Ombre. “Bom passeio. Madame Annette colocou seu jantar em meu quarto... ou vai colocar. Eu disse a ela que você queria dormir cedo. Fique no quarto. Está bem, Billy?”

“Sim, senhor.” Agora o garoto sorriu e, acenando a mão para Tom, começou a andar na direção de Belle Ombre.

Mais uma vez, Tom virou o carro e rumou para Moret. Chegou no exato momento em que o trem de Paris desembarcava seus passageiros. Tom sentiu-se um pouco incomodado, porque Eric Lanz sabia como ele era, mas ele não tinha a menor idéia de como era Eric. Tom caminhou lentamente na direção do portão de saída, onde um bilheteiro baixinho e com o uniforme puído, usando um boné, examinava a passagem de todos para ver se era válida naquele dia, embora Tom achasse que três quartos dos passageiros franceses, fossem estudantes, idosos, funcionários públicos ou feridos de guerra, viajavam pagando meia passagem. Não é de admirar que as ferrovias francesas vivessem na bancarrota. Tom acendeu um Gauloise e olhou para o céu.

“Se-nhoor...”

Tom desviou os olhos do céu azul para o rosto sorridente de um homem baixo, de lábios rosados e bigode preto, que usava um horrível paletó xadrez e uma gravata de listras berrantes. Usava também óculos de armação preta. Tom esperou, sem dizer nada. O homem não parecia de forma alguma um alemão, mas nunca se sabia.

“Tom?”

“Sim, Tom.”

“Eric Lanz”, disse ele, inclinando-se de leve para a frente. “Como vai? Obrigado por vir me buscar.” Eric carregava duas sacolas de plástico

marrom, tão pequenas que seriam consideradas bagagem de mão em um avião. “Reeves manda lembranças!” O sorriso aumentou enquanto caminhavam na direção do carro de Tom, cuja posição Tom havia mostrado com um gesto. Eric Lanz falava com um leve sotaque alemão.

“Fez boa viagem?”, perguntou Tom.

“Sim! Eu sempre aprecio a França!”, disse Eric Lanz, como se estivessem indo para uma praia na Côte d’Azur, ou entrando em algum esplêndido museu de cultura francesa em algum lugar.

Tom sentia-se completamente mal-humorado, por alguma razão, mas e daí? Ele seria educado, ofereceria um jantar para Eric, um quarto e café-da-manhã. O que mais ele poderia querer? Eric não quis colocar as sacolas nem mesmo atrás dos bancos da frente da perua Renault, manteve-as junto aos pés. Tom rumou para casa.

“Ah-h”, resmungou Eric, arrancando o bigode falso. “Assim está melhor. E chega destes acessórios de Groucho Marx.”

Com o canto do olho, Tom percebeu que Eric havia tirado os óculos.

“Aquele Reeves! É de-mais, como dizem os ingleses! Dois passaportes por uma coisinha *destas*?” Eric Lanz passou a trocar os passaportes que estavam no bolso interno do paletó por alguma coisa que estava no fundo do que parecia ser um estojo de barbear que havia tirado de uma das horríveis sacolas plásticas.

Agora ele tinha no bolso o passaporte no qual se parecia mais consigo mesmo, supôs Tom. Qual seria seu verdadeiro nome? Será que o cabelo dele era realmente preto? O que mais fazia, além de serviços estranhos para Reeves? Arrombava cofres? Roubava jóias na Côte d’Azur? Tom preferiu não perguntar. “Você mora em Hamburgo?”, perguntou Tom em alemão, para ser educado e para treinar seu conhecimento da língua.

“*Nein!* Berlim Ocidental. Muito mais divertido”, disse Eric em inglês.

Talvez mais lucrativo também, pensou Tom, se o ramo de negócios do sujeito fosse drogas ou imigrantes ilegais. O que será que ele estava trazendo? Tom reparou que apenas seus sapatos pareciam ser de boa qualidade. “Você tem algum compromisso com alguém amanhã?”, perguntou Tom, novamente em alemão.

“Sim, em Paris. Devo sair de sua casa lá pelas oito da manhã, se esse horário for bom para você. É uma pena, mas Reeves não conseguiu

que o... o homem com quem devo me encontrar fosse até o aeroporto. Porque ele ainda não chegou. Não poderia vir.”

Chegaram a Villeperce. Visto que Eric Lanz parecia bastante sociável, Tom arriscou a pergunta:

“Trouxe alguma coisa para ele? O que é... se não se importa que eu pergunte?”

“Jóias!”, disse Eric Lanz, quase rindo. “Muu-uito bonitas. Pérolas... e eu sei que ninguém dá a mínima para elas hoje em dia, mas estas são reais. E também um colar de *Smaragd*! Esmeraldas!”

Ora, ora, pensou Tom, mas não disse nada.

“Gosta de esmeraldas?”

“Para ser sincero, não.” Tom realmente não gostava de esmeraldas, talvez porque Heloise, que tinha olhos azuis, não gostasse da cor verde. Tom também pensou que nunca se sentira atraído por mulheres que gostassem de esmeraldas ou usassem roupas verdes.

“Queria mostrá-las a você. Estou muito satisfeito por ter chegado aqui”, disse Lanz com ar de alívio, enquanto Tom cruzava os portões de Belle Ombre. “Agora posso finalmente ver a casa maravilhosa sobre a qual tanto fala o Reeves.”

“Você se importa de esperar aqui um momento?”

“Você tem convidados?” Eric Lanz pareceu ficar alerta.

“Não.” Tom puxou o freio de mão. Vira uma luz na janela de seu quarto e supôs que Frank estivesse lá. “Volto num segundo.” Tom saltou sobre os degraus da entrada e entrou na sala de visitas.

Heloise estava deitada de bruços no sofá amarelo, lendo um livro, os pés descalços apoiados no braço do sofá. “Está sozinho?”, perguntou ela, surpresa.

“Não, não, Eric está lá fora. Billy já voltou?”

Heloise sentou-se. “Está lá em cima.”

Tom saiu de novo para trazer Eric. Apresentou o alemão a Heloise e ofereceu-se para lhe mostrar o quarto. Mme. Annette entrou na sala de visitas nesse momento, e Tom disse: “Monsieur Lanz, madame Annette. Não precisa se preocupar, madame, eu mesmo mostro o quarto para o nosso hóspede”.

Lá em cima, no quarto que havia pouco era de Frank e onde agora não havia nenhum sinal do garoto, Tom perguntou: “Algum problema

por eu ter apresentado você à minha mulher como Eric Lanz?”.

“Ha-ha, é meu nome verdadeiro! É claro que, aqui, tudo bem.” Eric colocou as sacolas de plástico em pé ao lado da cama.

“Ótimo”, disse Tom. “O banheiro é ali. Desça logo e venha tomar um drinque conosco.”

Lá pelas dez horas daquela noite, Tom começou a se perguntar se havia realmente necessidade de Eric Lanz passar a noite em sua casa. Lanz embarcaria no trem das nove e onze da manhã do dia seguinte, de Moret a Paris, e podia sem problemas pegar um táxi até Moret, assegurou a Tom, se fosse melhor para Tom. No dia seguinte Tom iria de carro até Paris com Frank, mas não ia dizer isso a Eric.

Durante o café, Eric falou sobre Berlim, mas Tom não estava prestando muita atenção. A cidade era tão divertida! Muitos lugares abertos à noite. Todos os tipos de pessoas, *indivíduos*, sem amarras, havia de tudo um pouco. Poucos turistas, apenas alguns estrangeiros empertigados que tinham sido convidados para algum congresso. A cerveja era excelente. Lanz estava bebendo uma marca chamada Mützig, que podia ser comprada no supermercado de Moret, e ele a considerou melhor do que a Heineken. “Mas a melhor para mim é a Pilsener-Urquell... *vom Fass!*” Eric Lanz parecia admirar Heloise, esforçando-se ao máximo para agradá-la. Tom esperava que Eric não ficasse inspirado a ponto de mostrar as jóias para ela. Seria engraçado! Mostrar jóias a uma mulher bonita e depois pegá-las de volta por não poder dispor delas.

Agora Eric falava sobre possíveis greves nas fábricas alemãs que, se ocorressem, seriam as primeiras desde o período anterior a Hitler. Eric era detalhista, minucioso no relato. Levantou-se uma segunda vez para admirar o teclado bege e preto do cravo. Heloise, entediada a ponto de quase bocejar, pediu licença antes do café.

“Tenha uma boa noite de sono, monsieur Lanz”, disse ela, sorrindo, e subiu.

Eric Lanz continuou olhando para ela, com uma expressão no rosto de quem adoraria tornar sua noite de sono melhor ainda dividindo a cama com ela. Ficou em pé, quase caindo para a frente e inclinou-se levemente para cumprimentá-la. “Madame!”

“Como vai Reeves?”, perguntou Tom casualmente. “Ainda está naquele apartamento?” Tom deu uma risadinha. Reeves e Gaby, a empregada que trabalhava meio período, não estavam no apartamento quando ele fora bombardeado.

“Ainda está, e com a mesma empregada! Gaby! Ela é um amor. Corajosa! Bom, ela gosta do Reeves. Ele anima um pouco a vida dela, sabe?”

Tom mudou de assunto. “Posso ver as jóias que você mencionou?”, perguntou, pensando em aprender um pouco sobre o assunto.

“Por que não?” Eric Lanz levantou-se de novo, dando o que Tom esperava ser um último olhar para sua xícara vazia de café e seu copo vazio de Drambuie.

Subiram até o quarto de hóspedes. A luz acesa era visível sob a porta do quarto de Tom. Ele havia dito ao garoto para trancar a porta pelo lado de dentro, e Tom achava que Frank teria feito isso, já que era uma atitude drástica. Eric havia aberto uma das sacolas de plástico e remexia no fundo dela, talvez um fundo falso, e de lá tirou um embrulho em um tecido roxo parecido com veludo, que ele abriu sobre a cama. Dentro do embrulho estavam as jóias.

O colar de diamantes e esmeraldas não impressionou Tom. Ele nunca compraria aquilo, nem se tivesse tanto dinheiro, nem para Heloise, nem para ninguém. Havia também uns três ou quatro anéis, um deles com um diamante de bom tamanho, outro com uma esmeralda.

“E estes dois... safiras”, disse Eric Lanz, saboreando a palavra. “Não vou lhe dizer de onde vieram, mas são todos muito valiosos.”

Tom se perguntou se Elizabeth Taylor havia sido roubada recentemente. Era surpreendente, pensou ele, que as pessoas dessem tanto valor a objetos tão feios — até mesmo vulgares — como esse colar de diamantes e esmeraldas. Tom preferia ser dono de uma gravura de Dürer ou de um Rembrandt. Talvez seu gosto estivesse melhorando. Será que teria se impressionado com essas jóias quando tinha vinte e seis anos, quando estava com Dickie Greenleaf em Mongibello? Talvez, mas exclusivamente pelo valor monetário dos objetos. E isso era péssimo. Hoje em dia nem isso o impressionava. Ele

havia evoluído. Tom suspirou e disse: “Muito bonitas. E ninguém quis examinar as sacolas no Charles de Gaulle?”.

Eric deu uma risadinha. “Ninguém dá a mínima para mim. Com aquele bigode maluco e as roupas ridículas? É, ridículas, baratas e de mau gosto, ninguém presta atenção. Dizem que passar na alfândega é uma questão de técnica, de atitude. E eu tenho a atitude certa, sem ser displicente demais, mas nunca ansioso. É por isso que Reeves gosta de mim. Para levar e trazer as coisas para ele, é claro.”

“Para onde vão esses objetos?”

Eric estava embrulhando as jóias novamente no tecido roxo. “Não sei. Nem me preocupo com isso. Tenho um encontro amanhã em Paris.”

“Onde?”

Eric sorriu. “Em um lugar muito público. Na área de St. Germain. Mas não acho que eu lhe deva contar exatamente o lugar ou a hora”, disse ele em tom de provocação, e riu.

Tom sorriu também, indiferente. Aquilo tudo era uma tolice tão grande quanto o caso do conde italiano Bertolozzi. O conde passara uma noite em Belle Ombre, levando, sem saber, um microfilme em seu tubo de creme dental. Tom se lembrou de que, a pedido de Reeves, teve que roubar o tubo de creme dental que estava no banheiro que agora seria usado por Eric Lanz. “Você tem um relógio, ou devo pedir a madame Annette para acordá-lo?”

“Ah, eu tenho um despertador, obrigado. Podemos sair lá pelas oito? Eu preferiria não tomar um táxi, mas se for muito cedo para você...”

“Sem problemas”, interrompeu Tom com amabilidade. “Sou muito flexível quanto a horários. Durma bem, Eric.” Tom saiu, percebendo que Eric desconfiava que ele não tinha ficado muito impressionado com as jóias.

Tom se deu conta de que esquecera de pegar o pijama, e não gostava de dormir nu. A nudez poderia vir mais tarde da noite, se assim se quisesse, era o que ele pensava. Com alguma hesitação, bateu na porta de seu quarto com as pontas dos dedos. Uma luz ainda estava visível sob a porta. “Tom”, sussurrou ele junto ao batente, ouvindo os passos leves e provavelmente descalços do garoto.

Frank abriu a porta, com um sorriso largo.

Tom colocou o indicador na frente dos lábios, entrou, trancou a porta e sussurrou: “Desculpe, esqueci o pijama”. Foi até o banheiro e pegou o pijama e também seus chinelos.

“Ele chegou? Que tipo de pessoa é?”, perguntou Frank, indicando o quarto ao lado.

“Isso não importa. Amanhã depois das oito ele já terá ido embora. Você fica aqui até que eu volte de Moret. Está bem, Frank?” Tom reparou que o sinal no rosto do garoto estava novamente visível, porque Frank havia lavado o rosto ou tomado banho.

“Sim, senhor”, respondeu Frank.

“Boa noite.” Tom hesitou, mas em seguida deu um tapinha no braço do garoto. “Estou contente que você esteja a salvo em casa.”

Frank sorriu. “Boa noite, senhor.”

“Tranque a porta”, sussurrou Tom, antes de abrir a porta novamente e sair. Tom esperou o suficiente para ouvir o barulho da tranca. Sob a porta do alemão havia uma luz, e Tom ouviu um leve ruído de torneira aberta no banheiro, uma melodia sendo assobiada, e ele a reconheceu: *Frag’ Nicht warum ich weine* — uma valsinha delicada e sentimental! Tom teve que se curvar para conter o riso.

Tom parou na frente da porta de Heloise, perguntando-se de repente se e quando Johnny Pierson iria aparecer na França, acompanhado de um detetive particular, para procurar pelo irmão. Aquilo seria uma chatice, um pequeno problema. Amanhã, quando ele e o garoto fossem até a área onde ficava a embaixada americana, que era o lugar ideal para tirar fotos de passaporte, será que Johnny não estaria fazendo perguntas sobre o irmão na embaixada? Por que se preocupar, disse Tom a si mesmo, com algo que ainda não aconteceu? E se acontecesse? Por que ele esconderia Frank com tanto cuidado, só porque o garoto queria se esconder? Será que ele estava se tornando tão misterioso quanto Reeves Minot? Tom bateu na porta de Heloise.

“Entre”, disse Heloise.

Na manhã seguinte, Tom levou Eric Lanz, ainda sem bigode, até Moret para pegar o trem das nove e onze. Eric estava de bom humor, comentando sobre as áreas rurais por onde passaram de carro, e sobre

o milho inferior usado pelo gado, que poderia alimentar pessoas se fosse de melhor qualidade, a ineficiência do fazendeiro francês, completamente subsidiado.

“Ainda assim... é ótimo estar na França. Vou a algumas exposições de arte hoje, já que meu compromisso deverá terminar às... bem... cedo.”

Tom não dava a mínima para a hora do tal compromisso, mas havia pensado em visitar Beaubourg com Frank, porque estava acontecendo uma grande exposição chamada “Paris—Berlim”, e seria uma terrível coincidência se Eric estivesse lá quando ele e o garoto fossem, porque Eric podia muito bem saber do desaparecimento de Frank Pierson. Era curioso, pensou Tom, que nenhum jornal tivesse sugerido que Frank pudesse ter sido seqüestrado, embora, é claro, seqüestradores geralmente anunciassem bem rápido suas exigências de resgate. Era evidente que a família acreditava que Frank havia fugido por conta própria e continuava assim. Era uma oportunidade excelente para vigaristas exigirem dinheiro de resgate, afirmando estar com o garoto, quando isso não era verdade. E por que não? Tom sorriu com a idéia.

“Qual é a graça? Pensei que, para você que é americano, isso não seria muito engraçado”, disse Eric, tentando ser agradável, mas de maneira extremamente germânica. Ele estava falando sobre a queda do dólar, e a inadequação das políticas do presidente Carter, em comparação à administração sagaz do governo de Helmut Schmidt.

“Desculpe”, disse Tom, “eu estava pensando no comentário que Schmidt ou outra pessoa fez... ‘Os assuntos financeiros dos Estados Unidos estão agora nas mãos de completos amadores’.”

“Correto!”

Haviam chegado à estação de Moret, e Eric não tinha mais tempo para continuar a conversa. Cumprimentos e muitos agradecimentos.

“Tenha um bom dia”, disse Tom.

“O mesmo para você!” Eric Lanz sorriu e foi embora, segurando com firmeza as duas sacolas de plástico.

Tom voltou a Villeperce e avistou a caminhonete amarela do correio fazendo o circuito de costume, e percebeu que a correspondência chegaria pontualmente às nove e meia. Mas Tom lembrou-se de uma pequena tarefa que seria mais fácil de executar ali do que na

movimentada Paris. Parou o carro perto da agência do correio e entrou. Naquela manhã, enquanto tomava café, ele havia escrito um bilhete para Reeves: "... O garoto deve ter uns dezesseis ou dezessete anos, mas não *menos* que isso, um metro e setenta, cabelo castanho-escuro liso, nascido em qualquer parte dos Estados Unidos. Envie-o para mim logo que possível. Diga-me quanto lhe devo. Agradeço antecipadamente, com pressa. E. L. está aqui. Parece que está tudo certo. Tom." Na agência do correio de Villeperce, Tom pagou nove francos a mais pela etiqueta vermelha de REMESSA EXPRESSA, que a garota atrás do balcão colou no envelope para ele. Ela ia despachar a carta, mas observou que não estava selada, e Tom lhe disse que precisava colocar outros papéis no envelope e levou-o consigo para casa.

Frank estava na sala de visitas, vestido, terminando seu café-da-manhã.

Heloise, é claro, estava no quarto.

"Bom dia. Tudo bem?", perguntou Tom. "Dormiu bem?"

Frank havia se levantado, com aquela postura de respeito que deixava Tom um pouco constrangido. O rosto do garoto às vezes estava radiante, quase como se estivesse olhando para aquela garota, Teresa, por quem estava apaixonado. "Sim, senhor. Madame Annette me contou que o senhor levou seu amigo até Moret."

"É, ele foi embora. E nós vamos sair em uns vinte minutos, está bem?" Tom achou que o suéter de cor castanha que o garoto usava era bem conveniente para a foto do passaporte. Na fotografia do *France-Dimanche*, que talvez fosse a de seu passaporte atual, Frank usava camisa e gravata. Tanto melhor se ele parecesse menos formal. Tom aproximou-se do garoto e disse: "Deixe o cabelo repartido do lado direito, mas deixe-o mais solto em cima e dos lados para a fotografia. Eu lembrarei você disso mais tarde. Você tem um pente?"

"Tenho, sim, senhor."

"E o creme?" Tom viu que o garoto havia coberto o sinal, mas tinha que mantê-lo coberto o dia todo.

"Está aqui, sim." O garoto tocou o bolso de trás da calça.

Tom subiu e viu que Mme. Annette estava tirando os lençóis do quarto que fora de Eric Lanz e rapidamente recolocando os mesmos em que Frank havia dormido antes. Isso fez com que ele se lembrasse

do dia anterior, quando o garoto havia insistido com Mme. Annette para que ela não tirasse os lençóis de Tom. Parece que Frank preferia dormir neles, e Mme. Annette achou aquilo sensato.

“O senhor e o jovem voltarão ainda hoje, monsieur Tome?”

“Sim, a tempo para o jantar, espero.” Tom ouviu o barulho do freio de mão da caminhonete do correio sendo puxado. Do armário do quarto, Tom tirou um velho blazer azul, que sempre fora um pouco pequeno para ele. Tom não queria que Frank aparecesse na fotografia do passaporte com seu elegante paletó de tweed, caso ele quisesse usá-lo na viagem.

Os sapatos enfileirados no armário atraíram a atenção de Tom. Todos engraxados com perfeição! Todos alinhados como soldados! Ele nunca tinha visto tanto brilho nos mocassins Gucci ou nos sapatos de cordovão. Até mesmo seus chinelos de couro estavam brilhando. Tom sabia que aquilo tudo era obra de Frank. Mme. Annette de vez em quando escovava os sapatos, mas não chegava nem perto disso. Tom estava impressionado. Frank Pierson, herdeiro de milhões, engraxando-lhe os sapatos! Fechou a porta do armário e desceu com o blazer.

O carteiro não trouxera nada de interessante, dois ou três envelopes do banco que Tom ignorou, uma carta para Heloise cujo envelope estava endereçado com a caligrafia da amiga dela, Nöelle. Tom rasgou o papel pardo que envolvia o *International Herald Tribune*. Frank ainda estava na sala de estar, e Tom disse: “Trouxe isto aqui para você usar em vez do paletó de tweed. É um dos meus”.

Frank vestiu o blazer cuidadosamente e com nítido prazer. As mangas ficaram um pouco compridas, mas o garoto dobrou os braços levemente e disse: “Excelente! Muito obrigado”.

“Pois pode ficar com ele.”

O sorriso de Frank aumentou. “*Muito* obrigado... de verdade. Com licença, volto já.” Ele subiu a escada correndo.

Tom passou os olhos pelo jornal e encontrou uma pequena notícia na parte de baixo da segunda página. “A família Pierson contrata detetive”, dizia a pequena manchete. Tom leu:

A sra. Lily Pierson, viúva do falecido John J. Pierson, magnata da indústria alimentícia, enviou um detetive particular à Europa para procurar Frank, 16, seu filho desaparecido, que saiu da casa da família no Maine no final de julho e teria passado por Londres e Paris. Acompanhando o detetive está o filho mais velho dela, John, 19, cujo passaporte foi levado pelo irmão menor ao sair de casa. Acredita-se que a busca se iniciará nas adjacências de Paris. Não há suspeita de rapto.

Tom sentiu um desconforto semelhante a um constrangimento ao ler a nota, mas o que poderia acontecer se hoje eles se encontrassem com o irmão de Frank e com o detetive? A família queria apenas encontrar o garoto. Tom nãoalaria nada sobre a nota com Frank, e ia deixar o jornal em casa. Heloise geralmente nem passava os olhos pelo *International Herald Tribune*, mas talvez desse pela falta do jornal se ele o levasse consigo ou se livrasse dele. Mas o que os jornais franceses iriam dizer sobre o detetive particular e o irmão mais velho? E será que iriam republicar uma foto de Frank?

Frank estava pronto. Tom subiu para se despedir de Heloise.

“Você poderia ter me chamado para ir junto”, disse Heloise.

Era o segundo comentário mal-humorado dela naquela manhã. Não era algo comum em Heloise. Ela sempre tinha coisas a fazer. “Você devia ter me avisado ontem.” Ela usava um jeans de listras azuis e cor-de-rosa e uma blusa cor-de-rosa sem mangas. Não fazia a menor diferença o que uma pessoa linda como Heloise estivesse vestindo em Paris no mês de agosto, mas Tom não queria que Heloise soubesse que Frank ia tirar fotografia para passaporte. “Vamos ao Beaubourg, e você já viu a exposição com Nöelle.”

“Qual é o problema desse Billy?”, perguntou ela, perplexa, levantando as sobrancelhas loiras.

“Problema?”

“Ele parece perturbado por alguma coisa. E parece adorar você. Ele é *tapette*?”

A palavra queria dizer homossexual. “Não que eu saiba. Você acha que é?”

“Quanto tempo ele quer ficar por aqui? Já está há mais de uma semana, não?”

“O que eu sei é que ele quer ir a uma agência de viagens hoje. Em Paris. Estava pensando em ir a Roma. Ele vai embora esta semana.” Tom sorriu. “Até logo, querida. Voltamos lá pelas sete.”

Ao sair de casa, Tom pegou o *International Herald Tribune*, dobrou-o e enfiou em um dos bolsos.

Tom usou o Renault, embora tivesse preferido a Mercedes. Recriminou-se por não ter perguntado a Heloise se ela iria precisar do carro naquele dia, porque a Mercedes ainda estava na casa dos Graís. Heloise teria dito alguma coisa se precisasse do carro, pensou ele. Frank parecia feliz, com a cabeça recostada no banco, recebendo o vento que entrava pela janela. Tom ligou o toca-fitas do carro, uma gravação de Mendelssohn para variar.

“Eu sempre deixo o carro aqui. É um transtorno estacionar na cidade.” Tom havia parado em uma garagem perto de Porte d’Orléans. “Voltaremos lá pelas... oito horas”, disse ele para o manobrista, a quem conhecia de vista. Tom havia passado por um portão mecânico que emitira mecanicamente um bilhete com o horário de chegada impresso. Então ele e Frank tomaram um táxi. “Avenue Gabriel, por gentileza”, disse Tom ao motorista. Ele não queria descer bem na frente da embaixada e havia se esquecido do nome da rua que passava pela Avenue Gabriel, onde ficava o fotógrafo. Quando estivessem perto do local, Tom pediria ao motorista que parasse.

“Isto é que é vida, passear de táxi com o senhor em Paris!”, disse Frank, ainda mergulhado em seu sonho de — de quê? Liberdade? O garoto insistiu em pagar o táxi. Tirou a carteira do bolso interno do velho blazer de Tom.

Tom se perguntou o que mais haveria naquela carteira, caso o garoto fosse revistado. Pediu ao motorista que parasse na rua que queria, perto da Avenue Gabriel. “O lugar é ali”, disse Tom, apontando para uma pequena placa pendurada em uma porta a vinte metros de distância. “A funcionária se chama Marguerite ou coisa parecida. Não quero entrar com você. Parece que o sinal no rosto desapareceu, mas não ponha a mão nele. Desarrume o cabelo. Talvez fosse interessante você dar um... um leve sorriso. *Não* fique muito sério.” Tom disse isso

porque o garoto parecia sério na maior parte do tempo. “Vão pedir para você assinar seu nome. Assine Charles Johnson, por exemplo. Não vão pedir prova de identidade, sei disso porque já estive aqui há pouco tempo. Está bem?”

“Está bem. Sim, senhor.”

“Vou estar ali”, disse Tom, apontando para um café do outro lado da rua. “Quando acabar vá até lá, porque eles vão dizer que as fotos só ficarão prontas em uma hora, mas na verdade podemos pegá-las depois de quarenta e cinco minutos.”

Então Tom andou até a Avenue Gabriel e foi à esquerda na direção da Concorde, onde sabia que havia uma banca de jornal. Comprou *Le Monde*, *Figaro* e *Ici Paris*, um jornal sensacionalista, com a primeira página impressa em azul, verde, vermelho e amarelo. No trajeto de volta até o café, Tom viu de relance que o *Ici Paris* dera uma página inteira para o surpreendente casamento de Christina Onassis com um proleta russo, e uma página para o novo acompanhante, provavelmente imaginário, da princesa Margaret, um banqueiro italiano um pouco mais jovem que ela. Como sempre, era só sexo, quem estava transando com quem, quem iria começar a transar com quem, quem havia deixado de transar com quem. Depois que sentou e pediu um café, Tom olhou cada página do *Ici Paris*, sem encontrar coisa alguma sobre Frank. Aquela notícia nada tinha a ver com sexo, é claro. Na penúltima página havia muitos anúncios sobre como encontrar o parceiro ideal — “A vida é curta, realize seu sonho agora” — e anúncios com imagens de diversas bonecas infláveis, com preço variando de cinquenta e nove a trezentos e noventa francos. Diziam que as bonecas eram enviadas em embalagem discreta e que eram capazes de fazer qualquer coisa. Como é que se enche uma coisa dessas?, perguntou-se Tom. Seria preciso todo o fôlego de um homem para fazê-lo, e o que a empregada ou os amigos desse homem diriam, ao ver uma bomba de bicicleta em seu apartamento, mas nenhuma bicicleta? Mais engraçado ainda, pensou Tom, seria o sujeito levar a boneca de carro a um posto de gasolina e pedir ao frentista que a enchesse. E se a empregada do sujeito encontrasse a boneca na cama e pensasse que era um cadáver? Ou abrisse a porta de um armário e a boneca caísse sobre ela? É claro que o sujeito poderia comprar mais de

uma boneca, uma para ser a esposa e duas ou três outras para serem suas amantes, e então levar uma vida cheia de fantasias.

O café havia chegado, e Tom acendeu um Gauloise. Não encontrou nada no *Le Monde*, nada no *Figaro*. E se a polícia francesa tivesse plantado um homem no fotógrafo, um homem que estivesse à procura de Frank Pierson ou de outras pessoas? Pessoas procuradas com frequência trocavam seu passaporte e outros documentos de identificação.

Frank voltou, sorrindo. “Fica pronto em uma hora. Como o senhor me disse.”

“*Exatamente*”, disse Tom. Ele viu que o sinal ainda estava coberto, e que o cabelo do garoto estava um pouco levantado. “Você assinou outro nome?”

“Assinei no livro, sim. Charles Johnson.”

“Muito bem, podemos dar um passeio... durante uns quarenta e cinco minutos”, disse Tom. “A menos que você queira tomar um café.”

Frank ainda não havia se sentado à mesinha, e de repente seu corpo ficou rígido enquanto ele olhava fixamente para o outro lado da rua. Tom olhou também, mas havia carros passando nesse momento. O garoto se sentou, virou para o outro lado e passou a mão nervosamente na testa. “Acabei de ver...”

Tom levantou-se, olhou para a calçada do outro lado da rua, e viu dois homens, um dos quais se virava para olhar naquele mesmo instante. Tom reconheceu Johnny Pierson. Voltou a sentar. “Ora, ora”, disse Tom, olhando para os garçons atrás do bar, que pareciam não estar prestando atenção neles. No mesmo instante, Tom levantou-se mais uma vez e foi até a porta olhar novamente. O detetive (Tom supôs que aquele era o detetive) usava um terno cinzento, sem chapéu, e tinha cabelo ondulado ruivo, corpo atarracado. Johnny era mais alto e mais loiro que Frank e usava uma jaqueta quase branca que lhe chegava à cintura. Tom queria ver se eles iam entrar no fotógrafo — que não tinha nenhum tipo de identificação, era apenas um local que vendia máquinas fotográficas e tirava fotografias para passaportes —, e para seu alívio eles passaram direto pelo lugar. Mas provavelmente haviam feito perguntas na embaixada dos Estados Unidos, que era na esquina. “Muito bem...”, disse Tom, sentando-se de novo. “Eles não

descobriram nada na embaixada, disso eu tenho certeza. Nada que não saibamos.”

O garoto não disse nada. Seu rosto estava visivelmente mais pálido.

Tom pagou com uma nota de cinco francos, que era mais do que suficiente para uma xícara de café, e fez um gesto para o garoto.

Saíram do café e foram para a esquerda, em direção à Concorde e à Rue de Rivoli. Tom olhou o relógio e viu que as fotos ficariam prontas cerca de quinze para o meio-dia. “Fique calmo.” Tom não estava andando depressa. “Vou voltar ao fotógrafo sozinho primeiro, para ver se eles estão esperando lá. Mas eles passaram direto por lá.

“Passaram?”

Tom sorriu. “Direto.” É claro que eles poderiam ter virado e voltado ao fotógrafo, se tivessem perguntado na embaixada sobre os lugares onde as pessoas costumavam tirar fotografias para passaporte. Poderiam perguntar se havia aparecido recentemente algum garoto com a descrição de Frank, e coisas desse tipo. Mas Tom estava cansado de se preocupar com coisas em relação às quais nada podia fazer. Olharam as vitrines na Rue de Rivoli — echarpes de seda, gôndolas em miniatura, camisas elegantes com punhos franceses, cartões-postais em estantes giratórias bem na frente das lojas. Tom teria gostado de entrar na livraria W. H. Smith, mas não o fez, dizendo a Frank que o lugar estava sempre cheio de americanos e ingleses. Tom gostaria de pensar que aquele jogo de esconde-esconde era divertido para o garoto, mas o rosto de Frank parecia transtornado desde que vira o irmão. Então chegou a hora de ir buscar as fotografias. Tom disse a Frank para andar mais devagar na calçada, e para voltar à Rue de Rivoli caso visse o irmão e o detetive novamente, e Tom iria encontrá-lo lá.

Tom foi até o fotógrafo e entrou. Um casal com aparência de americanos estava sentado em cadeiras de encosto reto e o mesmo jovem alto e magricelo de quem Tom se lembrava de uns meses atrás, e que era o próprio fotógrafo, estava apresentando o livro de assinaturas para uma nova freguesa, uma jovem americana. Então o casal entrou atrás da cortina, onde Tom sabia que ficava o estúdio. Tom fingiu olhar para câmeras em um balcão de vidro e saiu. Disse a Frank que não havia perigo à vista.

“Vou ficar aqui na rua”, disse Tom. “Você já pagou pelas fotos, não é?” Tom conhecia o procedimento, e o garoto havia pago trinta e cinco francos adiantados. “Vá com calma, e eu ficarei esperando aqui.” Tom deu um sorriso encorajador para o garoto. “Devagar”, disse Tom, quando o garoto começou a andar.

Frank obedientemente diminuiu o passo e não olhou para trás.

Tom andou sem presa, mas como se tivesse algo a fazer, em direção ao final da rua. Estava atento para uma possível volta de Johnny e do detetive, mas não os viu. Quando chegou ao fim do quarteirão da Avenue Gabriel e voltou, Frank caminhava em sua direção, vindo do fotógrafo. Frank atravessou a rua, tirou um pequeno envelope do bolso do blazer e deu-o a Tom.

As fotos pareciam diferentes daquela que Tom vira no *France-Dimanche*, o cabelo mais desarrumado em cima, o sorriso vago que Tom sugerira, o sinal não estava visível, mas os olhos e as sobrancelhas ainda eram os mesmos. Se examinadas cuidadosamente, seria possível ver, é claro, que as duas fotos eram do mesmo garoto.

“Melhor que isso, impossível”, disse Tom. “Agora vamos pegar um táxi.”

Tom percebeu que Frank esperava mais elogios. Tiveram sorte e conseguiram um táxi antes da Concorde. Tom colocou uma das fotografias no envelope que havia preparado para mandar para Reeves Minot. Selou o envelope e sentiu-se aliviado. Havia pedido ao motorista para ir ao Beaubourg, em cujas proximidades com certeza haveria alguma lanchonete e uma caixa de correio. Tom encontrou as duas coisas a alguns metros do exterior em forma de bulbo do Centre Pompidou.

“Um espanto, não é?”, disse Tom, referindo-se à monstruosidade azul que era o exterior do museu. “Eu acho feio... pelo menos, por fora.”

Parecia um monte de balões azuis compridos, inflados até o ponto de quase estourar e amarrados uns aos outros. Havia definitivamente alguma coisa que lembrava um enorme sistema de encanamento na estrutura, mas qualquer um hesitaria antes de dizer se os balões de três metros de diâmetro continham água ou ar. Tom mais uma vez pensou nas bonecas infláveis para fins sexuais, e imaginou uma delas estourando embaixo de um homem, o que com certeza devia

acontecer de vez em quando. Que decepção! Tom mordeu o lábio inferior para conter uma gargalhada. Comeram um bife com fritas mal preparado em uma lanchonete, em frente à qual Tom colocou sua carta expressa em uma caixa amarela dos correios. A coleta seria às dezesseis horas.

Na exposição “Paris—Berlim”, Frank pareceu mais impressionado com um quadro de Emil Nolde, *Dança em torno do bezerro de ouro*, que exibia um trio ou quarteto de mulheres vulgares, uma delas totalmente nua. “Bezerro de ouro. Quer dizer dinheiro, não é?”, disse Frank, os olhos vidrados, parecendo atordoado com tudo que havia visto.

“É, é dinheiro”, disse Tom. Não era uma exposição que despertasse sentimentos de tranqüilidade nas pessoas, e Tom também estava tenso porque achava que, de vez em quando, precisava olhar à sua volta, para um eventual aparecimento de Johnny Pierson e do detetive. Era estranho tentar absorver as mensagens dos artistas sobre a sociedade alemã da década de 1920, os cartazes anti-Kaiser da Primeira Guerra Mundial, Kirchner, retratos de Otto Dix — além de seu magnífico *Três prostitutas na rua* — e, ao mesmo tempo, ficar preocupado com o possível aparecimento de uma dupla de americanos que colocaria um fim em seu prazer. Danem-se os americanos, pensou Tom, e disse para Frank: “Fique alerta para.... você sabe, seu irmão. Quero apreciar isto”. Tom falou com um pouco de severidade, mas os quadros que o rodeavam eram como música entrando silenciosamente em seus ouvidos, ou em seu olhos. Tom respirou fundo. Ah, os Beckmann!

“O seu irmão”, perguntou Tom, “gosta de exposições?”

“Não tanto quanto eu”, foi a resposta, “mas ele gosta, sim.”

Isso não era muito animador. Agora Frank estava concentrado em um desenho a carvão do interior de um quarto com uma janela no fundo à esquerda e uma figura masculina em pé no primeiro plano, em uma atitude de angústia e confinamento. A perspectiva das paredes e do assoalho sugeriam confinamento. Talvez o desenho não fosse brilhante, mas a convicção e a intensidade na mente do artista eram evidentes. Era como se fosse uma prisão, seja lá que tipo de quarto fosse. Tom sabia o porquê de Frank estar tão fascinado.

Tom teve que colocar a mão no ombro do garoto para afastá-lo dali.

“Desculpe.” Frank balançou um pouco a cabeça e olhou para a porta dupla do salão onde estavam. “Meu pai costumava nos levar a exposições. Ele sempre gostou dos impressionistas. Especialmente os franceses. Tempestades de neve nas ruas de Paris. Temos um Renoir desses em casa. Quero dizer, com tempestade de neve.”

“Pois isso é algo interessante a respeito de seu pai, o fato de ele gostar de quadros. E ele também podia comprá-los.”

“Bem... pelo menos. Quero dizer, os *quadros*... algumas centenas de milhares de dólares...”, disse Frank, como se não fosse nada. “Reparei que o senhor está sempre tentando dizer alguma coisa agradável sobre o meu pai”, acrescentou ele com um tom de ressentimento na voz.

Será que era verdade? A exposição trazia à tona algumas emoções em Frank. “*De mortuis*”, disse Tom, dando de ombros.

“Ele podia comprar Renoirs? Claro que sim.” Frank flexionou os braços como se estivesse se preparando para esmurrar alguém, embora olhasse para a frente, para o vazio. “O mercado dele era o mundo todo, todo mundo. Bem, todo mundo que pudesse pagar. A maior parte de suas coisas era mercadorias de luxo. ‘Mais de metade dos Estados Unidos é obesa’, ele costumava dizer.”

Andavam devagar e atravessaram uma sala onde já haviam estado. Um dos três ou quatro minidocumentários estava começando à esquerda deles, com seis ou oito pessoas sentadas para assistir, outras em pé. Na tela, tanques russos atacavam o Exército de Hitler.

“Eu já lhe contei”, continuou Frank, “além dos produtos normais, havia uma linha de coisas com baixo nível de calorias. Isso me faz lembrar o que algumas pessoas dizem sobre jogo ou prostituição: ganha-se dinheiro com os vícios dos outros. Você os engorda, depois você os emagrece e começa tudo de novo.”

Tom sorriu diante da intensidade com que o garoto falava. Quanta amargura! Será que ele tentava se justificar por ter matado o pai? Era como um vapor que sai de uma chaleira, quando a tampa levanta e desce novamente. Como será que Frank iria alcançar a grande justificativa, aquela que acabaria com sua culpa? Talvez ele nunca encontrasse uma justificativa total, mas tinha que encontrar uma atitude. Cada erro na vida, pensava Tom, deveria ser acompanhado de uma atitude, fosse ela certa ou errada, construtiva ou autodestrutiva. O

que era tragédia para uma pessoa não significava nada para outra, se ela pudesse assumir a atitude correta em relação ao fato. Frank se sentia culpado, e esse era o motivo pelo qual havia procurado Tom Ripley, e curiosamente Tom nunca havia sentido uma culpa como aquela, nunca havia deixado aquilo perturbá-lo para valer. E era nesse sentido que Tom se achava estranho. A maioria das pessoas teria tido insônia e pesadelos, especialmente depois de ter cometido um assassinato como o de Dickie Greenleaf, mas não Tom.

Frank cerrou os punhos de repente — mas não havia visto nada de especial. O gesto era uma consequência de seus próprios pensamentos.

Tom pegou-lhe no braço. “Já viu o bastante? Vamos sair por ali.” Tom guiou-o em direção ao que achava ser a saída, passando por uma outra sala, onde teve a sensação de estar caminhando entre soldados enfileirados — os quadros —, como se fossem um exército de combatentes uniformizados, armados até os dentes, ainda que alguns estivessem em trajes de gala. Tom sentiu-se curiosamente dominado, e não gostou da sensação. O que causara aquilo? Ele tinha certeza de que era alguma coisa além dos quadros. Tinha que mandar o garoto embora. A situação estava ficando um pouco emocional, apreensiva, e pior.

De repente, Tom riu.

“Que foi?”, perguntou Frank, sempre atento a Tom, e olhou ao redor para ver o que poderia ser engraçado.

“Não é nada”, disse Tom. “Eu estou sempre pensando coisas malucas.” Ele tinha pensado que, se o detetive e Johnny vissem Tom Ripley com Frank, poderiam, a princípio, imaginar que ele havia raptado o garoto, em razão da péssima reputação de Tom. Isso ainda poderia acontecer, pensou, se o detetive resolvesse descobrir seu endereço e se ficassen sabendo que um garoto estava hospedado na casa dos Ripley. Por outro lado, quem em Villeperce sabia disso, além de Mme. Annette, sem mencionar o fato de que Tom não havia pedido nenhum resgate?

Pegaram um táxi até a garagem e estavam de volta a Belle Ombre pouco depois das seis horas. Heloise estava lá em cima, lavando o cabelo, o que demoraria mais uns vinte minutos, por causa do secador.

Tanto melhor, porque ele queria fazer uma nova tentativa com Frank. O garoto havia se sentado na sala de visitas e folheava uma revista francesa.

“Por que você não telefona para Teresa e diz que está bem?”, perguntou Tom, animado. “Não precisa dizer *onde* está. E de qualquer forma ela deve saber que você está na França.”

Ao ouvir o nome de Teresa, o garoto endireitou o corpo. “Acho que o senhor gostaria que... o senhor gostaria que eu sumisse daqui. Posso entender isso.” Frank levantou-se.

“Você pode ficar na Europa, se quiser. Isso é problema seu. Mas você vai se sentir muito melhor se falar com Teresa e lhe disser que está bem, não vai? Você não acha que ela está preocupada?”

“Talvez. Espero que sim.”

“É perto de meio-dia agora em Nova York. Ela está em Nova York? Você disca dezenove, um, depois dois, um, dois. Posso ir lá para cima, assim não ouço uma palavra do que você disser.” Tom apontou para o telefone e encaminhou-se para a escada. Sabia que o garoto iria ligar. Subiu até o quarto e fechou a porta.

Menos de três minutos depois, o garoto bateu na porta de Tom. Entrou e disse: “Ela está jogando tênis”. O tom de voz era de quem dá uma notícia terrível.

Tom supôs que Frank não podia imaginar que Teresa estivesse tão pouco preocupada com ele que saíra para jogar tênis, além de ficar angustiado por ela estar jogando tênis com um garoto de quem gostasse mais do que dele. “Falou com a mãe dela?”

“Não, com a empregada... Louise. Eu a conheço. Ela me disse para telefonar de novo daqui a uma hora. Louise disse que ela havia saído com uns rapazes.” Frank sublinhou a última frase com uma tristeza absoluta.

“Você disse que estava bem?”

“Não”, disse o garoto depois de pensar um pouco. “Por que deveria dizer? Acho que minha voz era a de quem está bem.”

“Acho que você não vai mais poder ligar daqui”, disse Tom. “Se a... se Louise comentar a respeito, a família pode querer que a ligação seja rastreada caso você ligue de novo. De qualquer forma, é algo muito provável para arriscar. O correio de Fontainebleau está fechado agora,

senão eu o levaria até lá. Acho que você não consegue falar com Teresa hoje, Billy.” Tom esperava que o garoto conseguisse falar com Teresa ainda naquela noite, e que ela dissesse algo como “Frank, você está bem! Estou com saudades! Quando você vai voltar para casa?”.

“Tudo bem”, disse o garoto.

“Billy”, disse Tom com firmeza, “você precisa se decidir quanto ao que quer fazer. Você não é suspeito. Não vai ser acusado. O depoimento de Susie parece valer pouca coisa, ou nada, porque ela não viu coisa alguma. Do que você tem medo? Você tem que lidar com essa situação.”

Frank mudou de posição e colocou as mãos nos bolsos de trás da calça. “De mim mesmo, acho. Eu já disse isso.”

Tom sabia. “Se eu não estivesse aqui, o que você faria?”

O garoto deu de ombros. “Talvez eu me matasse. Talvez fosse dormir em Piccadilly. Sabe como é, aquele pessoal que fica perto da fonte, da estátua. Eu mandaria o passaporte de Johnny de volta para ele e depois não sei mais o que faria... até que alguém me pegasse. Então me mandariam para casa...” Frank mexeu os ombros novamente. “E aí eu não sei. Talvez eu *nunca* confessasse...” Ele enfatizou a palavra, mas em um sussurro. “Mas talvez eu me matasse depois de algumas semanas. Mas tem a Teresa. Reconheço que sou meio travado... e se alguma coisa der errado ali... se alguma coisa já deu errado... Ela não pode nem me escrever, percebe? É um inferno.”

Tom não quis comentar que provavelmente Frank iria se apaixonar por mais umas dezessete garotas antes de encontrar aquela com quem por fim se casaria.

Na quarta-feira, pouco depois do meio-dia, Tom teve a grata surpresa de um telefonema de Reeves. O objeto em questão estaria pronto no final daquela noite e estaria em Paris por volta do meio-dia do dia seguinte. Se Tom estivesse com pressa e quisesse ele mesmo pegá-lo, poderia ir a um certo apartamento em Paris; caso contrário, o objeto lhe seria enviado de Paris por encomenda registrada. Reeves deu-lhe um endereço, um nome, terceiro andar.

Tom pediu um número de telefone, para o caso de precisar, e Reeves também deu. “Foi bem rápido, Reeves, muito obrigado.” Não teria havido problema se ele tivesse mandado uma encomenda registrada de Hamburgo, mas a entrega por via aérea economizou-lhe um dia.

“E por esse servicinho”, disse Reeves, em sua voz débil de velho, embora ainda não tivesse quarenta anos, “o preço é dois mil, se não se importa, Tom. Dólares. Até que está barato, porque esse não foi fácil, tinha que ser mais ou menos novo, sabe como é. E acho que seu amigo pode pagar, não é?” O tom de voz de Reeves era alegre e amigável.

Tom compreendeu. Reeves havia reconhecido Frank Pierson. “Não dá para falar mais”, disse Tom. “Mando para você pelo método de sempre, Reeves.” Tom queria dizer “por uma ordem de pagamento de seu banco na Suíça”. “Você vai estar em casa nos próximos dias?” Tom não tinha planos, mas queria saber isso. Reeves sempre podia ser muito prestativo.

“Vou, sim, por quê? Está pensando em vir?”

“Não”, disse Tom, com cautela, sempre receoso de que pudessem ter grampeado sua linha telefônica.

“Vai ficar no seu canto, então?”

Tom supôs que Reeves sabia que ele estava dando abrigo para Frank Pierson, se não sob seu próprio teto, em algum outro lugar.

“Qual é o problema? Impossível dizer, não?”

“É, agora é impossível. Mais uma vez, obrigado, Reeves.”

Desligaram. Tom foi até a janela e viu Frank de jeans e com a camisa azul-escura de trabalho revolvendo um comprido canteiro de rosas com uma pá. Trabalhava devagar mas com firmeza, como um camponês que sabia o que estava fazendo, não como um amador que teria ficado exausto depois de quinze minutos de trabalho árduo. Que estranho, pensou Tom. Talvez o trabalho fosse uma espécie de penitência para o garoto. Frank havia passado o tempo ontem e hoje lendo, ouvindo música e fazendo tarefas como lavar o carro e varrer a adega de Belle Ombre, o que significava arrastar pesadas estantes com vinhos, para depois colocá-las no lugar.

Tom se perguntou se deveriam ir para Veneza. Uma mudança de cenário talvez fizesse bem para o garoto, talvez o ajudasse a tomar uma

decisão, e de lá Tom poderia colocá-lo em um avião para Nova York e voltar para casa sozinho. Ou seria melhor Hamburgo? Era a mesma coisa. Mas Tom não queria envolver Reeves diretamente com Frank Pierson, e, na verdade, ele mesmo não queria se envolver muito mais naquela situação. Talvez, com o passaporte novo, Frank recuperasse a coragem e partisse por conta própria, para terminar sua aventura pessoal da maneira que quisesse.

Ao meio-dia da quinta-feira, Tom telefonou para o número de Paris na Rue du Cirque, e uma mulher atendeu. Falaram em francês.

“Aqui é Tom.”

“Ah, *oui*. Acho que está tudo em ordem. O senhor virá esta tarde?” Pela voz, não parecia se tratar de uma empregada, mas da própria dona da casa.

“Sim, se não for incômodo. Lá pelas três e meia?”

Estava bem.

Tom disse a Heloise que ia fazer uma viagem rápida até Paris para falar com o gerente do banco e voltaria entre cinco e seis da tarde. Tom não estava no vermelho, mas um dos gerentes do Morgan Guarantee Trust às vezes lhe dava algumas dicas sobre o mercado de ações, muito gerais e sem importância, já que Tom preferia não mexer muito com suas ações a perder tempo com o perigoso jogo do mercado. De qualquer forma, a desculpa de Tom era boa o bastante, porque Heloise estava pensando na mãe naquela tarde. A mãe, uma cinquentona jovial e pouco propensa a ficar doente, tivera que ir ao hospital para um exame que poderia resultar em uma cirurgia para extração de um tumor. Tom comentou que os médicos sempre preparam as pessoas para o pior.

“Ela parece estar ótima de saúde. Quando falar com ela, diga que mandei lembranças”, disse Tom.

“Billy vai com você?”

“Não, vai ficar. Ele tem alguns servicinhos a fazer... para nós.”

Na Rue du Cirque, Tom conseguiu encontrar um parquímetro desocupado. Então foi ao endereço, um prédio antigo mas bem conservado, com o costureiro botão de porteiro eletrônico, que ele apertou, e a porta se abriu para um saguão com o balcão do zelador,

com o qual Tom não se incomodou. Pegou o elevador até o terceiro andar e tocou a campainha que tinha o nome Schuyler.

Uma mulher alta e de cabelo ruivo e cheio entreabriu a porta.

“Tom.”

“Ah, entre! Por aqui, por favor.” Ela o levou até uma sala de visitas no fim de um corredor. “Acho que já se conhecem.”

Na sala estava Eric Lanz, sorrindo, as mãos na cintura. Havia café sobre uma bandeja em uma mesinha na frente do sofá. Eric estava em pé. “Olá, Tom. É, sou eu de novo. Como vai?”

“Muito bem, obrigado. E você?” Tom também sorriu, surpreso.

A mulher ruiva deixou-os a sós. Um ruído baixo de máquinas de costura vinha de um outro quarto no apartamento. Que lugar é este?, perguntou-se Tom. Talvez outro ponto de recepção de objetos roubados, como era o apartamento de Reeves em Hamburgo? Disfarçado de ateliê de costura?

“E aqui está”, disse Eric Lanz, abrindo uma pasta bege de papelão, amarrada por elásticos. De lá tirou um envelope branco que estava entre outros envelopes mais grossos.

Tom pegou o envelope e olhou sobre o ombro antes de abri-lo. Mais ninguém havia entrado no quarto. O envelope não estava selado, e Tom se perguntou se Eric já teria olhado o passaporte. Talvez. Tom não queria examiná-lo na presença de Eric, mas ao mesmo tempo queria saber se Hamburgo havia feito um bom trabalho.

“Acho que você vai gostar”, disse Eric.

A fotografia de Frank tinha o carimbo oficial com a marca-d'água, além das palavras FOTOGRAFIA INCLUÍDA PELA AGÊNCIA DE PASSAPORTES, DEPARTAMENTO DE ESTADO, NOVA YORK, que estavam em parte sobre a foto e em parte abaixo dela. BENJAMIN GUTHRIE ANDREWS era o nome, nascido em Nova York, altura, peso e data de nascimento correspondendo aos dados de Frank, ainda que, pela data, ele estivesse com dezessete anos agora. Não importava. Para Tom, que tinha alguma experiência, o passaporte parecia bem-feito, e só com uma lente de aumento se poderia perceber que o carimbo colocado sobre a fotografia era um pouco diferente do que estava na página — ou será que não? Tom não sabia dizer. Na primeira página, o endereço completo aparentemente era o dos pais em Nova York. O passaporte fora emitido havia uns

cinco meses, com um carimbo de entrada em Heathrow, depois na França e depois na Itália, onde o infeliz portador original provavelmente fora roubado. Não havia um carimbo atual de entrada na França, mas Tom sabia que, a menos que o funcionário de controle de passaportes suspeitasse da aparência de Frank, ninguém ia examinar carimbos de entrada e de saída. “Muito bom”, disse Tom por fim.

“Agora é só assinar por cima da foto.”

“Você por acaso sabe se o nome foi mudado, ou o verdadeiro Benjamin Andrews vai começar a procurar pelo passaporte?” Tom não percebeu nenhuma correção no nome datilografado na capa interna, e uma possível assinatura anterior fora cuidadosamente apagada.

“Foi mudado, o sobrenome, foi o que Reeves me disse. Quer café? Este aqui acabou, mas posso pedir à empregada que faça mais.” Eric Lanz parecia mais elegante, até mesmo de uma classe social melhor, desde que Tom o vira havia três dias, como se ele fosse um mágico que podia efetuar uma transformação só de pensar nela. Agora usava calça de um terno de verão azul-escuro, uma boa camisa de seda branca e os sapatos que Tom já conhecia. “Sente-se, Tom.”

“Obrigado, avisei em casa que chegaria cedo. Parece que você viaja bastante.”

Eric riu — lábios rosados, dentes brancos. “Reeves sempre tem trabalho para mim. Em Berlim também. Desta vez estou vendendo aparelhos de som”, disse ele em um tom de voz mais baixo, olhando para a porta atrás de Tom. “*Deveria* ser isso. Ha-ha! Quando você vai a Berlim?”

“Não tenho a menor idéia. Sem planos.” Tom recolocou o passaporte no envelope e fez um gesto com ele antes de enfiá-lo no bolso interno do paletó. “Já acertei tudo com Reeves sobre esta encomenda.”

“É, eu sei.” Eric tirou uma carteira do paletó azul que estava sobre o sofá. Sacou um cartão e deu-o a Tom. “Se algum dia você for a Berlim, será um prazer encontrá-lo, Tom.”

Tom leu rapidamente o cartão. Niebuhrstrasse. Tom não sabia onde era, mas ficava em Berlim, e havia um número de telefone. “Obrigado. Você conhece Reeves há muito tempo?”

“Ah, uns dois ou três anos.” Sua boca rosada e bem-feita sorriu novamente. “Boa sorte para você, Tom... e para o seu amigo!” Acompanhou Tom até a porta. “*Wiedershben!* Até logo!”, disse Eric, com a voz baixa mas clara.

Tom pegou o carro e rumou para casa. Começou a pensar em Berlim. De maneira alguma pela presença de Eric Lanz, se é que se poderia encontrá-lo em casa, mas porque Berlim ficava fora da rota dos turistas. Quem queria visitar Berlim, a não ser estudiosos das guerras mundiais ou, como Eric havia dito, homens de negócios convidados para congressos? Se Frank quisesse se esconder por mais alguns dias, Berlim poderia ser um bom lugar. Veneza era mais atraente e bonita, mas também era um lugar onde Johnny e o detetive poderiam passar alguns dias à procura de Frank. O que Tom não queria era aquela dupla batendo em sua porta em Villeperce.

“Benjamin. Bem. Gosto desse nome”, disse Frank, radiante agora, sentado na beirada da cama e olhando para seu novo passaporte.

“Espero que isso lhe dê coragem”, disse Tom.

“Sei que isto custou alguma coisa. Pode me dizer quanto foi, e se eu não puder... pagar agora, pago depois.”

“Dois mil dólares... Agora você está livre. Continue deixando o cabelo crescer. Você sabe que tem que assinar o passaporte por cima da fotografia, não é?” Tom fez com que ele treinasse a assinatura em uma folha de papel. O garoto tinha uma caligrafia bastante rápida e angulosa. Tom lhe disse para arredondar o B de Benjamin e fez com que ele escrevesse o nome inteiro mais três ou quatro vezes.

Por fim o garoto assinou com uma das esferográficas pretas de Tom. “Que tal assim?”

Tom balançou a cabeça afirmativamente. “Está bom. Lembre-se quando assinar qualquer outra coisa... faça com calma para arredondar tudo.”

Eles já haviam jantado. Heloise quis assistir a alguma coisa na televisão, e Tom chamou o garoto para subir com ele.

Frank olhou para Tom e piscou as pálpebras rapidamente. “Se eu for a algum lugar, o senhor irá comigo? Para uma outra cidade?” Ele molhou os lábios. “Sei que tem sido difícil me aturar... me esconder. Se o senhor viesse comigo para um outro país, o senhor poderia me deixar lá.” Nesse momento ele olhou com profundo desânimo para a janela e de novo para Tom. “De certa forma, seria tão desagradável sair daqui, da sua casa. Mas acho que consigo.” Ele se levantou, como se para mostrar que podia ficar em pé sozinho.

“Aonde você está pensando em ir?”

“Veneza. Talvez Roma. São cidades grandes o bastante para eu desaparecer.”

Tom sorriu, pensando que a Itália era um ninho de seqüestradores. “E a Iugoslávia? Não seria uma boa idéia?”

“O senhor gosta da Iugoslávia?”

“Gosto”, respondeu Tom, mas não de maneira que ficasse implícito que ele gostaria de ir para lá naquele momento. “Vá para a Iugoslávia. Mas eu não aconselharia Veneza ou Roma... se você quiser ficar livre por mais um tempo. Berlim é outra possibilidade. Fora da rota dos turistas.”

“Berlim. Nunca estive lá. O senhor iria a Berlim comigo? Só por alguns dias?”

A idéia tinha seus atrativos, porque Tom achava Berlim uma cidade interessante. “Se você prometer ir para casa depois de Berlim”, disse Tom com a voz séria e firme.

O rosto de Frank estava sorridente de novo, tanto quanto no momento em que recebera o novo passaporte. “Tudo bem, eu prometo.”

“O.k., então vamos para Berlim.”

“O senhor conhece Berlim?”

“Já estive lá... duas vezes, eu acho.” De repente Tom sentiu-se animado. Seria bom passar uns três ou quatro dias em Berlim, na verdade seria divertido, e ele teria a promessa do garoto de ir embora para casa de lá. Talvez nem fosse necessário lembrá-lo da promessa.

“Quando iremos?”, perguntou Frank

“Quanto antes, melhor. Talvez amanhã. Vou dar uma olhada em passagens aéreas amanhã de manhã em Fontainebleau.”

“Eu ainda tenho algum dinheiro.” Então a expressão no rosto do garoto mudou. “Acho que não muito, uns quinhentos dólares em francos.”

“Não se preocupe com dinheiro. Acertamos isso depois. Agora, boa noite. Quero descer para falar com Heloise. É claro que você pode descer novamente, se quiser.”

“Obrigado. Acho que vou escrever para Teresa.” Frank parecia muito feliz.

“Tudo bem, mas nós colocaremos a carta no correio amanhã, em Düsseldorf, e não aqui.”

“Düsseldorf?”

“Os aviões para Berlim têm que pousar em algum lugar na Alemanha primeiro, e eu sempre vou para Düsseldorf em vez de Frankfurt, porque não é preciso mudar de avião em Düsseldorf, apenas sair por alguns minutos... para verificarem os passaportes. Outra coisa, muito importante: não diga a Teresa que você está indo para Berlim.”

“Tudo bem.”

“Porque ela poderia dizer à sua mãe, e estou supondo que você queira ser deixado em paz em Berlim. Pelo selo de Düsseldorf ela vai saber que você está na Alemanha, mas diga-lhe que está... indo para Viena. Que tal?”

“Sim... *senhor*.” Frank parecia um soldado recém-promovido, que se deliciava em acatar ordens.

Tom desceu. Heloise estava deitada no sofá, assistindo a um noticiário. “Olhe isso”, disse ela. “*Como* eles conseguem continuar se matando?”

Era uma pergunta retórica. Tom olhou indiferente para a televisão, que mostrava um prédio de apartamentos explodindo, labaredas vermelhas e amarelas por todos os lados, uma viga de ferro sendo arremessada para o alto. Supôs que a imagem fosse do Líbano. Alguns dias atrás fora Heathrow, o resultado de um ataque contra companhias de aviação israelenses. Amanhã seria o mundo, pensou Tom. Lembrou que Heloise iria receber notícias da mãe amanhã pela manhã, talvez por volta das dez horas, e Tom esperava que os exames no hospital não indicassem a necessidade de uma cirurgia. Tom pretendia ir a Fontainebleau antes das dez, comprar as passagens, e dizer a Heloise que era um serviço urgente para Reeves Minot, sobre o qual ele ficara sabendo por telefone à noite, ou algo assim. Não havia telefone no quarto de Heloise e, com a porta fechada, ela não conseguiria ouvir o telefone em seu quarto ou na sala de visitas. Notícias desagradáveis continuaram a aparecer na televisão, e ele resolveu adiar a conversa com Heloise.

Antes de ir para a cama naquela noite, Tom bateu na porta de Frank e deu-lhe alguns livretos sobre Berlim e um mapa. “Talvez você se interesse por isto. Fala sobre a situação política e outras coisas.”

Na hora do café-da-manhã, Tom havia alterado um pouco seus planos. Ele usaria uma agência de viagens em Moret para comprar sua própria passagem e telefonaria para o aeroporto para tratar da passagem de Frank. Disse a Heloise que Reeves havia ligado tarde da noite e queria que ele fosse a Hamburgo imediatamente, pois tanto sua presença quanto seu parecer seriam muito importantes em uma transação envolvendo obras de arte.

“Falei com Billy esta manhã. Ele quer ir comigo a Hamburgo”, disse Tom, “e de lá ele volta para os Estados Unidos.” Tom havia dito a ela que na segunda-feira, em Paris, Billy ainda não havia decidido aonde queria ir.

Heloise ficou visivelmente satisfeita com o fato de que o garoto estava indo embora, como Tom havia previsto. “E você vai voltar... quando?”

“Ah... acho que daqui a uns três dias. Talvez no domingo ou na segunda-feira.” Tom já estava vestido e tomando uma segunda xícara de café com torradas na sala de visitas. “Vou sair daqui a pouco para cuidar das passagens. E espero que as notícias sejam boas às dez horas, querida.”

Heloise ia ligar às dez horas para um médico em um hospital de Paris para saber sobre a mãe. “*Merci, chéri.*”

“Tenho um pressentimento de que não há nada errado com sua mãe.” Tom estava sendo sincero, porque a sogra parecia bastante saudável. Nesse momento Tom viu que Henri, o jardineiro, havia chegado — embora não fosse nem terça, nem quinta, mas sexta-feira — e preguiçosamente enchia grandes baldes de metal com a água de chuva armazenada em um tanque ao lado da estufa. “Henri chegou. Que ótimo!”

“É, eu sei. Tome, não há nada perigoso nessa sua viagem a Hamburgo, não é?”

“Não, querida. Reeves sabe que eu tenho conhecimento sobre uma transação da Buckmaster que é bem parecida com essa de Hamburgo. E também é um ótimo lugar para Billy. Vou mostrar-lhe um pouco da cidade. Eu nunca me meto em nada perigoso.” Tom sorriu, pensando em tiroteios, dos quais ele considerava nunca ter participado, mas também se lembrou de uma noite em Belle Ombre, quando um ou dois

cadáveres da Máfia estavam caídos sobre o piso de mármore, bem ali, na sala de visitas, pingando sangue que ele teve que limpar com os panos de chão de Mme. Annette. Heloise não ficara sabendo disso. Pelo menos, não de um tiroteio. Os mafiosos tinham armas, mas Tom acertara a cabeça de um deles com um pedaço de madeira. Não gostava de se lembrar disso.

De seu quarto, Tom telefonou para o aeroporto de Roissy e descobriu que havia lugares disponíveis em um vôo da Air France que sairia às três e quarenta e cinco daquela tarde. Reservou um lugar para Benjamin Andrews, de forma que a passagem seria retirada no aeroporto. Em seguida foi de carro até Moret e comprou uma passagem de ida e volta em seu próprio nome. Quando voltou, passou as informações para Frank. Sairiam de Belle Ombre lá pela uma da tarde, em direção a Roissy.

Tom estava satisfeito por Heloise não ter perguntado o telefone de Reeves em Hamburgo. Ele certamente já lhe dera o número em alguma outra ocasião, mas talvez ela o tivesse perdido. Seria embaraçoso se ela encontrasse o número e ligasse para Reeves. Tom pensou que deveria ligar para Reeves assim que chegasse a Berlim, mas por algum motivo não queria fazê-lo naquele momento. Frank estava fazendo as malas. E Tom olhava para sua casa como se fosse um navio que estava prestes a abandonar, embora ela estivesse em boas mãos, aos cuidados de Mme. Annette. Apenas três ou quatro dias? Não era nada. Tom havia pensado em pegar o Renault e deixá-lo no estacionamento do aeroporto, mas Heloise quis levá-los ou, pelo menos, acompanhá-los na Mercedes, que agora estava funcionando bem. Então Tom dirigiu a Mercedes até o aeroporto Roissy-Charles de Gaulle, pensando como o aeroporto de Orly fora agradável e conveniente havia um ano, mais ou menos, no trajeto entre Villeperce e Paris, até que abriram o Roissy, na zona norte de Paris, e mudaram todas as rotas para lá, até mesmo os vôos para Londres.

“Heloise... obrigado por me agüentar por tantos dias”, disse Frank em francês.

“Foi um prazer, Billy! E você nos ajudou muito... com o jardim e com a casa. Boa sorte!” Ela estendeu a mão pela janela aberta do carro e,

para surpresa de Tom, beijou Frank dos dois lados do rosto quando ele se curvou em sua direção.

O garoto sorriu, embaraçado.

Heloise foi embora, e Tom e Frank entraram no terminal com a bagagem. A despedida afetuosa de Heloise lembrou a Tom que ela nunca perguntara quanto ele estava pagando ao garoto pelos serviços. Nada. Tom estava certo de que o garoto não teria aceitado nada. Naquela manhã Tom dera ao garoto cinco mil francos, o valor máximo com o qual era permitido sair da França, e Tom levava a mesma quantia, embora nunca tivesse sido interrogado pelos franceses em saídas do país. Se ficassem sem dinheiro em Berlim, o que era improvável, ele podia enviar um telegrama para um banco em Zurique. Tom disse a Frank que fosse comprar a passagem no balcão da Air France.

“Benjamin Andrews, voo 789”, disse-lhe Tom. “E no avião nós não vamos nos sentar juntos. Não olhe para mim. Falo com você em Düsseldorf, talvez, ou então em Berlim.” Ele se dirigiu ao check-in, mas se pegou tentando ver se Frank comprava a passagem sem dificuldade. Havia uma ou duas pessoas na frente de Frank, e logo o garoto chegou ao balcão, e Tom viu, pelos gestos da funcionária e pelo dinheiro mudando de mãos, que estava tudo bem.

Tom embarcou a bagagem e foi para uma das escadas rolantes ascendentes que o levavam ao portão número 6. Esses portões, chamados simplesmente de portões na Inglaterra ou em qualquer outro lugar, ali eram absurdamente chamados de “satélites”, como se fossem distantes do aeroporto ou girassem em torno dele. Tom acendeu um cigarro no último dos salões em que era permitido fumar e deu uma olhada nos outros passageiros, quase todos homens, um deles já escondido atrás das páginas de um número do *Frankfurter Allgemeine*. Tom foi um dos primeiros a embarcar. Ele não olhou para trás para ver se Frank havia entrado na sala de embarque. Acomodou-se em sua poltrona na ala de fumantes, semicerrou os olhos e observou os passageiros que entravam esbarrando nas poltronas com maletas, mas não viu Frank.

Em Düsseldorf, os passageiros foram informados de que poderiam deixar a bagagem de mão a bordo, mas todos tinham que descer. Eram

levados em fila, como um rebanho, em direção a um destino desconhecido, mas Tom já havia passado por isso, e sabia que não passariam por nada pior do que uma vistoria e carimbos nos passaportes.

Depois foram para uma pequena área de espera, e Tom viu Frank comprando um selo para a carta que mandaria a Teresa. Tom se esquecera de dar ao garoto um pouco do dinheiro alemão que tinha consigo, sobra de viagens anteriores, mas a atendente estava sorrindo, pelo jeito aceitando o dinheiro francês de Frank, e a carta mudou de mãos. Tom embarcou novamente, agora rumo a Berlim.

“Você vai adorar o aeroporto Berlim-Tegel”, Tom dissera a Frank. Tom gostava porque o aeroporto parecia ter dimensões mais humanas: sem enfeites, sem escadas rolantes, níveis triplos ou cromo que doía nos olhos de tão brilhante, apenas um salão de recepção pintado de amarelo com um bar-café com o balcão redondo bem no centro, e um banheiro bem visível, sem que se tivesse que andar um quilômetro para chegar até ele. Tom esperou um pouco perto do balcão circular e, quando viu Frank, acenou discretamente para ele, mas o garoto obedecia ordens tão à risca que nem sequer olhou para Tom, e este teve que interceptá-lo.

“Que bom encontrá-lo aqui!”, disse Tom.

“Boa tarde, senhor”, disse Frank, sorrindo.

Os quarenta e poucos passageiros que haviam desembarcado em Berlim agora pareciam ter minguado, ficando apenas uns doze, o que era um outro entretenimento para os olhos.

“Vou arranjar um hotel”, disse Tom. “Espere aqui com a bagagem.” Tom foi até uma cabine telefônica a alguns metros de distância, procurou o número do Hotel Franke em sua agenda e discou para lá. Ele certa vez havia visitado um conhecido nesse hotel de categoria média, e anotara o endereço para uso futuro. Sim, eles tinham quartos vagos, disse o recepcionista do Hotel Franke, e Tom fez a reserva em seu nome, e disse que chegaria lá dentro de meia hora. As poucas pessoas que haviam sobrado no aconchegante terminal pareceram tão inofensivas a Tom que ele arriscou pegar um táxi com o garoto.

O destino deles era a Albrecht-Achillesstrasse, perto da Kurfürstendamm. Primeiro passaram por um trecho que parecia ter

muitos quilômetros de áreas planas, por armazéns, pastos e celeiros, depois a cidade começou a se revelar com algumas construções de aparência nova, uns quase arranha-céus bege e cor de creme, um pouco de cromado nas pontas das torres. Estavam se aproximando pelo norte. Devagar e com certo incômodo, Tom foi percebendo aquela entidade entrincheirada, como uma ilha, chamada Berlim Ocidental, cercada por território sob controle soviético. Bem, eles estavam do lado de dentro do Muro e protegidos, pelo menos no momento, por soldados franceses, americanos e ingleses. Um edifício que não era novo, com a fachada denteada e irregular, fez o coração de Tom se acelerar, para sua surpresa.

“Aquele é a Gedächtniskirche!”, disse Tom para Frank, com um orgulho que era quase o de um proprietário. “É um marco muito importante. Foi bombardeada, como você pode ver, mas deixaram do jeito que está.”

Frank olhava pela janela, atônito, quase como se fosse Veneza, pensou Tom, e à sua maneira, Berlim era igualmente singular.

A torre marrom-avermelhada e em ruínas da Gedächtniskirche passou por eles à esquerda, e então Tom disse: “Tudo isto que você está vendo foi nivelado. É por isso que parece tão novo agora”.

“*Ja*, e foi tudo *kaputt*, destruído!”, disse em alemão o motorista de meia-idade. “Vocês são turistas? Estão aqui a passeio?”

“Sim”, disse Tom, satisfeito com o fato de o motorista querer conversar. “Como está o tempo?”

“Ontem, chuva... hoje, desse jeito.”

Estava nublado, mas não chovia. Percorreram a Kurfürstendamm em alta velocidade e pararam em um sinal vermelho na Lehninplatz.

“Olhe todas essas lojas novas”, disse Tom a Frank. “Eu realmente não gosto muito da Kurfürstendamm.” Lembrou-se de sua primeira viagem a Berlim, sozinho, quando andara a comprida Kurfürstendamm de cima a baixo, tentando em vão perceber alguma coisa que não fossem as belas vitrines das lojas, os cromados e as cabines de vidro que exibiam porcelanas, relógios de pulso e bolsas. Kreuzberg, a área antiga e mais pobre de Berlim, agora repleta de trabalhadores turcos, tinha mais personalidade.

O motorista virou à esquerda na Albrecht-Achillesstrasse, passando por uma pizzaria de esquina da qual Tom se lembrou, e depois em frente a um supermercado que estava fechado, à direita. O Hotel Franke ficava à esquerda, em uma pequena curva na rua. Tom pagou o motorista com alguns dos marcos que ainda lhe restavam, cerca de seiscentos.

Preencheram fichas que a recepcionista lhes entregou, e os dois consultaram os passaportes para verem os números corretos. Seus quartos eram no mesmo andar, mas não um ao lado do outro. Tom não quis ir para o Hotel Palace, mais elegante, perto da Gedächtniskirche, porque havia se hospedado lá antes e achava que, de alguma forma, eles poderiam se lembrar dele, e reparar que estava com um garoto que não era parente. Tom não se importava com o que as pessoas poderiam pensar sobre isso, mas achou que em um hotel mais modesto como o Franke seria mais difícil reconhecerem Frank Pierson.

Tom pendurou uma calça, puxou a colcha da cama para trás e jogou o pijama sobre o fino acolchoado cheio de penas e preso com botões, que servia ao mesmo tempo de cobertor e lençol, um costume alemão que Tom conhecia havia muito tempo. A vista da janela era completamente melancólica, com um pátio acinzentado, um prédio de concreto com seis andares e algumas copas de árvores ao longe. De repente, Tom sentiu-se inexplicavelmente feliz, com uma sensação de liberdade que talvez fosse ilusória. Colocou a carteira com o passaporte e os francos franceses que havia trazido no fundo da mala, fechou a tampa da mala, saiu e trancou a porta. Havia dito a Frank que o encontraria em cinco minutos. Bateu na porta do garoto.

“Tom? Pode entrar.”

“Ben!”, disse Tom, sorrindo. “Como estão as coisas?”

“Olhe só esta cama *maluca*!”

Os dois caíram na gargalhada. Frank também havia retirado a colcha e colocado o pijama sobre o acolchoado de penas abotoado.

“Vamos dar uma caminhada. Onde estão aqueles dois passaportes?” Tom certificou-se de que o novo passaporte do garoto não estava à vista, encontrou o passaporte de Johnny na mala, colocou-o em um envelope que achou na gaveta da escrivaninha do quarto e escondeu-o no fundo da mala do garoto. “Você não vai querer se livrar do

passaporte errado.” Tom desejou ter queimado o passaporte de Johnny em Belle Ombre, porque, de qualquer forma, o irmão de Frank devia ter tirado outro.

Os dois saíram e poderiam ter descido a escada, mas Frank queria ver o elevador novamente. Parecia estar tão feliz quanto Tom. Por que será?, perguntou-se Tom.

“Aperte o E. Significa Erdgeschoss, andar térreo.”

Deixaram as chaves na recepção, saíram e viraram à esquerda, em direção à Kurfürstendamm. Frank olhava fascinado para tudo, até mesmo para um bassê que alguém levava para passear. Tom propôs que tomassem uma cerveja na pizzaria da esquina. Compraram fichas e ficaram em fila no balcão para pegar as cervejas; em seguida levaram as canecas enormes para a única mesa parcialmente vazia, onde duas garotas comiam pizza. Com um movimento de cabeça, elas deixaram que os dois se sentassem.

“Amanhã iremos a Charlottenburg”, disse Tom. “Há alguns museus lá e um belíssimo parque também. E há o Tiergarten.” E tinham aquela noite também. Havia vários lugares para ir em Berlim à noite. Tom olhou para o rosto do garoto e viu que o sinal estava escondido. “Continue assim”, disse Tom, apontando para seu próprio rosto.

À meia-noite ou pouco depois, eles estavam no Romy Haag’s, e Frank estava um pouco bêbado depois de três ou quatro cervejas. Frank havia ganhado um ursinho de pelúcia em uma barraca de jogos ao lado de uma cervejaria, e Tom agora carregava o ursinho marrom, que era o símbolo de Berlim. Tom havia estado no Romy Haag’s na última visita a Berlim. Era uma discoteca meio turística, que apresentava um show de transformistas tarde da noite.

“Por que você não vai dançar?”, perguntou Tom a Frank. “Convide uma delas.” Tom se referia a duas garotas sentadas com seus drinques em banquinhos no bar, mas viradas para a pista de dança, acima da qual girava uma esfera cinzenta. Sombras e luzes brancas que vinham dos refletores giravam lentamente sobre as paredes. O objeto rotatório cinzento, que não era maior do que um bola de praia e, em si, era muito feio, parecia uma relíquia saída dos anos 30, uma reminiscência da Berlim pré-Hitler, e apresentava um estranho fascínio ao olhar.

Frank ficou encabulado, como se não tivesse coragem de abordar as garotas. Ele e Tom estavam em pé no bar.

“Não são prostitutas”, acrescentou Tom, em voz alta para compensar o barulho da música.

Frank foi ao banheiro perto da porta. Quando voltou, passou por Tom e foi direto para a pista de dança, onde Tom o perdeu de vista por alguns minutos, para em seguida vê-lo dançando com uma garota loira sob a esfera giratória, com mais uma dúzia de outros casais e pessoas que dançavam sozinhas. Tom sorriu. Frank pulava o tempo todo e estava se divertindo muito. A música era contínua, mas Frank voltou depois de alguns minutos, triunfante.

“Pensei que o senhor ia me achar um covarde se eu não tirasse uma garota para dançar!”, disse ele.

“Gostou da garota?”

“Ah, muito! Linda! Só que ela estava mascando chiclete. Eu disse ‘*Guten Abend*’ e até ‘*Ich liebe dich*’, que são as únicas coisas que eu sei dizer em alemão, aprendi em músicas. Acho que ela pensou que eu estava de fogo. Mas ela riu mesmo assim!”

Com certeza ele estava de fogo, e Tom segurou-o pelo braço para que ele pudesse colocar uma das pernas sobre o banquinho. “Não precisa beber o resto da cerveja, se não quiser.”

Um rufar de tambores anunciou o início do show. Três homenzarrões começaram a saltitar pelo palco, usando vestidos longos, com babados cor-de-rosa, amarelos e brancos, chapéus floridos de abas largas e enormes seios brancos de plástico, completamente à mostra e com mamilos vermelhos. Aplausos entusiasmados! Eles cantaram alguma coisa de *Madame Butterfly*, e em seguida vieram diversos quadros rápidos, os quais Tom pouco entendeu, mas que aparentemente os espectadores apreciaram muito.

“Eles são engraçados!”, gritou Frank no ouvido de Tom.

O trio musculoso terminou o número com *Das ist die Berliner Luft*, sacudindo os vestidos e as pernas para o alto, enquanto flores atiradas pela platéia choviam sobre eles.

Frank bateu palmas e gritou “Bravo! *Bravi!*”, e quase caiu do banquinho.

Alguns minutos depois, Tom estava andando de braço dado com o garoto — especialmente para impedir que Frank caísse — por uma calçada escura, mas ainda cheia de pedestres mesmo às duas e meia da manhã.

“O que é *aquilo?*”, perguntou Frank, ao ver duas pessoas com roupas estranhas se aproximando.

Pareciam ser um homem e uma mulher, o homem com roupas de arlequim e chapéu com pontas na frente e atrás, enquanto a mulher parecia uma carta de baralho ambulante, e Tom confirmou que era um ás de espadas quando ela se aproximou. “Provavelmente saíram de alguma festa”, disse Tom, “ou estão indo para uma.” Tom já havia reparado que em Berlim as pessoas gostavam de trocar de roupa, indo de um extremo a outro, usando até mesmo fantasias. “É uma espécie de jogo de ‘quem sou eu?’”, disse Tom. “A cidade toda é assim.” Tom poderia ter continuado a análise. A cidade de Berlim era muito extravagante e muito artificial — pelo menos em sua condição política —, daí seus habitantes tentarem superar isso com suas roupas ou seu comportamento. Também era uma maneira de os berlinenses dizerem “*Nós existimos!*”. Mas Tom não estava com vontade de analisar nada. Apenas disse: “E pensar que a cidade está rodeada por esses *russos* chatos, sem nenhum senso de humor!”.

“Ei, Tom, não poderíamos dar uma olhada em Berlim Oriental? Eu adoraria dar uma passada por lá!”

Tom apertou o ursinho e tentou pensar se haveria algum perigo para Frank, mas não imaginou nenhum. “Claro. Eles estão mais interessados em arrancar alguns marcos alemães dos visitantes do que em descobrir quem são. Tem um táxi ali! Vamos pegá-lo!”

Às nove horas da manhã seguinte, Tom telefonou para o quarto de Frank, para saber como “Ben” havia passado.

“Muito bem, obrigado. Acordei há dois minutos.”

“Vou pedir que sirvam o café-da-manhã aqui no quarto, então venha para cá. É o 414. E não esqueça de trancar a porta quando sair.”

Às três da manhã, quando chegaram ao hotel, Tom havia verificado se os passaportes de Frank ainda estavam na mala, e eles continuavam lá.

Durante o café-da-manhã, Tom sugeriu que fossem a Charlottenburg, depois a Berlim Oriental e depois ao zoológico de Berlim, se ainda tivessem disposição. Deu ao garoto um recorte do *Sunday Times* de Londres com um texto de Frank Giles, que Tom havia recortado e guardado cuidadosamente, porque falava muito sobre Berlim em poucas palavras. O título era “Berlim está dividida para sempre?”. Frank leu enquanto comia uma torrada com geléia, e Tom disse que não fazia mal se caísse manteiga no recorte, porque ele o tinha havia muito tempo.

“A apenas oitenta quilômetros da fronteira polonesa!”, disse Frank maravilhado. “E... noventa e três mil soldados soviéticos a trinta quilômetros dos... subúrbios de Berlim.” Então olhou para Tom e perguntou: “Por que eles estão tão preocupados com Berlim? Por que essa coisa toda com esse Muro?”

Tom estava saboreando seu café e não queria começar uma palestra. Talvez Frank se desse conta da realidade naquele dia mesmo. “O Muro percorre a Alemanha de cima a baixo, e não só em Berlim. Fala-se mais do Muro de Berlim pelo fato de ele rodear Berlim Ocidental, mas o Muro vai até a Polônia e até a Romênia também. Você vai vê-lo... hoje. E quem sabe amanhã tomamos um táxi e vamos até Glienicke-Brücke, onde eles às vezes trocam prisioneiros, da Alemanha Ocidental e da

Oriental. Na verdade, espões. Eles até dividem o rio, dá para ver um cabo de aço sobre a superfície dividindo o rio ao meio.” Pelo menos alguma coisa daquilo tudo estava sendo absorvida pelo garoto, pensou Tom, porque Frank leu o artigo com muita atenção. O texto explicava a tripla ocupação militar ou controle de Berlim pelos exércitos ingleses, franceses e americanos, o que ajudava a explicar por que a companhia aérea alemã Lufthansa não podia aterrissar no aeroporto Berlim-Tegel (mas não para Tom, que sempre sentira que havia algo que não conseguia entender a respeito de Berlim). Berlim era artificial, uma coisa diferente, não fazia sequer parte da Alemanha Oriental, e talvez nem quisesse fazer parte, uma vez que os berlinenses sempre tiveram orgulho de ser berlinenses.

“Vou me vestir e bato na sua porta em dez minutos”, disse Tom, levantando-se. “Traga o passaporte, Ben. É para cruzar o Muro.” O garoto estava vestido, mas Tom ainda estava de pijama.

Pegaram um bonde antigo da Kurfürstendamm até Charlottenburg, e passaram mais de uma hora nos museus de arqueologia e pintura. Frank demorou-se nas maquetes de atividades do passado na área de Berlim, mineração de cobre feita por homens vestidos com peles de animais, três mil anos antes de Cristo. Da mesma forma que em Beaubourg, Tom se pegou observando se havia alguém interessado em Frank, mas só via pais com crianças tagarelas e curiosas, que olhavam os objetos expostos. Até agora, Berlim se mostrava um cenário tranqüilo e inofensivo.

Depois tomaram outro bonde de volta até a parada Charlottenburg S-Bahn, seguindo de trem para Friedrichstrasse e o Muro. Tom tinha um mapa. Eles ficaram acima da superfície todo o trajeto, embora o trem fosse um tipo de metrô, e Frank olhava pela janela os prédios de apartamentos que passavam, a maioria bastante velhos e desbotados, o que significava que não haviam sido bombardeados. Então surgiu o Muro, cinzento e com três metros de altura, como anunciado, com arame farpado no topo, cheio de manchas de tinta feitas pelos soldados da Alemanha Oriental, e Tom lembrou-se de que haviam sido feitas antes da visita do presidente Carter há alguns meses, para que a televisão da Alemanha Ocidental não transmitisse os slogans anti-soviéticos pintados no Muro para dentro das casas dos berlinenses

orientais e de muitos alemães orientais que conseguiam captar os programas da Alemanha Ocidental em seus aparelhos. Tom e Frank aguardaram em uma sala com mais uns cinquenta turistas e berlinenses ocidentais, muitos carregados com sacolas de compras, cestas de frutas, presunto enlatado e o que parecia ser caixas vindas de lojas de roupas. Eram, em sua maioria, pessoas mais velhas, provavelmente visitando pela enésima vez seus parentes e primos de quem haviam sido separados pelo Muro desde 1961. Os números de sete dígitos de Tom e Frank foram finalmente chamados por uma garota atrás de um guichê com grades, o que significava que podiam passar para outra sala com uma mesa comprida, onde havia soldados da Alemanha Oriental em uniformes cinza-esverdeados. Uma garota devolveu-lhes os passaportes e alguns metros adiante tiveram que comprar o equivalente a seis marcos e cinquenta fênigues em dinheiro da Alemanha Oriental, o que representava uma quantidade maior de marcos da Alemanha Oriental. Tom sentiu certa aversão ao tocar o dinheiro, e enfiou-o em um dos bolsos de trás da calça.

Agora eles estavam “livres”. Tom sorriu ao pensar isso, enquanto caminhavam pela Friedrichstrasse, que continuava do outro lado do Muro, Tom apontou para os palácios da família real prussiana, ainda sujos. Por que será que não limpam isso, perguntou-se, ou então por que não colocam umas cercas vivas em volta, se querem causar boa impressão ao resto do mundo?

Frank olhava tudo a seu redor, sem dizer nada durante vários minutos.

“Avenida Unter den Linden”, disse Tom, sem muito entusiasmo. No entanto, um sentido de autopreservação fez com que tentasse pensar em algo mais agradável, e ele pegou Frank pelo braço e conduziu-o para uma rua à direita. “Vamos por aqui.”

Estavam de volta à rua — sim, a Friedrichstrasse mais uma vez —, onde longos balcões se projetavam das lanchonetes quase até a metade da calçada, e fregueses em pé tomavam sopa, comiam sanduíches ou bebiam cerveja. Alguns deles pareciam ser operários da construção civil com macacões sujos de gesso, outros eram mulheres e garotas que deviam trabalhar em escritórios.

“Acho que vou comprar uma caneta esferográfica”, disse Frank. “Seria engraçado comprar *qualquer coisa* aqui.”

Aproximaram-se de uma papelaria em cuja frente havia uma banca de jornal vazia, e encontraram um cartaz na porta onde estava escrito: FECHADO PORQUE TIVE VONTADE DE FECHAR. Tom riu e traduziu a frase para Frank.

“É capaz de haver outra loja mais à frente”, disse Tom para Frank enquanto continuavam andando.

Havia outra loja, mas também estava fechada, com mais uma placa escrita à mão: FECHADO POR MOTIVO DE RESSACA. Frank achou os dizeres engraçados.

“Talvez eles tenham mesmo senso de humor, mas, se não for isso, deve ser exatamente o que li a respeito, uma espécie de... de desleixo, talvez.”

Tom também teve uma sensação deprimente, que lhe fez recordar a primeira viagem a Berlim Oriental. As roupas das pessoas pareciam desleixadas. Esta era a segunda visita de Tom, e ele não teria vindo se não fosse pela vontade do garoto. “Vamos almoçar, para ver se nos animamos”, disse Tom, apontando para um restaurante.

Era um restaurante grande, modesto mas de aparência eficiente, e algumas das mesas compridas tinham toalhas brancas. Se não tivessem dinheiro suficiente, pensou Tom, o caixa adoraria receber marcos alemães. Sentaram-se, e Frank analisou a clientela pensativamente — um homem de óculos e terno escuro, sentado sozinho, e duas garotas gorduchas tagarelando e tomando café em uma mesa próxima — como se observasse uma nova espécie de animal em um zoológico. Tom achou engraçado. Esses eram os “russos” para Frank, com os traços do comunismo.

“Na verdade, nem todos são comunistas”, disse Tom. “Eles são alemães.”

“Eu sei. Mas é que fico pensando que eles não podem ir para a Alemanha Ocidental se quiserem. Podem?”

“Pois é”, disse Tom, “não podem.”

A comida estava chegando, e Tom esperou até que a garçonete loira, de sorriso amigável, tivesse se afastado. “Mas os russos dizem que

construíram o Muro para manter os capitalistas *fora*. De qualquer forma, é nisso que eles apostam.”

Subiram até o topo da torre da Alexanderplatz, orgulho de Berlim Oriental, para tomar café e admirar a vista. Então o desejo de ir embora se apoderou dos dois.

Apesar de cercada, Berlim Ocidental pareceu um grande espaço aberto logo que saíram do bairro do Muro e seguiram para Tiergarten pelo trem de superfície. Haviam trocado mais algumas notas de dez marcos, e Frank agora examinava suas moedas de Berlim Oriental.

“Talvez eu guarde estas como lembrança... ou talvez mande algumas para Teresa, só de brincadeira.”

“Mas, por favor, não daqui”, disse Tom. “Fique com elas até chegar em casa.”

Era relaxante ver os leões passeando em aparente liberdade no Tiergarten, tigres preguiçosamente reclinados perto de seus tanques de água, bocejando para o público, embora houvesse um fosso entre eles e os visitantes. Bem no instante em que Tom e Frank estavam passando, o cisne selvagem levantou o pescoço e grasnou. Caminharam lentamente até o aquário. Lá Frank se apaixonou pelo Druckfisch.

“Inacreditável!”, comentou Frank, boquiaberto, parecendo de repente uma criança de doze anos. “Aqueles cílios! Parecem falsos!”

Tom riu e olhou para o peixinho azul brilhante, com quinze centímetros de comprimento, se tanto, nadando a uma velocidade que se poderia chamar de moderada, aparentemente em busca de nada, a não ser pelo fato de que sua pequena boca se abria e fechava como se ele estivesse perguntando alguma coisa. As pálpebras de seus enormes olhos eram delineadas em preto, e acima e abaixo delas havia o que parecia ser longos cílios negros, graciosamente curvos, como se um desenhista os tivesse feito com um lápis especial sobre as escamas azuis. Era uma das maravilhas da natureza, pensou Tom. Ele já havia visto esse peixe antes. O animal o impressionou novamente, e ele ficou satisfeito de que o Druckfisch atraísse mais a admiração de Frank do que o Picassofisch. O Picassofisch, igualmente pequeno, tinha uma faixa preta em ziguezague em seu corpo amarelo, sugerindo uma pincelada do Picasso cubista, e uma faixa azul ao redor da cabeça com

diversas antenas levantadas — bem estranhas, sem dúvida, mas que não eram páreo para os cílios do Druckfisch. Tom desviou os olhos daquele mundo aquático e sentiu-se um trambolho desajeitado enquanto caminhava, respirando ar.

Os crocodilos, em seus compartimentos de vidro aquecidos, com uma ponte para pedestres no meio, tinham no corpo algumas pequenas feridas que sangravam levemente, sem dúvida infligidas pelos companheiros. Mas naquele momento estavam todos cochilando, com alguns dentes ameaçadores à mostra.

“Chega?”, perguntou Tom. “Que tal ir ao Bahnhof?”

Saíram do aquário e andaram algumas ruas até a estação ferroviária, onde Tom trocou seus francos por mais um pouco de dinheiro alemão. Frank também trocou alguns.

“Sabe, Ben”, disse Tom, enfiando o dinheiro no bolso, “mais um dia aqui e você vai ter que começar a pensar em... ir para casa, que tal?” Ele dera uma olhada no interior do Bahnhof, ponto de encontro de prostitutas, vigaristas, gays, cafetões, viciados em drogas e Deus sabe o que mais. Andava ao mesmo tempo que falava, querendo sair daquele lugar, para o caso de algum desocupado, por algum motivo, se interessar por ele e pelo garoto.

“Talvez eu vá para Roma”, disse Frank, enquanto caminhavam em direção à Kurfürstendamm.

“Não vá para Roma. Deixe para outra ocasião. Você já esteve lá, não é?”

“Apenas duas vezes, quando garotinho.”

“Vá para casa primeiro. Esclareça tudo. Também com Teresa. Ainda poderá ir a Roma no próximo verão. Hoje é apenas 26 de agosto.”

Uns trinta minutos mais tarde, quando Tom descansava em seu quarto com o *Morgenpost* e o *Der Abend*, Frank telefonou-lhe.

“Reservei uma passagem para Nova York na segunda-feira”, disse Frank. “Sai às onze e quarenta e cinco, Air France, depois eu mudo para um vôo da Lufthansa em Düsseldorf.”

“Muito bom... Ben.” Tom sentiu-se aliviado.

“Talvez o senhor tenha que me emprestar um pouco de dinheiro. Posso comprar a passagem. Mas não vai sobrar muito.”

“Sem problema”, disse Tom pacientemente. Cinco mil francos eram mais que mil dólares, e por que o garoto iria precisar de mais se estava indo direto para casa? Será que estava tão habituado a carregar grandes quantias que se sentia mal com pouco? Ou será que o dinheiro de Tom havia se tornado um símbolo de amizade para Frank?

Naquela noite, foram ao cinema, saíram antes de o filme acabar e, como já passava das onze e eles ainda não tinham jantado, Tom levou-o para o Rheinische Winzerstuben, que ficava bem perto dali. Pelo menos oito copos de cerveja, cheios até a metade, estavam enfileirados no balcão ao lado das torneiras dos barris, à espera de fregueses. Os alemães levavam vários minutos para servir uma cerveja da maneira que consideravam adequada, e isso era algo que Tom apreciava. Ele e Frank escolheram o que iriam comer em um balcão que oferecia sopas caseiras, presunto, rosbife, carneiro, repolho, batatas fritas ou cozidas, e meia dúzia de tipos de pão.

“Aquilo que o senhor disse sobre Teresa é verdade”, disse Frank logo que conseguiram uma mesa. “É melhor eu esclarecer as coisas com ela.” O garoto engoliu, embora ainda não tivesse comido nada. “Talvez ela goste de mim, talvez não. E eu percebi que não sou suficientemente *velho*. Mais cinco anos de escola, se eu terminar a faculdade. Pelo amor de Deus!”

De repente Frank pareceu estar furioso com o sistema escolar, mas Tom sabia que seu problema era a incerteza em relação à garota.

“Ela é diferente de outras garotas”, continuou o garoto. “Não consigo descrever... com palavras. Ela não é tonta. É muito segura de si, e isso às vezes me assusta, porque eu pareço não ter tanta autoconfiança quanto ela. Talvez eu não tenha mesmo. Talvez o senhor venha a conhecê-la algum dia. Espero que sim.”

“Também espero. Coma antes que esfrie.” Tom achava que nunca iria conhecer Teresa, mas o que mais fazia as pessoas prosseguirem a não ser ilusão, ou esperança, como aquela à qual o garoto tentava se agarrar agora? Ego, moral, energia, e aquilo que as pessoas chamavam, de maneira tão vaga, de futuro — para a maioria tudo isso baseava-se em outra pessoa. Muito poucas pessoas conseguiam viver sozinhas. E ele? Tom tentou por alguns segundos imaginar-se em Belle Ombre sem Heloise. Sem ninguém com quem conversar na casa, exceto Mme.

Annette, ninguém para ligar o aparelho de som e encher de repente a casa com rock ou, às vezes, com Ralph Kirkpatrick no cravo. Ainda que Tom escondesse de Heloise boa parte de sua vida, suas atividades ilegais e potencialmente perigosas que acabariam com Belle Ombre se descobertas, ela havia se tornado parte de sua experiência, quase a carne de sua carne, como dizem nos votos matrimoniais. Não faziam amor com muita frequência, nem quando Tom ia dormir na cama dela, o que não era tão comum, mas, quando faziam, Heloise era quente e apaixonada. A pouca frequência dessas ocasiões não parecia incomodá-la de forma alguma. O que era curioso, porque ela só tinha vinte e sete anos, ou seriam vinte e oito? Mas para ele aquilo também era conveniente. Não toleraria uma mulher que o requisitasse várias vezes por semana: isso na verdade teria feito com que ele se desligasse dela, talvez imediata e permanentemente.

Tom criou coragem e disse, em um tom de voz educado e suave: “Posso lhe perguntar se você já foi para a cama com Teresa?”.

Frank levantou os olhos do prato com um sorriso rápido e trêmulo. “Uma vez. Eu... Bom, é claro que foi maravilhoso. Talvez maravilhoso demais.”

Tom esperou que ele continuasse.

“O senhor é a única pessoa a quem eu contaria isso”, prosseguiu Frank, a voz mais baixa. “Eu não me saí muito bem. Acho que estava excitado demais. Ela também estava excitada, mas nada aconteceu... de verdade. Foi no apartamento da família dela em Nova York. Todos haviam saído, as portas estavam todas trancadas. E ela riu.” Frank olhou para Tom como se tivesse relatado um fato, não um fato que o tivesse magoado, apenas um fato.

“Riu de você?”, perguntou Tom, tentando assumir uma atitude de interesse moderado. Acendeu um Roth-Händle, o equivalente alemão de um Gauloise.

“De *mim*, não sei. Talvez. Eu me senti péssimo. Constrangido. Eu estava pronto para fazer amor com ela e não consegui ir até o fim. Entende?”

Tom podia imaginar. “Talvez ela tenha rido *com* você.”

“Eu até *tentei* rir. Nunca conte isso para ninguém, está bem?”

“Não vou contar. E, de qualquer forma, para quem eu contaria?”

“Os outros caras lá na escola estão sempre contando vantagem. Acho que na metade das vezes estão mentindo. Sei que estão. Pete... um ano mais velho... gosto muito dele, mas sei que nem sempre fala a verdade. Sobre garotas, quero dizer. Claro, eu acho que deve ser fácil, se você não gosta *muito* da garota. Sabe como é? Talvez seja isso. Então você só pensa em si mesmo, e em ser durão e fazer tudo e tudo bem. Mas eu... estou apaixonado por Teresa há *meses*. Há sete meses. Desde a noite em que a conheci.”

Tom estava tentando elaborar uma pergunta: será que Teresa tinha outros amigos com quem ia para a cama? Ia fazer a pergunta quando um acorde introdutório muito alto ressoou sobre a algazarra da cervejaria.

Alguma coisa estava acontecendo na parede oposta a eles. Tom já havia visto aquele show antes. Luzes se acenderam e a barulhenta abertura de *Der Freischütz* estrondeou de um sistema de som bastante antigo que estava em algum lugar. Na parede, projetaram uma paisagem de casas mal-assombradas feitas de silhuetas recortadas: uma coruja empoleirada em uma árvore, a lua brilhando, um relâmpago, e gotas de chuva de verdade caíram à direita. Até um trovão se ouviu, soando como um grande pedaço de latão sendo agitado na coxia. Algumas pessoas se levantaram de suas mesas para poderem ver melhor.

“Que *loucura!*”, disse Frank, sorrindo. “Vamos olhar!”

“Vá você”, disse Tom, e o garoto foi. Tom quis continuar sentado para avaliar Frank à distância, para ver se alguém prestava atenção nele.

Frank, vestindo o blazer azul de Tom e a calça de veludo marrom — um pouco curta, porque o garoto devia ter crescido desde quando a comprara —, assistia ao quadro com as mãos na cintura. Ninguém que Tom pudesse ver prestava atenção nele.

A música terminou com sons de pratos de bateria, as luzes se apagaram, a chuva parou e as pessoas voltaram a seus lugares.

“Que grande idéia!”, disse Frank, voltando devagar para a mesa, com aparência tranqüila. “A chuva cai de uma canaleta na frente, o senhor sabia? Quer mais uma cerveja?” Frank estava ansioso para ser prestativo.

Era quase uma hora quando Tom pediu ao motorista do táxi que os levasse a um bar chamado A Mão Feliz. Tom não sabia em que rua ficava. Alguém lhe falara sobre o lugar, talvez até mesmo Reeves.

“Talvez o senhor esteja falando do Bunda Feliz”, disse o motorista em alemão, sorrindo.

“Qualquer coisa assim”, disse Tom. Ele sabia que os berlinenses mudavam os nomes de seus bares quando falavam entre si.

Esse bar não tinha nenhuma placa na entrada, apenas um cardápio iluminado em uma caixa de vidro presa à parede ao lado da porta, mas o som da música de discoteca chegava até o lado de fora. Tom empurrou a porta marrom, e uma figura alta e fantasmagórica empurrou Tom de volta de brincadeira.

“Não, não, você não pode entrar aqui!”, disse a figura, e então agarrou Tom pela frente do suéter e puxou-o para dentro.

“Você é tão *charmoso!*”, gritou Tom para a figura que o havia puxado para dentro — quase dois metros de altura em uma camisola de musselina que chegava até o chão, no rosto uma máscara de maquiagem branca e cor-de-rosa.

Tom certificou-se de que Frank estava logo atrás enquanto abria caminho até o bar, o que parecia algo impossível diante da multidão — composta totalmente por homens e rapazes, todos gritando uns com os outros. Parecia haver dois grandes salões para dançar, talvez até mesmo três. Frank foi muito observado e cumprimentado enquanto se esforçava para seguir Tom. “*Fazer o quê?*”, disse Tom para ele, dando de ombros alegremente, querendo dizer que não achava que fosse conseguir chegar até o bar para pedir uma cerveja ou qualquer outra coisa. Havia mesas encostadas nas paredes, mas estavam lotadas e, mais do que lotadas, com pessoas em pé conversando com as que estavam sentadas.

“*Hoppla!*”, admirou-se uma outra figura travestida no ouvido de Tom, e Tom percebeu, quase com uma ponta de vergonha, que talvez fosse pelo fato de ele parecer normal. Era um milagre que não o pusessem na rua, e talvez devesse agradecer a Frank por isso. O pensamento o conduziu a outro mais alegre: o próprio Tom era objeto de inveja por ter um belo garoto de dezesseis anos a seu lado. Tom podia ver isso claramente agora, e a idéia o fez sorrir.

Uma figura vestida de couro convidava Frank para dançar.

“*Vá em frente!*”, gritou Tom para Frank.

Por um segundo Frank pareceu atônito, assustado, então de certa forma se recompôs e saiu com o sujeito de couro.

“... meu primo em Dallas!”, gritava uma voz para alguém que estava à esquerda de Tom, e ele se afastou dali.

“Dallas-Fort *Vort!*”, disse o companheiro em alemão.

“Não, esse é a porra do *aeroporto!* Estou falando de Dallas! *Friday* é o nome do bar. Bar gay! Garotos e garotas!”

Tom deu as costas para eles, e conseguiu aproximar-se do bar e pedir duas cervejas. Os três *barmen* usavam jeans gastos, mas também perucas, ruge, blusas com babados, e mostravam sorrisos afetados e cheios de batom. Ninguém parecia estar bêbado, mas todos estavam alegres de uma forma delirante. Tom segurou-se com uma das mãos no balcão do bar e ficou na ponta dos pés para procurar Frank. Viu o garoto dançando com mais desenvoltura do que com a garota no Romy Haag's. Outro sujeito parecia ter se juntado a eles, embora Tom não pudesse ter certeza. Agora uma estátua semelhante a Adônis, enorme e pintada de dourado, desceu do teto e girou horizontalmente sobre a pista de dança, enquanto do alto caíam balões coloridos, que eram jogados para cima de novo pelo alvoroço do salão. Em um dos balões estava escrito FILHO-DA-PUTA em letras góticas pretas, em outros havia desenhos e palavras que Tom não conseguia distinguir do lugar onde estava.

Frank estava voltando, abrindo caminho em direção a Tom. “Olhe! Perdi um botão, desculpe. Não consegui achá-lo na pista, e me derrubaram quando tentei procurar.” Era o botão do meio do blazer.

“Não tem importância! Sua cerveja!”, disse Tom, entregando-lhe um copo alto e fino.

Frank bebeu a espuma. “Eles estão se divertindo tanto...”, gritou ele, “e *sem* garotas!”

“Por que você voltou?”

“Os outros dois começaram a discutir... um pouco demais! O primeiro cara... disse alguma coisa que eu não entendi!”

“Deixe para lá”, disse Tom, que podia imaginar o que fora dito. “Você devia ter pedido a ele que falasse *em inglês!*”

“Ele falou e eu continuei sem entender!”

Frank era observado por dois homens que estavam atrás de Tom. Ele tentava dizer a Tom que aquela era uma noite especial, era o aniversário de alguém, esse era o motivo dos balões. A música estava tão alta que quase não se podia conversar. E isso, é claro, era desnecessário, porque os fregueses podiam admirar as roupas uns dos outros, e sair juntos dali ou trocar endereços. Frank disse que não queria mais dançar, e eles foram embora depois daquela única cerveja.

Na manhã do domingo, Tom acordou pouco depois das dez e ligou para a copa para saber se ainda podia tomar o café-da-manhã. Sim, podia. Em seguida ligou para o quarto do garoto. Ninguém atendeu. Será que Frank havia saído para uma caminhada matinal? Tom deu de ombros. O gesto fora proposital ou involuntário? E se o garoto se metesse em encrenca na rua, se fosse abordado por algum policial mais atento? “Posso saber o seu nome? Posso ver seu passaporte ou documento de identificação?” Será que havia algum cordão umbilical entre ele e Frank? Não. Ou, se houvesse, era melhor cortá-lo, pensou Tom. De qualquer forma, o laço seria cortado no dia seguinte, quando o garoto embarcasse no avião para Nova York. Tom jogou um maço de cigarros vazio no cesto de lixo, errou e levantou-se para pegá-lo do chão.

Ouviu baterem na porta de leve, com a ponta dos dedos, do jeito como ele batia.

“Frank.”

Tom abriu a porta.

Frank segurava uma sacola plástica transparente com frutas. “Saí para dar uma caminhada. Eu sabia que o senhor já estava acordado porque me disseram que pediu o café-da-manhã. Falei com o pessoal da recepção em alemão, que tal isso?”

Pouco antes do meio-dia, estavam em uma barraca Schnell-Imbiss em Kreuzburg, tomando cerveja em lata, e Frank comendo um *Bulette*, um hambúrguer sem pão, frio, que as pessoas comiam com a mão e mergulhavam em mostarda. Um turco que tomava cerveja e comia salsicha perto deles usava a última palavra em moda casual para o

verão: sem camisa, a barriga cabeluda caindo sobre o short verde curto, não só puído, mas quase destruído, provavelmente por um cachorro. Os pés sujos estavam em sandálias. Frank olhou o sujeito de cima a baixo, e disse:

“Acho que Berlim é enorme. E de maneira alguma provinciana.”

Isso deu a Tom uma idéia para as atividades da tarde: Grunewald, a grande floresta. Mas antes, talvez, a Glienicke-Brücke.

“Nunca vou me esquecer deste dia... meu último dia com o senhor”, disse Frank. “E não sei quando irei vê-lo novamente.”

Eram as palavras de um apaixonado, pensou Tom. Será que a família dele — a mãe, em especial — ficaria exultante se Tom aparecesse para visitar Frank na próxima viagem aos Estados Unidos, em outubro daquele ano? Tom duvidava disso. Será que a mãe dele sabia alguma coisa sobre a suspeita de falsificação dos quadros de Derwatt? Era muito provável que sim, uma vez que o pai de Frank havia falado sobre o assunto, talvez durante algum jantar. Será que seu nome evocaria alguma lembrança desagradável para a mãe de Frank? Tom não quis perguntar isso.

Almoçaram tarde, na varanda aberta de um restaurante cuja vista dava para Pflauen-Insel no Wannsee, um lago azul que ficava logo abaixo. Havia pedregulhos e pedras sob os pés deles, com folhas fazendo sombra e um garçom corpulento e amigável. *Sauerbraten* com bolinhos de batata, repolho roxo e cerveja. Estavam na área sudoeste de Berlim Ocidental.

“Puxa, a Alemanha é maravilhosa, não é?”, comentou Frank.

“Você gostou? Mais do que da França?”

“As pessoas parecem ser mais amistosas aqui.”

Tom achava a mesma coisa da Alemanha, mas Berlim parecia ser um lugar engraçado para fazer aquele comentário. Naquela manhã eles haviam passado por uma extensa parte do Muro, sem guardas visíveis, mas com os mesmos quatro metros de altura que haviam visto na Friedrichstrasse, e os cães de guarda com guias deslizantes atrás do Muro haviam latido com o barulho do táxi passando. O motorista havia adorado fazer o passeio, e falara muito e rapidamente. Do outro lado do Muro, fora da vista e até mesmo atrás dos cachorros, havia um campo minado, “de cinqüenta metros de largura!”, dissera o motorista

em alemão, e depois do campo, uma trincheira antiveículos de quase três metros de profundidade, e depois ainda da trincheira havia uma faixa de terra preparada para marcar pegadas. “Quanto trabalho eles têm!”, disse Frank. E Tom, inspirado, comentou: “Eles se chamam de revolucionários, mas acabam sendo os mais retrógrados agora. Dizem que todo país precisa de uma revolução, mas por que alguns grupos ainda se aliam a *Moscou...*”. Tentou dizer aquilo em alemão para o motorista. “Ah. Moscou agora só tem o poder militar, para fazer demonstrações de força de vez em quando. Idéias, nenhuma”, dissera o motorista, resignado, ou com um ar de resignação. Na Glieniccker-Brücke, Tom traduziu para Frank o que estava escrito em alemão em uma enorme placa:

Aqueles que deram a esta ponte o nome de Ponte da União também construíram o Muro, puseram arame farpado, criaram as zonas da morte e, portanto, impedem a união.

Tom traduziu assim, mas o garoto queria o original em alemão, que Tom acabou copiando para ele. O motorista, Hermann, fora tão gentil que Tom o convidou para o almoço, para que depois ele pudesse levá-los a mais algum lugar. Hermann aceitou o convite, mas sugeriu educadamente sentar em outra mesa.

“Grunewald”, disse Tom a Hermann depois que pagaram a conta. “Pode nos levar lá? E aí você se livra de nós, porque vamos querer andar um pouco.”

“É claro! Tudo bem!”, disse Hermann, erguendo-se devagar da cadeira, como se tivesse engordado alguns quilos com seu almoço. O dia estava quente, e ele usava uma camisa branca de mangas curtas.

O trajeto era de uns seis quilômetros em direção ao norte. Tom abriu o mapa de Berlim sobre o colo para mostrar a Frank onde estavam. Atravessaram a ponte Wannsee e viraram para o norte, passaram muitas áreas florestais que continham pequenos aglomerados de casas. Por fim chegaram a Grunewald, e Tom contou a Frank que lá as tropas da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos com frequência faziam seus treinamentos com tanques e prática de tiro. Jogos de guerra.

“Pode nos deixar em Trümmerberg, Hermann?”, perguntou Tom.

“Trümmerberg, perto de Teufelsberg”, respondeu ele em alemão.

Hermann atendeu ao pedido, o táxi subiu um aclive, e lá estava Trümmerberg, uma montanha feita de entulho de ruínas da guerra, coberta com terra. Tom pagou a tarifa a Hermann e deu-lhe mais vinte marcos. O motorista agradeceu e desejou-lhes boa tarde: “*Danke schön und schönen Tag!*”.

Um garotinho havia subido em uma parte da montanha e manobrava um avião de brinquedo por controle remoto. Havia uma pista curva em um dos lados da Trümmerberg, para esqui e tobogã.

“Eles esquiam aqui no inverno”, Tom comentou com Frank. “Divertido, não?” Tom não sabia bem o que havia de divertido agora — pois não havia neve —, mas sentia-se eufórico. Era fantástico ver uma enorme floresta de um lado e a cidade de Berlim do outro, em um nível mais baixo e à distância. Alamedas sem pavimentação conduziam a Grunewald, uma floresta de aparência selvagem, com uns trinta quilômetros quadrados, pelo que Tom pôde ver em seu mapa. O fato de uma floresta assim estar dentro dos limites da cidade era surpreendente para Tom, um tipo de bênção, visto que toda Berlim Ocidental estava confinada, inclusive, é claro, a própria Grunewald.

“Vamos por aqui”, disse Tom.

Entraram em uma das alamedas que conduziam à floresta, e depois de alguns minutos as árvores se fecharam sobre eles, bloqueando boa parte da luz solar. Um rapaz e uma moça faziam um piquenique a alguns metros dali, em um cobertor aberto sobre as agulhas dos pinheiros. Frank olhou para eles com ar sonhador, talvez com inveja. Tom pegou uma pinha, assoprou-a e colocou-a no bolso da calça.

“Que lindas as bétulas! Adoro bétulas!”, disse Frank. Havia bétulas pintadas em toda parte, de todos os tamanhos, entre pinheiros e um ou outro carvalho.

“Em algum lugar... fica o setor do Exército. Tem cercas de arame farpado em volta e placas vermelhas de alerta, eu me lembro.” Mas Tom estava se sentindo confuso, sem vontade de conversar sobre qualquer coisa. Sentia uma tristeza no garoto.

No dia seguinte, por volta daquela mesma hora, Frank estaria voando em direção a Nova York. E para o que ele estaria voltando? Uma garota sobre a qual não tinha muitas certezas e uma mãe que lhe

perguntara se ele havia matado o pai — e parecia ter acreditado nele quando ouvira uma negativa. E alguma coisa nos Estados Unidos teria mudado? Será que haveria novos indícios contra Frank? Talvez. Não dava para Tom saber agora, mas supôs que havia uma possibilidade de isso acontecer. Será que Frank havia realmente matado o pai, ou seria tudo produto de uma fantasia do garoto? Não era a primeira vez que Tom pensava nisso. Será que, pelo fato de a floresta iluminada pelo sol ser tão bonita e o dia estar tão agradável, ele se recusava a acreditar que o garoto tivesse matado alguém? Tom notou uma enorme árvore caída à esquerda deles e foi até ela, seguido pelo garoto.

De perto, Tom percebeu que a árvore fora cortada. Encostou-se nela, acendeu um cigarro e deu uma olhada no relógio: treze para as quatro. Teve vontade de voltar para a Trümmerberg, onde sabia que havia alguns carros e a chance de pegar um táxi. Seria fácil se perder se fossem mais para a frente. “Quer um cigarro?”, perguntou Tom. Na noite anterior o garoto havia fumado um.

“Não, obrigado. Espere um instante. Vou fazer um xixi.”

Tom desencostou-se da árvore quando o garoto passou por ele. “Vou ficar por aqui.” Apontou para a alameda por onde vieram. Tom estava pensando que poderia voltar para Paris no dia seguinte à tarde, a menos que decidisse visitar Eric Lanz, e talvez passar a noite com ele. Seria divertido ver o tipo de apartamento que Eric tinha em Berlim, que tipo de vida ele levava. Também lhe daria tempo de comprar um presente para Heloise, alguma coisa bonita da Kurfürstendamm, uma bolsa, por exemplo. Tom olhou para a direita, pensando ter ouvido alguma coisa, talvez vozes. Procurou o garoto. “Ben?” Tom recuou alguns passos. “Ei, Ben, você está perdido? É por aqui!” Tom voltou para a árvore derrubada. “*Ben!*” Teve a impressão de ter ouvido galhos se partindo mais adiante na floresta. Ou teria sido o vento?

Frank estava brincando de novo, supôs Tom, como havia feito na estradinha perto de Belle Ombre. Tom não pensou em andar pelos arbustos porque poderiam rasgar sua calça. Ele sabia que o garoto estava por perto, então gritou: “Está certo, Ben! Chega de brincadeira! Vamos embora!”.

Silêncio.

Tom engoliu com certa dificuldade. Com o que estava preocupado? Não tinha muita certeza.

De repente Tom saiu correndo, um pouco para a esquerda, onde pensou ter ouvido um barulho de galhos. “*Ben!*”

Não houve resposta, e Tom continuou andando — parou apenas uma vez para olhar para trás, para a floresta densa e vazia —, então começou a correr novamente. “*Ben?*”

Chegou de repente a uma estrada de terra e entrou nela, ainda para a esquerda. Pouco mais à frente a estrada fazia uma curva para a direita. Ele deveria continuar andando ou voltar? Tom estava curioso o bastante para seguir em frente, a passos largos agora, e ao mesmo tempo decidindo que, se não visse o garoto nos próximos trinta metros, voltaria e tentaria mais uma vez a floresta. Será que Frank estava fugindo novamente? Seria uma idéia muito imbecil, pensou Tom, e para onde o garoto iria sem o passaporte, que estava no hotel? Ou será que ele havia sido preso?

À sua frente, em um plano mais baixo que o da estrada e em uma pequena clareira, Tom de repente teve a resposta diante de si: um carro azul-escuro estava na frente de Tom com as portas dianteiras abertas. Naquele momento o motorista deu a partida, acelerou o carro e bateu sua porta, fechando-a. Um outro homem, que estava atrás do carro, começou a entrar no banco do passageiro, mas, ao ver Tom, parou com uma das mãos na porta, enquanto procurava com a outra alguma coisa dentro do paletó.

Eles estavam com Frank, Tom tinha certeza disso. Tom avançou. “Que porra vocês estão...”

Tom se viu diante de uma pistola negra apontada diretamente para ele, talvez a uns cinco metros de distância. O homem segurava a arma com as duas mãos. Então o homem entrou no carro rapidamente, fechou a porta e o carro deu ré. B-RW-778 era o que estava escrito na placa. O motorista era loiro, o sujeito que tinha a arma era um grandalhão de cabelo liso e bigode. E Tom percebeu que eles o tinham visto claramente.

O carro afastou-se, mas não andava rápido. Tom poderia ter corrido atrás dele, mas para quê? Para levar uma bala na barriga? O que algo insignificante como a morte de Tom Ripley importaria comparado com

um garoto que valia alguns milhões de dólares? Será que Frank estava no porta-malas, amordaçado? Ou será que haviam batido na cabeça dele e ele estava inconsciente? Não havia um terceiro homem, no banco de trás? Tom achava que sim.

Tudo isso lhe passou pela cabeça antes que o carro, um Audi, saísse de seu campo de visão ao virar na próxima curva.

Tom tinha uma esferográfica, mas, sem papel, tirou do bolso o maço de Roth-Haendle e escreveu nele o número da placa enquanto ainda a tinha na cabeça. Talvez eles abandonassem o carro, ou trocassem a placa, sabendo que ele os havia visto, pensou Tom. Ou quem sabe o carro tivesse sido roubado para aquele serviço.

Havia também a incômoda possibilidade de que o tivessem reconhecido como Tom Ripley. Talvez estivessem seguindo ele e Frank desde o dia anterior. Seria útil para eles eliminá-lo? A chance era de cinquenta por cento, pensou Tom. Mas não conseguia pensar com clareza naquele momento, e sua mão estava trêmula quando anotou o número da placa. É claro que ele havia ouvido vozes na floresta! Os seqüestradores deviam ter abordado Frank com alguma pergunta aparentemente inofensiva.

Era melhor que ele não ficasse nem mais um dia em Berlim. Tom voltou a mergulhar na desagradável e espessa floresta, e pegou um atalho para a alameda, porque receava que os seqüestradores pudessem decidir voltar e lhe dar um tiro.

Tom voltou a Trümmerberg pela mesma alameda por onde havia entrado na floresta com Frank, e teve de agüentar uma irritante espera de quase vinte minutos por um táxi, que só apareceu por acaso, pois a maioria dos visitantes de Grunewald vinha nos próprios carros. Tom instruiu o motorista a ir para o Hotel Franke, Albrecht-Achillesstrasse.

Não seria demais, como Frank sempre dizia, se o garoto estivesse de volta a seu quarto de hotel, depois de ter feito outra brincadeira, e se as pessoas que Tom havia visto no carro e a arma fizessem parte de alguma outra armação? Mas não era esse o caso. A chave do quarto de Frank continuava na recepção e a de Tom também.

Tom pegou a chave e foi para o quarto, trancou a porta nervosamente pelo lado de dentro, sentou na cama e pegou a lista telefônica. Os números da polícia deveriam estar logo no começo, pensou ele, e de fato estavam. Discou o número de “emergências” e colocou à sua frente o maço de cigarros com o número anotado.

“Acho que testemunhei um seqüestro”, disse Tom. Em seguida respondeu às perguntas do policial. Quando? Onde?

“Seu nome, por favor?”

“Não desejo me identificar. Eu anotei o número da placa do carro.” Tom leu o número e disse a cor do carro, azul-escuro, um Audi.

“Quem era a vítima? O senhor conhece a vítima?”

“Não”, disse Tom.” “Era um garoto... parecia ter uns dezesseis, dezessete anos. Um dos homens tinha uma arma. Posso lhes telefonar novamente daqui a algumas horas para saber o que descobriram?” Tom iria telefonar, não importava o que lhe dissessem.

O homem disse “sim” e, com um agradecimento brusco, desligou.

Tom havia dito que o seqüestro ocorrera às quatro da tarde na floresta Grunewald, não muito longe de Trümmerberg. Agora eram quase cinco e meia. Pensou que devia entrar em contato com a mãe de

Frank, avisá-la de que talvez viesse a receber um pedido de resgate, embora não soubesse em que isso ajudaria. Agora que o advogado dos Pierson tinha realmente o que fazer, estava em Paris, e Tom não sabia como entrar em contato com ele. No entanto, a sra. Lily Pierson saberia.

Tom foi até a recepção do hotel e pediu a chave do quarto de Herr Andrews. “Meu amigo saiu e está precisando de algumas coisas que estão no quarto.”

A chave lhe foi dada, sem perguntas.

Tom subiu e entrou no quarto de Frank. A cama estava feita, o quarto arrumado. Tom procurou algum caderno de endereços sobre a escrivaninha do quarto, e depois se lembrou do passaporte de Johnny na mala de Frank. O endereço de Johnny nos Estados Unidos era um endereço na Park Avenue, em Nova York. A mãe deles provavelmente estaria em Kennebunkport agora, mas o endereço de Nova York era melhor do que nada, e Tom anotou-o e recolocou o passaporte na mala. Então, em um bolso no forro da tampa da mala, encontrou um caderninho marrom de endereços e abriu-o ansiosamente. Em Pierson havia apenas um endereço na Flórida e um número de telefone, sob a anotação “Pierson Materiais de Pesca”. Que azar! A maioria das pessoas, pensou Tom, não anotava o próprio endereço, porque o sabia de cor, mas como os Pierson tinham muitas casas, Tom teve alguma esperança de encontrar algo que pudesse usar.

Por fim, achou melhor ir até a recepção para tentar achar o que queria, pois os correios estavam fechados naquele dia, um domingo. Mas antes ele voltou para o quarto, jogou a chave do quarto de Frank sobre a cama, tirou o suéter e molhou uma toalha. Lavou o rosto e o tronco até a cintura, vestiu o suéter de novo e tentou simular um ar de calma. Percebeu que estava completamente abalado pelo “roubo” do garoto, no sentido de que ele fora levado embora. Tom nunca se sentira tão abalado assim por alguma coisa que tivesse feito, porque, em tais situações no passado, ele estivera no controle. Mas agora o controle lhe escapara completamente. Saiu do quarto, trancou-o e desceu pelas escadas.

Na recepção do hotel, escreveu em um pedaço de papel: John Pierson, Kennebunkport, Maine (Bangor). Tom achava que Bangor era

a cidade grande mais próxima, e talvez lá pudessem fornecer o número de Kennebunkport. “Você poderia pedir à telefonista de Bangor, Maine, para me arranjar o número do telefone dos Pierson?”, pediu Tom ao recepcionista, que olhou para o que estava escrito no papel e disse: “Sim, senhor, imediatamente”, e foi até a garota que estava sentada à esquerda de Tom, diante de uma mesa de telefonia.

O recepcionista voltou e disse: “Talvez demore uns dois ou três minutos. O senhor deseja falar com alguém em especial?”.

“Não. Antes eu gostaria apenas de saber o número, por favor.” Tom andou de um lado ao outro do lobby, perguntando-se se a garota conseguiria, se a telefonista nos Estados Unidos iria dizer que o número não constava da lista ou que não poderia ser fornecido.

“Herr Ripley, conseguimos o número”, disse o recepcionista, com um papel na mão.

Tom sorriu. Copiou o número em um outro papel. “Pode ligar? Eu atenderei no meu quarto. Por favor, não diga o meu nome. Diga apenas que é uma chamada de Berlim.”

“Perfeitamente, senhor.”

De volta ao quarto, Tom não chegou a esperar um minuto até que seu telefone tocasse.

“Aqui é Kennebunkport, Maine”, disse uma voz feminina. “Estou falando com Berlim, Alemanha?”

A telefonista do Hotel Franke confirmou.

“Pode falar”, disse a telefonista do Maine.

“Bom dia, residência dos Pierson”, disse uma voz com sotaque britânico.

“Alô”, disse Tom. “Posso falar com a senhora Pierson, por favor?”

“Quem gostaria de falar?”

“É sobre o filho dela, Frank.” A formalidade do interlocutor deu a Tom a calma de que precisava.

“Um segundo, por favor.”

Tom teve que esperar mais de um segundo, mas pelo menos parecia que a mãe de Frank estava em casa. Tom ouviu uma voz de mulher, depois uma voz de homem, e deduziu que Lily Pierson se aproximava do telefone acompanhada do mordomo, cujo nome, pelo que Tom se lembrava, era Eugene.

“Alô”, surgiu uma voz aguda.

“Alô. Senhora Pierson, a senhora poderia me dizer em que hotel seu filho Johnny e o detetive particular estão hospedados? Em Paris?”

“Por que está perguntando isso? Você é americano?”

“Sim”, disse Tom.

“Posso saber o seu nome?” O tom de voz dela era de cautela e medo.

“Isso não é importante. É mais importante que...”

“Você sabe onde Frank está? Ele está com você?”

“Não, ele não está comigo. Eu queria apenas saber como entrar em contato com seu detetive particular em Paris. Gostaria de saber em que hotel eles estão hospedados.”

“Mas eu não entendo por qual motivo você quer saber isso.” A voz dela estava se tornando cada vez mais estridente. “Você está escondendo meu filho em algum lugar?”

“Não, não mesmo, senhora Pierson. Posso descobrir onde está o seu detetive telefonando para a polícia francesa. Então será que a senhora não poderia me dar o número agora e me poupar o trabalho? O lugar onde eles estão hospedados não é algo sigiloso, ou é?”

Houve uma breve hesitação. “Eles estão no Hôtel Lutetia. Mas eu gostaria de saber *por que* você quer saber isso.”

Tom havia conseguido o que queria. O que ele não queria era que a polícia de Berlim fosse alertada pela sra. Pierson ou pelo detetive. “É porque talvez eu o tenha visto em Paris”, respondeu Tom, “mas não tenho certeza. Obrigado, senhora Pierson.”

“Onde em Paris?”

Tom queria desligar. “Na American Drugstore, em St-Germain-des-Près. Eu acabei de chegar de Paris. Até logo, senhora Pierson.” Tom desligou

Começou a fazer as malas. De um minuto para o outro, o Hotel Franke havia se tornado um lugar bastante inseguro. A dupla ou trio que estava com Frank podia muito bem tê-los seguido até o hotel em algum momento desde a noite de sexta, e poderiam facilmente lhe dar um tiro quando estivesse saindo ou mesmo subir até o quarto para fazer isso. Tom pegou o telefone e disse à recepção que ia sair do hotel em poucos minutos, eles poderiam fechar a sua conta e também a conta de Herr Andrews. Em seguida Tom fechou a mala e foi até o

quarto de Frank. Pensou em ligar para Eric Lanz. Eric talvez pudesse hospedá-lo mas, se não pudesse, qualquer hotel em Berlim seria mais seguro do que aquele. Tom começou a recolher as coisas de Frank: os sapatos que estavam no chão, a pasta e a escova de dentes no banheiro, o urso de Berlim. Acomodou tudo na mala, fechou-a e saiu com ela, deixando a chave na porta. Levou a mala para seu quarto, achou o cartão de Eric, que ainda estava no bolso de seu paletó, e discou o número.

Uma voz alemã, mais grossa que a de Eric, atendeu o telefone e perguntou quem estava falando.

“Tom Ripley. Estou em Berlim.”

“*Ach, Tom Ripley! Einen Moment, bitte! Eric ist im Bad!*”

Tom sorriu. Eric estava em casa, tomando banho! Depois de alguns segundos, Eric atendeu.

“Alô, Tom! Bem-vindo a Berlim! Quando podemos nos encontrar?”

“Agora... se possível”, disse Tom, da maneira mais calma que pôde. “Você está ocupado?”

“Não-ão. Onde você está?”

Tom disse a ele. “Vou pagar a conta e sair.”

“Nós podemos ir pegá-lo! Você ainda tem algum tempo?”, perguntou Eric, satisfeito. “Peter! Albrecht-Achillesstrasse, é fácil para nós...” A voz dele ficou distante, estava falando em alemão, depois voltou. “Tom! Vamos encontrá-lo em menos de dez minutos.”

Tom desligou o telefone, sentindo-se muito aliviado.

O recepcionista não pareceu surpreso com o fato de Tom querer fechar as contas, mas talvez achasse estranho ele levar a mala do garoto. Tom estava preparado para dizer que Herr Andrews o aguardava no aeroporto. Pagou as duas contas, mais as ligações, e eles não fizeram pergunta alguma. Ótimo. Ele poderia ser um dos seqüestradores de Frank, pensou Tom, ou estar de conluio com eles, enquanto levava embora os pertences de Frank.

“Boa viagem!”, disse o recepcionista, sorrindo.

“Obrigado!” Nesse instante, Tom viu Eric entrando no saguão.

“Oi, Tom”, disse Eric, exultante. O cabelo escuro parecia ainda úmido do banho. “Já terminou aqui?”, perguntou ele olhando para a recepção. “Quer que eu leve uma das malas? Está sozinho?”

Havia um mensageiro no saguão, mas estava ajudando outro hóspede, que tinha três malas.

“No momento, sim. Meu amigo está esperando no Flughafen”, disse Tom, para o caso de o recepcionista ou alguma outra pessoa estar ouvindo a conversa.

Eric pegou a mala de Frank. “Vamos! O carro de Peter está à direita. O meu está no mecânico até amanhã. Quebrado há algum tempo. Rá!”

Um Opel verde-claro estava estacionado perto dali, e Eric apresentou Tom a Peter Schubler, pelo menos o nome soava assim, um homem alto e magro, de uns trinta anos, com um queixo comprido e cabelo preto bem curto, como se tivesse acabado de sair do barbeiro. A bagagem foi acomodada facilmente no assoalho e no banco traseiro do carro. Eric insistiu para que Tom se sentasse na frente com Peter.

“Onde está seu amigo? Está mesmo no aeroporto?”, perguntou Eric, com interesse, inclinando o corpo para a frente assim que Peter ligou o carro.

Eric não sabia quem era o amigo que estava com Tom, embora talvez desconfiasse de que fosse Frank Pierson, o destinatário do passaporte que levava até Paris. “Não”, respondeu Tom. “Mais tarde eu lhe conto. Podemos ir para sua casa agora, Eric, ou seria incômodo?” Tom falou em inglês, sem saber se Peter entendia.

“Mas é claro! Certo, vamos para casa, Peter! Peter estava indo para lá de qualquer forma. Achamos que você pudesse ter algum tempo livre.”

Tom olhava para os dois lados da rua, como havia feito ao sair do hotel. Olhava para as pessoas na calçada, até mesmo para os carros estacionados junto ao meio-fio, mas quando chegaram à Kurfürstendamm já estava um pouco mais calmo.

“Você está com o garoto?”, perguntou Eric em inglês. “Onde ele está?”

“Dando um passeio. Posso me encontrar com ele mais tarde”, disse Tom despreocupadamente, e de repente se sentiu mal, com náusea. Abaixou o vidro todo da janela.

“Minha casa é a sua casa, como dizem os espanhóis”, disse Eric, tirando do bolso um chaveiro, depois de terem entrado em um prédio antigo mas reformado. Estavam na Niebuhrstrasse, paralela à Kurfürstendamm.

Os três subiram com a bagagem em um elevador espaçoso, e Eric abriu uma outra porta. Mais palavras de acolhida de Eric, e, com a ajuda de Peter, Tom colocou as malas em um canto da sala de visitas. Era o apartamento de um homem solteiro, sem decoração, mobiliário antigo e essencial, e apenas um bule de prata bastante polido que estava sobre uma prateleira lançava algum brilho na sala. Havia diversas paisagens alemãs do século XIX e quadros de florestas nas paredes, que Tom sabia serem valiosos, mas que o entediavam ao extremo.

“Pode nos dar licença por um minuto, Peter? Tome uma cerveja, se quiser”, disse Eric.

O taciturno Peter acolheu o pedido com um movimento de cabeça, pegou um jornal e sentou-se em um enorme sofá preto sob uma luminária.

Eric fez um gesto, chamando Tom para o quarto ao lado, e fechou a porta. “Muito bem, qual é o problema?”

Eles não se sentaram. Tom contou a história rapidamente, incluindo sua conversa telefônica com Lily Pierson. “Ocorreu-me que os seqüestradores gostariam da idéia de se livrar de mim. É possível que tenham me reconhecido em Grunewald. Ou podem arrancar essa informação do garoto. Assim, Eric, eu ficaria mais do que agradecido se você pudesse me agüentar por esta noite.”

“Esta noite? Duas noites! Mais até! Que coisa, *mein Gott!* Meu Deus! E agora... o pedido de resgate, não é? Para a mãe?”

“Acho que sim.” Tom tirou um cigarro e deu de ombros.

“Duvido que tentem *tirar* o garoto de Berlim Ocidental, sabe? Muito difícil. Todos os carros são revistados minuciosamente nas fronteiras orientais.”

Tom podia imaginar. “Eu gostaria de dar dois telefonemas esta noite, um para perguntar à polícia se descobriram alguma coisa sobre o Audi em Grunewald e outro para perguntar ao Hotel se Frank apareceu. Ocorreu-me que os seqüestradores talvez ficassem com medo e soltassem o garoto. Mas...”

“Mas o quê?”

“Não vou dar seu número de telefone nem endereço para ninguém. Isso não vai ser necessário.”

“Obrigado. De qualquer forma, não para a polícia. Isso é importante.”

“Se você preferir, posso ligar lá de fora.”

“Use o meu telefone!” Eric fez um gesto com a mão. “Suas chamadas são inocentes em comparação com o que acontece por aqui! É verdade que quase sempre em código! Vá em frente, Tom, e peça a Peter que ligue para você!” Eric parecia muito confiante. “No momento, Peter é meu motorista, secretário, guarda-costas... tudo! Vamos tomar alguma coisa!” Puxou Tom pelo braço.

“Confie nele.”

Eric cochichou: “Peter escapou de Berlim Oriental. Na segunda tentativa. Seria melhor dizer que eles o mandaram embora. Na primeira tentativa, eles o mandaram para a prisão. Lá ele se comportou tão mal que eles não o agüentaram. Peter... ele parece *mild und leise*, entende, manso e calmo, mas ele tem... bem... coragem”.

Voltaram para a sala de visitas, e Eric colocou uísque nos copos, enquanto Peter ia até a cozinha buscar gelo. Já eram quase oito horas.

“Vou pedir que Peter ligue para o Hotel Franke e pergunte se há algum recado de... qual era o nome mesmo?”

“Benjamin Andrews.”

“Ah, sim.” Eric mediu Tom de cima a baixo. “Você está nervoso, Tom. Sente-se.”

Peter despejou o gelo de uma bandeja de plástico preto dentro de um balde prateado. Em pouco tempo Tom tinha um copo de uísque na mão. Eric virou-se para Peter e contou-lhe a história rapidamente em alemão.

“*Wa-as?*”, exclamou Peter, espantado, e lançou para Tom um olhar respeitoso, como se de repente percebesse que Tom havia passado o diabo naquele dia.

“... na emergência”, Eric estava dizendo a Peter em alemão. “E o número da placa, você disse. Suponho que não tenha dado a eles o seu nome, certo?”

“É claro que não.” Tom copiou de maneira mais legível o número que estava no maço de Roth-Haendle em um papel que havia ao lado do telefone de Eric, acrescentando “Audi azul-escuro”.

“Talvez seja cedo para ter notícias do carro”, disse Eric. “Talvez eles o abandonem, se for roubado. E isso nos deixa sem nada, a não ser que a polícia descubra impressões digitais.”

“Telefone para o hotel primeiro, Peter”, disse Tom, e pegou o número na nota fiscal que tinha no bolso. “Quanto menos ouvirem a minha voz lá, melhor. Você pode perguntar se há algum recado de Herr Andrews?”

“Andrews”, repetiu Peter, discando o número.

“Ou algum recado para Herr Ripley.”

Peter fez que sim com a cabeça e apresentou as perguntas para a recepção do Hotel Franke. Depois de alguns segundos, Peter disse: “Está bem, obrigado”. E voltando-se para Tom: “Sem recados”.

“Obrigado, Peter. Agora você poderia tentar a polícia, para perguntar sobre o carro?” Tom olhou na lista telefônica de Eric, certificou-se de que o número da emergência era o mesmo que ele havia discado e mostrou-o a Peter. “É este aqui.”

Peter discou, falou com alguém por alguns minutos, com longas pausas, e por fim desligou. “Não encontraram esse carro”, disse Peter.

“Podemos tentar mais tarde... nos dois lugares”, disse Eric.

Peter foi para a cozinha, e Tom ouviu um barulho de pratos e depois a porta da geladeira se fechando. Peter parecia bastante familiarizado com a casa.

“Frank Pierson”, disse Eric com seu sorrisinho, esquecendo-se de Peter, que estava entrando com uma bandeja. “O pai dele não morreu há pouco tempo? *Sim*. Eu li a respeito.”

“Isso mesmo”, disse Tom.

“Suicídio, não foi?”

“É o que parece.”

Peter estava colocando a mesa. Havia trazido um rosbife frio, tomates e uma travessa com fatias de abacaxi fresco que enchiam o ar com aroma de *kirsch*. Puxaram cadeiras e sentaram-se a uma longa mesa.

“Você falou com a mãe. Acha que vai falar com o detetive em Paris?” Eric colocou um pedaço da carne vermelha na boca, seguido de um gole de vinho tinto.

A despreocupação de Eric incomodava Tom ligeiramente. Tratava-se apenas de uma situação meio confusa, e Eric queria ajudar Tom, porque Tom era amigo de Reeves Minot. Eric nem sequer conhecia Frank pessoalmente. “Não, eu não preciso falar com Paris”, disse Tom, querendo dizer que não pretendia se nomear como intermediário. “Como eu disse, a mãe não sabe o meu nome.”

Peter ouvia tudo atentamente, talvez entendesse tudo.

“Mas espero que aquele detetive não coloque a polícia de Berlim no caso... depois que a senhora Pierson receber o pedido de resgate. A polícia nem sempre ajuda num caso desses.”

“Não, se quiserem o garoto de volta vivo”, disse Eric.

Tom se perguntou se o detetive americano viria a Berlim. Era muito provável que o garoto fosse solto em Berlim, uma vez que era tão difícil mandá-lo para qualquer outro lugar. E onde será que os seqüestradores iriam querer que o dinheiro fosse depositado? Impossível responder a essa pergunta, pensou ele.

“Com que você está preocupado agora?”, perguntou Eric.

“Não estou preocupado”, disse Tom, sorrindo. “Estava pensando que talvez a senhora Pierson diga ao detetive para tomar cuidado com um americano em Berlim que ou está fazendo alguma brincadeira, ou está de conluio com os seqüestradores. Eu disse a ela...”

“Conluio?”

“Trabalhando com eles. Eu disse a ela que achava que havia visto Frank em Paris, sabe? Infelizmente ela sabe que eu liguei de Berlim, porque a telefonista do Hotel Franke disse.”

“Tom, você se preocupa demais. Mas talvez essa seja a razão do seu sucesso.”

Sucesso? Seria mesmo?

Peter disse alguma coisa a Eric em alemão tão rápido que Tom não entendeu.

Eric riu, e depois de engolir a comida disse a Tom: “Peter odeia seqüestradores. Diz que eles fingem que são esquerdistas, toda essa merda de política, quando tudo que querem é dinheiro, como qualquer outro vigarista”.

“Acho que vou querer ligar para o Hôtel Lutetia esta noite para ver se eles têm alguma notícia”, disse Tom. “Os seqüestradores podem ter

telefonado para a senhora Pierson. Não consigo imaginá-los mandando-lhe um telegrama ou uma carta expressa.”

“Não”, disse Eric, servindo mais vinho para todos.

“A essa altura, o detetive em Paris talvez já saiba onde o dinheiro deve ser entregue e onde o garoto será solto, e tudo mais.”

“Ele vai contar tudo isso a você?”, perguntou Eric, sentando-se novamente.

Tom sorriu mais uma vez. “Talvez não. Mas, ainda assim, imagino que eu possa descobrir alguma coisa. E por falar nisso, Eric, eu me responsabilizo pela conta telefônica.” Tom estava prevendo mais telefonemas.

“Que idéia! É coisa de inglês, os amigos e hóspedes pagarem as contas telefônicas. Não na minha casa... que é a *sua* casa. Que horas são? Ajudaria se eu ligasse para o Lutetia no seu lugar, Tom?” Eric consultou o relógio de pulso e falou antes que Tom pudesse responder. “Quase dez agora, e é o mesmo horário em Paris. Vamos dar ao detetive algum tempo para ele terminar seu jantar francês... às custas dos Pierson. Ha-ha!”

Eric ligou a televisão, enquanto Peter fazia o café. Depois de alguns minutos começou a passar um noticiário. Eric teve que atender o telefone duas vezes, e na segunda vez falou em um italiano deplorável. Depois Eric e Peter ouviram alguma figura política que discursou por um bom tempo, e os dois deram risadinhas e trocaram comentários. Tom não estava interessado naquilo a ponto de tentar entender o que o homem na tela dizia.

Por volta das onze, Eric propôs que ligassem para o Hôtel Lutetia. Tom não pedira antes para que o outro não voltasse a dizer que ele estava nervoso.

“Acho que tenho o número bem aqui.” Eric consultou uma agenda de endereços de couro preto. “*Ja*, aqui está...” Começou a discar.

Tom estava em pé ao lado dele. “Pergunte por John Pierson, por favor, Eric. Eu não sei o nome do detetive.”

“A esta altura, será que eles já sabem seu nome?”, perguntou Eric. “O garoto não teria dito...” Eric apontou para o pequeno fone de ouvido ao lado do aparelho.

Tom o pegou e o colocou no ouvido.

“Alô. Posso falar com John Pierson, por favor?”, disse Eric em francês, e acenou a cabeça com satisfação para Tom quando a telefonista disse que ia passar a ligação.

“Alô?”, disse uma jovem voz americana muito parecida com a de Frank.

“Alô. Estou ligando para perguntar se vocês têm notícias de seu irmão.”

“Quem está falando?”, perguntou Johnny, e em seguida houve sons de alguém falando com ele, outra voz masculina.

“Alô?”, disse uma voz mais grave.

“Liguei para saber notícias de Frank. Ele está bem? Vocês tiveram alguma notícia?”

“Qual é o seu nome? De onde está falando?”

Tom fez um gesto afirmativo diante do olhar interrogativo de Eric.

“De Berlim”, disse Eric. “Qual é a mensagem para a senhora Pierson?”, perguntou Eric, com uma objetividade que beirava o tédio.

“E por que eu deveria lhe dizer isso, se você não se identifica?”, retrucou o detetive.

Peter estava encostado à mesa, escutando.

Tom gesticulou para que Eric lhe passasse o telefone, e entregou-lhe o fone de ouvido. “Alô, aqui é Tom Ripley.”

“Ah!... Certo. Foi você quem falou com a senhora Pierson?”

“Sim, fui eu. Gostaria de saber se o garoto está bem, e o que foi feito.”

“Não sabemos se o garoto está bem”, replicou o detetive com frieza.

“Eles já pediram resgate?”

“S-sim-m.” A palavra foi dita como se o detetive tivesse chegado à conclusão de que não tinha nada a perder por revelar isso.

“O dinheiro deverá ser entregue em Berlim?”

“Não sei por que o senhor está interessado senhor Ripley.”

“Porque sou amigo de Frank.”

O detetive não comentou a afirmação.

“Frank poderá lhe confirmar isso... quando você falar com ele”, disse Tom.

“Nós não falamos com ele.”

“Mas eles deixarão que ele fale para provar que o prenderam... não? De qualquer forma, senhor... posso saber o seu nome?”

“S-sim. Thurlow. Ralph. Como sabe que o garoto foi seqüestrado?”

Tom não podia ou não queria responder. “Vocês informaram a polícia de Berlim?”

“Não, eles não querem que façamos isso.”

“Alguma idéia sobre onde eles possam estar em Berlim?”

“Nenhuma.” Thurlow parecia desanimado.

Não é fácil ter uma chamada rastreada sem a cooperação da polícia, supôs Tom. “Que tipo de prova eles vão dar a vocês?”

“Disseram que ele falaria conosco... talvez mais tarde ainda esta noite. Disseram que ele havia tomado alguns comprimidos para dormir. Pode me dar seu número de telefone aí?”

“Lamento, não posso. Mas posso entrar em contato com você. Boa noite, senhor Thurlow.” Tom colocou o fone no gancho no momento em que Thurlow dizia mais alguma coisa.

Eric olhou para Tom radiante, como se a conversa tivesse sido um sucesso, e guardou o fone de ouvido.

“Bem, sim, descobri alguma coisa”, disse Tom. “O garoto *foi* raptado e eu não estava... enganado.”

“Qual é o próximo passo?”, perguntou Eric.

Tom serviu-se de mais café do bule prateado. “Quero ficar em Berlim até algo acontecer. Até eu saber que Frank está a salvo.”

Logo depois, Peter foi embora, prometendo a Eric passar no mecânico no dia seguinte pela manhã para garantir que o carro de Eric fosse entregue na frente de seu apartamento. “Tom Ripley... boa sorte!”, disse Peter a Tom, e seu aperto de mão foi forte.

“Ele não é maravilhoso?”, disse Eric depois de fechar a porta do apartamento. “Eu ajudei Peter a fugir da Oriental, e ele nunca esqueceu isso. Ele é contador. Poderia arranjar um trabalho aqui. Teve um por uns tempos. Mas agora ele faz tanta coisa para mim que não precisa de um trabalho. Ele também cuida muito bem dos meus formulários de imposto de renda”, disse Eric, rindo.

Tom estava escutando, mas ao mesmo tempo pensava que ia ligar para Paris novamente naquela noite, talvez às duas ou três da manhã, para descobrir se Thurlow havia falado com Frank. Comprimidos para dormir, claro. Isso era de se esperar.

Eric ofereceu charutos de uma caixa, mas Tom recusou. “Você agiu bem em não dar o meu número de telefone para aquele detetive. Ele poderia passar para os seqüestradores! Muitos detetives são babacas... querem descobrir tudo o que puderem, sem se importar com mais ninguém. *Babacas!*... adoro essa gíria.”

Tom se conteve e não comentou que a palavra podia ter outro sentido também. “Vou lhe mandar um livro de gírias. Onde será, Zurique, Basiléia, onde?”, pensou Tom em voz alta, apreciando o fato de que podia fazer aquilo na presença de Eric, porque geralmente tinha que ocultar seus pensamentos.

“Você acha que é o lugar onde o dinheiro vai mudar de mão?”

“Você não acha provável? A menos que os seqüestradores o queiram em marcos em Berlim para suas atividades contra o *establishment*, ou coisa parecida. Mas a Suíça é sempre mais segura... acho eu.”

“Quanto você acha que eles vão pedir?” Eric fumava tranquilamente seu charuto.

“Um milhão, dois milhões de dólares? Talvez Thurlow já saiba a quantia. Talvez ele já esteja pronto para ir à Suíça amanhã.”

“Se me permite a pergunta, Tom, por que está tão interessado nesse seqüestro?”

“Ah... bem... estou interessado na segurança do garoto.” Tom andava pela sala com as mãos nos bolsos. “Ele é um garoto estranho, levando em consideração que sua família é tão rica. Parece que tem medo de dinheiro, ou ódio dele. Sabe que ele engraxou todos os meus sapatos? Estes aqui, por exemplo.” Tom levantou o pé direito. O brilho do sapato permanecia, apesar do passeio pela floresta Grunewald. Tom pensou no fato de Frank ter assassinado o pai. A solidariedade de Tom se devia a *isso*. Mas para Eric apenas acrescentou: “Ele está apaixonado por uma garota em Nova York. Ela não conseguiu escrever a ele desde que ele chegou à Europa, porque o garoto não deu nenhum endereço. Queria ficar incógnito por um tempo. Então ele estava indeciso, sem saber se a garota ainda gostava dele. Ele só tem dezesseis anos. Sabe como é.” Mas será que Eric já se apaixonara alguma vez? Para Tom, era difícil imaginar isso. Havia algo de muito egocêntrico e auto-suficiente em Eric.

Eric balançava a cabeça, pensativo. “Ele estava na sua casa quando estive lá. Eu sabia que tinha uma pessoa lá. Pensei que fosse... talvez uma garota... ou...”

Tom riu. “Uma garota que eu estivesse escondendo de minha mulher?”

“Por que ele fugiu de casa?”

“Ah... garotos fazem isso. Talvez estivesse aborrecido com a morte do pai. Talvez com a namorada. Ele queria se esconder por alguns dias... ficar sossegado. Trabalhou no jardim da minha casa.”

“Será que ele fez alguma coisa ilegal nos Estados Unidos?” Eric fez a pergunta com um tom de voz quase pudico.

“Não que eu saiba. Mas por um tempo ele não queria mais ser Frank Pierson, então eu lhe arrumei outro passaporte.”

“E o trouxe a Berlim.”

Tom inspirou profundamente. “Pensei que pudesse convencê-lo a voltar para casa daqui, o que consegui fazer. Ele tem uma passagem de avião reservada para amanhã, com destino a Nova York.”

“Amanhã”, repetiu Eric, sem emoção.

Por que Eric deveria ter alguma emoção?, pensou Tom. Olhou para os botões da camisa de seda de Eric, que estavam tensos com a pressão da barriga. Tom sentia-se como aqueles botões. “Eu gostaria de ligar de novo esta noite para Thurlow. Talvez bem mais tarde. Lá pelas duas ou três da manhã. Espero que não seja um incômodo, Eric.”

“Claro que não, Tom. O telefone está aqui à sua disposição.”

“Talvez eu deva perguntar onde vou dormir. Aqui, talvez?” Tom se referia ao grande sofá em tecido de crina.

“Ah, ainda bem que falou nisso! Você parece cansado, Tom. Sim, vai ser neste sofá, mas é um sofá-*cama*. Veja só!” Eric retirou uma almofada cor-de-rosa do sofá. “Parece um móvel antigo, mas é a última palavra. Um botão e...” Eric apertou alguma coisa, e o assento foi para a frente, o encosto caiu para trás e ficou plano, e o sofá ganhou o tamanho de uma cama de casal. “Que tal?”

“Maravilhoso”, disse Tom.

Eric trouxe cobertores e lençóis de algum lugar, e Tom ajudou-o. Primeiro um cobertor para nivelar as irregularidades causadas pelos botões do sofá, depois os lençóis. “É, acho que já está mesmo na hora de deitar. Deitar, ir para a cama, dormir, adormecer. Às vezes acho que sua língua é quase tão... flexível quanto o alemão”, disse Eric arrumando os travesseiros.

Tirando o suéter, Tom percebeu que iria dormir como uma pedra, mas não queria entrar em uma discussão etimológica sobre essa expressão, caso Eric estivesse interessado nela, assim ficou calado e puxou o pijama que estava no fundo da mala. Estava pensando que os seqüestradores poderiam ter forçado Frank a revelar seu nome. Será que a senhora Pierson confiaria nele para entregar o dinheiro do resgate? Percebeu que queria muito atingir os seqüestradores de alguma maneira. Talvez isso fosse uma tolice, uma loucura, porque naquele momento ele se sentia com um pouco de raiva e cansado demais para pensar de maneira lógica.

“O banheiro é todo seu, Tom”, disse Eric. “Já vou lhe dar boa-noite, assim não o perturbo mais. Quer que eu ajuste o despertador para tocar às duas, para você poder telefonar?”

“Acho que consigo... acordar”, respondeu Tom. “Muito obrigado, Eric.”

“Ah, antes que eu me esqueça, uma perguntinha. Como é o certo: vocês dizem acordar alguém, acordar a alguém ou... despertar alguém?”

Tom balançou a cabeça. “Acho que ninguém sabe isso direito.”

Em seguida Tom tomou banho e deitou-se, tentando fixar na mente o horário de três da manhã, para que pudesse acordar exatamente dali a uma hora e vinte minutos. Valia a pena arriscar-se a ser, ele próprio, seqüestrado, ou pior, levar um tiro e morrer, para entregar o dinheiro do resgate, quando qualquer outra pessoa poderia fazê-lo? Os seqüestradores poderiam escolher a pessoa que quisessem. Quem? Será que insistiriam para que Tom Ripley o fizesse? Era bem possível. Se os seqüestradores conseguissem prendê-lo, poderiam conseguir um pouco mais de dinheiro, e Tom tentou imaginar Heloise juntando o dinheiro de seu resgate — quanto seria, um quarto de milhão? — e pedindo um pouco ao pai dela — meu Deus, isso não! Esse pensamento fez Tom rir. Será que Jacques Plisson daria dinheiro por seu genro, Tom Ripley? Muito pouco provável! Um quarto de milhão certamente consumiria todos os investimentos que ele e Heloise tinham, e talvez até Belle Ombre tivesse que ser vendida. Impensável!

E talvez nada daquilo em que ele estava pensando viesse a acontecer.

Tom acordou de um sonho aflitivo, no qual tentava subir uma rua incrivelmente íngreme, mais vertical do que qualquer ladeira em San Francisco, e o carro ficava a ponto de cair para trás quando chegava no topo. Sua testa e seu peito estavam cobertos de suor. Mas faltava exatamente um minuto para as três da manhã.

Discou o número do Hôtel Lutetia que havia no caderno de endereços de Eric, onde também estava anotado o código para Paris. Tom pediu para falar com monsieur Ralph Thurlow.

“Alô. Sim... senhor Ripley. É Thurlow.”

“Quais são as novidades? Falou com o garoto?”

“Sim, falamos com ele há uma hora, mais ou menos. Disse que não está ferido. Parecia muito sonolento.” E Thurlow parecia muito cansado.

“E o que foi combinado?”

“Eles ainda não decidiram sobre o lugar. Eles...”

Tom esperou. Supôs que Thurlow hesitava para falar de dinheiro, e talvez ele tivesse tido um péssimo dia no Hôtel Lutetia. “Mas eles disseram o que queriam?”

“Sim, é o que virá de Zurique amanhã... quero dizer, hoje. A senhora Pierson vai mandar por telex para três bancos em Berlim. Eles querem em três bancos. E a senhora Pierson também acha que é mais seguro.”

Talvez a quantia fosse tão grande que a senhora Pierson quisesse atrair o mínimo de atenção possível, pensou Tom. “Você virá para Berlim?”

“Ainda não acertei isso.”

“Quem vai passar pelos bancos?”

“Não sei. Querem saber se o dinheiro está em Berlim primeiro. E depois é que vão me dizer onde deverá ser entregue.”

“Você acha que a entrega será em Berlim.”

“Acho que sim. Mas não sei.”

“A polícia não está no caso... com escuta no seu telefone?”

“Não, não mesmo”, disse Thurlow. “É assim que eles querem.”

“Qual é a quantia?”

“Dois milhões. Americanos. Em marcos alemães.”

“Você acha que um mensageiro do banco cuidaria de tudo?” A idéia fez Tom sorrir.

“Eles... eles parecem estar discutindo entre si”, a voz de Thurlow arrastou-se. “A respeito de lugar e horário. Um homem fala comigo... sotaque alemão.”

“Posso ligar novamente lá pelas nove da manhã? O dinheiro já vai estar aqui nesse horário, não é?”

“Eu diria que sim.”

“Senhor Thurlow, eu me ofereço para pegar o dinheiro e levá-lo a qualquer lugar que eles queiram. Poderia ser mais rápido, visto que...” Tom interrompeu-se. “Não mencione o meu nome para eles, por favor.”

“O garoto disse a eles o seu nome, disse que você era amigo dele, e disse isso para a mãe também.”

“Muito bem, mas se perguntarem sobre mim, diga que não teve notícias minhas e, como eu moro na França, que talvez eu já tenha ido para casa. Por favor, diga a mesma coisa para a senhora Pierson, já que presumo que estejam ligando para ela.”

“Eles estão telefonando *principalmente* para mim. Deixaram o garoto falar com ela apenas uma vez.”

“Você poderia pedir que a senhora Pierson avisasse ao banco na Suíça ou aos bancos em Berlim que sou eu quem vai pegar o dinheiro... se a senhora Pierson concordar com isso.”

“Vou ver o que pode ser feito”, disse Thurlow.

“Ligo de novo mais tarde. E fiquei muito feliz por saber que o garoto está bem... ou que não está sofrendo nada pior do que sonolência no momento.”

“Pois é, vamos manter a esperança!”

Então Tom desligou e voltou a dormir. A movimentação quase silenciosa de Eric na cozinha o acordou, o ruído de uma chaleira, o zumbido de uma cafeteira elétrica, sons reconfortadores. Faltavam doze minutos para as nove, 28 de agosto, segunda-feira. Tom foi para a cozinha contar a Eric o resultado da conversa telefônica das três da manhã.

“Dois milhões de dólares!”, disse Eric. “É exatamente o que você supôs, não é?”

Isso pareceu mais interessante a Eric do que o fato de que Frank estava vivo e bem o suficiente para ter falado com a mãe. Tom não se importou e tomou seu café.

Tom se vestiu e conseguiu colocar a cama em forma de sofá novamente. Dobrou os lençóis com cuidado, pensando que poderia precisar deles naquela noite. Quando a sala de visitas parecia arrumada de novo, Tom consultou o relógio, pensando em Thurlow, e então, por curiosidade, foi até a extensa seção de Schiller na estante de Eric e tirou *Die Räuber* (Os salteadores). Era um volume personalizado, encadernado em couro. Tom havia desconfiado que a fileira com as obras completas de Schiller fosse uma fachada para ocultar um cofre ou um compartimento secreto, talvez nos próprios livros.

Tom pegou o telefone, discou o número do Lutetia e pediu para falar com monsieur Ralph Thurlow.

Thurlow atendeu. “Alô, senhor Ripley. Tenho os nomes dos bancos, dos três.” A voz de Thurlow parecia muito mais desperta e animada agora.

“O dinheiro já chegou aqui?”

“Sim, e a senhora Pierson deseja que o senhor o pegue hoje... na verdade, tão logo seja possível. Ela disse a Zurique que é uma transferência com a aprovação dela, e Zurique fez o mesmo com os três bancos de Berlim. Parece que os bancos abrem em horários estranhos aí, mas isso não importa. O senhor deve ligar para cada um deles e dizer quando chegará e eles vão... é...”

“Entendi.” Tom sabia, alguns bancos não abriam até três e meia, outros fechavam à uma. “Então... os bancos...”

Thurlow interrompeu-o. “As pessoas que estão... telefonando para mim, vão telefonar mais tarde hoje para ter certeza de que o dinheiro chegou e então vão determinar o lugar onde ele deverá ser deixado.”

“Entendo. Você mencionou meu nome para eles?”

“De jeito nenhum. Só disse que alguém vai pegar e que vai ser entregue.”

“Ótimo. Agora me passe os nomes dos bancos, por favor.” Tom tinha uma esferográfica e começou a escrever. O primeiro era o banco ADCA no Europa-Center, que entregaria um milhão e meio de marcos alemães. O segundo era o Berliner Disconto Bank, com a mesma quantia. O terceiro era o Berliner Commerz Bank, com “quase” um milhão de marcos. “Obrigado”, disse Tom quando terminou de anotar. “Vou tentar recolher tudo nas próximas horas e, com sorte, volto a ligar lá pelo meio-dia.”

“Não vou sair daqui.”

“A propósito, nossos amigos disseram se estavam com algum grupo?”

“Grupo?”

“Ou gangue? Às vezes eles têm nomes e adoram dizer para os outros. Sabe como é, tipo Salvadores Vermelhos.”

Ralph Thurlow riu nervosamente. “Não, não disseram nada.”

“Você acha que eles estão ligando de um apartamento particular?”

“Não, não especialmente. Talvez quando o garoto falou com a mãe. *Ela* pareceu pensar que sim. Mas hoje de manhã eles estavam colocando moedas em algum telefone público. Ligaram por volta das oito para saber se o dinheiro havia chegado a Berlim. Ficamos nisso a noite toda.”

Quando desligou, Tom ouviu o barulho da máquina de escrever de Eric no quarto e não quis interrompê-lo. Acendeu um cigarro e pensou que deveria ligar para Heloise, pois havia prometido voltar para casa hoje ou amanhã, mas não queria perder tempo com isso agora. E onde será que ele estaria amanhã?

Tom imaginou Frank confinado em um quarto em algum lugar de Berlim. Talvez não estivesse amarrado, mas estaria sob vigilância dia e noite. Frank era o tipo de garoto que tentaria escapar, que poderia até mesmo pular pela janela se não estivesse muito distante do chão, e talvez os seqüestradores tivessem percebido isso. Tom também sabia que os que se opunham ao *establishment*, os grupos que seqüestravam, tinham amigos entre a população, pessoas que lhes davam abrigo. Reeves tinha falado com Tom por telefone a respeito disso havia pouco tempo. A situação era complexa, porque os revolucionários, as gangues, afirmavam fazer parte do movimento político de esquerda, embora fossem rejeitados pela maioria deles. Para Tom, essas gangues pareciam desorientadas, a não ser por seus esforços óbvios para criar uma atmosfera de perturbação, provocando as autoridades e fazendo-as agir, mostrando suas verdadeiras cores fascistas, segundo eles. O seqüestro e assassinato de Hanns-Martin Schleyer, que fora condenado por algumas pessoas como um velho nazista e representante dos proprietários de fábricas e gerentes, havia infelizmente inspirado uma caça às bruxas promovida pelas autoridades contra intelectuais, artistas e liberais. E os direitistas, aproveitando-se da situação, insistiram que a polícia não estava agindo com rigor suficiente. Nada na Alemanha era branco, preto ou simples, pensou Tom. Será que os captores de Frank eram terroristas ou até mesmo politizados de alguma forma? Será que iriam arrastar as negociações, torná-las públicas? Tom esperava que não, porque ele simplesmente não podia se dar ao luxo de ter mais publicidade.

Eric entrou na sala de visitas, e Tom contou-lhe sobre os bancos.

“Quanto dinheiro!” Eric pareceu espantado por um momento, e em seguida piscou os olhos. “Peter e eu podemos ajudá-lo agora de manhã, Tom. Esses bancos ficam principalmente na Kurfürstendamm. Poderíamos ir até lá no meu carro ou no de Peter. Peter tem uma arma no carro, mas eu não. Não é permitido aqui.”

“Pensei que seu carro estivesse na pior.”

“Na pior?”

“Quebrado”, disse Tom.

“Ah, só até hoje de manhã. Pelo que me lembro, Peter disse que iria tentar trazê-lo até as dez. Agora são nove e trinta e cinco. Sabe, Tom, por segurança eu acho que deveríamos ir juntos, não acha?” Eric parecia bastante cauteloso e estava prestes a se aproximar do telefone.

Tom concordou, acenando com a cabeça. “Recolhemos o dinheiro e o trazemos para cá.... com a sua permissão, Eric.”

“S-sim... é claro.” Eric olhou para as paredes como se pudesse encontrá-las vazias em poucas horas. “Vou ligar para Peter.”

O telefone de Peter não respondeu.

“Ele deve estar cuidando do meu carro”, disse Eric. “Quando ele tocar a campainha lá embaixo, pergunto-lhe se pode ir conosco. E para onde vai o dinheiro depois, Tom?”

Tom sorriu. “Espero descobrir isso lá pelo meio-dia. Por falar nisso, Eric, acho que vou precisar de uma mala para o transporte desta manhã, você não acha? Posso pegar emprestado uma das suas para não ter que esvaziar a de Frank ou a minha?”

Eric atendeu o pedido imediatamente: foi até o quarto e trouxe uma mala marrom de tamanho médio, que não era nova nem de aparência cara, e talvez do tamanho exato, embora Tom não tivesse idéia do volume que as quatro mil notas de mil marcos ocupariam.

“Obrigado, Eric. Se Peter não puder vir conosco, acho que podemos fazer tudo de táxi. Primeiro tenho que ligar para os bancos. Agora.”

“Eu ligo para você, Tom. É o ADCA, não é?”

Tom colocou a anotação ao lado do telefone de Eric e consultou a lista telefônica para achar o número do banco ADCA. Enquanto Eric discava para o ADCA, Tom anotou os números dos outros dois bancos. Eric fez tudo com calma e tranqüilidade: pediu para falar com “Herr Direktor” e disse que estava ligando para tratar de um dinheiro a ser

coletado, em nome de Thomas Ripley. Isso levou vários minutos, tempo durante o qual Tom guardou no bolso o passaporte e ficou escutando. Eric não conseguiu falar pessoalmente com cada um dos gerentes, mas os três bancos confirmaram que o dinheiro estava reservado. Disse-lhes que Herr Ripley chegaria dentro de uma hora.

Durante o último telefonema, a campainha de Eric tocou, e ele fez um sinal para que Tom apertasse o botão de liberação na cozinha. Tom apertou o botão do interfone e perguntou: “Quem é?”.

“É o Peter. O carro de Eric já está aqui embaixo.”

“Só um minuto, Peter”, disse Tom. “Eric vem vindo.”

Eric aproximou-se do interfone, e Tom saiu da cozinha.

Tom ouviu Eric perguntando se Peter tinha tempo livre naquela manhã para “algumas tarefas muito importantes”. Em seguida Eric entrou na sala de estar e disse: “Peter está disponível, e ele disse também que meu carro está aí embaixo. Ele não é maravilhoso?”.

Tom confirmou com um movimento de cabeça, e colocou no bolso sua lista de bancos. “É, sim.”

Eric vestiu um paletó. “Vamos.”

Tom pegou a mala vazia, Eric deu duas voltas na chave e eles desceram pelas escadas.

Peter estava sentado no carro estacionado junto ao meio-fio, e a Mercedes de Eric estava estacionada perto da entrada do prédio. Eric sentou no banco do passageiro do carro de Peter e fez um gesto para que Tom sentasse no banco traseiro.

“Tenho que explicar isso com certa privacidade”, disse Eric a Peter. Então ele disse em alemão que Tom tinha que ir a três bancos para pegar o dinheiro de resgate que os seqüestradores haviam pedido. Peter poderia dirigir para eles, ou iriam todos no carro de Eric?

Peter olhou para Tom com um sorriso. “No meu carro, tudo bem.”

“Você está com a arma, Peter?”, perguntou Eric, rindo. “Espero que não venhamos a precisar dela!”

“Está bem aqui, *ja*”, disse Peter, apontando para o porta-luvas, e sorriu como se fosse um absurdo usá-la nessas circunstâncias, pois Tom fora autorizado a pegar o dinheiro.

Decidiram ir ao ADCA em primeiro lugar, porque os outros dois bancos ficavam na Kurfürstendamm, que era no caminho de volta para

a casa de Eric. Conseguiram estacionar bem perto do banco ADCA, porque havia uma área de estacionamento na frente do Hotel Palace para hóspedes do hotel e para táxis que chegavam e saíam. O banco estava aberto. Tom entrou sozinho e não levou a mala consigo.

Tom deu o nome para a recepcionista e disse em inglês que o gerente o aguardava. A garota falou em um telefone e depois apontou para uma porta no fim do salão à esquerda de Tom. Ela foi aberta por um homem de olhos azuis e cabelos grisalhos de uns cinquenta anos, postura ereta e um sorriso agradável. Um homem carregando várias pastas, que estava na sala, saiu quase que imediatamente, sem olhar para Tom, o que fez com que ele se sentisse mais à vontade.

“Senhor Ripley? Bom dia”, disse o homem em inglês. “Sente-se.”

“Bom dia, senhor.” Tom não aceitou de imediato a poltrona de couro que lhe era oferecida. “Posso? Aqui está meu passaporte.”

Atrás da mesa, o gerente colocou os óculos e examinou cuidadosamente o passaporte, comparou a fotografia com o rosto de Tom, então sentou-se e fez uma anotação em um bloco. “Obrigado.” Devolveu o passaporte a Tom e apertou um botão na mesa. “Fred? Tudo em ordem. Sim, obrigado”, disse ele em alemão. O homem cruzou as mãos e olhou para Tom ainda sorrindo, mas com os olhos um tanto perplexos. Então o mesmo homem que Tom havia visto antes entrou com dois envelopes grandes de papel manilha. A porta fechou-se atrás dele automaticamente com um ruído solene, e Tom percebeu que estava completamente trancada.

“O senhor se importaria de contar o dinheiro?”, perguntou Herr Direktor.

“Acho que quero dar uma olhada, sim”, disse Tom educadamente, como se estivesse aceitando um canapé em uma festa, mas não tinha vontade de contar tudo aquilo. Abriu os dois envelopes, que estavam fechados com elásticos, e viu que continham maços de marcos alemães presos por tiras de papel pardo. Tom viu pelo menos uns vinte pequenos maços e um envelope, e tudo levava a crer que os dois envelopes tinham o mesmo peso. As notas eram todas de mil marcos.

“Um milhão e quinhentos mil marcos alemães”, disse Herr Direktor. “Cem notas dessas em cada maço.”

Tom estava chegando ao fim de um dos maços, que parecia ter cem notas. Fez um movimento afirmativo com a cabeça, imaginando se o banco havia usado notas com numeração seriada, mas não quis perguntar. Que os seqüestradores se preocupassem com isso. Eles também não deviam ter dito nada sobre a série das notas, ou Thurlow o teria avisado. “Vou acreditar no senhor.”

Os dois alemães sorriram, e o homem que havia trazido os envelopes saiu da sala.

“E o recibo”, disse Herr Direktor.

Tom assinou um recibo de um milhão e quinhentos mil marcos, e o gerente rubricou-o, ficou com a cópia em carbono e deu a primeira folha para Tom. Tom estava em pé, a mão estendida. “Muito obrigado.”

“Tenha uma boa estada em Berlim”, disse Herr Direktor, enquanto apertava a mão de Tom.

“Obrigado.” As palavras do homem pareciam insinuar que Tom pretendia fazer uma farra com o dinheiro que estava levando. Tom colocou os envelopes debaixo do braço.

O gerente dava a impressão de estar se divertindo. Será que pensava em uma piada para contar a alguém no almoço, ou contaria uma história sobre um americano que pegou quase um milhão de dólares em marcos e saiu do banco com o dinheiro debaixo do braço? “O senhor gostaria que alguém o acompanhasse?”

“Não, obrigado”, disse Tom.

Tom atravessou o banco sem olhar para ninguém. Eric estava sentado no carro de Peter, que estava em pé fumando, com uma das mãos no bolso, o rosto virado para o sol.

“*Alles gut gegangen*, deu tudo certo?”, perguntou Peter, ao ver o envelope.

“Tudo bem”, disse Tom. No banco de trás, ele abriu a mala, jogou os envelopes dentro e fechou o zíper. Assim que o carro saiu, Tom reparou que Eric olhava as pessoas que passavam na calçada. Mas não deu importância para aquilo. Bocejou de propósito, recostou-se no banco e observou Peter fazer uma curva à esquerda que os levou para a Kurfürstendamm.

Os outros dois bancos eram bem próximos um do outro na larga avenida ladeada por árvores jovens. Mais uma vez apareceram as

fachadas das lojas com cromados e vidro reluzente. Os edifícios que Tom queria também eram bastante novos e tinham seus nomes em letras grandes acima das janelas, que provavelmente eram à prova de bala. Peter havia parado na frente de um dos bancos de esquina, onde não havia nenhum parquímetro livre, mas Eric disse que ficaria do lado de fora na calçada para dizer a Tom onde o carro estava quando ele saísse do banco.

Essa transação aconteceu como a primeira: a recepcionista, um gerente, o passaporte de Tom para identificação e então o dinheiro e o recibo da mesma soma que fora retirada no ADCA. Dessa vez o dinheiro estava em um só envelope. Mais uma vez perguntaram a Tom se gostaria de contar o dinheiro, e ele recusou. Queria que um guarda do banco o acompanhasse até seu destino?

“Não, obrigado”, disse Tom.

“Quer que eu lacre o envelope... por segurança?”

Tom olhou dentro do envelope e viu maços de marcos presos ao meio por tiras de papel marrom, como os outros. Devolveu o envelope para o gerente, que o lacrou com uma fita larga que tirou de uma gaveta da mesa.

Eric estava na calçada, como se estivesse esperando um amigo que viesse da direita ou da esquerda, de qualquer lugar menos de dentro do banco. Fez um gesto indicando a direita. Peter estava parado em fila dupla. Eric e Tom entraram, Tom no banco de trás novamente, e mais um envelope foi colocado na mala.

Tom retirou mais uns seiscentos mil marcos alemães no terceiro banco e saiu com um envelope verde, e mais uma vez encontrou Eric na calçada. Peter estava depois de uma esquina, à direita.

Blam! Foi um prazer ouvir a porta do carro fechando. Tom afundou no banco de trás, o envelope verde no colo. Peter dirigia rumo ao apartamento de Eric, o que Tom percebeu ao ver o caminho que estava sendo feito. Peter e Eric falavam sobre amenidades, que Tom não tentou entender. Alguma coisa sobre ladrões de bancos. Risadas. Tom colocou o último envelope na mala.

No apartamento de Eric, o bom humor se manteve, Peter e Eric fazendo piadas sobre a mala que Peter insistira em carregar, porque era

o motorista. Peter encostou a mala em uma parede, do lado oposto à entrada do apartamento.

“Não, não, ponha no meu armário, onde sempre ficou!”, disse Eric. “Ela é parecida com umas outras que estão lá.”

Peter obedeceu.

Quinze para meio-dia. Tom estava pensando em telefonar para Thurlow. Eric colocou um disco de Victoria de los Angeles, que ele sempre ouvia quando estava eufórico. Eric parecia de bom humor, mas mais nervoso que eufórico, pensou Tom.

“Quem sabe eu venha a conhecer Frank esta noite”, disse Eric para Tom. “Espero que sim! Ele pode ficar aqui, dormir na minha cama. Eu durmo no chão. Frank será meu convidado de honra!”

Tom apenas sorriu. “Posso lhe pedir para abaixar um pouco o volume da música enquanto tento falar com Thurlow mais uma vez?”

“Com prazer, Tom!”, disse Eric, atendendo o pedido.

Peter havia entrado com uma bandeja de cervejas geladas, e Tom pegou uma, colocou-a ao lado do telefone e discou o número.

O ramal de Thurlow estava ocupado, e Tom disse à telefonista do hotel que iria esperar. A espera não foi longa, e Thurlow atendeu.

“Está tudo em ordem aqui”, disse Tom, tentando parecer calmo.

“Você pegou tudo?”, perguntou Thurlow.

“Sim. E você tem o endereço?”

“Sim, tenho. Eles disseram que fica no norte de Berlim. Lub... posso soletrar para você. L...u com trema... b... a... r... s. Anotou? E as ruas...”

Enquanto Tom estava escrevendo, fez um gesto para que Eric pegasse o fone de ouvido ligado ao telefone, o que Eric fez rapidamente.

Thurlow deu o nome de uma rua e depois o soletrou: Zabel-Krüger-Damm, que ele disse cruzar uma rua chamada Alt-Lübars. “A primeira rua é de duas mãos, a Alt-Lübars vai para o norte, depois do cruzamento. Você continua indo para o norte na Alt-Lübars até uma pequena estrada de terra... é o que parece... que não tem nome. Entrando por essa estrada, uns cem metros adiante, você vai ver um barracão do lado esquerdo. Entendeu até aí?”

“Sim, obrigado.” Tom havia entendido, e Eric fez um gesto tranquilizador, como quem diz que as ruas não eram tão difíceis de

encontrar quanto Tom pensava.

Thurlow continuou. “Você terá que deixar o... a importância em uma caixa ou um saco às quatro da manhã. Esta noite, entende?”

“Sim”, disse Tom.

“Coloque atrás do barracão e vá embora. Só uma pessoa, foi o que eles disseram.”

“E o garoto?”

“Vão me telefonar logo que pegarem o dinheiro. Você pode me ligar depois das quatro da manhã para me dizer se deu tudo certo?”

“Sim, claro, com certeza.”

“Boa sorte para você, Tom.”

Tom desligou.

“Lübars!” Eric desligou o fone de ouvido. Virou-se para Peter. “Lübars, Peter, às quatro da manhã! É uma antiga área rural, Tom, fica no norte. Perto do Muro. Pouca gente mora ali. O Muro é o limite de Lübars ao norte. Você tem um mapa, Peter?”

“*Ja, ja*, estive lá uma ou duas vezes... de carro.” Peter falou em alemão. “Posso levar Tom esta noite. Sem carro não dá para ir.”

Tom ficou agradecido. Ele confiava em Peter como motorista e na coragem dele, e na arma guardada no carro.

Peter e Eric providenciaram um almoço e uma garrafa de vinho.

“Tenho um compromisso esta tarde em Kreuzberg”, disse Eric para Tom. “Venha comigo. Para clarear as idéias. Só vai levar uma hora, talvez menos. Depois vou me encontrar com Max à noite. Você pode vir comigo também!”

“Max?”, perguntou Tom.

“Max e Rollo. Amigos meus”, disse Eric, comendo.

O rosto muito pálido de Peter sorriu para Tom, e ele ergueu de leve as sobrancelhas. Peter parecia calmo e seguro de si.

Tom não conseguiu comer muito, e mal ouviu a conversa jocosa de Peter e Eric a respeito da uma campanha anticocô de cachorro que estava sendo realizada em Berlim, imitação de uma campanha de Nova York, que envolvia pazinhas e sacos de papel que eram carregados pelos donos dos animais. O departamento sanitário de Berlim agora pretendia construir os *Hundetoiletten*, banheiros para cachorros, grandes o bastante para possibilitar a entrada de pastores alemães, e

Peter observou que isso poderia inspirar os cães a começar a usar o banheiro das casas dos donos, se não entendessem a diferença.

Eric e Tom rumaram no carro de Eric para a área de Kreuzberg em Berlim, que, segundo Eric, ficava a menos de quinze minutos dali. Peter havia ido embora, prometendo voltar ao apartamento de Eric lá pela uma da manhã. Tom dissera a Peter que ficaria agradecido se eles pudessem sair mais cedo para o compromisso em Lübars. Até mesmo Peter reconheceu que todo o trajeto, mais o que gastariam para encontrar o local, poderia levar uma hora.

Eric parou em uma rua de aparência sombria com prédios antigos de quatro e cinco andares e fachada marrom avermelhada, perto de um bar de esquina que estava com a porta da frente aberta. Um casal de crianças — a expressão “meninos de rua” surgiu na mente de Tom — correu até eles pedindo algumas moedas, que Eric procurou nos bolsos, dizendo que se não as desse eles poderiam fazer alguma coisa com o carro, embora o garoto aparentasse ter uns oito anos e a garota talvez dez, com os lábios borrados de batom e o rosto cheio de ruge. Ela usava uma espécie de camisola, que arrastava pela calçada e parecia ter sido feita com um pano de cortina vermelho amarronzado e costurado para criar algo semelhante a um vestido. Tom descartou sua primeira idéia, a de que a garota estava brincando com as roupas e a maquiagem da mãe: havia alguma coisa mais sinistra acontecendo ali. O cabelo do garotinho era preto e muito espesso, raspado em alguns lugares como se fosse um corte especial, e seus olhos escuros eram vidrados, ou talvez apenas evasivos. O lábio inferior protuberante parecia indicar um permanente desprezo por todo o mundo a seu redor. O garoto havia enfiado no bolso o dinheiro que Eric dera à garota.

“O garoto é turco”, disse Eric, trancando o carro, falando com a voz baixa. Apontou para a entrada para onde iriam. “Eles não sabem ler,

sabia? Intriga todo mundo. Falam turco e alemão fluentemente, mas não sabem ler *nada!*”

“E a garota? Parece alemã.” A garotinha era loira. A estranha dupla de jovens ainda os observava, em pé ao lado do carro de Eric.

“É, sim, é alemã. Prostituta infantil. Ele é o cafetão dela... ou pelo menos está tentando ser.”

O som de uma campainha abriu a porta e eles entraram. Subiram três lances de escada mal iluminados. As janelas dos corredores estavam sujas, e pouca luz entrava por elas. Eric bateu em uma porta marrom-escura, a pintura estava marcada como se a porta tivesse levado pancadas e chutes. Quando ouviu passos pesados se aproximando, Eric disse “Eric” próximo à porta.

A porta foi destrancada, e um homem alto e corpulento acenou para que entrassem, falando em um alemão gutural e com voz grossa. Outro turco, percebeu Tom, com aquele rosto escuro que nem mesmo os alemães morenos têm. Tom entrou e sentiu um cheiro terrível, que pensou ser de carneiro cozido com repolho. Pior ainda, foram levados para a cozinha, de onde vinha o cheiro. Duas crianças pequenas brincavam no assoalho de linóleo, e uma velha de cabeça pequena, o cabelo cinzento, ralo e desgrenhado, estava diante do fogão, mexendo nervosamente em uma panela. A avó, supôs Tom, e talvez fosse alemã, porque não parecia ser turca, mas na verdade ele não saberia dizer. Eric e o homem corpulento sentaram-se a uma mesa redonda, para onde Tom também foi levado. Sentou-se com relutância, mas pretendia participar como pudesse da conversa. O que exatamente Eric estava fazendo ali? O alemão cheio de gírias de Eric e a fala embaralhada do turco tornavam difícil para Tom entender qualquer coisa. Falavam sobre números. “Quinze... vinte e três”, e preços, “Quatrocentos marcos...” Quinze o quê? Então Tom lembrou-se de Eric ter contado que o turco servia às vezes de intermediário para os advogados de Berlim que liberavam documentos de paquistaneses e indianos, permitindo que ficassem em Berlim Ocidental.

“Não gosto desse trabalhinho sujo”, dissera Eric, “mas se eu não cooperar de alguma maneira, eu próprio na condição de intermediador de papéis, Haki não fará serviços para mim que são muito mais importantes do que seus imigrantes fedidos.” A situação era essa.

Alguns dos imigrantes, às vezes analfabetos em sua própria língua, e sem nenhuma qualificação para trabalhar, simplesmente passavam de Berlim Oriental para Berlim Ocidental e eram recebidos por Haki, que os conduzia aos advogados certos. Então poderiam ser incluídos nos programas sociais do governo de Berlim Ocidental, enquanto suas reivindicações de serem “refugiados políticos” eram investigadas, um processo que poderia levar anos.

Haki era um vigarista em tempo integral ou também dependia do seguro-desemprego — talvez as duas coisas —, senão, o que fazia em casa àquela hora? Não aparentava ter mais que trinta e cinco anos e era forte como um touro. A calça que ele usava havia muito ficara pequena na barriga, e se mantinha no lugar por meio de um barbante que a prendia na cintura. A braguilha com poucos botões estava aberta.

Haki trouxe para a mesa uma horrível vodca caseira, destilada ilegalmente. Ou será que Tom preferia uma cerveja? Tom de fato preferiu a cerveja, depois de experimentar a vodca. A cerveja apareceu em uma garrafa grande, cheia pela metade, choca e morna. Haki saiu para pegar alguma coisa no quarto.

“Haki trabalha em construções”, explicou Eric a Tom, “mas está afastado devido a um acidente... de trabalho. Sem falar que ele gosta de desfrutar o... *Arbeitslosenunterstützung*... o...”

Tom mostrou que havia entendido. Seguro-desemprego. Haki estava voltando, arrastando pesadamente os pés e trazendo uma caixa de sapatos imunda. Seu jeito de andar fazia o chão tremer. Abriu a caixa de sapatos e dela tirou um pacote do tamanho do punho de um homem, embrulhado em papel pardo. Eric balançou o pacote e algo dentro dele fez um barulho. Seriam pérolas? Drogas? Eric tirou a carteira do bolso e deu a Haki uma nota de cem marcos.

“Apenas uma gorjeta”, disse Eric para Tom. “Você está entediado? Vamos embora num minuto.”

“*Num minutu!*”, repetiu a garotinha imunda que estava no chão, olhando para eles.

Aquilo perturbou Tom um pouco. Quanto do que se passava ali era compreendido pelas crianças? A velha, mexendo na panela como uma das bruxas de *Macbeth*, ou talvez como uma interna em um hospício,

também olhava para Tom. Ela parecia tremer de leve, como se tivesse uma doença nos nervos.

“Onde está a esposa?”, Tom murmurou para Eric. “A mãe dessas crianças?”

“Ah, está trabalhando. Alemã... de Berlim Oriental. Um tipo lamentável, mas trabalha. Bem...” Eric falou em voz baixa e fez um gesto com os dedos como a indicar que não podia mais falar sobre aquilo naquele momento.

Tom sentiu um alívio quando Eric se levantou. Ficaram lá por meia hora, e parecera a Tom muito mais. Despedidas, e em um instante Tom e Eric estavam na calçada, onde a luz do sol lhes caiu sobre o rosto. O pacotinho estufou o bolso de Eric. Ele olhou para todos os lados antes de abrir a porta do carro. Foram embora. Tom estava curioso sobre o conteúdo do pacote, mas achou que seria indelicado perguntar.

“É engraçado... a mulher dele, como você disse. Era prostituta em Berlim Oriental e foi contrabandeada para cá em um jipe por soldados americanos! E aqui a vida dela ficou *um pouco* melhor... como prostituta, mas ela também é viciada em drogas. De alguma forma ela consegue se manter no emprego, acho que faz faxina em banheiros públicos, não sei direito. Você sabia que os soldados americanos não conseguem pagar as prostitutas de Berlim Ocidental, porque o dólar está muito baixo, então eles vão para Berlim Oriental atrás delas? Os comunistas estão furiosos, porque não deveriam ter nenhum tipo de prostituição... oficialmente.”

Tom sorriu, achando a história divertida, mas tentou pensar em outra coisa para passar o tempo. Que tipo de pessoas seriam os seqüestradores? Jovens amadores? Profissionais razoavelmente inteligentes? Haveria uma garota com eles? Às vezes uma garota era útil para causar uma impressão inocente no público. E talvez tudo que eles quisessem fosse mesmo o dinheiro, como Eric havia dito, e não tinham intenção de machucar Frank ou qualquer outra pessoa.

De volta ao apartamento de Eric, Tom ligou para Belle Ombre. O código era o mesmo de Paris. O telefone tocou seis, sete vezes, e Tom imaginou que talvez Heloise, em um impulso, tivesse ido a Paris para uma sessão de cinema com a amiga Nöelle, e Mme. Annette estaria tomando chá ou um refrigerante no café de Marie e George, trocando

as últimas fofocas com outra *femme de ménage* de Villeperce. Então, depois do nono toque, Mme. Annette atendeu:

“Alô?”

“Madame Annette, *c’est Tome ici!* Como estão as coisas por aí?”

“*Très bien*, monsieur Tome! Quando o senhor vai voltar para casa?”

Tom sorriu, aliviado. “Provavelmente na quarta-feira, não tenho certeza. Não se preocupe. Madame Heloise está em casa?”

Ela estava, mas Mme. Annette teve que chamá-la no andar de cima.

“Tome!” Heloise atendeu tão rapidamente que Tom sabia que ela estava usando o aparelho do quarto. “Onde você está? Hamburgo?”

“N-não, passeando um pouco. Eu atrapalhei sua soneca?”

“Eu estava embebendo o dedo em alguma coisa que madame Annette preparou para mim, então deixei que ela atendesse o telefone.”

“Embebendo o dedo?”

“Um *vasistas* da estufa caiu sobre ele ontem enquanto eu aguava as plantas. Está inchado, mas madame Annette não acha que a unha vá cair.”

Tom deu um suspiro de compaixão. Ela se referia a um dos caixilhos que escoravam as vidraças na estufa. “Deixe que *Henri* cuide da estufa!”

“Ah, Henri!... O garoto ainda está com você?”

“Sim”, disse Tom, imaginando se alguém teria ligado para Belle Ombre e perguntado por Frank. “Talvez eu vá para casa amanhã, Heloise”, disse Tom rapidamente, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, “se alguém telefonar e perguntar onde estou, diga que saí para dar um passeio em Villeperce. Diga que estou em casa... mas que fui passear. Qualquer interurbano que você receber... diga isso.”

“E *por quê?*”

“Porque em breve vou estar em casa dando um passeio, acho que na quarta-feira. Eu estou passeando para lá e para cá aqui... na Alemanha... e ninguém vai conseguir falar comigo de qualquer maneira.”

Isso foi razoavelmente convincente.

“Um beijo”, foram as últimas palavras de Tom.

Ele se sentiu muito melhor. Às vezes, admitiu para si mesmo, sentia-se como um homem casado, estável, amado, ou qualquer coisa que as pessoas supostamente sentissem. Mesmo se tivesse acabado de mentir um pouquinho para a esposa. De qualquer forma, não era uma mentira pelos motivos de sempre.

Por volta das onze horas daquela noite, Tom estava em um lugar mais alegre do que Kreuzberg, um bar gay consideravelmente mais chique do que aquele em que estivera com Frank. Havia uma escada de vidro que ia para os toaletes, e os fregueses ficavam nos degraus fazendo contato, ou tentando fazer, com outros fregueses que estavam abaixo.

“Divertido, né?”, disse Eric, que esperava alguém. Estavam encostados no balcão do bar, pois não havia mesas livres. O lugar, é claro, também era uma discoteca. “Mais fácil para...” Alguém empurrou Eric por trás.

Tom supôs que Eric ia dizer que era mais fácil passar coisas em um lugar assim do que em alguma esquina, porque todos os fregueses, exceto os que dançavam, estavam envolvidos em conversas aos gritos, ou pensando em flerte e não em mercadorias contrabandeadas. Tom admirou um rapaz travestido, com uma estola preta comprida — ou coisa parecida — de penas, uma parte enrolada no pescoço e a outra pendurada, com uma das pontas balançando enquanto ele andava. Poucas mulheres teriam tanto trabalho para parecerem tão bonitas.

O contato de Eric chegou, um jovem alto vestido de couro preto, as mãos enterradas nos bolsos de uma jaqueta de couro curta. “Este é *Max!*”, gritou Eric para Tom.

Eric não disse o nome de Tom. Tanto melhor, pensou Tom. O pacote, que Eric havia embrulhado em papel de presente com uma fita azul, mudou de mão e foi para dentro da jaqueta de couro de Max, cujo zíper ele tornou a fechar. O cabelo de Max era bastante curto, e suas unhas estavam pintadas de rosa-shocking.

“Não tive tempo de tirar isso”, disse Max a Tom em inglês com sotaque alemão. “Ocupado o dia todo. Você gosta?”, perguntou, sorrindo zombeteiro, referindo-se às unhas.

“Quer uma bebida, Max? Gim Dornkaat?”, gritou Eric para ele por cima da música vibrante. “Ou uma vodca?”

A expressão de Max de repente mudou. Ele havia visto alguma coisa em um dos cantos do salão. “Obrigado, acho melhor eu me mandar.” Indicou com a cabeça a direção para onde estava olhando e abaixou o olhar, constrangido. “Tem um cara ali com quem eu não quero falar agora. Ainda dói muito. Desculpe, Eric. Boa noite.” Cumprimentou Tom com um movimento de cabeça, virou-se e saiu.

“*Guter Junge!*”, gritou Eric para Tom, apontando a porta por onde Max havia desaparecido. “*Bom* rapaz!” É gay, mas tão confiável quanto Peter! O amigo dele se chama *Rollo*! Talvez você o conheça!” Eric colocou a mão no antebraço de Tom e insistiu que ele tomasse mais alguma coisa — qualquer coisa —, uma cerveja, talvez? Era melhor se eles não saíssem naquele momento.

Tom aceitou uma cerveja e pagou o *barman* adiantado. “Adoro esta fantasia louca daqui!”, disse Tom para Eric. Referia-se aos eventuais travestidos, à maquiagem, os flertes de brincadeira, as risadas e o bom humor em toda parte. Aquilo o animava, como a abertura de *Sonho de uma noite de verão* sempre fazia antes de ele ir à luta! Fantasia! Coragem era algo totalmente imaginário, uma questão de estado mental. Senso de realidade não ajudava quando se enfrentava o cano de uma arma ou a ponta de uma faca. Tom agora observava, não pela primeira vez, os olhares furtivos ou no mínimo ansiosos que Eric dava por sobre o ombro. Eric não estava procurando um conhecido novo ou antigo entre os homens e os rapazes. Ou estava? Não, pensou Tom. Eric era um homem de negócios, cuidando de seus interesses aparentemente espalhados em diversos lugares. Olhar por cima do ombro se tornara um hábito para Eric.

“Já teve algum problema com a polícia aqui, Eric?”, perguntou Tom, perto do ouvido de Eric. “Quero dizer, neste tipo de bar?”

Mas Eric não conseguiu ouvi-lo, pois exatamente naquele instante houve uma batida de pratos, um clímax trepidante que durou muitos segundos antes que o ritmo semelhante a uma pulsação cardíaca retornasse, parecendo atingir as paredes como se fossem tambores. Na pista de dança, figuras masculinas pulavam para cima e para baixo e retorciam-se como se estivessem em transe. Tom desistiu de perguntar e bebeu a cerveja gelada. Não ia gritar a palavra “polícia” com toda a sua força.

As luzes da cidade de Berlim ficavam cada vez mais para trás, enquanto Peter e Tom entravam em uma área de comunidades semi-rurais, bastante monótonas e onde quase todas as luzes dos cafés estavam apagadas agora. Rumavam para o norte. Eric decidira ficar em casa, o que era bom, porque Tom não conseguia imaginar em que ele poderia ajudar se tivesse vindo, e se os seqüestradores vissem um terceiro homem no carro de Peter, poderiam desconfiar que fosse um policial.

“Muito bem... este é o começo de Lübars”, disse Peter depois de dirigir durante quarenta minutos. “Agora eu vou para a rua certa e damos uma olhada.” Sentava-se com o corpo ereto, como se tivesse uma importante missão a cumprir. Ele havia desenhado um pequeno mapa que mostrara a Tom no apartamento de Eric e que agora estava sobre o painel do carro. “Acho que peguei uma rua errada. *Verdammt!*”, praguejou. “Mas não faz mal, porque temos bastante tempo. São apenas três e trinta e cinco.” Peter pegou uma pequena lanterna sobre o painel e iluminou o mapa. “Já sei onde errei. Preciso voltar.”

Quando fazia a volta, os faróis do carro iluminaram um campo escuro com fileiras de repolhos ou alfaces, que abotoavam a terra com pontos verdes. A noite estava agradavelmente fresca e parecia não haver lua.

“Claro... está é a Zebel-Krüger-Damm de novo e eu tenho que virar à esquerda aqui. Eles vão dormir tão cedo por aqui... acordam cedo também!... Alt-Lübars, certo.” Peter fez uma curva cuidadosa para a esquerda. “Ali para cima deve ficar o vilarejo”, disse Peter em alemão e com a voz baixa, “se o meu mapa estiver certo. A igreja e tudo mais. E está vendo aqueles luzes mais na frente?” A voz dele deixou

transparecer um nervosismo que Tom ainda não havia notado. “Ali é o Muro.”

Tom percebeu um brilho difuso ao longe, amarelo esbranquiçado, baixo e comprido, um pouco abaixo do nível da rua, os holofotes de busca do outro lado do Muro. A estrada transformou-se em um pequeno declive. Tom olhou para todos os lados, à procura de outros carros, ou outro carro, mas tudo estava escuro, a não ser pela escassa iluminação pública na direção do que Peter havia chamado de vilarejo. O carro agora mal se movia. Até onde Tom conseguia ver, os seqüestradores ainda não haviam chegado.

“Esta ruazinha não é para carros, é por isso que estou tão devagar. Logo vamos poder ver o... *Lagerhalle* à esquerda. Lá, talvez?”

O barracão. Tom o viu, uma estrutura baixa, mais comprida do que alta, e parecia aberta do lado que ficava de frente para a rua. Tom enxergou indistintamente algumas estruturas que poderiam ser cercados para cavalos em um campo à esquerda. Peter parou perto do barracão.

“Pode ir. Coloque a mala atrás do barracão. Depois damos ré”, disse Peter em alemão. “Não consigo fazer a volta aqui.” Peter havia abaixado os faróis.

Tom estava pronto para sair. “Pode ir embora. Vou ficar. Depois eu volto para Berlim, não se preocupe.”

“Como assim, *vai ficar?*”

“Vou ficar. Tive uma inspiração repentina.”

“Você quer *encontrar* essa gangue?” As mãos de Peter apertaram o volante. “Vai *brigar* com eles? Não seja louco, Tom!”

Tom disse em inglês: “Sei que você tem uma arma. Pode me emprestar?”

“Claro, claro, mas também posso esperar você... se...” Peter parecia perplexo. Apertou o botão do porta-luvas e tirou um revólver escuro que estava sob um pano. “Está carregado. Seis tiros. A trava de segurança é aqui.”

Tom pegou a arma. Era pequena e não pesava muito, mas parecia bastante letal. “Obrigado.” Tom colocou-a no bolso direito do paletó e olhou o relógio. Eram três e quarenta e três. Viu Peter olhar

nervosamente para o relógio do painel, que estava um minuto adiantado.

“Escute, Tom. Está vendo aquela pequena colina ali?” Peter apontou para trás e para a direita, na direção do vilarejo. “Onde tem uma igreja? Vou esperar você ali. Com os faróis apagados.” Peter disse aquilo como se fosse uma ordem, como se agora estivesse diretamente envolvido, depois de deixar Tom pegar sua arma.

“Não precisa esperar. Você não disse que tem um ônibus que circula a noite toda pela Krüger-Damm?” Tom abriu a porta e tirou a mala do carro.

“Eu só comentei sobre o ônibus. Não era para você *pegar* o ônibus!”, sussurrou Peter. “Não atire neles! Eles atiram de volta e matam você!”

Tom fechou a porta do carro da maneira mais silenciosa possível e seguiu para o barracão.

“Pegue!”, Peter sussurrou através da janela. Estendeu a lanterna na direção de Tom.

“Obrigado, meu amigo!” A lanterna certamente seria útil, porque o chão era muito irregular. Tom sentiu que havia deixado Peter desprotegido — sem arma e sem lanterna. Acendeu a pequena lanterna quando estava atrás do barracão, e levantou o braço despedindo-se de Peter, quer ele pudesse vê-lo ou não. Peter deu ré, lentamente e em linha reta, na rua de terra que ele certamente mal conseguia enxergar, se é que conseguia, apenas com as luzes de ré. Tom viu o carro de Peter chegar à Alt-Lübar e depois virar lentamente à esquerda de Tom, em direção ao vilarejo. Peter ia esperar.

Agora havia um tênue, mas muito tênue sinal da aurora chegando, embora as poucas luzes de Lübars continuassem acesas. O carro de Peter não estava mais à vista. Tom ouviu cachorros latindo à distância, e percebeu com um leve calafrio que eram os cães de guarda do outro lado do muro, em Berlim Oriental. Os cachorros não pareciam agitados. Uma brisa soprava da direção do Muro, e talvez ele tivesse apenas ouvido um pouco da conversa entre os animais enquanto se moviam ao longo de suas correntes. Tom desviou o olhar dos holofotes de busca do Muro e concentrou-se em escutar.

Procurava ouvir o som de um motor de carro. Com certeza a pessoa que viesse buscar o dinheiro não viria pelo campo atrás dele.

Tom colocou a mala contra a parede de madeira do barracão e puxou-a vagarosamente com o pé para perto de si. Tirou a arma de Peter do bolso do paletó, destravou-a e recolocou-a no bolso. Silêncio. Estava tudo tão silencioso que Tom achava que poderia ouvir o barulho da respiração de qualquer pessoa que estivesse no barracão, do outro lado da parede. Tom passou os dedos sobre a madeira. Havia algumas fendas na madeira rústica.

Precisou fazer xixi, o que o fez pensar em Frank em Grunewald, mas isso não o impediu e ele se aliviou, enquanto ainda podia. E o que ele queria? Por que ainda estava ali? Para olhar os seqüestradores mais uma vez? Naquela escuridão? Para assustá-los e salvar o dinheiro? Certamente não. Para salvar Frank? O fato de ele ficar não era necessariamente uma ajuda nessa direção, talvez fosse exatamente o contrário. Tom percebeu que odiava os seqüestradores e que adoraria dar o troco neles. Também sabia que isso era ilógico, pois tudo indicava que estaria em desvantagem numérica. No entanto, lá estava ele, vulnerável, um alvo fácil para uma bala, e provavelmente a fuga dos seqüestradores também seria fácil.

Tom endireitou o corpo ao ouvir o som do motor de um carro vindo da direção da Alt-Lübars. Ou seria Peter indo embora? O ruído abafado do carro continuou em frente, e Tom pôde ver os faróis. Muito lentamente o carro entrou na rua de terra onde ficava o barracão e continuou adiante, balançando muito devido às irregularidades do terreno. O carro parou uns dez metros à direita de Tom. Parecia ser vermelho-escuro, mas Tom não tinha certeza. Tom agora estava encostado na parede de trás do barracão, olhando pelo canto pois a luz dos faróis não chegava até ali.

A porta esquerda traseira do carro se abriu e uma figura saiu. Os faróis do carro se apagaram, e o homem que havia saído acendeu uma lanterna. Parecia atarracado e não muito alto. Caminhava com segurança, mas diminuiu o passo assim que saiu da estrada e entrou no campo. Então parou e fez um sinal com a mão para seus colegas que estavam no carro, como se dissesse que tudo parecia bem até aquele momento.

Tom se perguntou quantos haveria no carro. Um? Dois? Talvez houvesse mais dois, pois o homem havia saído do banco de trás.

O homem aproximou-se devagar do barracão, a lanterna na mão esquerda, e a mão direita foi para o bolso da calça e de lá tirou o que poderia ser uma arma. Veio para a direita de Tom, em direção à parte de trás do barracão.

Tom pegou a mala e segurou-a com firmeza pela alça, e quando o homem virou a esquina, Tom girou o corpo segurando a mala e acertou-o no lado esquerdo da cabeça. O impacto não fez um barulho alto, mas foi bastante nítido, e houve um segundo impacto quando a cabeça do homem bateu na parede do barracão. Tom bateu mais uma vez com a mala, tentando acertar o lado esquerdo da cabeça do homem enquanto ele caía. O contraste do colarinho da camisa acima do que parecia ser um suéter preto guiou Tom quando ele acertou a têmpora esquerda do homem com a coronha do revólver de Peter. Agora o homem não se mexia mais, e também não havia gritado. Tom segurou a arma de Peter em posição de disparo e apontou-a para cima.

“Agarrei o porco!”, gritou Tom histericamente, ou talvez “*Gott das Schwein!*”, e ao mesmo tempo deu dois tiros para cima.

Gritou de novo, uma outra frase sem sentido, talvez um xingamento, e chutou a parede do barracão. Percebeu que sua voz estava estridente, e que estava gritando para ninguém.

Atrás do Muro os cães começaram a latir, agitados pelo som dos tiros.

O ruído de uma porta de carro se fechando assustou Tom como se ele mesmo tivesse levado um tiro. Olhou pelo canto do barracão bem a tempo de ver um homem no banco do motorista colocar a perna dentro do carro. A luz interna ficou acesa por um momento. Então a porta se fechou e, com os faróis apagados, o carro andou para trás, para a direita de Tom, e aí então os faróis se acenderam. O carro recuou para a esquerda na Alt-Lübars e saiu em alta velocidade em direção à avenida maior.

Os seqüestradores estavam abandonando seu colega. Podiam, é claro, se dar ao luxo de deixá-lo para trás, junto com o dinheiro, porque ainda tinham Frank Pierson. Provavelmente pensaram que era um truque da polícia, e que o dinheiro não estava no local. Tom respirava pela boca, como se estivesse envolvido em uma luta. Travou a arma de Peter novamente, colocou-a no bolso direito da calça, pegou

a lanterna caída e iluminou com ela por alguns segundos o homem caído no chão. A têmpora esquerda estava inundada de sangue, talvez esmagada, e para Tom ele realmente se parecia com o tipo italiano que ele havia visto em Grunewald, ainda que sem o bigode. Devia vasculhar os bolsos? Com a lanterna ainda acesa, Tom apalpou um dos bolsos traseiros da calça preta, não encontrou nada, então, com dificuldade, colocou a mão no bolso esquerdo da frente, onde achou uma caixa de fósforos, algumas moedas e uma chave, que parecia ser a chave de uma casa. Tom colocou a chave no bolso rápida e distraidamente, e evitou olhar para a mancha vermelha que era o rosto e a têmpora do homem, o que lhe causava tontura, ou assim lhe parecia. O bolso direito da frente parecia vazio. Tom pegou do chão a arma do homem, enfiou-a em um canto da mala e fechou de novo o zíper. Esfregou a lanterna na calça, apagou-a e a deixou cair no chão.

Em seguida Tom voltou para a rua, sem acender a lanterna — tropeçou feio uma vez —, e andou em direção à Alt-Lübbers, com os latidos dos cães de guarda às suas costas. Até aquele momento Tom ainda não tinha visto ninguém se aventurar fora de casa para investigar os tiros, então começou a acender a lanterna por um ou dois segundos para poder enxergar o caminho. Depois que chegou à Alt-Lübbers não precisou mais da lanterna, porque a rua era regular. Tom não olhou para a esquerda, onde Peter talvez estivesse, porque não queria encontrar um morador do vilarejo saindo de casa naquele momento.

Em algum lugar atrás dele uma janela se abriu, uma voz gritou alguma coisa.

Tom não olhou para trás.

O que a voz havia dito? “Quem está aí?” ou “Quem vem aí?”.

Os latidos dos cachorros haviam desaparecido ao longe, e Tom umedeceu os lábios quando entrou à direita na Zabel-Krüger-Damm. De repente a mala parecia não pesar nada. Havia carros estacionados, e alguns que passaram correndo por ele. Amanhecia, sem dúvida, e, como se para confirmar isso, metade das luzes da rua estavam apagadas. À distância, Tom viu o que pensou ser uma placa de ponto de ônibus. Peter havia mencionado um ônibus de número 20 que ia para Tegel. Isso ficava perto do aeroporto, o que, de qualquer forma, era na direção de Berlim. Tom chegou a erguer a mala para ver se

havia alguma mancha vermelha ou rósea de sangue. Não conseguiu ter certeza sob a luz fraca, e o que era terra ou lama poderia muito bem ser sangue, mas não viu nada com que se preocupar. Concentrou-se em andar com um passo moderado, como se tivesse um lugar para onde ir, mas não tinha pressa. Havia apenas duas outras pessoas na calçada agora, dois homens, e um deles era idoso e andava um pouco curvado. Pareciam não prestar atenção nele.

Com que frequência passavam os ônibus? Tom parou perto do sinal e olhou para trás. Um carro apareceu, os faróis altos acesos, e passou por Tom.

“*Äpfel, Äpfel!*”, gritou um garotinho que veio correndo e se jogou contra o idoso, que quase o abraçou.

Tom ficou olhando. De onde tinha vindo aquele garotinho? Por que estava gritando “Maçãs!”, se não tinha nenhuma nas mãos? O idoso pegou a mão do garotinho e eles saíram andando, na direção contrária a Berlim.

Então surgiram as luzes amareladas que pareciam ser de um ônibus. Tom viu que no letreiro iluminado estava escrito “20 TEGEL”. Quando pagou a passagem, reparou que alguns dos nós dos dedos da mão esquerda estavam vermelho-escuros de sangue. Como aquilo havia acontecido? Sentou-se em um dos bancos do ônibus quase vazio, colocou a mala entre os pés, enfiou a mão esquerda no bolso do paletó e evitou olhar para os outros passageiros. Fixou o olhar na janela à esquerda, o encorajador número de casas, carros e pessoas aumentando cada vez mais. Agora havia luz suficiente para ver a cor dos carros. O que teria acontecido com Peter? Tom esperava que ele tivesse fugido com o barulho dos tiros.

Quanto tempo levariam para encontrar o corpo? Quem sabe uma hora, por algum cachorro curioso, um cachorro que estivesse acompanhando um fazendeiro? O corpo não podia ser visto da estrada. Tom estava razoavelmente certo de que era um corpo, e não um homem inconsciente. Suspirou, quase engasgou, balançou a cabeça e olhou para a mala marrom entre os joelhos, que continha dois milhões de dólares em dinheiro. Recostou o corpo e relaxou. Tegel deveria ser o ponto final, e ele até poderia dormir. Mas não dormiu, apenas descansou, com a cabeça apoiada na janela.

O ônibus chegou a Tegel, que parecia mais uma estação do metrô do que um aeroporto. Tom queria pegar um táxi e depois de alguns segundos encontrou o ponto. Perguntou ao motorista se poderia levá-lo à Niebuhrstrasse. Tom não disse o número, explicando ao motorista que saberia qual era a casa assim que estivessem na rua. Tom acomodou-se e acendeu um cigarro. Os nós dos dedos estavam esfolados. Não era nada sério e pelo menos era seu próprio sangue. Será que os seqüestradores iriam fazer contato novamente, será que ligariam para Paris e marcariam um novo encontro? Ou será que agora estavam tão assustados e confusos que soltariam Frank? Esta idéia pareceu amadorística para Tom, mas até que ponto esses seqüestradores eram realmente profissionais?

Tom desceu em algum ponto da Niebuhrstrasse, pagou, deu uma gorjeta ao motorista e andou na direção do apartamento de Eric. Ele tinha as duas chaves em um chaveiro que Eric lhe dera. Abriu a porta da frente com uma delas e entrou no elevador. Bateu na porta do apartamento de Eric e deu um toque curto na campainha. Eram quase seis e meia.

Ouviu passos e em seguida a voz de Eric perguntou em alemão:

“Quem é?”

“Tom.”

“A-ah!” A corrente de segurança foi solta, alguns ferrolhos deslizaram.

“Voltei!”, sussurrou Tom entusiasmado, e colocou a mala no corredor do apartamento, perto da entrada da sala de visitas.

“Tom, por que você disse para Peter ir embora? Ele está tão preocupado, já telefonou duas vezes! E você trouxe a mala de volta!” Eric sorriu e balançou a cabeça, como se estivesse diante de uma economia desnecessária.

Tom tirou o paletó. O sol de agosto estava começando a entrar pela janela do apartamento.

“Peter me contou, ouviu dois tiros. O que aconteceu? Sente-se, Tom! Quer um café? Ou prefere uma bebida?”

“Acho que primeiro uma bebida. Consegue me arrumar um gim-tônica?”

Eric conseguiu e, enquanto preparava a bebida, Tom foi ao banheiro e lavou as mãos com água quente e sabonete.

“Como você voltou? Peter disse que você pegou a arma dele.”

“Ainda estou com ela.” Agora Tom estava em pé com um Gauloise aceso em uma das mãos e a bebida na outra. “Peguei um ônibus e um táxi. O dinheiro ainda está ali.” Tom apontou para a mala. “É por isso que eu trouxe sua mala de volta.”

“Ainda aí?” Eric entreabriu os lábios. “Quem disparou os tiros?”

“Eu. Mas foi para o ar.” A voz de Tom havia ficado rouca. Ele se sentou. “Bati em um deles com a mala. Acho que foi o italiano. Deve estar morto.”

Eric balançou a cabeça afirmativamente. “Peter o viu.”

“Viu?”

“É. Escute, vou vestir alguma coisa, estou me sentindo mal de pijama.” Eric correu até o quarto e voltou amarrando o cinto de um roupão preto de seda. “Peter disse que esperou, talvez uns dez minutos, e que depois voltou para olhar, achando que você pudesse estar morto ou ferido. Viu um homem caído atrás do barracão.”

“É verdade”, disse Tom.

“Então você... Por que não foi se encontrar com Peter na igreja?”

Na igreja! Tom riu e esticou as pernas. “Não sei. Talvez eu estivesse assustado. Nem pensei. Eu nem olhei na direção da igreja.” Tom bebericou no copo e disse: “Agora café, por favor, Eric, e depois vou dormir um pouco.”

Assim que disse isso, o telefone tocou.

“Com certeza é o Peter de novo.” Eric atendeu o telefone. “Acabou de chegar!”, disse Eric. “Não, ele está bem, não está machucado. Pegou um ônibus e depois um táxi!” Eric riu de alguma coisa que Peter estava dizendo. “Eu conto para ele, sim, pode deixar. Essa foi boa. Sim pelo menos estamos todos a salvo. Aqui! Dá para acreditar?” Eric colocou o telefone contra o peito, com um sorriso largo. “Peter não acredita que o dinheiro voltou para cá! Ele quer falar com você.”

Tom levantou-se. “Alô, Peter... sim, estou bem. MUITÍSSIMO obrigado a você, Peter, você se saiu muito bem”, disse Tom em alemão. “Não, eu não atirei no homem.”

“Não consegui ver direito no escuro... sem uma lanterna”, disse Peter. “Só vi que não era você. Então fui embora.”

Voltar lá fora um ato de coragem, pensou Tom. “Eu ainda estou com sua arma e sua lanterna.”

Peter deu uma risadinha. “É melhor a gente dormir um pouco.”

Tom tinha certeza de que um café não iria lhe tirar o sono, e Eric preparou uma xícara para ele. Em seguida os dois abriram o sofá-cama e espalharam os lençóis e cobertores.

Tom levou a mala para perto da janela e examinou-a, à procura de manchas de sangue. Não encontrou nenhuma, mas, com a permissão de Eric, pegou um trapo na cozinha, umedeceu-o na pia e passou por toda a mala. Depois lavou o pano e pendurou-o para secar.

“Sabe”, disse Eric para Tom, “um homem abordou Peter quando ele estava saindo daquela estradinha e perguntou ‘Ouviste os tiros?’ e Peter respondeu que sim, que era por isso que ele havia entrado na estradinha. Então o homem perguntou a Peter o que ele estava fazendo lá, pois era um estranho, e Peter respondeu, ‘Ah, eu estava com a minha namorada atrás da igreja!’.”

Tom não estava com vontade de rir. Lavou-se rapidamente no banheiro e vestiu o pijama. Pensava que os seqüestradores não necessariamente informariam Thurlow, caso soltassem Frank. Frank talvez soubesse que o irmão e Thurlow estavam no Hôtel Lutetia, em Paris, e Frank conseguiria ir para lá sozinho, se fosse libertado. Ou — os seqüestradores poderiam simplesmente matar o garoto com uma overdose e deixar o corpo em algum apartamento de Berlim que eles abandonariam.

“Em que está pensando, Tom? Vamos dormir um pouco. Ou muito. Durma o quanto quiser! Minha empregada não vem amanhã. E eu já tranquei a porta.”

“Estou pensando que eu deveria ligar para Thurlow em Paris, porque eu disse que telefonaria.”

Eric balançou a cabeça afirmativamente. “É mesmo... o que vai acontecer agora? Pode ligar, Tom.”

De pijama e mocassins, Tom foi até o telefone e discou.

“Quantos eram lá?”, perguntou Eric. “Você conseguiu ver?”

“Não muito bem. No carro? Talvez três.” Só dois agora, pensou Tom. Apagou a luminária que ficava ao lado do telefone. A luz que entrava pela janela era suficiente.

“*Alô!*”, disse Thurlow. “O que aconteceu aí?”

Tom percebeu que Thurlow havia recebido notícias deles. “Não posso dizer por telefone. Eles estão querendo marcar outro encontro?”

“S-sim, com certeza, mas parecem assustados... nervosos, quero dizer, e fizeram algumas ameaças. Disseram que se houver polícia...”

“Sem polícia. Não vai haver polícia. Diga-lhes que estamos querendo marcar outro encontro, está bem?” De repente, Tom teve uma idéia para o lugar do encontro. “Acho que eles ainda querem o dinheiro. Faça com que provem que o garoto ainda está vivo, entendeu? Mais tarde eu telefono de novo, depois que dormir um pouco.”

“*Onde* está o dinheiro agora?”

“Está seguro aqui comigo.” Tom desligou o telefone.

Eric ficou em pé ao lado de Tom, segurando a xícara vazia de café e escutando.

Tom acendeu um último cigarro. “Estão perguntando sobre o dinheiro”, disse ele para Eric, sorrindo. “Aposto que ainda querem o dinheiro. Muito melhor do que matar o garoto e ficar com um cadáver nas mãos.”

“É, com certeza. Levei a mala de volta para o meu quarto. Você notou?”

Tom não tinha reparado.

“Boa noite, Tom. Durma bastante!”

Tom olhou para a corrente de segurança da porta e disse: “Boa noite, Eric”.

“Eric, vou precisar de umas roupas de mulher... provavelmente para hoje à noite. Você acha que seu amigo Max poderia me emprestar?”

“Roupas de mulher?” Eric deu um sorriso de quem não estava entendendo. “Para quê? Uma festa à fantasia?”

Foi a vez de Tom rir. Estavam tomando o café-da-manhã, ou melhor, Tom estava, à uma e quinze da tarde. Tom estava sentado de pijama e roupão no sofá menor de Eric. “Não é uma festa, mas tive uma idéia. Pode ser que dê certo, e de qualquer forma vai ser engraçado. Pensei em marcar um encontro com os seqüestradores hoje à noite no Hump. E talvez Max possa até ir comigo.” Der Hump era o nome do bar gay com a escadaria de vidro.

“Você vai entregar o dinheiro no Hump como um *travesti*?”

“Não, nada de dinheiro. Apenas vestido como um travesti. Você conseguiria falar com Max agora?”

Eric levantou-se. “Max deve estar trabalhando. É mais provável encontrar Rollo. Ele geralmente dorme até o meio-dia. Eles moram juntos. Vou tentar... sim.” Eric discou um número que sabia de cor. Depois de alguns segundos, disse: “Alô, Rollo! Como vai?... Max está aí?... Sei. Escute”, continuou ele em alemão, “meu amigo Tom gostaria de... Bem, Max o conheceu. Tom está hospedado na minha casa. Tom queria umas roupas de travesti para hoje à noite... *Ja!* Um vestido longo...”. Eric olhou para Tom e balançou a cabeça afirmativamente. “Certo, uma peruca com certeza, maquiagem... sapatos.” Eric olhou para os mocassins de Tom e disse: “Max, talvez os seus sejam grandes demais, ha-ha!... Talvez no Hump!... Ha-ha! Ah, tenho certeza de que você também pode ir, se quiser.”

“Peça algum tipo de *bolsa*”, sussurrou Tom.

“Ah, e uma bolsa também”, disse Eric. “Não sei. Alguma brincadeira, eu acho.” Eric riu. “Você acha? Ótimo, vou dizer a Tom. Até mais,

Rollo.” Eric desligou e disse: “Rollo acha que Max pode chegar esta noite lá pelas dez horas... aqui, quero dizer. Max está trabalhando em um salão de beleza até as nove, e Rollo sai às seis para fazer uma decoração de vitrine e fica até as dez, mas disse que vai deixar um bilhete para o Max.”

“Obrigado, Eric.” Tom sentiu-se animado, ainda que as coisas não estivessem definidas.

“Tenho outro encontro às três da tarde”, disse Eric. “Mas não é Kreuzberg. Quer vir comigo?”

Dessa vez Tom recusou. “Não, obrigado, Eric. Acho que vou caminhar um pouco... talvez comprar um presente para Heloise. E preciso ligar para Paris de novo. Vou ficar te devendo uns mil dólares de conta telefônica.”

“Ha-ha! Quer pagar a conta telefônica! Não. Somos todos amigos, Tom.” Eric foi ao banheiro. Tom ficou pensando naquelas palavras enquanto acendia um Roth-Haendle. Eles eram amigos, e Reeves era amigo dos dois. Usavam o telefone, a casa, às vezes a vida uns dos outros, e de alguma forma as coisas ficavam elas por elas. Mesmo assim, Tom poderia pelo menos mandar um dicionário de gírias para Eric.

Mais uma vez, Tom ligou para o Lutetia.

“Alô, que bom que ligou”, disse Thurlow, com voz de quem estava mastigando alguma coisa. “Sim”, disse ele, respondendo à pergunta de Tom, “eles ligaram por volta do meio-dia hoje, desta vez parecia que havia carros de bombeiro por perto. De qualquer forma, eles querem um lugar e um horário... definitivos e já acertaram tudo. É um restaurante... vou lhe dar o endereço... e você simplesmente tem que deixar um *pacote*, que será pego...”

“Tenho um lugar para sugerir”, interrompeu Tom. “Um bar chamado Hump. É H-u-m-p... isso! Fica na... espere um instante.” Tom tampou o bocal do telefone e gritou: “Eric! Desculpe incomodar. Qual é a rua do Hump?”

“Winterfeldstrasse!”, respondeu Eric prontamente.

“Winterfeldstrasse”, disse Tom para Thurlow. “Ah, não se preocupe com o número, deixe que eles encontrem... Ah, sim, é apenas um bar comum, mas é bem grande. Tenho certeza de que os motoristas de táxi

devem conhecer... Por volta da meia-noite. Digamos, entre onze e meia-noite. Eles devem perguntar por Joey, e Joey vai ter o que eles querem.”

“Esse Joey vai ser *você*?”, perguntou Thurlow com interesse.

“Bom... não tenho certeza. Mas Joey vai estar lá. Suponho que você tenha ouvido que o garoto está bem.”

“Só sei o que eles disseram. Não falamos com ele. Pelo barulho de carros de bombeiro no fundo, eles deviam estar ligando da rua.”

“Obrigado, senhor Thurlow. Espero ter sucesso esta noite”, disse Tom com a voz firme, com mais firmeza do que de fato sentia. E continuou: “Logo que eles tiverem o dinheiro, acredito que vão se manifestar e dizer onde o garoto será solto. Pode pedir que façam isso? Eles vão ligar de novo para confirmar o encontro, não é?”

“*Espero* que sim. Deram-me ordens para passar para você. Sobre o restaurante, digo... Então, quando vai me ligar novamente, senhor Ripley?”

“Não posso lhe dizer a hora exata agora. Mas eu telefono de novo, sim.” Tom desligou, ligeiramente insatisfeito, desejando poder ter certeza de que as pessoas que estavam com Frank voltariam a ligar para Thurlow ainda hoje.

Eric entrou na sala com ar determinado, lambendo um envelope. “Deu tudo certo? Quais as novidades?”

A falta de ansiedade de Eric deu um pouco de tranquilidade a Tom. Os dois iriam sair do apartamento em alguns minutos e deixar dois milhões de dólares ali, sem nenhuma proteção. “Marquei um encontro para hoje à noite, entre onze e meia-noite no Hump. Os seqüestradores deverão perguntar por Joey.”

“E você não vai levar o dinheiro?”

“Não.”

“E então o que vai acontecer?”

“Ainda vou planejar alguma coisa. Max tem carro?”

“Não... nenhum dos dois tem.” Eric balançou a cabeça. “Tom, fique à vontade. Mas gire a chave duas vezes se sair... por favor.”

“Claro. Pode deixar.”

“Quer ver onde coloquei a mala... em meu armário?”

Tom sorriu. “Não.”

“Até mais, Tom. Acho que volto lá pelas seis.”

Alguns minutos depois, Tom também saiu, girando a chave duas vezes como Eric havia pedido.

A Niebuhrstrasse parecia tranqüila e normal para Tom, não havia ninguém que desse a impressão de estar vagabundeando ou prestando atenção nele. Tom entrou à esquerda na Leibnizstrasse e à esquerda de novo quando chegou à Kurfürstendamm. Ali estavam as butikues, as lojas de livros e discos, as lanchonetes nas calçadas, vida, pessoas — um garotinho correndo com uma caixa de papelão enorme, uma garota tentando raspar chiclete do salto da bota sem querer tocar nele. Tom sorriu. Comprou um *Morgenpost* e passou rapidamente os olhos pelos textos, sem esperar encontrar, e sem encontrar, nada que estivesse relacionado ao seqüestro.

Tom parou na frente da vitrine de uma loja cheia de valises, bolsas e carteiras. Entrou e comprou uma bolsa de camurça azul-escura com alça. Heloise iria gostar, pensou. Duzentos e trinta e cinco marcos. E talvez ele a tivesse comprado como uma espécie de garantia de que voltaria para casa e presentearia Heloise. Isso era um pouco ilógico. Comprou alguns maços de Roth-Haendle em uma barraca da Schnell-Imbiss. Era conveniente, pensou Tom, que eles vendessem cigarros e fósforos onde vendiam comida e cerveja. Ele queria uma cerveja? Não. Voltou para o apartamento de Eric.

Tom manteve aberta a porta de entrada do prédio de Eric para uma mulher que vinha com um carrinho de compras vazio. Ela agradeceu, mas mal olhou para ele.

Não gostava de entrar no apartamento silencioso de Eric, e pensou por um segundo se haveria alguém escondido no quarto. Absurdo. Mas entrou no quarto — que estava silencioso e arrumado, a cama feita — e olhou no armário. A mala marrom estava no fundo, atrás de outra mala maior, e na frente da mala maior havia uma fileira de sapatos. Tom ergueu a mala marrom, e sentiu-lhe o peso, que já era familiar.

Na sala, Tom se viu olhando um dos quadros de Eric — achou horrível, na verdade —, que mostrava um veado de chifres grandes com olhos aterrorizados e injetados, sob nuvens de tempestade azul-escuras. Será que havia cães perseguindo o veado? Se havia, Tom não

conseguiu ver. Procurou em vão pelo cano de um rifle em algum lugar do quadro. Talvez a expressão do veado fosse de ódio do pintor.

O telefone tocou, e Tom quase pulou de susto. O som parecera incomumente alto. Será que os seqüestradores haviam conseguido o número de Eric? Claro que não. Será que ele devia atender? Com uma voz diferente? Tom pegou o telefone e falou com voz normal.

“Alô?”

“Alô, Tom. Aqui é Peter”, disse Peter calmamente.

Tom sorriu. “Oi, Peter. Eric não está, disse que voltaria lá pelas seis.”

“Tudo bem. Você está bem? Dormiu?”

“Sim, obrigado. Você está livre esta noite, Peter? Digamos, a partir das dez e meia ou onze para um servicinho?”

“*Ja*. Só tenho que jantar com meu primo. O que vai acontecer hoje à noite?”

“Vou visitar Der Hump, talvez com Max. Preciso de novo de seus serviços de motorista, mas dessa vez será mais seguro. Quero dizer”, acrescentou ele rapidamente, “*espero* que seja mais seguro, mas isso será problema meu, não seu.”

Peter disse que passaria no apartamento de Eric entre dez e meia e onze horas.

Max espalhou o que havia trazido na sala de visitas de Eric como se fosse um vendedor exibindo alguma coisa que provavelmente iria interessar ao freguês, embora aquele fosse o único traje que trouxera. “É o que tenho de melhor”, disse Max em alemão, andando pesadamente pela sala com suas botas e roupas de couro e estendendo com orgulho o vestido longo sobre o corpo.

Tom ficou aliviado porque o vestido tinha mangas compridas. Era cor-de-rosa e branco, e transparente, com três fileiras de babados. “Fantástico”, disse Tom. “*Muito* bonito”, acrescentou.

“E, é claro, isto aqui.” Da bolsa de lona vermelha, Max tirou uma combinação branca que parecia tão longa quanto o vestido. “Coloque o vestido primeiro, vai me inspirar para fazer a maquiagem”, disse Max, sorrindo.

Tom não perdeu tempo: tirou o roupão, sob o qual estava de cueca, vestiu a combinação e em seguida o vestido. Isso causou um problema para colocar as meias, que pareciam um fantasma bege. Max disse que era melhor ele se sentar para colocá-las de maneira adequada, mas por fim disse que não haveria problema se os sapatos ficassem bem sem as meias, porque o vestido chegava quase ao chão. Ele tinha a mesma altura que Tom. O vestido não tinha cinto, ficava solto sobre o corpo.

Então Tom se sentou diante de um espelho retangular que Eric trouxera do quarto. Max havia espalhado sua parafernália de maquiagem sobre o aparador de Eric, e começou a trabalhar no rosto de Tom. Eric ficou observando, com os braços cruzados, divertindo-se em silêncio. Max empastelou as sobrancelhas de Tom com um creme branco e espalhou-o pelo rosto, cantarolando baixinho enquanto trabalhava.

“Não se preocupe com isso”, disse Max. “As sobrancelhas vão aparecer de novo. É só disso que você precisa.”

“Música!”, disse Eric. “Precisamos de *Carmen*!”

“Não, *não precisamos* de *Carmen*!”, disse Tom, detestando a idéia de ouvir *Carmen*, principalmente porque não era engraçada, ou ele não estava com disposição para ouvir Bizet. Tom ficou surpreso com a transformação de seus lábios. O lábio superior ficou mais fino, o inferior, mais cheio. Mal conseguia reconhecer a si próprio!

“Agora, a peruca”, murmurou Max em alemão, sacudindo a coisa castanho-avermelhada e um tanto assustadora que estava em um canto do aparador de Eric. Max começou a pentear delicadamente os cachos soltos.

“Cante alguma coisa”, disse Tom. “Sabe aquela música do Lou Reed que fala de maquiagem?”

“Ah!... *The things you do to your face... Make-up!*” Max começou a cantar, fazendo uma ótima imitação de Lou Reed. “*Rouge and colouring, incense and ice...*” Max se balançava enquanto trabalhava.

Aquilo fez com que Tom se lembrasse de Frank, de Heloise, de Belle Ombre.

“Abra os olhos!” Max continuou cantando e concentrou-se nos olhos de Tom. Parou um pouco para olhar Tom e depois o espelho.

“Está livre esta noite, Max?”, perguntou Tom em alemão.

Max riu, ajustando a peruca e observando o resultado. “Está falando sério?” A boca de Max era grande, os lábios carnudos agora formando um sorriso, e Tom achou que ele ficou vermelho diante da pergunta. “O meu cabelo é sempre muito curto para que as perucas assentem direito, mas é uma bobagem ser tão perfeccionista. Eu acho que ficou ótimo.”

“É mesmo.” Tom olhou para o espelho como se olhasse para uma outra pessoa, mas sem muito interesse naquele momento. “É sério, Max”, disse Tom em alemão. “Você tem uma hora para ficar comigo no bar? No Hump esta noite? Lá pela meia-noite ou mesmo antes? Leve Rollo. Sejam meus convidados. Só por uma hora, está bem?”

“E eu, estou fora?”, perguntou Eric em alemão.

“Você é quem sabe, Eric.”

Agora Max ajudava Tom a calçar os sapatos de couro e salto alto, cheios de pequenas rachaduras.

“Comprei de segunda mão em uma loja em Kreuzberg”, disse Max, “e eles não torturam meus pés como outros sapatos assim. Olhe! Serviram!”

Tom sentou-se novamente diante do espelho e sentiu-se em um mundo de fantasia enquanto Max lhe criava uma pequena pinta preta no lado esquerdo do rosto.

A campainha tocou, e Eric entrou na cozinha.

“Você realmente quer que eu e Rollo o acompanhem ao Hump esta noite?”, perguntou Max.

“Você não acha que eu vou ficar lá sozinho tomando chá-de-cadeira, acha, Max? Preciso de vocês dois. Eric não é o tipo certo.” Tom estava praticando uma voz mais fina.

“Tudo isso por diversão?”, perguntou Max, mexendo nos cachos castanho-avermelhados novamente.

“Só por diversão. Acho que vou fazer de conta que tenho um encontro. De qualquer forma, a pessoa não vai saber quem sou quando entrar lá.”

Max riu.

“Tom!”, disse Eric, voltando à sala de visitas.

Tom sentiu vontade de pedir que ele não o chamasse pelo nome.

Eric ficou com o olhar parado, mudo por um momento, diante da imagem do espelho que refletia o rosto transformado de Tom. “P-Peter está lá embaixo, disse que não está conseguindo uma vaga para estacionar, então pediu para você descer.”

“Ah, claro”, disse Tom. Com absoluta calma, Tom pegou a bolsa que Max lhe trouxera, uma coisa meio grandalhona, de couro vermelho, com detalhes trançados em couro preto, parecendo uma cesta. Ainda com calma tirou do bolso de seu paletó, que estava no armário do corredor, a chave que estava com o italiano, e do fundo do armário pegou a arma de Peter. Eric e Max estavam conversando, olhando os trajes de Tom, e nenhum deles percebeu que ele colocou a arma na bolsa. Tom estava de costas para eles. “Está pronto, Max? Quem vai me acompanhar até lá embaixo?”

Max o acompanhou. Ele havia chegado um pouco tarde ao apartamento de Eric e disse que Rollo talvez já estivesse no Hump, mas Max queria ir correndo para casa para trocar “uma parte” da roupa, porque passara o dia todo trabalhando com a mesma camisa que estava usando.

O cigarro de Peter quase caiu da boca. Ele estava sentado no carro.

“Sou eu!”, disse Tom. “Oi, Peter.”

Peter e Max aparentemente se conheciam. Max disse a Tom que morava bem perto dali, então era melhor ele ir a pé para casa, já que o Hump ficava na direção oposta. Encontraria Tom em alguns minutos. Peter e Tom rumaram para a Winterfeldtstrasse.

“Bom, e o que significa tudo isso? Uma brincadeira?”, perguntou Peter, um pouco tenso.

Tom havia detectado uma certa frieza na voz de Peter? “Não exatamente.” Tom lembrou-se de que poderia ter ligado para Thurlow novamente e não o fizera, para descobrir se os seqüestradores manteriam o encontro daquela noite. “Enquanto ainda temos algum tempo... você voltou àquele barracão, Peter?”

Peter fez um movimento indefinido com os ombros. “Voltei a pé, sim, porque não queria fazer barulho com o motor do carro. Estava muito escuro sem lanterna.”

“Eu imagino.”

“Achei que talvez você estivesse morto lá... ferido, talvez, o que teria sido pior. Então vi que o homem que estava no chão não era você. Depois fui embora. Você não atirou nele?”

“Bati nele com a mala.” Tom engoliu em seco. Não teve vontade de dizer que também havia acertado a cabeça do homem com o cabo da arma de Peter. “Os seqüestradores devem ter pensado que havia mais gente. Disparei com sua arma duas vezes para o alto e gritei. Mas acho que o sujeito no chão está morto.”

Peter deu uma risadinha, talvez nervosa, mas que fez Tom se sentir melhor. “Não fiquei lá o suficiente para descobrir isso. Não vi os jornais hoje... e também não vi o noticiário na televisão.”

Tom não disse nada. Por enquanto, ele ainda estava limpo, pensou Tom, e tinha que refletir sobre o presente. Será que teria coragem de pedir a Peter para esperar de novo, do lado de fora do Hump? Peter poderia ser extremamente útil naquela noite.

“E eles foram embora”, continuou Peter. “Vi o carro deles saindo e esperei por você... mais de cinco minutos, acho eu.”

“Foi quando eu voltei para aquela avenida... a Krüger-Damm e peguei o ônibus. Eu nem olhei na direção da igreja. Foi falha minha, Peter.”

Peter virou em uma esquina. “E agora todo aquele dinheiro na casa de Eric! E o que eles vão fazer com o garoto se não conseguirem o dinheiro?”

“Ah, eu acho que eles preferem ter o dinheiro a ficar com o garoto.” Eles haviam entrado na rua do bar, e Tom procurou o neon rosa onde estava escrito *Der Hump* em letras cursivas e sublinhadas, mas ainda não conseguia vê-lo. Tom tinha que contar a Peter sobre os possíveis eventos desta noite e, com dificuldade, tentou começar. Suas roupas, naquele momento, faziam com que se sentisse tolo e vulnerável, e ele ergueu nervosamente a bolsa vermelha e preta sobre o colo: estava um pouco pesada devido à arma de Peter. “Estou com o seu revólver. Ainda tem quatro balas.”

“Aí, com você? Está com o revólver?”, perguntou Peter em alemão, olhando para a bolsa de Peter.

“Isso. Marquei um encontro com os seqüestradores para esta noite... e talvez apenas um deles apareça, não sei... aí no Hump... entre onze e

meia-noite. Então, Peter, se você tem disposição para esperar por mim... Agora passa um pouco das onze. Vou ignorá-los lá dentro, e daí vou ver se consigo segui-los. Acho que eles devem vir de carro, mas não tenho certeza disso. Se eles não tiverem de carro, vou dar um jeito de segui-los a pé.”

“Seeeeeei!”, disse Peter, duvidando.

Será que Peter estava pensando nos saltos altos? “Se eles não aparecerem de jeito nenhum, pelo menos nos divertimos e ninguém se machuca.” Tom acabara de ver o luminoso rosa do Hump, muito menor do que se lembrava. E agora Peter tentava estacionar. “Ali tem um lugar!”, disse Tom, ao perceber um espaço em uma fila de carros estacionados do lado direito da rua.

Peter entrou na vaga.

“Você está disposto a esperar quase uma hora? Talvez mais?”

“Claro, claro”, disse Peter, desligando o carro.

Tom explicou: se os seqüestradores viessem ao encontro, iriam perguntar por Joey, para o *barman* ou algum garçom, e depois de algum tempo, se Joey não aparecesse, eles iriam embora, e Tom iria segui-los. “Duvido que eles esperem até a hora de fechar, no fim da madrugada. Vão saber que foi armação lá pela meia-noite ou pouco depois. Mas, se você estiver com vontade de ir ao banheiro, é melhor ir agora.”

A mandíbula comprida de Peter moveu-se levemente e ele riu. “Não, estou bem. Você vai ficar sozinho lá dentro? Sem mais ninguém?”

“Eu pareço tão delicado assim? Max está chegando. E provavelmente Rollo também. Até logo, Peter. Vejo você mais tarde. Se as coisas forem até meia-noite e quinze, eu saio para falar com você.”

Tom olhou para a porta do Hump. Uma figura masculina saiu, outras duas entraram, e o ritmo da música de discoteca soava mais alto quando a porta estava aberta: TUM-TISH... TUM-TISH... TUM-TISH... como um coração batendo, nem rápido, nem lento, mas forte. Um pouco falso também, pensou Tom, artificial, eletrônico, não exatamente humano. Tom sabia o que Peter estava pensando.

“Você acha que é inteligente fazer isso?”, perguntou Peter em alemão.

“Quero descobrir onde está o garoto.” Tom pegou a bolsa. “Se não quiser esperar, Peter, eu não o culpo. Posso tentar pegar um táxi a tempo para segui-los.”

“Vou esperar.” Peter sorriu, tenso. “Se tiver algum problema... estou aqui.”

Tom saiu e atravessou a rua. A brisa noturna fez com que se sentisse nu, e ele olhou para baixo para ter certeza de que não estava, de que seu vestido não havia levantado com o vento. Seu tornozelo torceu quando pisou no meio-fio, e ele disse a si mesmo para ter calma. Tom acomodou a peruca nervosamente, e com os lábios levemente entreabertos abriu a porta do Hump. A pulsação da música o engoliu, criando vibrações que ecoavam em seus tímpanos. Tom caminhou — sob os olhares de pelo menos dez fregueses, muitos dos quais sorriram para ele — em direção ao bar. O lugar cheirava a maconha.

Como da outra vez, não havia espaço no bar, mas foi surpreendente como quatro ou cinco homens se afastaram para que Tom finalmente pudesse encostar no balcão redondo e brilhante, revestido de cromo.

“E quem é você?”, perguntou um rapaz com uma calça jeans tão gasta que revelava a ausência de qualquer roupa de baixo.

“Mabel”, disse Tom, tremelicando os cílios. Ele calmamente abriu a bolsa, a fim de pegar os marcos soltos e as moedas que colocara no fundo para pagar a bebida. De repente, percebeu que não havia pensado em pintar as unhas, e Max também não. Dane-se. Pareceu masculino jogar as moedas sobre o balcão, à moda inglesa, e Tom não o fez.

Homens e rapazes na pista de dança retorciam-se e pulavam ao ritmo da música, como se o chão estivesse explodindo ou ondulando debaixo deles. Pessoas rondavam, encaravam, passeavam pela escada de vidro que levava aos banheiros; enquanto Tom estava olhando, uma figura rolou escada abaixo, foi erguida por duas outras pessoas e acabou de descer, aparentemente sem se machucar. Tom reparou que havia pelo menos outras dez figuras de vestido longo, mas agora ele estava à procura de Max. Com infinita lentidão, Tom tirou um cigarro da bolsa e acendeu-o, sem pressa para atrair a atenção do *barman* e pedir uma bebida. Já passavam quinze minutos das onze, e Tom olhava por toda parte — especialmente no bar, onde era provável que alguém

perguntasse ao *barman* pelo Joey — mas até agora não tinha visto ninguém que pudesse — nem por um arroubo de imaginação — ser chamado de heterossexual, e ele supunha que os seqüestradores o fossem.

Então chegou Max, com uma camisa branca de botões perolados, calça de couro preto e botas, vindo dos fundos da boate, onde a maior parte das pessoas estava dançando. Atrás dele veio uma figura alta em um vestido longo que parecia feito de papel de seda bege, o cabelo bem curto com fitas amarelas finíssimas amarradas de alguma maneira acima das orelhas.

“Boa noite”, disse Max, sorrindo. “Rollo.” Fez um gesto em direção à figura vestida em papel de seda.

“Mabel”, disse Tom, sorrindo alegremente.

Os finos lábios vermelhos de Tom ergueram-se nos cantos. De resto, seu rosto era branco como farinha. Seus olhos azuis acinzentados pareciam brilhar como diamantes lapidados. “Está esperando um amigo?”, perguntou Rollo. Ele segurava uma comprida piteira preta, sem cigarro.

Será que Rollo estava brincando? “*Ja*”, respondeu Tom, deixando os olhos passearem pelos sujeitos que estavam nas mesas encostadas nas paredes. Tom mal podia imaginar um dos seqüestradores, ou mesmo dois deles, dançando, ou talvez qualquer coisa fosse possível.

“O que vai beber?”, perguntou Rollo a Tom.

“Eu peço. Cerveja, Tom?”, perguntou Max.

Cerveja parecia pouco feminino, mas Tom imediatamente achou isso absurdo, e estava prestes a aceitar quando viu uma máquina de café expresso no fundo do bar. “*Kaffee, bitte!*”, pediu ele. Tom tirou algumas das moedas do fundo da bolsa e colocou-as sobre o balcão. Ele não havia trazido a carteira.

Max e Rollo quiseram gim Dornkaat.

Tom posicionou-se para ficar de frente para a porta, encostado no balcão do bar, conversando com Max e Rollo, que agora estavam de frente para ele. Conversar era um pouco difícil com aquele barulho. A todo momento aparecia uma figura masculina na porta, e aparentemente poucos iam embora.

“Quem você está esperando?”, gritou Max no ouvido de Tom. “Está vendo a pessoa?”

“Ainda não!” Só então Tom reparou em um rapaz de cabelo escuro no final do balcão, que se curvava para a direita de Tom e terminava na parede. Esse talvez fosse heterossexual. Parecia ter quase trinta anos, usava uma jaqueta de algodão marrom e segurava um cigarro com a mão esquerda, apoiada sobre o bar. Bebia cerveja e olhava para todos os lados, devagar e atento, e olhava também para a porta. Mas muitas outras pessoas também estavam olhando para a porta, e Tom não sabia o que pensar. Mais cedo ou mais tarde o homem que Tom procurava iria perguntar ao *barman* — possivelmente pela segunda vez, se já o tivesse feito uma vez — se ele conhecia, havia visto ou tinha uma mensagem de alguém chamado Joey.

“*Dança?*”, perguntou Rollo, curvando-se respeitosamente em direção a Tom, porque Rollo era mais alto ainda.

“Por que não?” Ele e Rollo abriram caminho em direção à pista de dança.

Em poucos segundos, Tom teve que tirar os sapatos de salto alto, que Rollo galantemente segurou e começou a bater acima da cabeça como se fossem castanholas. Saias rodavam, todos riam, mas não deles, e na verdade ninguém prestava atenção nele ou em Rollo. DANÇA... DANÇA... DANÇA... Ou as palavras poderiam ser CANSA, OU PANÇA, OU MANSA, isso não fazia a menor diferença. Tom gostou da sensação de seus pés descalços sobre o assoalho. De vez em quando ele ajustava a peruca, e em uma das vezes Rollo a ajustou. Tom reparou que Rollo tivera o bom senso de usar sandálias de sola bem baixa. Tom sentia-se exultante e mais forte, como se estivesse fazendo ginástica. Não era de admirar que os berlinenses gostassem de disfarces! A pessoa podia se sentir livre e, em certo sentido, podia ser *ela própria*, mas disfarçada.

“Vamos voltar para o bar?” Tom sabia que já eram onze e quarenta e queria dar outra olhada.

Tom só colocou os sapatos de novo quando chegou ao bar, onde sua xícara de café ainda estava pela metade. Max ficara tomando conta da bolsa. Tom retomou o lugar onde estava e de onde podia observar a porta. O homem em quem Tom havia reparado não estava mais no final do balcão, e Tom deu uma olhada por todo o lugar, tentando

achar o homem com a jaqueta de algodão entre as pessoas das mesas ou as que estavam em pé observando, da escada, a pista de dança. Então Tom o viu poucos metros atrás dele no bar, um pouco escondido pelos fregueses, tentando chamar a atenção do *barman*. Max começou a gritar alguma coisa para Tom, e Tom fez um gesto de silêncio para ele e observou o homem através de seus cílios falsos, quase fechados.

O *barman* inclinou-se para a frente — usava uma peruca loira cacheada — e balançou a cabeça.

O homem da jaqueta marrom ainda estava falando, e Tom ficou na ponta dos pés para tentar ler os lábios dele. Será que dizia “Joey”? Parecia que sim, e o *barman* balançou a cabeça, num gesto que poderia significar “Eu lhe digo se ele aparecer”. Então o homem da jaqueta se dirigiu lentamente para a parede do outro lado do bar, atravessando grupos que estavam em pé e figuras solitárias. Ali ele falou com um homem loiro encostado na parede, com uma camisa azul-clara aberta no peito. Ele não disse nada em resposta ao que o outro homem lhe havia dito.

“O que você estava dizendo?”, perguntou Tom para Max.

“*Aquele* é o seu amigo?”, perguntou Max, sorrindo, indicando com um movimento de cabeça o sujeito da jaqueta marrom.

Tom deu de ombros. Arregaçou um pouco a manga do vestido e viu que faltavam onze para a meia-noite. Tom terminou o café. Inclinou-se para Max e disse: “*Talvez* eu tenha que ir embora em um minuto. Não tenho certeza. Então é melhor eu dizer boa noite e *obrigado*, Max... caso eu tenha que sair correndo... como a Cinderela!”.

“Você quer um táxi?”, perguntou Max, educado e confuso.

Tom balançou a cabeça. “Outro Dornkaat?” Fez um sinal para o *barman*, mostrando dois dedos e apontando para o copo de Max. Em seguida colocou duas notas de dez marcos no balcão, sob os protestos de Max. Ao mesmo tempo, Tom observava o homem da jaqueta marrom voltar ao bar, indo para o mesmo lugar de antes, perto da parede, que agora estava ocupado por um homem e um rapaz, profundamente envolvidos em uma conversa. Então o sujeito da jaqueta pareceu desistir da idéia de ir até o balcão e foi para perto da porta. Tom o viu erguer o braço para chamar a atenção de um *barman* que por acaso estava perto do final do balcão naquele momento. O

barman balançou a cabeça no mesmo instante, e então Tom descobriu que o homem da jaqueta marrom estava procurando Joey. Ou pelo menos se sentiu bastante seguro disso. O homem olhou para o relógio de pulso e então para a porta. Três garotos adolescentes entraram, todos de jeans, de olhos bem abertos e balançando as mãos vazias. O homem da jaqueta marrom olhou para o de camisa azul e fez um movimento com a cabeça na direção da porta. E saiu.

“Boa noite, Max”, disse Tom, pegando a bolsa. “Prazer em conhecê-lo, Rollo!”

Rollo inclinou-se de leve para a frente.

Tom viu o de camisa azul movendo-se para a porta e deixou-o sair primeiro. Então, sem pressa, abriu caminho até a porta e saiu. Viu os dois homens na calçada à sua direita, o de jaqueta marrom esperando enquanto o de camisa azul o alcançava. Tom foi para a esquerda, em direção ao carro de Peter, que estava virado no sentido contrário. Mais algumas pessoas entravam no Hump, e uma delas assobiou para Tom, enquanto as outras riram.

Peter estava com a cabeça recostada, mas ficou alerta quando Tom bateu na janela, fechada pela metade.

“Eu *de novo!*”, disse Tom, e deu a volta no carro e entrou. “Você vai ter que fazer a volta. Acabei de vê-los. Nesta rua. Dois homens.”

Peter já estava virando. A rua estava escura, cheia de carros estacionados, mas não havia tráfego naquele momento.

“Vá devagar, eles estão a pé”, disse Tom. “Finja que está procurando um lugar para estacionar.”

Tom os viu andando, sem olhar para trás, e aparentemente envolvidos em uma conversa. Então os dois pararam na frente de um carro estacionado. Tom fez um gesto, e Peter diminuiu ainda mais a velocidade. Um carro que estava atrás de Peter ultrapassou-o. “Eu queria segui-los sem ser notado”, disse Tom. “Vamos tentar, Peter. Se suspeitarem que os estamos seguindo, eles vão nos dar um chapéu ou sair correndo para algum lugar... uma coisa ou outra.” Tom tentou passar “dar um chapéu” para o alemão, mas Peter pareceu entender muito bem.

Cerca de quinze metros à frente deles, o carro acelerou e virou rapidamente à esquerda no cruzamento. Peter seguiu-o, enquanto o

carro entrava em uma rua mais movimentada. Dois carros ficaram entre eles, mas Tom não perdeu de vista o carro que seguiam, e quando viraram novamente à esquerda ele viu, com o farol de outro carro, que a cor do que estavam seguindo era avermelhada.

“O carro é vermelho-escuro. É aquele carro!”

“Você o conhece?”

“É o carro que estava em Lübars.”

Continuaram seguindo o carro durante o que pareceu a Tom uns cinco minutos, mas talvez fosse a metade disso, virando em mais duas ruas. Tom orientava Peter, e logo viu o carro que seguiam diminuir a velocidade e entrar em uma área de estacionamento do lado esquerdo de uma rua cheia de prédios de quatro e seis andares, cujas janelas estavam quase todas às escuras.

“Pode parar aqui e voltar um pouco?”, disse Tom rapidamente.

Ele queria tentar ver em que lugar entrariam. E então, se possível, ver se alguma luz se acendia em determinado andar. Eram aqueles predinhos terríveis de classe média ou de classe média baixa que haviam escapado das bombas da Segunda Guerra Mundial. Graças à jaqueta marrom, Tom conseguiu enxergar uma sombra indistinta, mais clara do que o fundo, subindo uma escada na entrada de um dos prédios. Depois viu o de camisa azul entrar pela mesma porta.

“Ande uns três metros para a frente... por favor, Peter.”

Enquanto Peter se aproximava vagarosamente, Tom viu uma luz no terceiro andar ficar mais forte, e outra no segundo andar apagar quase por completo. Um sistema de minuteria? Luzes de corredor? Uma luz no terceiro andar à esquerda apareceu, bem mais forte. Uma luz no segundo andar continuou acesa e brilhante. Tom remexeu o fundo da bolsa, onde as moedas e notas estavam soltas desorganizadamente, e encontrou a chave que havia tirado do bolso do italiano.

“Certo, Peter, pode me deixar aqui”, disse Tom.

“Quer que eu o espere?” sussurrou Peter. “O que você vai fazer?”

“Não tenho certeza.” O carro de Peter estava parado do lado direito da rua perto de uma fila de carros estacionados, sem atrapalhar ninguém. Peter poderia ficar ali por uns quinze minutos, mas Tom não sabia quanto tempo iria demorar, e não queria arriscar a vida de Peter, caso alguém saísse do prédio correndo e atirando, enquanto Peter

tentava ajudar. Tom sabia que às vezes imaginava o pior, a mais absurda de todas as situações. Será que a chave que ele tinha era da porta de entrada, da porta do apartamento ou de nenhuma delas? Tom imaginou-se apertando uma meia dúzia de botões na entrada do prédio até que uma alma inocente, que não fosse um dos seqüestradores, abrisse a porta para ele entrar no prédio. “Só vou tentar assustá-los”, disse Tom, batendo a ponta dos dedos na maçaneta.

“Você não quer que eu telefone para a polícia? Agora ou daqui a cinco minutos?”

“Não.” Tom iria pegar o garoto ou não, faria alguma coisa ou não, antes que a polícia chegasse, e se a polícia chegasse a tempo ou tarde demais, envolveria seu nome na situação, e isso era algo que ele não queria. “A polícia não sabe de nada do que está acontecendo, e quero que continue assim.” Tom abriu a porta do carro. “Não me espere. E bata a porta quando estiver mais longe.” Ele a havia encostado ao sair, e ela não fechara completamente.

Uma mulher com um vestido de cor clara passou por Tom na calçada, olhou para ele bastante assustada e seguiu em frente.

O carro de Peter avançou para dentro da escuridão, a salvo, e Tom ouviu a porta bater com força. Tom concentrou-se para subir os poucos degraus da entrada com seus saltos altos, erguendo o vestido alguns centímetros acima dos degraus, para não tropeçar.

Perto do batente da primeira porta, havia um painel com pelo menos dez botões, a maioria marcada com nomes ilegíveis e nem todos com os números dos apartamentos indicados. Aquilo era desencorajador, pensou ele, pois ele teria tido a coragem de apertar os botões de um apartamento 2A ou 2B, se os tivesse visto. Pela contagem européia, aquilo seria segundo andar, mas seria terceiro pela americana. Tom experimentou a chave que tinha na mão. Funcionou. Ele ficou muito surpreso. Talvez cada um dos membros da gangue tivesse uma cópia da chave da entrada, e sempre houvesse alguém no apartamento para abrir a porta. Qual apartamento agora? Tom apertou o botão que acendia a luz e viu uma escada marrom pouco convidativa, de madeira não polida, e duas portas fechadas, uma de cada lado dele.

Recolocou a chave na bolsa e procurou a arma. Destravou-a sem tirá-la da bolsa e começou a subir os degraus, mais uma vez erguendo

o vestido na frente. Quando Tom se aproximava do andar seguinte, uma porta se fechou, um homem apareceu no corredor e outra luz se acendeu quando o homem apertou um botão na parede. Tom se viu diante de um sujeito de meia-idade, corpulento, de camisa e calça esportiva, que desejava descer a escada e deu passagem para Tom, menos por educação do que por susto diante do que viu.

Tom supôs que o homem pensaria que ele era uma prostituta atendendo um chamado, ou coisa do tipo, e não um homem travestido, e continuou subindo e virou para ir ao andar seguinte.

“Você mora aqui?”, perguntou o homem em alemão.

“*Jawohl*”, confirmou Tom, em voz baixa, mas com convicção.

“Coisas estranhas acontecem aqui”, murmurou o homem para si próprio, e desceu a escada.

Tom subiu mais um lance. A escada rangeu um pouco. Ele viu luzes embaixo de duas portas, à esquerda e à direita. Parecia haver dois outros apartamentos mais ao fundo, pelo menos havia portas. O apartamento em que Tom estava interessado estaria à esquerda, mas Tom ficou escutando rapidamente perto da porta à direita. Ouviu o que parecia ser uma televisão e então foi para a porta da esquerda. Ouviu um murmúrio de vozes muito baixo, pelo menos duas vozes. Tirou o revólver de Peter da bolsa. Havia apertado a minuteria daquele andar e talvez restassem uns trinta segundos de luz. A porta parecia ter uma única fechadura, mas era bem estranha. Que diabo fazer agora? Tom não tinha certeza, mas a melhor estratégia talvez fosse surpreendê-los, desequilibrá-los.

Tom apontou a arma para a fechadura, no exato momento em que a luz se apagou. Então Tom bateu forte na porta com os nós dos dedos da mão esquerda, o que fez com que a bolsa deslizasse para o cotovelo.

Houve um silêncio repentino atrás da porta. Então, depois de alguns segundos, uma voz masculina perguntou em alemão: “Quem é?”

“*Polizei!*”, gritou Tom, a voz firme. “Abram!”, acrescentou em alemão.

Tom ouviu uma barulheira, cadeiras sendo arrastadas, o que, no entanto, não revelava pânico. Mais uma vez ouviu vozes falando baixo. “*Polizei, öffnet!*” Tom ordenou-lhes que abrissem e bateu na porta com

o punho. “*Ihr seid umringt!*”, continuou, dizendo-lhes que estavam cercados.

Será que naquele exato momento eles fugiam por alguma janela? Tom tomou a precaução de ficar à direita da porta, caso eles resolvessem atirar, mas a mão esquerda estava sobre a fechadura, pouco abaixo da maçaneta, para ele poder saber onde ela estava.

Então Tom ficou de frente para a porta e colocou o cano do revólver na fenda entre o metal e a madeira e disparou. A arma deu um tranco para trás, mas ele a segurou firme, e ao mesmo tempo deu um empurrão na porta com o ombro. A porta não abriu por inteiro: parecia estar com uma corrente, mas Tom não tinha certeza. Ele gritou de novo: “*Abram!*”, em uma voz que poderia aterrorizar até mesmo as pessoas do andar atrás de suas portas fechadas, e ele esperava que elas ficassem lá, mas viu por cima do ombro que uma das portas se entreabriu. Tom não se importou com ela. Talvez estejam desistindo, pensou Tom.

O loiro da camisa azul havia aberto a porta, a luz atrás dele caiu sobre Tom. O homem teve um sobressalto e tentou pegar alguma coisa no bolso de trás. Tom estava com o revólver apontado para a camisa azul dele e deu um passo para a frente.

“Estão cercados!”, repetiu Tom em alemão. “Saiam pelo telhado! Vocês não vão conseguir sair pela porta lá de baixo! Onde está o garoto? Está aqui?”

O homem da jaqueta marrom — que estava boquiaberto no meio da sala — fez um gesto impaciente e disse alguma coisa para um terceiro homem, um tipo atarracado de cabelos castanhos e com as mangas da camisa enroladas. O sujeito da camisa azul havia fechado a porta com um chute. Mas ela não se fechou por inteiro, ficando parcialmente aberta. Ele então correu para um quarto à esquerda de Tom, onde deveria estar a janela da frente. Havia uma grande mesa oval na sala onde Tom estava. Alguém apagara uma luz do teto, o que deixava apenas a do abajur acesa.

A confusão durou alguns segundos, e Tom chegou a pensar em fugir enquanto ainda podia. Mas eles também podiam fugir e acertá-lo no caminho. Será que cometera um erro ao não deixar que Peter chamasse a polícia, com sirenes e tudo? De repente, Tom gritou em inglês:

“Saiam daqui enquanto podem!”

O sujeito da camisa azul, depois de trocar palavras rapidamente com o homem das mangas enroladas, deu sua arma para o da jaqueta marrom e entrou em um quarto à direita de Tom. Tom ouviu um uma pancada lá dentro, como se uma mala tivesse caído.

Tom tinha medo de procurar o garoto, pois estava em vantagem enquanto sua arma ainda estivesse apontada para o homem da jaqueta marrom, apesar de o sujeito também ter uma arma. Tom ouviu uma voz atrás dele dizer em alemão:

“O que está acontecendo aqui?”

Tom olhou para trás. Era um vizinho curioso no corredor — pelo menos, era isso que parecia —, um homem de chinelos e com os olhos arregalados no rosto estampado de medo, pronto a voltar correndo para seu apartamento.

“Saia daqui!”, gritou o homem da jaqueta marrom.

O sujeito das mangas enroladas, que estava no quarto da frente, entrou correndo na sala onde Tom estava, e Tom percebeu que o vizinho tinha ido embora.

“Está bem, *schnell*”, apressou-se o sujeito das mangas enroladas, agarrando uma jaqueta que estava sobre uma cadeira ao lado da mesa oval. Vestiu a jaqueta, erguendo por um instante a mão livre. Atravessou a sala correndo em direção à porta, que estava à direita de Tom, e trombou com o homem da camisa azul, que saía pela porta com uma mala.

Será que de fato eles haviam visto alguma coisa na rua?, perguntou-se Tom, a polícia talvez, por conta do tiro que ele havia disparado? Pouco provável! O sujeito da camisa azul passou por ele correndo com a mala, seguido pelo homem da jaqueta marrom. Tom viu que eles estavam subindo as escadas para o telhado; ou a porta para o telhado já estava previamente aberta, ou eles tinham a chave. Ele sabia que não havia saídas de incêndio naquele tipo de prédio, apenas pátios centrais para carros de bombeiro e saídas para o telhado. O terceiro homem passou correndo por Tom, levando o que parecia ser uma mala marrom. Subiu a escada, tropeçou, levantou-se. Ele dera um encontrão em Tom em sua fuga e quase o derrubara. Tom fechou a porta da

melhor maneira que pôde. Uma grande lasca de madeira tornava impossível fechar a porta por completo.

Tom entrou na porta da direita. Ainda segurava o revólver de Peter apontado para a frente, como se houvesse algum inimigo.

Entrou em uma cozinha. Frank estava deitado no chão sobre um cobertor, amordaçado com uma toalha, as mãos atrás das costas, os tornozelos amarrados. Mas o garoto se mexia, esfregando o rosto no cobertor como num esforço para se livrar da toalha.

“Ei, *Frank!*” Tom ajoelhou-se ao lado do garoto e abaixou a toalha, tirando-a da boca de Frank.

O garoto babava, completamente exausto pela ingestão de drogas ou remédios para dormir, supôs Tom, incapaz de focalizar os olhos.

“Pelo amor de Deus!”, murmurou Tom, e deu uma olhada em volta, procurando uma faca. Encontrou uma na gaveta da mesa da cozinha, mas estava sem corte. Então pegou uma faca de pão no escorredor de pratos. Havia algumas latas de refrigerante vazias sobre a pia. “Solto você num segundo, Frank”, disse Tom, serrando a corda em volta dos pulsos do garoto. A corda era forte e tinha uns três centímetros de espessura, e o nó parecia apertado demais para ser desfeito. Enquanto cortava, Tom ficou atento para ouvir se alguém mais entrava no apartamento.

O garoto cuspiu, ou tentou fazer isso, no cobertor. Tom bateu-lhe nervosamente no rosto.

“Acorde! É o *Tom!* Vamos sair daqui já!” Tom desejou ter tempo para fazer um pouco de café instantâneo, mesmo se fosse com a água da pia, mas nem sequer se arriscou a procurar café instantâneo naquela cozinha. Passou para as cordas dos tornozelos, cortou o laço errado primeiro e praguejou. Finalmente conseguiu tirá-la e ergueu o garoto. “Você consegue andar, Frank?” Tom havia perdido um dos saltos altos e tirou o outro. Naquelas circunstâncias, era melhor andar descalço.

“To-oooum?”, disse o garoto, parecendo completamente bêbado.

“Vamos embora, garoto!” Tom passou o braço de Frank em volta do pescoço e eles começaram a andar na direção da porta do apartamento. Tom esperava que o movimento pudesse acordar um pouco o garoto. Enquanto se esforçavam para chegar à porta, Tom deu uma olhada pela sala sem tapetes em busca de qualquer coisa que os

homens pudessem ter deixado, um caderno, um pedaço de papel, mas não viu nada. Era evidente que eles tinham sido organizados e eficientes, com todas as coisas reunidas em um só lugar. Tom só viu o que parecia ser uma camisa suja jogada em um canto. Percebeu que, de alguma forma, ainda estava com a bolsa no braço esquerdo, lembrou-se de guardar a arma dentro dela e ajeitou-a no braço antes de levantar Frank. No corredor, encontraram três vizinhos, dois homens e uma mulher, todos surpresos e assustados.

“*Alles geht gut*, está tudo bem”, disse Tom, percebendo que falara como um louco, e os três abriram caminho quando ele se dirigiu à escada.

“Era uma mulher?”, perguntou um dos homens.

“Telefonamos para a polícia!”, disse a mulher ameaçadoramente.

“*Alles geht gut!*”, retrucou Tom. As palavras soaram muito bem em alemão.

“O garoto está *drogado!*”, disse um dos homens. “Quem são esses animais?”

Mas Tom e Frank continuaram descendo a escada, Tom escorando quase todo o peso do garoto, e num instante eles estavam fora do prédio, depois de terem passado por apenas duas portas de apartamentos entreabertas com olhos curiosos espiando. Tom quase caiu ao descer os degraus de pedra na frente do prédio, pois não havia corrimão para se apoiar.

“*Nossa Senhora da Bebedeira!*” A exclamação viera de dois rapazes que caminhavam na calçada, e eles caíram na gargalhada. “Podemos ajudá-la, *gnädige Frau?*”, disse um deles, com exagerada gentileza.

“Sim, obrigada, precisamos de um táxi”, respondeu Tom em alemão.

“Isso é fácil de arranjar! Ha-ha! Um táxi, *meine Dame!* Imediatamente!”

“Nunca uma senhora precisou *tanto* de um táxi!”, comentou o outro.

Com a ajuda dos dois, Tom e Frank chegaram à esquina seguinte sem muita dificuldade, os dois rapazes morrendo de rir dos pés descalços de Tom e fazendo perguntas como “O que vocês dois andaram *fazendo?*”. Mas os dois demonstraram companheirismo, e um deles foi até a rua e acenou vigorosamente para chamar um táxi. Tom olhou para uma placa em um poste e viu que a rua onde ficava o

apartamento dos seqüestradores era a Binger Strasse. Então ouviu as sirenes da polícia. Mas haviam conseguido um táxi! Que veio derrapando. Tom entrou no táxi primeiro e puxou o garoto logo em seguida, ajudado pelos alegres rapazes.

“Boa viagem!”, gritou um deles, fechando a porta.

“Para Niebuhrstrasse, *bitte*”, pediu Tom ao motorista, que lhe lançou um olhar um pouco mais longo que o necessário, e então ligou o taxímetro e saiu.

Tom abriu a janela. “Respire”, disse a Frank, massageando-lhe a mão para tentar acordá-lo mais, sem se importar a mínima com o que o motorista iria pensar. Tom tirou a peruca.

“Festa boa?”, perguntou o motorista, olhando para a frente.

“A-a-ah, *ja!*”, grunhiu Tom, como se a festa tivesse sido fantástica.

Niebuhrstrasse, ainda bem! Tom começou a procurar o dinheiro. Tirou da bolsa uma nota de dez marcos, suficiente, porque a corrida fora apenas sete. O motorista quis lhe dar o troco, mas Tom disse que ele podia ficar com ele. Agora Frank parecia um pouco mais desperto, embora seus joelhos ainda estivessem fracos. Tom segurou-lhe o braço firmemente e apertou a campainha de Eric. Dessa vez ele não estava com as chaves do apartamento, mas achou que Eric com certeza estaria em casa, por causa do dinheiro no apartamento, e então ouviu o bendito som da fechadura se abrindo, e empurrou a porta.

Peter apareceu, descendo rapidamente a escada. “Tom!”, disse ele em voz baixa. E então: “Oh... Oh... *Oh!*”, quando viu o garoto.

Frank nem tentava erguer a cabeça, e ela balançava como se o pescoço estivesse quebrado. Tom sentiu vontade de rir — de nervoso e histeria — e mordeu o lábio de baixo enquanto ele e Peter colocavam o garoto no elevador.

Eric estava com a porta entreaberta, e abriu-a mais quando os viu. “*Mein Gott!*”, exclamou ele.

Tom ainda estava com a peruca na mão. Deixou-a cair no chão junto com a bolsa, e ele e Peter colocaram Frank sentado no sofá. Peter foi buscar uma toalha molhada, e Eric, uma xícara de café.

“Não sei *o que* estavam dando para ele”, disse Tom. “E perdi os sapatos de Max...”

Peter sorriu nervosamente, e olhou para o garoto enquanto Tom limpava o rosto dele. Eric havia trazido o café.

“Está frio mas vai fazer bem a você”, disse Eric para Frank com uma voz amável. “Meu nome é Eric. Sou amigo de Tom. Não precisa ter medo.” Falando por cima do ombro, comentou com Peter: “*Mein Gott*, ele está *chapado!*”.

Mas Tom percebia que o garoto estava um pouco melhor, bebericando o café, embora ainda não tivesse condições de segurar a xícara sozinho.

“Está com fome?”, perguntou Peter.

“Não, não, ele pode se engasgar”, disse Eric. “Este café está com bastante açúcar. Vai fazer bem para ele.”

Frank sorriu para todos, como uma criança bêbada, e sorriu especialmente para Tom. Com a boca seca, Tom havia tomado uma Pilsener Urquell gelada do refrigerador de Eric.

“O que aconteceu, Tom?”, perguntou Eric. “Você *entrou* na casa *deles*? Peter me falou.”

“Eu arrebentei a fechadura com um tiro. Mas ninguém se machucou. Eles se assustaram... ficaram assustados.” Tom sentiu-se exausto de repente. “Estou louco por um banho”, murmurou, e foi para o banheiro. Tomou uma ducha de água quente e depois, fria. Seu roupão felizmente estava pendurado atrás da porta do banheiro. Tom dobrou o vestido cuidadosamente para devolvê-lo a Max.

Quando Tom voltou para a sala de visitas, Frank comia alguma coisa que Peter estava segurando: pão com manteiga.

“Ulrich... é um”, disse Frank. “E Bobo...” Disse mais alguma coisa ininteligível.

“Perguntei o nome deles!”, disse Peter a Tom.

“Amanhã!”, disse Eric. “Amanhã ele se lembrará.”

Tom foi ver se a porta do apartamento estava fechada com a corrente de segurança, e estava.

Peter sorria para Tom, parecendo feliz. “É incrível!... Para onde eles foram? Fugiram?”

“Acho que foram para o telhado”, disse Tom.

“Eram três.” Peter falou em tom de admiração. “Talvez seu disfarce tenha assustado os sujeitos.”

Tom sorriu, cansado demais para falar. Ou talvez ele conseguisse falar de qualquer outra coisa, menos da situação pela qual acabara de passar. Tom riu de repente. “Você devia ter ido ao Hump esta noite, Eric!”

“Tenho que ir embora”, disse Peter, indeciso, sem querer realmente ir.

“Ah, seu revólver, Peter, e a lanterna, antes que eu me esqueça!” Tom tirou a arma da bolsa, a lanterna do armário. “Muito, muito obrigado! Três tiros disparados, sobraram três tiros.”

Peter colocou a arma no bolso, sorrindo. “Boa noite, durmam bem”, disse ele em voz baixa, e saiu.

Eric despediu-se dele e recolocou a corrente na porta. “Bom, agora vamos abrir esta cama, certo, Tom?”

“Certo. Vamos lá, Frank.” Tom sorriu diante da visão de Frank sentado com um cotovelo em um dos braços do sofá, olhando para eles com um sorriso tolo e olhos semi-abertos, como um espectador sonolento em um teatro. Tom levantou o garoto e colocou-o em uma poltrona.

Então ele e Eric abriram o sofá e colocaram os lençóis.

“Frank pode dormir comigo”, disse Tom. “Nenhum de nós vai saber onde está.” Tom começou a tirar a roupa de Frank, que ajudou, mas não muito. Em seguida, trouxe um grande copo de água. Queria que Frank tomasse o máximo que conseguisse.

“Tom, não seria bom você ligar para Paris?”, perguntou Eric. “Para dizer que o garoto está bem? Imagine se a gangue tentar mais alguma coisa com Paris!”

Eric estava certo, mas Tom não tinha a mínima vontade de ligar. “Vou ligar.” Carregou Frank até a cama, cobriu-o com um lençol até o pescoço e depois colocou um cobertor leve sobre ele. Em seguida ligou para o Hôtel Lutetia, cujo número ele teve que se esforçar para lembrar, mas acertou.

Eric ficou por perto.

E Thurlow respondeu com voz sonolenta.

“Alô, é Tom. Está tudo bem aqui... É, é isso o que eu quero dizer... Está bem, mas sedado. Tranqüilizantes... Não vou entrar em detalhes agora... Não, eu explico mais tarde. Ninguém tocou nele... *Sim*... Não

antes do meio-dia, senhor Thurlow, estamos todos muito cansados aqui.” Tom desligou enquanto Thurlow dizia alguma coisa. “Estava perguntando sobre o dinheiro também”, disse Tom a Eric, e riu.

Eric riu também. “A mala está no armário do meu quarto! Boa noite, Tom.”

Pela segunda vez no apartamento de Eric, Tom acordou com o barulhinho agradável da cafeteira. Naquela manhã ele estava mais feliz. Frank estava deitado de barriga para baixo, adormecido e respirando. Tom cederia ao impulso de verificar se ele estava respirando, e observara o movimento de seu tronco. Vestiu o roupão e foi falar com Eric.

“Agora você vai me contar um pouco mais sobre a noite passada”, disse Eric. “Um tiro...”

“Isso mesmo, só um. Na fechadura.”

Eric estava colocando diversos tipos de pão e geléias em uma bandeja — alguma coisa a mais, talvez em homenagem a Frank. “Vamos deixar o garoto dormir, é claro. Bonito, o menino!”

Tom sorriu. “Você acha? É. Bonito e não tem consciência disso, o que é sempre atraente.”

Sentaram-se no sofá menor de Eric na sala de visitas, em frente a uma mesinha de café. Tom narrou os acontecimentos da noite, até mesmo a ajuda de Max e Rollo no Hump, e disse que os dois que apareceram procurando por Joey finalmente foram embora, desapontados.

“Isso parece amadorismo... deixar que você os seguisse” disse Eric.

“Evidente. Pareciam ser jovens, vinte e poucos anos.”

“E os vizinhos na Binger Strasse? Você acha que eles reconheceram o garoto?”

“Duvido.” Ele e Eric falavam baixo, embora Frank não mostrasse nenhum sinal de que ia acordar. “O que os vizinhos podem fazer agora? Eles provavelmente estavam mais familiarizados com os rostos dos seqüestradores, que entravam e saíam toda hora do prédio. Uma mulher disse que tinha chamado a polícia. Acho que chamou mesmo. De qualquer forma, a polícia vai revistar o apartamento, talvez tirar

umas impressões digitais, se quiserem se dar o trabalho. Mas será que os vizinhos entenderam o que estava acontecendo? A polícia vai encontrar os sapatos de Max lá. Isso vai desnorteá-los!” Tom se sentia muito melhor depois de tomar o café forte de Eric. “Gostaria de tirar o garoto de Berlim o mais rápido possível... e quero ir embora, também. Eu gostaria de ir para Paris hoje à tarde, mas não creio que o garoto consiga.”

Eric olhou para a cama e de novo para Tom. “Vou sentir a sua falta”, disse ele, suspirando. “Berlim é meio monótona. Você talvez não ache.”

“É mesmo?... Temos uma última tarefa hoje, Eric, devolver o dinheiro para os bancos. Será que conseguiríamos uns mensageiros para isso? Talvez um só consiga dar conta de tudo. Eu certamente não quero fazer isso.”

“Acho que sim, claro. Vamos telefonar.” Eric de repente começou a gargalhar, e parecia um chinês com seu roupão preto de seda. “Estou pensando em todo aquele dinheiro aqui, e aquele *babaca* em Paris sem fazer nada!”

“Não, ele está recebendo o salário dele”, disse Tom.

“Imagine só”, continuou Eric, “o babaca de vestido! Aposto como ele não teria conseguido! Como eu queria ter ido ao Hump ontem à noite. Teria tirado umas fotografias de você com Max e Rollo.”

“Por favor, devolva as coisas de Max e agradeça por mim. Ah... preciso tirar a arma daquele italiano da mala. O mensageiro do banco não precisa ver aquilo. Posso?” Tom fez um gesto na direção do quarto de Eric.

“Claro! Está no fundo do meu armário. Você vai encontrar.”

Tom tirou a mala do fundo do armário de Eric, levou-a para a sala de visitas e abriu o zíper. O cano comprido da arma estava apontado direto para ele, porque o cabo havia caído entre um dos envelopes e a lateral da mala.

“Está faltando alguma coisa?”

“Não, não.” Tom tirou a arma cuidadosamente, e certificou-se de que estava travada. “Vou dar de presente a alguém. Duvido que consiga voar para fora de Berlim com ela. Você o quer, Eric?”

“Ah, o revólver de ontem! É muito bem-vindo, Tom. Não é fácil conseguir armas aqui, nem mesmo facas um pouco maiores. As leis são muito severas.”

“Um presente para a casa”, disse Tom, entregando a arma a Eric.

“Muito obrigado, Tom.” Eric desapareceu com ela no quarto.

Frank estava se mexendo, agitado, deitado de costas. “Eu... é... não... *não*”, disse ele num tom de voz bastante claro.

Tom viu o garoto franzir a testa.

“Pra levantar, você disse... não sei... *pare!*” As costas do garoto se arquearam.

Tom sacudiu-o pelo ombro. “Oi, é o Tom. Você está a salvo, Frank.”

Frank abriu os olhos, franziu a testa novamente e se esforçou para ficar sentado. “Uau!” Balançou a cabeça e sorriu. “Tom!”

“Quer café?” Tom encheu uma xícara para ele.

Frank olhou à volta, para as paredes e para o teto. “Eu... como cheguei aqui?”

Tom não respondeu. Segurou a xícara para que o garoto tomasse um gole.

“Isto é um quarto de hotel?”

“Não, é a casa de Eric Lanz. Lembra-se do homem de quem você se escondeu na minha casa? Mais ou menos uma semana atrás?”

“Claro... lembro.”

“É o apartamento dele. Terceiro andar... Acho que precisamos ir embora de Berlim hoje, se você estiver se sentindo bem. Talvez hoje à tarde. Vamos voltar para Paris.” Tom trouxe um prato com pão, manteiga e geléia. “O que eles estavam dando para você lá? Comprimidos para dormir? Injeções?”

“Comprimidos. Colocavam no refrigerante... me obrigavam a beber. No carro me deram uma injeção... na coxa.” Frank falava lentamente.

Isso fora em Grunewald. Parecia um pouco mais profissional. Tom ficou contente de ver que o garoto conseguiu morder uma torrada e mastigar. “Deram alguma coisa para você comer?”

Frank tentou fazer um movimento com os ombros. “Eu vomitei algumas vezes. E eles... n-não me deixavam ir ao banheiro quando eu queria. Acho que molhei as calças... horrível! Minhas roupas...” O

garoto olhou à volta, franzindo a testa, como se as roupas que ele não queria mencionar estivessem à vista. “Eu estou...”

“Não tem importância, Frank, de verdade.” Eric estava voltando e Tom disse: “Eric, este é Frank. Ele está um pouco mais acordado agora”.

Frank estava coberto até a cintura pelo lençol, mas puxou-o mais para cima. Suas pálpebras ainda estavam pesadas. “Bom dia, senhor.”

“É um grande prazer conhecê-lo”, disse Eric. “Está se sentindo melhor?”

“Estou, obrigado.” Frank agora olhava para o canto do sofá-cama, que o lençol não cobria, aparentemente muito surpreso. “Sua casa... Tom me contou. Obrigado.”

Tom foi até o quarto de Eric, onde estava a mala marrom de Frank, e de lá tirou o pijama do garoto. Levou-o até a sala e colocou-o em cima do sofá. “Assim você pode andar pela casa”, disse Tom. “Sua mala está aqui, Frank, então nada se perdeu. Adoraria levá-lo para um passeio lá fora, para tomar ar fresco, mas não sei se é aconselhável”, disse Tom a Eric. “A próxima coisa a fazer é realmente ligar para um daqueles bancos. O ADCA ou o Disconto. O Disconto pareceu maior, não é?”

“Bancos?”, perguntou Frank, colocando a calça do pijama debaixo do lençol. “Dinheiro de resgate?” Mas sua voz ainda estava sonolenta, e ele não parecia estar muito preocupado.

“É o seu dinheiro”, disse Tom. “Quanto você acha que vale, Frank? Adivinhe.” Tom estava tentando acordar o garoto falando com ele. Procurou na carteira os três recibos que tinha, que também traziam os números de telefone dos bancos.

“Dinheiro de resgate... Quem está com ele?”, perguntou Frank.

“Eu estou com ele. E vai voltar para sua família. Mais tarde eu falo sobre isso com você, agora não.”

“Sei que ia acontecer um encontro”, disse Frank, vestindo o paletó do pijama. “Um deles estava falando em inglês no telefone. Então eles saíram... no mesmo instante... menos um.” A fala de Frank ainda estava lenta, mas ele parecia ter certeza do que dizia.

Eric pegou um cigarro preto em uma caixa de prata sobre a mesinha de café.

“Sabe...” Os olhos de Frank começaram a vagar novamente. “Eu ficava o tempo todo na cozinha... mas acho que está certo.”

Tom serviu mais café para Frank. “Beba.”

Eric agora estava ao telefone, pedindo para falar com Herr Direktor. Tom ouviu-o dando o próprio endereço em relação ao dinheiro sacado no dia anterior por Thomas Ripley. Eric também mencionou os outros dois bancos. Tom sentiu-se aliviado. Eric estava cuidando bem de tudo.

“Um mensageiro vem antes do meio-dia”, disse Eric para Tom. “Eles têm o número da conta na Suíça e podem mandar o dinheiro para lá.”

“Excelente. Muito obrigado, Eric.” Tom observou Frank saindo da cama.

Frank olhou para a mala aberta no chão com os envelopes dentro. “É isso?”

“É.” Tom pegou algumas roupas e foi para o banheiro se vestir. Olhando para trás, viu Frank rodeando a mala como se fosse uma cobra venenosa. No chuveiro, Tom lembrou-se de que havia prometido telefonar para Thurlow por volta do meio-dia. Talvez Frank também quisesse falar com o irmão.

Quando voltou para a sala, Tom disse a Frank que tinha que ligar para Paris, e que havia ligado na noite passada e que o detetive Thurlow sabia que ele estava a salvo. Frank demonstrou pouco interesse por Paris. “Você não quer falar com Johnny?”

“Bom, com Johnny... sim.” Frank ainda estava descalço, e andando pela sala, e Tom achou que isso era bom para ele.

Tom discou o número do Lutetia. Thurlow atendeu. Tom disse: “Sim, o garoto está aqui. Quer falar com ele?”

Frank franziu a testa e balançou a cabeça, mas Tom insistiu que ele pegasse o telefone.

“Dê a ele alguma prova”, disse Tom, sorrindo. E sussurrou: “*Não mencione o nome de Eric*”.

“Alô... Sim, estou bem... Sim, claro, Berlim... *Tom*”, disse Frank. “Tom me pegou ontem à noite... eu realmente não sei... sim, está *aqui*.”

Eric apontou para o fone de ouvido, oferecendo-o para Tom, mas ele não quis usar.

“Tenho certeza que não”, disse Frank. “Por que Tom haveria de querer uma parte, está indo...” Frank ficou ouvindo por um longo

tempo. “Como você espera que eu fale sobre um assunto desses ao telefone”, disse Frank com certa irritação. “Não sei, não sei mesmo... certo, tudo bem.” Então a expressão de Frank se acalmou e ele disse. “Oi, Johnny... Claro, estou bem, acabei de dizer... Ah, não sei, eu acabei de acordar. Mas pare de se preocupar. Não estou com nenhum osso quebrado, nem nada!” Seguiu-se um longo discurso de Johnny, e Frank aparentou constrangimento. “Certo, certo, mas... O que você quer dizer?” Agora o garoto ficou carrancudo. “Não estava com pressa!”, disse ele em tom de zombaria. “O que você está realmente querendo dizer... o que você está realmente dizendo é que ela não vai vir e não... não se importa.”

Tom podia ouvir a risada brincalhona de Johnny em Paris.

“Bom, pelo menos ela telefonou.” O rosto de Frank pareceu ficar mais pálido. “Tudo bem, tudo bem, entendi”, disse ele com impaciência.

De onde estava, Tom ouviu a voz de Thurlow interferir, então pegou o fone de ouvido.

“... quando você vai vir para cá. Alguma coisa está prendendo você aí? Você está na linha, Frank?”

“Por que eu deveria ir para Paris?”

“Porque sua mãe quer você em casa. Queremos que você esteja... em segurança.”

“Eu *estou* em segurança.”

“Por acaso... Tom Ripley não está tentando convencer você a ficar aí?”

“Ninguém está me convencendo de nada”, disse Frank, enfatizando cada palavra.

“Eu gostaria de falar com o senhor Ripley, se ele ainda estiver aí, Frank.”

Contrariado, Frank passou o telefone para Tom. “Que filho da...”, disse o garoto, mas não completou a expressão. De repente, Frank tornara-se um garoto americano comum, e estava furioso.

“Tom Ripley”, disse Tom. Observou Frank entrar no corredor, à procura do banheiro, que encontrou à direita.

“Senhor Ripley, como o senhor pode imaginar, queremos o garoto a salvo de volta aos Estados Unidos, é por isso que estou aqui. O senhor

pode nos dizer... sou bastante grato pelo que fez, mas tenho que relatar à mãe dele algumas coisas, especialmente quando o garoto irá para casa. Ou será preciso ir a Berlim buscá-lo?”

“Nã-ão, vou falar com Frank. Acontece que ele ficou preso em condições muito desagradáveis nos últimos dias, você sabe. Deram-lhe uma dose muito grande de tranqüilizantes.”

“Mas, pela voz, ele pareceu estar muito bem.”

“Ele não está machucado.”

“E quanto aos marcos alemães, Frank disse que...”

“Eles serão devolvidos ao banco ou bancos hoje, senhor Thurlow.” Tom deu uma risadinha. “Ótimo assunto para o caso de seu telefone estar grampeado.”

“E por que estaria grampeado?”

“Por causa da sua profissão”, disse Tom, como se a profissão dele fosse alguma coisa esquisita, como garota de programa.

“A senhora Pierce ficou satisfeita em saber que o dinheiro está a salvo. Mas não posso simplesmente ficar aqui em Paris enquanto o senhor ou Frank, ou ambos, decidem quando Frank irá para casa. O senhor certamente entende isso, senhor Ripley.”

“Bem... existem cidades piores do que Paris”, disse Tom, a voz agradável. “Será que posso falar com Johnny?”

“Sim. Johnny?”

Johnny atendeu. “Estamos muito felizes por Frank! Nem sei dizer quanto!” Johnny parecia aberto e amigável, com um sotaque igual ao de Frank, mas a voz mais grossa. “A polícia prendeu a gangue, ou seja lá quem fossem?”

“Não, a polícia não se envolveu.” Tom ouviu Thurlow tentando fazer com que Johnny não tocasse no assunto “polícia”, ou assim pareceu.

“Quer dizer que o senhor salvou Frank sozinho?”

“Não... tive uma ajudazinha de uns amigos.”

“Minha mãe está muito feliz! Ela estava... é...”

Desconfiada de mim, pensou Tom. “Johnny, você disse alguma coisa a Frank sobre alguém que telefonou? Dos Estados Unidos?”

“Teresa. Ela vinha para cá, mas agora não vem mais. Tenho certeza de que ela não vem, agora que Frank está bem, mas... sei que ela está meio amarrada em uma outra pessoa, por isso ela não vem. Ela não

disse isso para mim, mas acontece que eu conheço o cara, fui eu que o apresentei a ela e... ele me contou antes de eu vir para cá.”

Agora Tom estava entendendo. “Você disse isso a Frank?”

“Achei que quanto antes ele soubesse, melhor. Sei que ele está bem apaixonado. Não lhe contei quem era o sujeito. Apenas disse que Teresa está interessada por outra pessoa.”

Naquelas palavras Tom percebeu um mundo de diferenças entre Johnny e Frank. A atitude de Johnny era, evidentemente, do tipo “o que o diabo dá o diabo leva”. “Entendi.” Tom nem teve vontade de dizer que era uma pena que Johnny tivesse dito aquilo para o irmão naquele momento. “Bem, Johnny, tenho que desligar.” Tom ouviu Thurlow pedir para falar de novo, ou pensou ter ouvido. “Até mais”, disse Tom e desligou. “*Idiotas... os dois!*”, gritou Tom.

Mas ninguém o ouviu. Frank estava estendido na cama novamente, dormindo, e Eric estava em algum outro lugar do apartamento.

O mensageiro do banco poderia chegar a qualquer minuto.

Quando Eric entrou na sala de visitas, Tom disse: “Que tal almoçarmos no Kempinski? Você está livre para o almoço, Eric?”. Tom queria muito ver Frank comer um filé ou uma grande porção de Wiener Schnitzel e recuperar um pouco da cor do rosto.

“Estou, sim.” Eric estava vestido agora.

A campainha tocou. Era o mensageiro do banco.

Eric apertou o botão que abria a porta.

Tom sacudiu Frank pelo ombro. “Frank, garotão, acorde! Vista o meu roupão.” Tom tirou o roupão rapidamente da mala. “Entre no quarto de Eric, porque temos que conversar com algumas pessoas aqui por alguns minutos.”

Frank obedeceu às orientações de Tom. Tom colocou um cobertor sobre os lençóis, para a cama parecer um pouco mais arrumada.

O mensageiro do banco, um homem baixo e atarracado vestindo terno, estava acompanhado por um guarda mais alto que usava uma espécie de uniforme. O mensageiro apresentou suas credenciais e disse que tinha um carro à espera lá embaixo, com motorista, mas que não tinha pressa. Havia trazido duas pastas grandes. Tom não quis olhar as credenciais, e Eric as examinou. Mas Tom fez questão de observar os primeiros minutos da contagem. Um envelope fora selado e ainda

estava assim. Os maços de marcos alemães nos outros envelopes não haviam sido tocados, mas teria sido possível tirar uma nota de mil marcos de qualquer um dos muitos maços. Eric observava tudo.

“Posso deixar isso por sua conta, Eric?”

“*Aber sicherlich*, é claro, Tom! Mas você sabe que vai ter que assinar alguma coisa, não é?” Eric e o mensageiro estavam ao lado do aparador, os envelopes e as pilhas de dinheiros separados.

“Volto daqui a pouco.” Tom foi falar com Frank.

Frank estava no quarto de Eric, descalço, segurando uma toalha úmida contra a testa. “Fiquei meio tonto por um instante. É engraçado...”

“Vamos sair para almoçar daqui a pouco. Vamos almoçar bem e nos divertir, certo, Frank? Quer tomar um banho frio?”

“Claro.”

Tom entrou no banheiro e ajustou o chuveiro para ele. “Cuidado para não escorregar.”

“O que eles estão fazendo lá?”

“Contando a grana. Vou lhe trazer umas roupas.” Tom voltou para a sala, encontrou uma calça azul de algodão, uma blusa de gola pólo, e pegou uma de suas cuecas, porque não conseguiu achar nenhuma de Frank. Tom bateu na porta do banheiro, que não estava completamente fechada.

O garoto estava se enxugando com uma toalha grande.

“Como se sente em relação a Paris? Quer voltar hoje? Hoje à noite?”

“Não.”

Tom percebeu que os olhos do garoto brilhavam cheios de lágrimas, num rosto decidido e carregado. “Sei o que Johnny lhe disse... sobre Teresa.”

“Bem, isso não é *tudo*”, disse Frank, jogando a toalha de qualquer jeito sobre a borda da banheira, mas pegando-a logo em seguida e pendurando-a no toalheiro. Pegou a cueca que Tom estendia para ele e virou-se de costas para vesti-la. “Eu não quero voltar agora, não quero!” Os olhos de Frank brilhavam de raiva quando ele voltou a olhar para Tom.

Tom sabia: seriam duas derrotas, a perda de Teresa e ter sido encontrado. Talvez, pensou Tom, depois do almoço Frank se

acalmasse e visse as coisas de maneira diferente. No entanto, Tom sabia que Teresa *era* tudo.

“Tom!” Eric estava chamando.

Tom tinha que assinar. Ele examinou o recibo. Os três bancos estavam listados, com os valores devidos a cada um deles. O mensageiro do banco agora usava o telefone de Eric, e Tom ouviu-o dizer algumas vezes que as coisas estavam “*in Ordnung*”, em ordem. Tom assinou. O nome Pierson não aparecia, apenas o número do banco suíço. Muitos apertos de mão, e Eric acompanhou os dois homens até o elevador.

Frank entrou na sala, vestido mas sem sapatos, e Eric voltou, radiante de alívio, enxugando a testa com um lenço.

“Meu apartamento merece... uma *Gedenktafel*! Como é que se diz?”

“Uma condecoração?”, disse Tom. “Como eu estava dizendo, almoço no Kempinski. Temos que fazer reserva?”

“Seria bom. Eu faço. Para três.” Eric foi até o telefone.

“A menos que consigamos falar com Max e Rollo. Seria ótimo convidá-los. Ou eles estão... trabalhando?”

“Ah!” Eric riu. “Rollo dificilmente estará acordado a esta hora. Ele sempre passa a noite toda em claro, até as sete ou oito da manhã. Max trabalha como cabeleireiro *free lance*... sempre que os salões precisam dele. Nunca consigo falar com eles antes das seis da tarde.”

Tom pensou em pegar o endereço deles com Eric e lhes mandar um presente da França, talvez algumas perucas interessantes. Eric estava fazendo a reserva para meio-dia e quarenta e cinco.

Foram para o restaurante no carro de Eric. Tom usara uma pomada cor da pele — para cortes e queimaduras, estava escrito no tubo — que havia no armário do banheiro de Eric e passara no famoso sinal no rosto de Frank. Em algum lugar Frank havia perdido a maquiagem de Heloise, o que não surpreendeu Tom.

“Quero que você coma, meu amigo”, disse Tom a Frank à mesa, começando a ler o enorme cardápio. “Sei que você gosta de salmão defumado.”

“Ah, eu vou comer o meu prato favorito!”, disse Eric. “Eles fazem um prato com fígado aqui, Tom, que é... do outro mundo!”

O restaurante tinha teto alto, ornamentos verdes e dourados nas paredes brancas, toalhas de mesa elegantes e garçons de uniforme, que emprestavam certa grandiosidade ao lugar. Enquanto esperavam para serem levados à mesa, Tom percebeu que havia uma outra parte do restaurante — com uma grelha — que servia pessoas que não estivessem vestidas de maneira adequada. Havia acontecido com dois homens que usavam jeans, embora suas malhas e jaquetas fossem elegantes. Alguém avisou aos homens, em alemão, de maneira educada, que a grelha ficava *daquele* lado.

Frank comeu, com a ajuda de algumas piadas forçadas que Tom contou sem muita vontade. Ele sabia que Frank estava deprimido por causa de Teresa, e pensou se Frank desconfiava ou realmente sabia quem era a outra pessoa por quem Teresa estava interessada. Tom não poderia perguntar. Ele sabia apenas que Frank iniciara um processo doloroso que poderia ser chamado de libertação, libertação emocional de um apoio moral, de um ideal louco, daquilo que, para ele, estivera e ainda estava incorporado na única garota do mundo.

“Quer bolo de chocolate, Frank?”, sugeriu Tom, enchendo de novo o copo do garoto com vinho branco. Eles já estavam na segunda garrafa.

“O daqui é ótimo e o *strudel* também”, disse Eric. “Tom, foi uma refeição inesquecível!” Eric limpou os lábios cuidadosamente. “E uma manhã inesquecível também, não? Ha-ha!”

Eles estavam em um dos pequenos reservados perto da parede do restaurante, nada tão simplório quanto uma cabine, era mais uma curva romântica que dava um pouco mais de privacidade, mas que possibilitava ver os outros fregueses. Tom não viu ninguém prestando atenção neles. E de repente se deu conta, agradavelmente, de que Frank ia sair de Berlim com o passaporte falso de Benjamin Andrews, que estava na mala do garoto no apartamento de Eric.

“Quando vou voltar a vê-lo, Tom?”, perguntou Eric.

Tom acendeu um Roth-Haendle. “Na próxima vez em que tiver alguma coisa para Belle Ombre. E não me refiro a um presente para a casa.”

Eric riu, o rosto rosado pela comida e pelo vinho. “Isso me faz lembrar que às três horas eu tenho um compromisso. Desculpe pela

grosseria.” Olhou para o relógio. “São só duas e quinze. Não estou atrasado.”

“Podemos pegar um táxi. Assim você fica liberado.”

“Não, não, minha casa fica no caminho. É fácil.” Eric cutucou com a língua alguma coisa que tinha em um dos dentes e olhou com interesse para Frank.

Frank comera quase toda a fatia de bolo de chocolate, e estava virando o copo de vinho pensativamente.

Eric ergueu as sobrancelhas para Tom, que não disse nada. Recebeu a conta e pagou-a. Eles andaram uma quadra até o carro de Eric sob a luz clara do sol. Tom sorriu e impulsivamente deu um tapinha nas costas de Frank. Mas o que poderia dizer? Queria mesmo dizer: “Isto não é melhor do que o chão de uma cozinha?”. Mas não conseguiu. Eric era o tipo de pessoa que poderia ter dito isso, mas também não o fez. Tom teria preferido caminhar um pouco mais, mas não se sentia totalmente seguro ou despercebido, andando com Frank Pierson, então os dois entraram no carro de Eric. Tom estava com as chaves de Eric, e este os deixou em uma esquina.

Tom aproximou-se do prédio de Eric com cautela, atento à presença de vadios, mas não viu ninguém. O saguão de entrada estava vazio. O garoto estava calado.

No apartamento, tirou a jaqueta e abriu a janela para entrar ar fresco. “Com relação a Paris...”, começou ele.

De repente, Frank mergulhou o rosto nas duas mãos. Ele estava sentado no sofá menor ao lado da mesinha de centro, os cotovelos apoiados nos joelhos.

“Não faz mal”, disse Tom, constrangido pelo garoto. “Desabafe.” Tom sabia que não iria demorar muito.

Depois de alguns segundos, o garoto baixou as mãos, levantou-se e disse: “Desculpe”. Enterrou as mãos nos bolsos.

Tom foi para o banheiro e escovou os dentes por uns dois minutos. Então voltou para a sala de estar com um ar calmo. “Já sei que você não quer ir para Paris. Que tal Hamburgo?”

“Qualquer lugar!” Os olhos de Frank tinham a intensidade da loucura ou da histeria.

Tom olhou para o chão e piscou. “Não dá para dizer simplesmente ‘qualquer lugar’, como se fosse um louco, Frank. Eu sei... eu entendo a questão com Teresa. É uma...” Qual seria a palavra certa? “Uma decepção.”

Frank estava rígido como uma estátua, como se desafiasse Tom a dizer mais alguma coisa. *Mesmo assim, em algum momento você terá que encarar sua família*, Tom pensou em dizer. Mas não seria pouco solidário dizer aquilo naquele momento? Não seria uma boa idéia fazer uma visita a Reeves? Mudar um pouco de ambiente? Pelo menos Tom precisava de algo assim. “Acho Berlim um pouco claustrofóbica. Estou com vontade de visitar Reeves em Hamburgo. Eu falei sobre ele quando estávamos na França? É um amigo meu.” Tom esforçou-se para parecer animado.

O garoto pareceu mais desperto, educado novamente. “Sim, acho que falou. Disse que ele era amigo de Eric.”

“É verdade. Eu...” Tom hesitou, olhando para o garoto, que, com as mãos ainda nos bolsos, o encarava também. Tom poderia facilmente colocar o garoto em um avião para Paris — insistir nisso — e dizer adeus para ele. Mas Tom tinha a sensação de que o garoto iria se perder novamente, em Paris, assim que descesse do avião. Ele não iria para o Hôtel Lutetia. “Vou tentar falar com Reeves”, disse Tom, e foi até o telefone. Mas, nesse mesmo instante, o aparelho tocou. Tom decidiu atender.

“Alô, Tom, aqui é Max.”

“Max! Como vai? Estou com sua peruca e seu vestido aqui... a salvo!”

“Quis ligar hoje de manhã mas eu estava... ocupado, sabe? Nem em casa eu estava. Então liguei para Eric há uma hora mas ninguém atendeu. Então, e a noite passada? E o garoto?”

“Está aqui e está bem.”

“Você o pegou? Você não se machucou? Ninguém se machucou?”

“Ninguém.” Tom fez um esforço para apagar da mente a imagem do italiano com a cabeça esmagada e estendido no chão em Lübars.

“Rollo achou que você estava maravilhoso ontem à noite. Quase fiquei com ciúmes. Ha!... Eric está aí? Tenho um recado para ele.”

“Não, ele tem um compromisso às três horas. Quer que eu dê o recado?”

Max disse que não, ele voltaria a ligar.

Tom então consultou a lista telefônica para achar o código de Hamburgo e discou o número de Reeves.

Quem atendeu foi a empregada de Reeves, mais corpulenta que Mme. Annette, mas igualmente dedicada. “Alô! Gaby?”

“*Ja?*”

“Aqui é Tom Ripley. Como vai, Gaby? Herr Minot está em casa?”

“*Nein...* espere um pouco, parece que estou ouvindo um barulho”, disse ela em alemão. “Só um minuto.” Uma pausa, e Gaby voltou ao telefone e disse: “Ele está entrando!”

“Alô, *Tom!*”, disse Reeves, ofegante.

“Estou em Berlim.”

“*Berlim!* Você não pode vir até aqui? O que está fazendo em Berlim?” A voz de Reeves tinha uma entonação séria e ingênua, como sempre.

“Não dá para contar agora, mas eu estava pensando em ir visitá-lo... talvez até hoje à noite mesmo, se não for inconveniente para você.”

“Mas claro, Tom. Você é sempre prioridade, e eu nem estou ocupado hoje à noite.”

“Estou com um amigo, um americano. Seria possível você nos agüentar por uma noite?”

“Até duas. Quando vocês chegam? Já compraram as passagens?”

“Não, mas vou tentar conseguir para esta noite. Às sete, oito ou nove. Se você vai ficar em casa, nem ligo de novo, simplesmente vou aparecer. Tudo bem?”

“Tudo bem. Fiquei muito contente com a notícia!”

Tom virou-se para Frank, sorrindo. “Está resolvido. Reeves ficou contente em nos receber.”

Frank estava sentado no sofá menor, fumando um cigarro, o que era incomum para ele. O garoto levantou-se, e de repente pareceu tão alto quanto Tom. Será que havia crescido nos últimos dias? Era possível. “Sinto muito por estar tão deprimido hoje. Eu vou sair dessa.”

“Ah, mas é claro que vai sair dessa.” O garoto estava tentando ser educado. Talvez por isso parecesse mais alto.

“Fiquei contente com a idéia de ir para Hamburgo. Não quero falar com aquele detetive em Paris. Que *merda!*” Frank sussurrou a segunda palavra, mas com vigor. “Por que eles não vão para casa?”

“Porque querem ter certeza de que você vai para casa”, disse Tom pacientemente.

Em seguida, Tom telefonou para a Air France. Fez duas reservas para o voo das sete e vinte da noite para Hamburgo. Tom forneceu os nomes, Ripley e Andrews.

Eric chegou enquanto Tom estava no telefone, e Tom contou-lhe os novos planos. “Ah, Reeves! Ótima idéia!” Eric olhou para Frank, que estava dobrando alguma coisa na mala, e fez um sinal para que Tom o acompanhasse até o quarto.

“Max telefonou”, disse Tom enquanto seguia Eric. “Disse que ligaria de novo.”

“Obrigado, Tom. Agora veja isto.” Eric fechou a porta do quarto, abriu um jornal que estava debaixo do braço e mostrou a primeira página para Tom. “Achei que você deveria ver isso”, disse Eric, sorrindo, mais por nervosismo que por diversão. “Não há pistas, parece... por enquanto.”

A primeira página de *Der Abend* trazia uma foto do barracão em Lübars com o italiano do mesmo jeito que Tom o vira pela última vez, a cabeça virada levemente para a esquerda, e a têmpora esquerda era uma massa escura de sangue, que havia escorrido um pouco para o rosto. Tom leu rapidamente o comentário de cinco linhas embaixo da foto. Um homem até agora não identificado, usando roupas italianas e cuecas alemãs, fora encontrado morto no início da quarta-feira em Lübars, com a têmpora esmagada por golpes de um instrumento não cortante. A polícia estava tentando identificá-lo, realizando investigações entre os moradores da região para saber se haviam escutado alguma coisa incomum.

“Entendeu tudo?”, perguntou Eric.

“Sim.” Tom havia disparado dois tiros para o ar. Com certeza algum morador iria comentar ter ouvido dois tiros, mesmo que o homem não tivesse sido morto à bala. Algum vizinho poderia referir-se a um estranho com uma mala. “Não gosto de olhar para isso.” Tom dobrou o jornal e colocou-o sobre uma escrivaninha. Olhou o relógio.

“Posso levar vocês para Tegel. Temos muito tempo”, disse Eric. “O garoto realmente não quer ir para casa, não é?”

“Não, e ele recebeu uma péssima notícia sobre a garota de quem ele gosta nos Estados Unidos. O irmão lhe contou que ela tem um novo namorado. Então é isso. Se ele tivesse vinte anos, seria mais fácil para ele.” Ou não? O fato de Frank ter assassinado o pai era outra coisa que o impedia de voltar para casa.

Quando o avião começou a aterrissar em Hamburgo, Frank acordou de uma soneca e pegou entre os joelhos um jornal que quase caíra no chão. Frank olhou pela janela, mas ainda estavam alto demais para ver qualquer coisa que não fossem nuvens.

Tom terminou de fumar um cigarro às escondidas. As aeromoças agitavam-se entre as fileiras recolhendo copos e bandejas. Tom percebeu que Frank levantou o jornal e viu a fotografia do homem morto em Lübars. Para Frank, seria apenas mais uma foto no jornal. Tom não havia contado a ele que seu encontro com os seqüestradores fora em Lübars, dissera apenas que dera o bolo neles. “Então o senhor os seguiu?”, perguntou Frank. Tom respondeu que não, que ele havia conseguido segui-los a partir de um bar gay e da mensagem passada aos seqüestradores por Thurlow para que procurassem Joey por lá. Frank estava espantado, cheio de admiração pela ousadia de Tom — e Tom gostava de pensar que talvez por sua coragem também — de enfrentar os seqüestradores sozinho. Tom não encontrou nada no jornal a respeito da eventual prisão de algum dos três seqüestradores nas proximidades da Binger Strasse ou em qualquer outro lugar.

Os passaportes deles foram rapidamente examinados e devolvidos, e eles pegaram a bagagem e conseguiram um táxi.

Tom apontou para Frank alguns lugares de interesse, o que conseguiam ver na escuridão que aumentava, a torre de uma igreja da qual ele se lembrava, o primeiro dos muitos canais atravessados por pequenas pontes, e depois o Alsters. Desceram na ladeira que levava ao casarão branco onde morava Reeves, uma construção grande, antiga residência particular que fora dividida em vários apartamentos. Aquela era a segunda ou terceira visita de Tom a Reeves. Tom apertou um botão na entrada, e Reeves imediatamente abriu a porta depois que

Tom disse o nome no interfone. Tom e Frank subiram em um elevador, e Reeves esperava do lado de fora do apartamento.

“Tom!”, disse Reeves em voz baixa, porque havia pelo menos mais um outro apartamento no andar. “Entrem, vocês dois!”

“Este é... Ben”, disse Tom, apresentando Frank. “Reeves Minot.”

Reeves disse “Como vai?” para Frank e fechou a porta. Como sempre, o apartamento de Reeves pareceu espaçoso e imaculadamente limpo. Suas paredes brancas tinham quadros impressionistas e mais recentes, quase todos emoldurados. Prateleiras extensas e baixas, a maioria com livros de arte, cobriam os limites das paredes. Havia alguns fícus altos e filodendros. As duas grandes janelas que davam para as águas do Aussenalster estavam com as cortinas fechadas agora. A mesa estava posta para três. Tom viu que o Derwatt róseo (autêntico), uma mulher aparentemente agonizando em uma cama, ainda estava pendurado sobre a lareira.

“Mudou a moldura daquele, não é?”, perguntou Tom.

Reeves riu. “Como você é observador, Tom! A moldura estragou. Caiu quando jogaram a bomba aqui e rachou. Eu prefiro essa moldura bege. A outra era muito branca. Venham, vamos colocar as malas aqui”, disse Reeves, levando Tom até o quarto de hóspedes. “Espero que vocês não tenham comido nada no avião, porque eu preparei algo para nós. Mas antes vamos tomar um copo de vinho e conversar.”

Tom e Frank colocaram as malas no quarto de hóspedes, que tinha uma cama grande com um dos lados encostados na parede da frente. Tom lembrou-se de que Jonathan Trevanny havia dormido ali.

“Como é mesmo o nome de seu amigo?”, perguntou Reeves em voz baixa, mas sem se importar que o garoto o ouvisse, enquanto ele e Tom voltavam para a sala de visitas.

Tom percebeu pelo sorriso de Reeves que ele sabia quem o garoto era. Tom balançou a cabeça. “Depois eu converso com você. Não é que eu...” Tom sentiu-se péssimo. Por que teria motivo para esconder alguma coisa de Reeves? Frank estava em um dos cantos da sala de visitas, olhando um quadro. “Não saiu nos jornais, mas o garoto foi seqüestrado em Berlim.”

“*É mesmo?*”, surpreendeu-se Reeves, com um saca-rolhas em uma das mãos e uma garrafa de vinho na outra. Ele tinha uma desagradável

cicatriz rosada do lado direito do rosto, que quase lhe chegava ao canto da boca. Com a boca aberta de espanto, a cicatriz parecia ser maior.

“Domingo passado”, disse Tom. “Em Grunewald. Na floresta.”

“Sei, sei. Como aconteceu?”

“Eu estava com ele, mas nos separamos por alguns minutos e... sente-se, Frank. Você está entre amigos.”

“É, sente-se”, disse Reeves com sua voz rouca, tirando a rolha da garrafa.

Os olhos de Frank encontraram os de Tom e o garoto fez um movimento com a cabeça como para indicar que Tom podia falar a verdade, se quisesse. “Frank foi solto na noite passada. Os homens que o prenderam deram-lhe sedativos e acho que ele ainda está um pouco sonolento”, disse Tom.

“Não, acho que os efeitos já passaram”, disse Frank, educado e com firmeza. Ele se levantou do sofá onde acabara de se sentar e foi olhar mais de perto o Derwatt sobre a lareira. Frank enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça e olhou para Tom com um leve sorriso. “Bom, não é, Tom?”

“É mesmo, não é?”, disse Tom com satisfação. Ele amava o tom róseo empoeirado do quadro, que sugeria a colcha da cama de uma velha senhora, ou talvez sua camisola. O fundo era um marrom sombrio com cinza-escuro. Será que ela estava morrendo ou apenas cansada e entediada da vida? Mas o título era *Mulher agonizante*.

“É uma mulher ou um homem aqui?”, perguntou Frank.

Tom pensava nesse instante que Edmund Banbury ou Jeff Constant, da Galeria Buckmaster, provavelmente haviam dado o título ao quadro — Derwatt nunca se importava com títulos —, e era impossível dizer se na verdade a figura era um homem ou uma mulher.

“Chama-se *Mulher agonizante*”, disse Reeves para Frank. “Você gosta de Derwatt?”, perguntou agradavelmente surpreso.

“Frank contou que o pai dele tem um em casa... nos Estados Unidos. Um ou dois, Frank?”, perguntou Tom.

“Um. *O arco-íris*.”

“Ah-hah”, disse Reeves, como se pudesse vê-lo diante dos olhos.

Frank afastou-se para ver um David Hockney.

“Vocês pagaram resgate?”, Reeves perguntou a Tom.

Tom balançou a cabeça negativamente. “Não, estava com o dinheiro nas mãos mas não entreguei.”

“Quanto?”, perguntou Reeves, sorrindo, enquanto servia vinho.

“Dois milhões de dólares americanos.”

“Ora, ora... E agora, o que vai acontecer?” Reeves meneou a cabeça na direção do garoto, que estava de costas para eles.

“Ah, ele vai voltar para casa. Pensei que, se não for incômodo para você, Reeves, ficaríamos aqui até amanhã, e na sexta-feira iríamos para Paris. Não quero que o garoto seja reconhecido em um hotel, e mais um dia de descanso faria bem a ele.”

“É claro, Tom. Não tem problema.” Reeves franziu a testa. “Não entendo uma coisa. A polícia ainda está procurando por ele?”

Tom deu de ombros com nervosismo. “*Antes* do seqüestro estavam, e estou supondo que o detetive em Paris já notificou, pelo menos a polícia de Paris, de que o garoto foi encontrado.” Tom explicou que nenhuma polícia havia sido informada do seqüestro.

“E para onde você vai levá-lo?”

“Para o detetive que está em Paris. Ele foi contratado pela família. O irmão de Frank, Johnny, está com ele também. Obrigado, Reeves.” Tom pegou seu copo.

Reeves levou outro copo para Frank. Depois foi até a cozinha, e Tom o seguiu. Da geladeira, Tom tirou um prato com pernil fatiado, salada, diversos tipos de salsichas fatiadas e pickles. Reeves disse que aquilo tudo fora preparado por Gaby. Ela morava no mesmo prédio, com algumas outras pessoas que eram seus empregadores, e havia insistido para vir às sete da noite, depois das compras da tarde, para “arrumar” o que trouxera para os convidados de Reeves. “Tenho sorte por ela gostar de mim”, disse Reeves. “Acha que o meu apartamento é mais interessante do que onde ela mora... apesar da maldita bomba que estourou aqui. Bem, ela estava fora quando tudo explodiu.”

Os três se sentaram à mesa, e falaram sobre outros assuntos além de Frank, mas ainda sobre Berlim. Como ia Eric Lanz? Quem eram os amigos dele? Ele tinha uma namorada? Reeves deu uma gargalhada ao fazer a pergunta. Tom se perguntou se Reeves tinha uma namorada. Será que Reeves e Eric eram tão insensíveis que mulheres ou garotas não faziam a menor diferença para eles? Era bom ter uma mulher,

pensou Tom, à medida que o vinho começou a aquecê-lo. Certa vez Heloise dissera que gostava dele, ou que o amava, porque ele a deixava ser ela mesma e não a sufocava. Tom sentira-se gratificado com o comentário, embora nunca tivesse pensado em dar a Heloise um espaço vital, um *Lebensraum*.

Reeves observava Frank. E Frank parecia estar muito sonolento.

Pouco depois das onze eles colocaram Frank para dormir. Frank ficou com a cama do quarto de hóspedes.

Então, com outra garrafa de Piesporter Goldtröpfchen, Reeves e Tom instalaram-se no sofá da sala de visitas, e Tom narrou os eventos dos últimos dias, inclusive os primeiros dias, quando Frank Pierson, trabalhando meio período como jardineiro, o havia procurado em Villeperce. Reeves riu com a parte da boate em Berlim e quis todos os detalhes. De repente, o rosto de Reeves iluminou-se com um pensamento e ele disse:

“Aquela fotografia em Berlim então... que saiu no jornal de hoje. Eu me lembro, falavam em Lübars.” Reeves procurou o jornal e achou-o em uma das estantes.

“É isso mesmo”, disse Tom. “Eu já vi em Berlim.” Tom sentiu náuseas por um momento e colocou o copo de vinho sobre a mesinha. “O tal do italiano sobre quem eu falei.” Tom dissera a Reeves que apenas deixara o sujeito desacordado.

“Ninguém viu você? Tem certeza? Nem saindo de lá?”

“Não, ninguém. Devemos esperar pelas notícias de amanhã?”

“O garoto sabe?”

“Eu não contei. Não fale nada sobre Lübars para ele. Reeves, meu velho, seria demais pedir um pouco de café?”

Tom foi com Reeves até a cozinha, pois não queria ficar sozinho na sala. Não era nada agradável a idéia de que ele havia matado um homem, mesmo que o italiano não tivesse sido o primeiro. Viu que Reeves olhava para ele. Havia algo que ele não contara a Reeves, e que não ia contar, que era o fato de Frank ter matado o próprio pai. Tom sentiu certo alívio pelo fato de que, embora Reeves tivesse lido sobre a morte do pai de Frank, e sobre a dúvida entre acidente ou suicídio, que não fora respondida, Reeves não havia pensado em perguntar a Tom se

alguém poderia ter assassinado o velho Pierson empurrando-o do penhasco.

“O que fez o garoto fugir?”, perguntou Reeves. “Aborrecido com a morte do pai? Ou talvez pela garota? Foi Teresa o nome que você disse?”

“Não, acho que a situação com Teresa estava bem quando ele foi embora de casa. Ele escreveu para ela da minha casa. Só ontem ele ficou sabendo que a garota arrumou um namorado.”

Reeves riu como se fosse um velho tio. “O mundo está cheio de garotas, algumas até bem bonitas. Hamburgo com certeza tem muitas! Será que não deveríamos distraí-lo... levá-lo a um clube? Sabe como é?”

Tom disse, da maneira mais gentil que pôde: “Ele só tem dezesseis anos. Ficou bastante abalado com tudo. O irmão é meio casca-grossa, caso contrário não teria contado tudo, pelo menos não agora”.

“Você vai conhecer o irmão dele? E o detetive?” Reeves riu da palavra “detetive”, como poderia rir de qualquer um cujo trabalho fosse tentar perseguir o crime no mundo.

“Eu preferiria não encontrar”, disse Tom, “mas talvez tenha que colocar o garoto direto nas mãos deles, porque ele não está disposto a ir para casa.” Tom estava em pé na cozinha com seu café. “Estou ficando com sono, ainda que seu café esteja ótimo. Vou tomar mais uma xícara.”

“Não vai atrapalhar o seu sono?”, perguntou Reeves com a voz rouca, mas com a preocupação de uma mãe ou de uma enfermeira.

“Do jeito que estou, não. Amanhã vou levar Frank para passear por Hamburgo. Um daqueles passeios de barco pelo Alster, sabe? Vou tentar animá-lo. Você não pode almoçar conosco, Reeves?”

“Obrigado, Tom, mas amanhã tenho um compromisso. Posso lhe dar uma chave daqui. Vou fazer isso agora.”

Tom saiu da cozinha com sua xícara. “Como andam os negócios?” Tom referia-se à receptação de mercadorias roubadas e um pouco de agenciamento de pintores alemães no mercado de arte dos Estados Unidos, além da compra e venda de quadros, a atividade de fachada de Reeves.

“Ah...” Reeves deu um chaveiro para Tom e em seguida passou os olhos pelas paredes do apartamento. “Aquele Hockney está...”

emprestado, digamos. Na verdade, ele foi roubado. Veio de Munique. Coloquei-o na parede porque gosto dele. Afinal de contas, eu sou muito cuidadoso com as pessoas que deixo entrar aqui. O Hockney deve ser levado em breve.”

Tom sorriu. Ocorreu-lhe que Reeves levava uma vida deliciosa em uma cidade muito agradável. Alguma coisa sempre estava acontecendo. Reeves nunca se preocupava, ele sempre superava, mesmo que aos trancos e barrancos, os momentos mais difíceis, como, por exemplo, quando levava uma surra e fora jogado inconsciente de um carro em movimento. Tom lembrou-se de que nessa situação, que havia acontecido na França, Reeves nem sequer quebrara o nariz.

Quando Tom deitou na cama naquela noite, Frank nem ao menos se mexeu. O garoto estava de barriga para baixo abraçando o travesseiro. Tom sentiu-se seguro, mais seguro do que em Berlim. O apartamento de Reeves fora bombardeado, talvez até roubado, mas parecia tão aconchegante quanto um pequeno castelo. Ele poderia perguntar a Reeves que tipo de proteção ele tinha, além, talvez, de um alarme contra roubo. Será que ele pagava para alguém? Teria ele alguma vez pedido proteção extra à polícia, tendo em vista os quadros valiosos que às vezes negociava? Improvável, pensou Tom. Mas talvez fosse uma grosseria perguntar sobre o esquema de segurança de Reeves.

Uma batida de leve na porta acordou Tom, e ele abriu os olhos e percebeu onde estava. “*Herein!*”

Gaby entrou, pesadona e tímida, falando em alemão, carregando uma bandeja com pãozinhos. “Herr Tom... estamos tão felizes por vê-lo depois de tanto tempo! Quanto tempo!...” Ela falava baixinho por causa de Frank, que ainda dormia. Gaby tinha uns cinquenta anos, o cabelo preto liso preso em um coque. Seu rosto era rosado e com algumas manchas.

“Também estou contente por estar aqui, Gaby. E você, como tem passado? Pode colocar aqui, está ótimo.” Tom referia-se a seu colo. A bandeja tinha pernas de apoio.

“Herr Reeves saiu, mas disse que o senhor tem as chaves.” Ela olhou sorridente para o garoto adormecido. “Tem mais café na cozinha.” Gaby falava de maneira impassível, apresentando os fatos, e apenas seus olhos escuros mostravam vivacidade e uma curiosidade infantil.

“Vou ficar aqui mais uma hora... mais ou menos... caso o senhor queira alguma coisa.”

“Obrigado, Gaby.” Tom acordou mais ainda com o café e um cigarro, depois foi tomar uma ducha e barbear-se.

Quando voltou ao quarto de hóspedes, viu Frank com um dos pés descalços sobre o peitoril da janela que ele havia aberto. Tom teve a impressão de que o garoto estava prestes a pular. “Frank?” O garoto não o escutara entrar.

“Grande vista, não é?”, disse Frank, agora com os dois pés no chão.

O garoto havia estremecido, ou fora a imaginação de Tom? Tom aproximou-se da janela e viu os barcos de excursão rasgando a água azul do lado esquerdo do Alster, os pequenos veleiros que passavam e as pessoas que caminhavam pela orla. Bandeiras esvoaçavam por toda parte, e o sol brilhava. Era como um quadro de Dufy, só que alemão, pensou Tom. “Você não estava pensando em se jogar, estava?”, perguntou Tom, como se estivesse brincando. “São poucos andares. Não seria suficiente.”

“Me jogar?” Frank balançou a cabeça rapidamente, e deu um passo para trás, afastando-se de Tom, como se tivesse vergonha de ficar tão perto dele. “Claro que não... Posso tomar um banho?”

“Claro. Reeves saiu, mas Gaby está aqui, a empregada. Apenas diga ‘*Guten Morgen*’ para ela. Ela é muito simpática.” Tom observou o garoto tirar a calça e atravessar o corredor. Achou que talvez não precisasse ter se preocupado. Frank estava com um ar decidido naquela manhã, como se o efeito dos comprimidos tivesse passado.

No meio da manhã já estavam em St. Pauli. Deram uma olhada nas vitrines das *sex-shops* que ficavam na Reeperbahn, nas espalhafatosas fachadas dos cinemas de filmes pornográficos em sessão contínua e nas lojas que vendiam roupas íntimas extravagantes para ambos os sexos. Sons de rock vinham de algum lugar, e mesmo àquela hora havia fregueses examinando e comprando. Tom estava piscando muito, talvez por espanto, talvez pelas cores brilhantes que pareciam as de um circo, sob a luz do sol. Tom percebeu que Frank tinha um lado puritano, talvez devido a sua infância em Boston, Massachusetts. Frank parecia tranquilo, mas teve que se esforçar para ficar assim quando apareceram os pênis artificiais e vibradores com etiquetas de preços.

“Este lugar deve fervilhar à noite”, disse Frank.

“Agora já tem bastante gente”, disse Tom, vendo duas garotas que se aproximavam deles com interesse. “Vamos pegar um bonde... ou um táxi. Vamos ao zoológico, é sempre divertido.”

Frank riu. “O zoológico de novo!”

“Bem, eu gosto de zoológicos. Espere até ver o daqui.” Tom avistou um táxi.

As duas garotas, uma das quais parecia ser adolescente, bastante atraente sem maquiagem, deram a impressão de achar que o táxi era para os quatro, mas Tom afastou-as com um sorriso educado e um aceno de cabeça.

Tom comprou um jornal em uma banca na frente do Tierpark e deu uma olhada geral nele. Depois olhou novamente, procurando por alguma nota que tivesse a ver com os seqüestradores de Berlim, ou com Frank Pierson. Sua segunda busca foi minuciosa, mas ele não encontrou nada. O jornal era *Der Welt*.

“Nenhuma notícia”, disse Tom para Frank. “Que ótimo! Vamos.”

Tom comprou os ingressos, cartões retangulares cor de laranja, cheios de perfurações. Os ingressos davam direito a passeios nos trenzinhos que percorriam todo o Carl Hagenbeck Tierpark. Frank parecia estar encantado, e Tom ficou satisfeito. O trenzinho tinha uns quinze vagões. Podia-se subir nele pelas laterais sem ter que abrir uma porta, e ele não tinha teto. Passaram quase sem fazer barulho por diversos playgrounds onde crianças se balançavam em pneus pendurados por cabos de aço, ou engatinhavam para dentro e para fora de construções de plástico com buracos, túneis e escorregadores. Passaram por leões e elefantes em áreas em que aparentemente não havia barreira entre animais e homens. Na área de pássaros, eles desceram do trem, compraram cerveja e amendoins em uma barraquinha e entraram em outro trem que estava passando.

Depois tomaram um táxi até um grande restaurante no porto, de que Tom se lembrava de uma viagem anterior. As paredes eram de vidro e se podia observar o porto onde petroleiros, navios de cruzeiro e barcas estavam ancorados, sendo carregados ou descarregados, enquanto escorria água de suas bombas automáticas. Gaivotas voavam por ali e de vez em quando mergulhavam na água.

“Vamos para Paris amanhã”, disse Tom depois de terem começado a comer. “Que tal?”

Frank olhou imediatamente para ele, como se estivesse na defensiva, mas Tom viu que ele tentava se controlar. Ou iam para Paris amanhã, pensou Tom, ou o garoto iria querer ficar mais um dia e depois ir sozinho de Hamburgo para algum outro lugar. “Não gosto de dizer às pessoas o que fazer. Mas em algum momento você vai ter que encarar sua família, não é?” Tom olhou para a direita e para a esquerda, mas falava baixo, a parede de vidro estava à esquerda e a próxima mesa estava mais de um metro atrás de Frank. “Você não pode ficar pulando de avião em avião nos próximos meses, não é? Coma o seu *Bauernfrühstück*.”

O garoto recomeçou a comer, mais lentamente agora. Ele se interessara pelo “Café-da-Manhã do Fazendeiro” que havia no cardápio e pediu-o: peixe, batatas fritas, bacon, cebolas, tudo misturado em um prato gigante. “O senhor vai para Paris amanhã também?”

“Claro, vou para casa.”

Depois do almoço, caminharam um pouco, atravessando uma enseada como as de Veneza, margeada por belas casas de telhado pontudo. Então, na calçada de uma rua comercial, Frank disse: “Quero trocar um pouco de dinheiro. Posso entrar aqui um instante?”.

Estavam na frente de um banco. “Tudo bem.” Tom entrou no banco com ele e esperou enquanto o garoto ficou em uma fila curta e fez a transação em um guichê onde estava escrito “Câmbio”. Pelo que Tom sabia, Frank estava sem seu passaporte de Benjamin Andrews, mas não ia precisar dele se estivesse trocando francos por marcos. Tom nem tentou ver. Havia colocado um outro tipo de creme sobre o sinal do rosto de Frank naquela manhã. Por que ele sempre estava preocupado com aquele maldito sinal? E se alguém *reconhecesse* Frank agora? O garoto voltou sorrindo, colocando os marcos na carteira.

Caminharam até o museu de Völkerkunde und Vorgeschichte, onde Tom já havia estado. Lá havia maquetes das explosões de bombas incendiárias que arrasaram boa parte da área portuária de Hamburgo na Segunda Guerra Mundial: miniaturas de armazéns de vinte e cinco centímetros pegavam fogo, com chamas falsas amarelas e azuis. Frank ficou um bom tempo olhando a maquete de um navio em construção,

o pequeno navio de oito centímetros apoiado em areia e sob o qual parecia haver metros de mar. Como de costume, depois de uma hora disso, incluindo os quadros a óleo dos burgomestres de Hamburgo assinando isto e comemorando aquilo, todos com roupas do tempo de Benjamin Franklin, Tom começou a esfregar os olhos, estava doido por um cigarro.

Minutos depois, em uma avenida cheia de lojas e carrinhos de flores e frutas, Frank disse: “Pode esperar por mim? Cinco minutos?”.

“Aonde você vai?”

“Eu volto. Eu o encontro nesta árvore.” Frank apontou para um plátano na calçada onde estavam.

“Eu gostaria de saber aonde você vai”, disse Tom.

“Confie em mim.”

“Tudo bem.” Tom virou-se e deu alguns passos lentamente, duvidando do garoto e, ao mesmo tempo, lembrando a si próprio que não poderia bancar a babá de Frank Pierson para sempre. Sim, se o garoto desaparecesse — e quanto dinheiro será que ele tinha no banco, quanto será que havia deixado em francos ou em dólares? —, Tom levaria a mala de Frank para Paris e a deixaria no Lutetia. Será que o garoto havia trazido o passaporte esta manhã? Tom virou-se e voltou em direção ao plátano, que reconheceu no meio das outras árvores por causa de um senhor que lia um jornal sentado à sua sombra, numa cadeira. O garoto não estava lá, e mais de cinco minutos haviam se passado.

Então Frank reapareceu no meio do fluxo de pedestres, sorrindo e carregando uma enorme sacola plástica vermelha e branca. “Obrigado”, disse Frank.

Tom estava aliviado. “Comprou alguma coisa?”

“Comprei. Mais tarde eu mostro.”

Em seguida, a Jungfernstieg. Tom se lembrava do nome daquele passeio público porque Reeves lhe havia dito que era onde as garotas bonitas de Hamburgo passeavam antigamente. Os barcos de turismo que faziam passeios pelo Alster saíam de um ancoradouro à direita do local, e Tom e Frank embarcaram em um deles.

Nenhum dos dois quis se sentar, mas não ficaram no caminho de ninguém, encostados em um canto do convés superior. Um homem

jovial de quepe branco falava através de um megafone, explicando os lugares por onde passavam, os grandes hotéis em encostas de gramados verdes acima da água, onde, segundo garantiu, as diárias estavam “entre as mais caras do mundo”. Tom se divertia. Os olhos do garoto haviam se fixado em algum ponto distante, talvez em uma gaivota, talvez em Teresa.

Quando voltaram para o apartamento de Reeves, pouco depois das seis, ele não estava em casa, mas havia deixado um bilhete no quarto de hóspedes, em cima da cama muito bem arrumada: “Volto lá pelas sete ou antes. R.”. Tom ficou contente pelo fato de Reeves ainda não ter chegado, porque queria conversar a sós com Frank.

“Você se lembra do que eu lhe disse em Belle Ombre... em relação a seu pai?”, perguntou Tom.

Frank pareceu confuso por um instante, e em seguida disse: “Acho que me lembro de tudo que o senhor já me disse até hoje”.

Estavam na sala de visitas, Tom em pé perto da janela, o garoto sentado no sofá.

“Eu disse: nunca conte para ninguém o que você fez. Não confesse. Não pense nem sequer um segundo na idéia de confessar.”

Frank desviou seu olhar de Tom para o chão.

“Bem... você está pensando em contar para alguém? Para o seu irmão?”, perguntou Tom, esperando arrancar alguma coisa.

“Não, não estou.”

A voz do garoto havia sido bastante firme, mas Tom não tinha certeza de que acreditava nele. Desejou pegar o garoto e chacoalhá-lo pelos ombros até conseguir enfiar um pouco de bom senso na cabeça dele. Ousaria fazer isso? Não. E do que ele tinha medo?, perguntou-se Tom. De falhar? “Tem uma coisa que você precisa saber. Onde está?” Tom foi até a pilha de jornais que estava em um dos cantos do sofá e pegou o exemplar do dia anterior. Mostrou a primeira página, onde estava a fotografia do homem morto em Lübars. “Vi você olhando esta foto no avião. Este homem... eu o matei em Lübars, norte de Berlim.”

“*Matou?*” O tom da voz de Frank aumentou uma oitava, pelo espanto.

“Você nunca me perguntou sobre o local onde seria pago o resgate. Não importa. Acertei-o na cabeça, como pode ver.”

Frank piscou e olhou para Tom. “Por que não me contou antes? Claro, agora eu reconheço o sujeito. Era um italiano que ficava lá no apartamento!”

Tom acendeu um cigarro. “Contei isso porque...” Por quê? Tom teve que fazer uma pausa para encontrar as palavras. Na verdade, não havia comparação entre empurrar o próprio pai de um penhasco e esmagar o crânio de um seqüestrador que estava vindo na sua direção com uma arma carregada. Mas os dois casos envolviam o gesto de tirar uma vida. “O fato de eu ter matado esse homem... não vai mudar nada na minha vida, uma vez que ele provavelmente era um criminoso. E que não foi o primeiro homem que matei na vida. Acho que não preciso lhe contar isso.”

Frank olhava para ele com admiração. “O senhor já matou alguma mulher?”

Tom riu. Era exatamente disso que ele estava precisando, uma boa risada. Tom se sentiu aliviado também, porque Frank não havia perguntado sobre Dickie Greenleaf, o único assassinato a respeito do qual Tom sentia um pouco de remorso. “Mulher... nunca. Nunca precisei”, acrescentou Tom, e logo pensou na piada sobre o inglês que contou a um amigo que teve que enterrar a mulher simplesmente porque ela estava morta. “Nunca surgiu uma situação em que fosse necessário. Com certeza você não está pensando em... Quem, Frank?”

Agora foi a vez de Frank sorrir. “Ah, ninguém! Puxa!”

“Ótimo. A única razão pela qual falei nisso...” Tom estava perdido novamente, mas continuou. “É que... quero dizer...” Ele apontou para o jornal. “O ato não deve ser algo devastador, não pode acabar com a sua vida. Não há motivo para sucumbir.” Será que, nessa idade, o garoto sabia o significado daquela palavra? Sucumbir diante de uma sensação de fracasso total? Mas muitos adolescentes sucumbiam, até mesmo cometiam suicídio, porque haviam encontrado um problema com o qual não conseguiam lidar, às vezes simples tarefas escolares.

Frank esfregava os nós dos dedos da mão direita na quina afiada da mesa de centro de Reeves. O tampo era de vidro? Era branco e preto, mas não era mármore. O gesto de Frank deixava Tom nervoso.

“Você entende o que quero dizer? Ou você deixa algum acontecimento estragar a sua vida ou não. A decisão é sua. Você tem

sorte, Frank, no seu caso a decisão é *sua*, porque ninguém está acusando você.”

“Eu sei.”

E Tom sabia que uma parte — quanto? — da mente do garoto parecia estar no amor perdido, em Teresa. Aquela era uma doença com a qual Tom se sentia incapaz de lidar, um assunto totalmente diferente de assassinato. Nervoso, Tom disse: “Não machuque os dedos nessa mesa, está bem? Porque isso não vai resolver nada, só vai fazer você chegar a Paris com a mão machucada. *Não seja bobo!*”.

O garoto fez um movimento para baixo com a mão, mas não acertou a mesa. Tom tentou se acalmar e olhou para outro lado.

“Eu não seria tão estúpido assim, não se preocupe, não se preocupe.” Frank se levantou e colocou as mãos nos bolsos, andou até a janela e então se virou para Tom. “As passagens de avião para amanhã. Posso reservar? Posso fazer isso em inglês, não?”

“Tenho certeza de que sim. Vá em frente.”

“Lufthansa”, disse Frank, pegando a lista telefônica. “A que horas, mais ou menos dez da manhã?”

“Até mais cedo.” Tom sentiu-se muito aliviado. Frank parecia finalmente estar se recuperando, ou, se isso não estava acontecendo, pelo menos ele estava tentando.

Reeves chegou quando Frank estava marcando as passagens para o dia seguinte. Partida às nove e quinze. Frank deu os nomes, Ripley e Andrews.

“Passaram um bom dia?”, perguntou Reeves.

“Ótimo, obrigado”, respondeu Tom.

“Oi, Frank. Tenho que lavar as mãos”, disse Reeves com sua voz rouca, ao mesmo tempo que mostrava as palmas das mãos cinzentas. “Estava mexendo com quadros hoje. Nenhum serviço sujo...”

“Um verdadeiro dia de trabalho, Reeves?”, disse Tom. “Admiro suas mãos!”

Reeves pigarreou em vão e começou novamente. “Eu estava dizendo que não tive nenhum serviço sujo, mas que *eu* fiquei todo sujo. Já preparou uma bebida, Tom?” Reeves foi para o banheiro.

“Quer sair para jantar, Reeves?”, perguntou Tom, indo atrás dele. “É nossa última noite aqui.”

“Para falar a verdade, acho que não, se você não se importar. Sabe como é, eu sempre tenho alguma coisa aqui em casa. Gaby cuida disso. Acho que ela fez bife de caçarola ou algo do tipo.”

Tom lembrou-se de que Reeves nunca gostara de restaurantes. Ele provavelmente preferia se manter discreto na cena de Hamburgo.

“Tom!” Frank chamou Tom ao quarto de hóspedes e tirou uma caixa da sacola plástica vermelha e branca. “Para o senhor.”

“Para mim? Obrigado, Frank.”

“O senhor ainda não abriu.”

Tom desamarrou uma fita azul e vermelha e abriu uma caixa branca que continha muitos papéis de seda brancos. Encontrou uma coisa avermelhada, dourada, brilhante. Tirou-a e viu que era um roupão de seda com um cinto da mesma cor, vermelho-escuro, com detalhes em preto. O tecido vermelho era estampado com pequenas setas douradas. “Muito bonito”, disse Tom. “Muito elegante.” Tom tirou a jaqueta que estava usando. “Vamos experimentá-lo?”, perguntou ele, vestindo o roupão. Serviu perfeitamente, e ficaria melhor ainda sobre um pijama do que em cima do suéter e da calça que estava usando. Tom olhou para o comprimento da manga e disse: “Perfeito”.

Frank abaixou a cabeça e afastou-se.

Tom tirou o roupão cuidadosamente e estendeu-o sobre a cama. Fazia um som interessante. A cor era castanho-avermelhada, a mesma do carro dos seqüestradores em Berlim, uma cor da qual Tom não gostava, mas, se pensasse nela como um bom vinho, talvez pudesse esquecer aquele carro.

No avião para Paris, Tom reparou que o cabelo de Frank havia crescido tanto que caía sobre o rosto bem no lugar do sinal. O garoto não cortava o cabelo desde a metade de agosto, quando Tom o aconselhara a não cortar mais. Entre meio-dia e uma hora ele entregaria Frank para Thurlow e Johnny no Lutetia. Na noite anterior, no apartamento de Reeves, Tom havia lembrado a Frank que ele deveria arranjar um passaporte verdadeiro, a menos que Thurlow tivesse tido o bom senso de trazer o passaporte ou de pedir à mãe que o enviasse lá do Maine.

“Está vendo isto?”, perguntou Frank, mostrando a Tom uma página na revista fornecida pela companhia aérea. “É o lugar onde estivemos.”

Tom leu um pequeno comentário sobre o Romy Haag e seu show de travestis. “Aposto como eles não falam do Hump aí! Essa revista é para turistas.” Tom riu e esticou as pernas até onde o banco da frente permitia. Os aviões estavam ficando cada vez mais desconfortáveis. Ele poderia viajar de primeira classe, embora provavelmente com um sentimento de culpa por gastar tanto dinheiro a mais quando as tarifas intereuropéias já estavam inflacionadas. E além disso Tom se sentiria constrangido de ser visto na primeira classe. Por quê? Ele sempre tinha vontade de pisar no pé das pessoas na espaçosa primeira classe quando embarcava em um avião e passava por essas acomodações mais luxuosas, onde as rolhas de champanhe começavam a estourar antes da decolagem.

Dessa vez, nem um pouco ansioso pelo encontro no Lutetia, Tom havia proposto que pegassem o trem do aeroporto para a Gare du Nord e de lá um táxi. Na Gare du Nord ficaram em uma fila para pegar um táxi. A ordem na fila era mantida por nada menos do que três policiais em uniformes brancos e armados. Rumaram para o Hôtel Lutetia. Frank, tenso e calado, olhava fixamente pela janela. Será que

ele estava planejando assumir uma postura, perguntou-se Tom, e qual seria? Uma postura de não-me-toque em relação a Thurlow? Uma explicação incompleta para o irmão Johnny? Talvez uma postura de desafio? Será que Frank insistiria em ficar na Europa?

“Acho que você vai gostar do meu irmão”, disse Frank nervosamente.

Tom assentiu. Ele queria que Frank chegasse em casa a salvo, que retomasse sua vida, o que se resumia a voltar a estudar, a encarar o que tinha que encarar e aprender a viver com aquilo. Garotos de dezesseis anos, pelo menos os que tinham famílias como a de Frank, não podiam sair de casa e esperar superar as dificuldades que aparecessem da mesma forma que um garoto de uma favela conseguiria, ou mesmo um que viesse de um lar tão desagregado que as ruas seriam uma opção melhor. Pararam na frente do Lutetia.

“Tenho alguns francos”, disse Frank.

Tom deixou que ele pagasse. Um porteiro carregou-lhes as duas malas para dentro, mas quando estavam no interior do ostensivo saguão, Tom disse ao porteiro: “Não vou ficar hospedado no hotel, então você poderia guardar minha mala por cerca de meia hora?”.

Frank também queria que sua mala fosse guardada, e um carregador voltou trazendo dois recibos, que Tom colocou no bolso. Frank voltou da recepção e contou que Thurlow e seu irmão estavam fora, mas que deveriam voltar em menos de uma hora.

Era uma surpresa, pensou Tom, não encontrá-los no hotel, e olhou para o relógio. Era meio-dia e sete. “Talvez tenham saído para almoçar. Eu vou até o café ao lado para telefonar. Quer ir comigo?”

“Claro!”, disse Frank, e saiu na frente em direção à porta. Já na calçada, o garoto andou de cabeça baixa.

“Levante a cabeça”, disse Tom.

Frank obedeceu-o imediatamente.

“Pode me pedir um café, Frank?”, pediu Tom quando entraram num *bar-tabac*. Tom desceu uma escada sob uma placa que dizia “*toilettes-téléphones*”. Colocou dois francos no aparelho, porque não queria que a conversa fosse cortada se ele demorasse a colocar outra moeda, e discou o número de Belle Ombre. Mme. Annette atendeu.

“Ah-h!” Parecia que ela ia desmaiar ao ouvir a voz de Tom.

“Estou em Paris. Está tudo bem?”

“Ah, *oui*! Mas madame não está no momento. Foi almoçar com uma amiga.”

“Diga a ela que voltarei para casa hoje à tarde, talvez lá pelas... lá pelas quatro, espero. No máximo, às seis e meia”, acrescentou ele, lembrando-se de um intervalo entre os trens entre duas e cinco da tarde na Gare de Lyon.

“O senhor não quer que madame Heloise vá buscá-lo em Paris?”

Tom recusou. Voltou para cima, onde estavam Frank e o café que havia pedido.

Frank, com uma garrafa de refrigerante quase cheia, cuspiu um chiclete em um maço de cigarros vazio e amassado que tirou de um cinzeiro grande. “Desculpe. Detesto chiclete. Não sei por que comprei. Isto aqui também”, disse, afastando a garrafa de refrigerante.

Tom observou o garoto ir até a jukebox perto da porta. Ela estava tocando uma canção americana cantada em francês.

Frank voltou. “Está tudo bem em casa?”

“Acho que sim, obrigado.” Tom tirou algumas moedas do bolso.

“Já está pago.”

Saíram do bar. Mais uma vez o garoto andou de cabeça baixa, mas dessa vez Tom não disse nada.

De qualquer forma, Ralph Thurlow já havia voltado. Tom deixara que Frank perguntasse na recepção. Subiram em um elevador todo decorado, que lembrou a Tom uma interpretação ruim de Wagner. Será que Thurlow era tranquilo ou prepotente? De qualquer forma, descobrir isso seria divertido.

Frank bateu na porta do apartamento 620, que se abriu imediatamente. Thurlow fez o garoto entrar com um gesto entusiasmado, mas sem dizer nada, e em seguida viu Tom. O sorriso de Thurlow não desapareceu. Frank fez um gesto educado, dando passagem a Tom. Ninguém disse nada até que a porta se fechasse. Thurlow usava camisa com as mangas arregaçadas e estava sem gravata. Era um homem atarracado, talvez com quase quarenta anos, o cabelo vermelho ondulado cortado bem curto e cara de durão.

“Meu amigo Tom Ripley”, disse Frank.

“Como vai, senhor Ripley? Por favor, sente-se”, disse Thurlow.

Havia muito espaço, com poltronas e sofás, mas Tom não se sentou imediatamente. Uma porta à direita estava fechada, uma porta à esquerda, perto da janela, aberta, e Thurlow foi até lá e chamou Johnny, dizendo a Frank e Tom que Johnny provavelmente estava no banho. Havia jornais e uma maleta sobre uma mesa, e mais jornais no chão, além de um rádio transistor e um gravador. Ali não era o quarto, mas uma sala entre dois quartos, supôs Tom.

Johnny apareceu, alto e sorridente, com uma camisa nova cor-de-rosa que ainda não havia enfiado na calça. Tinha cabelo castanho liso e mais claro que o de Frank, o rosto mais estreito. “*Franky!*” Apertou a mão direita do irmão e quase o abraçou. “Você está bem?”

O sotaque carregado causou uma estranha impressão em Tom. Era como se tivesse voltado aos Estados Unidos simplesmente por ter entrado no apartamento 620. Tom foi apresentado a Johnny e eles trocaram um aperto de mãos. Johnny parecia um garoto direito, feliz e tranqüilo. Tom sabia que ele tinha dezenove anos, mas aparentava ser mais jovem.

Em seguida passaram aos negócios, e Tom deixou que Thurlow se enrolasse todo. Primeiro, Thurlow assegurou a Tom, com agradecimentos da sra. Pierson, que o dinheiro já estava de volta ao banco de Zurique.

“Cada centavo, menos as taxas bancárias”, disse Thurlow. “Senhor Ripley, não sabemos dos detalhes, mas...”

E nunca vão saber, pensou Tom, e mal ouviu o que Thurlow continuou a dizer. Com alguma relutância, Tom sentou-se em um sofá encapado bege e acendeu um Gauloise. Johnny e Frank falavam rápido e em voz baixa perto da janela. Frank parecia bravo e tenso. Será que Johnny havia dito o nome de Teresa? Tom achou que sim. Viu Johnny dar de ombros.

“O senhor disse que a polícia não se envolveu”, disse Thurlow. “O senhor foi ao apartamento deles e... Como conseguiu?” Thurlow estava quase rindo, o que talvez considerasse a atitude adequada para um durão conversar com outro. “Foi fantástico!”

O grau de interesse de Tom pelo que o outro estava dizendo era zero. “Segredo profissional”, disse Tom. Por quanto tempo iria agüentar aquilo? Tom levantou-se. “Tenho que ir andando, senhor Thurlow.”

“Já?” Thurlow nem havia sentado ainda. “Senhor Ripley, nós fomos apresentados e já agradecemos pelo que fez mas... não temos seu endereço!”

Será que iam mandar alguma gratificação?, perguntou-se Tom. “Estou na lista telefônica. Villeperce, 77, Seine et Marne. Frank?”

“Sim, senhor!”

De repente a expressão ansiosa do garoto pareceu aquela que Tom vira em Belle Ombre em meados de agosto. “Será que podemos conversar ali por um segundo?”, perguntou Tom, apontando para o que supunha ser o quarto de Johnny, cuja porta ainda estava aberta.

Claro que podem, dissera Johnny, e eles foram para lá e Tom fechou a porta.

“Não conte a eles os detalhes daquela noite... em Berlim”, disse Tom. “Acima de tudo, não lhes conte sobre o sujeito morto... está bem?” Tom olhou ao redor, mas não viu nenhum gravador naquele quarto. Havia uma *Playboy* no chão ao lado da cama e algumas garrafas grandes de refrigerante de laranja em uma bandeja.

“Claro que não!”, disse Frank.

Os olhos do garoto pareciam mais envelhecidos que os do irmão. “Pode dizer que eu... é, diga que eu não compareci ao encontro para entregar o dinheiro. É por isso que ele ainda estava comigo. Está bem?”

“Tudo bem.”

“E que eu segui os seqüestradores depois de ter marcado um segundo encontro, e assim fiquei sabendo onde você estava preso. Mas não fale nada sobre aquela loucura no Hump!” Tom começou a rir muito, chegando a dobrar o corpo.

Os dois riram muito, um riso quase histérico.

“Entendi”, sussurrou Frank.

Tom segurou o garoto pela parte da frente da jaqueta, soltando-o em seguida, constrangido pelo gesto. “Nunca diga nada sobre o sujeito morto! Promete?”

Frank fez que sim. “Entendi, entendi o que o senhor quer dizer.”

Tom começou voltar para o outro quarto, mas parou e virou-se. “O que eu quero dizer”, sussurrou ele, “é que o assunto todo termina por aqui. Se você falar sobre Hamburgo, não mencione o nome de Reeves. Diga que esqueceu, se perguntarem alguma coisa.”

O garoto estava calado, mas encarava Tom com firmeza e assentiu com a cabeça. Os dois voltaram para o outro quarto.

Thurlow agora estava sentado em uma poltrona bege. “Senhor Ripley, por favor, sente-se novamente, se é que tem alguns minutos.”

Tom atendeu o pedido para ser educado, e Frank logo se juntou a ele no sofá bege. Johnny ainda estava em pé perto da janela.

“Preciso me desculpar por meu jeito brusco diversas vezes ao telefone”, disse Thurlow. “O senhor sabe, eu não podia saber que...” Thurlow fez uma pausa.

“Eu gostaria de saber”, disse Tom, “qual é a situação agora em relação ao desaparecimento e à procura de Frank. O que o senhor contou à polícia daqui?”

“Bem... primeiro eu contei à senhora Pierson que o garoto estava a salvo em Berlim... com o senhor. Então, com o consentimento dela, informei a polícia daqui. É claro que eu não precisaria do consentimento dela para fazer isso.”

Tom mordeu o lábio inferior. “Espero que o senhor e a senhora Pierson não tenham mencionado meu nome para a polícia de lugar nenhum. Não havia a menor necessidade disso.”

“Aqui, tenho certeza de que não foi mencionado”, garantiu Thurlow. “Quanto à senhora Pierson... eu... sim, eu disse a ela o seu nome, é claro, mas lhe pedi que não o mencionasse para a polícia nos Estados Unidos. Foi uma situação de detetive particular. Eu a instruí para dizer a qualquer jornalista — ela os odeia — que o garoto havia sido encontrado passando férias na Alemanha. Nem disse em que lugar da Alemanha, porque isso poderia ter levado a outro seqüestro!” Ralph Thurlow deu uma risadinha, recostando-se na poltrona e ajustando a fivela do cinto com o polegar.

Ele estava sorrindo como se outro seqüestro pudesse mandá-lo para algum outro lugar confortável, como Palma de Maiorca, pensou Tom.

“Gostaria que me contasse o que aconteceu em Berlim”, disse Thurlow. “Pelo menos uma descrição dos seqüestradores. Poderia ser...”

“O senhor não está pensando em procurá-los”, disse Tom, surpreso, e sorriu. “É inútil”, disse, levantando-se.

Thurlow também se levantou, parecendo insatisfeito. “Eu gravei minhas conversas telefônicas com eles. Bem, talvez Frank possa me contar mais alguma coisa. Por que motivo foi a Berlim, senhor Ripley?”

“Ah... Frank e eu queríamos mudar um pouco de ambiente, sair de Villeperce”, disse Tom, sentindo-se o narrador de um filme sobre viagens, “e pensei que Berlim estava fora da rota dos turistas. Frank queria ficar incógnito por algum tempo... A propósito, vocês estão com o passaporte de Frank aqui?”, Tom perguntou, antes que Thurlow pudesse perguntar por que ele dera abrigo ao garoto.

“Sim, minha mãe o mandou por carta registrada”, disse Johnny.

Tom disse a Frank: “É melhor você jogar fora o de Andrews, sabe? Posso cuidar disso se você for até lá embaixo comigo”. Tom estava pensando em devolvê-lo a Hamburgo, onde certamente poderia ser usado novamente.

“Que passaporte?”, perguntou Thurlow.

Tom dirigiu-se para a porta.

Thurlow pareceu desistir do assunto do passaporte e foi na direção de Tom. “Talvez eu não seja o detetive típico. Talvez nem exista essa espécie de animal. Somos todos diferentes, nem todos capazes de um embate físico, caso isso seja necessário.”

Mas ele era o típico, pensou Tom, olhando para o corpo bem alimentado de Thurlow, para as mãos pesadas com um anel de formatura no dedinho. Tom pensou em perguntar-lhe se ele já havia pertencido à polícia, mas na verdade não estava nem um pouco interessado.

“O senhor já teve alguma experiência com o submundo antes, não teve, senhor Ripley?” Thurlow fez a pergunta em tom cordial.

“E quem não teve?”, disse Tom. “Qualquer um que tenha comprado um tapete persa. Bem, Frank, se você tem um passaporte, agora está tudo certo com você.”

“Eu não vou ficar aqui esta noite”, disse Frank, levantando-se.

Thurlow olhou para o garoto. “Como assim, Frank? Onde está sua mala? Você está sem mala?”

“Está lá embaixo com a de Tom”, respondeu Frank. “Quero ir para a casa de Tom esta noite. Não vamos para os Estados Unidos hoje, vamos? Eu não vou.” Frank parecia determinado.

Tom esboçou um sorriso e aguardou. Ele já esperava que algo assim fosse acontecer.

“Pensei que iríamos embora amanhã.” Com igual determinação e um tanto perplexo, Thurlow cruzou os braços. “Você quer ligar para sua mãe agora, Frank? Ela está esperando um telefonema seu.”

Frank balançou a cabeça rapidamente. “Não. Se ela telefonar, diga que estou bem.”

Thurlow disse: “Eu gostaria que você ficasse aqui, Frank. É apenas uma noite aqui, e eu queria você por perto”.

“Vamos, Franky”, disse Johnny. “Fique *conosco*! Claro!”

Frank olhou para o irmão, como se não quisesse que ele o chamasse de “Franky”, e fez o movimento de chutar alguma coisa, embora não houvesse nada para chutar. Aproximou-se de Tom. “Quero ir embora.”

“Escute”, disse Thurlow. “Apenas uma noite e...”

“Posso ir para Belle Ombre com o senhor?”, perguntou Frank a Tom. “Posso ir com o senhor, não posso?”

Nos segundos seguintes, todos, menos Tom, falaram ao mesmo tempo. Tom escreveu o número de seu telefone em um bloco de papel que estava ao lado do telefone do quarto, acrescentando o nome embaixo.

“Se avisarmos minha mãe, *tudo bem*”, disse Johnny a Thurlow. “Eu *conheço* Frank.”

Será que conhecia mesmo?, perguntou-se Tom. Era evidente que Johnny confiava no irmão.

“... causar um atraso”, dizia Thurlow, irritado. “Use sua influência, Johnny.”

“Eu não tenho nenhuma!”, disse Johnny.

“Estou indo.” Frank parecia tão decidido quanto Tom ou qualquer outra pessoa gostaria. “Tom deixou o número de telefone. Eu vi. Até logo, senhor Thurlow. Até mais, Johnny.”

“Amanhã de manhã, está bem?”, perguntou Johnny, seguindo Tom e Frank. “Senhor Ripley...”

“Pode me chamar de Tom.” Estavam agora no corredor, andando na direção dos elevadores.

“Não foi um grande encontro”, disse Johnny com ar sério para Tom. “Os últimos dias foram um tanto malucos. Sei que você tomou conta do

meu irmão e que, na realidade, o salvou.”

“Bem...” Tom podia ver as sardas no nariz de Johnny, os olhos pareciam ter o formato igual aos de Frank, só que eram muito mais felizes.

“Ralph é meio grosseiro... na maneira de falar”, continuou Johnny.

Agora Thurlow se juntava a eles. “Queremos ir embora amanhã, senhor Ripley. Posso telefonar para o senhor amanhã de manhã, lá pelas nove? Até lá já terei as informações sobre nossas reservas.”

Tom fez que sim com a cabeça, calmamente. Frank apertou o botão do elevador. “Está bem, senhor Thurlow.”

Johnny estendeu a mão. “Obrigado, senhor Rip... Tom. Minha mãe continuou pensando...”

Thurlow fez um gesto como se preferisse que Johnny não dissesse nada.

Johnny continuou. “Ela não sabia o que pensar sobre você, eu sei.”

“Ah, pare com isso!”, disse Frank, muito constrangido.

As portas do elevador abriram-se como um par de braços dizendo “Bem-vindos!” e Tom ficou feliz por entrar. Frank entrou logo atrás, Tom apertou o botão e eles desceram.

“Uau!”, disse Frank, batendo na testa com a palma da mão.

Tom riu e encostou-se em uma das paredes do elevador wagneriano. Dois andares abaixo, um casal entrou, a mulher com um perfume que fez Tom se retorcer por dentro, embora provavelmente fosse caro. Seu vestido de listras amarelas e azuis parecia caro, e seus sapatos de couro preto fizeram Tom lembrar-se daqueles que havia largado no apartamento dos seqüestradores em Berlim. Deve ter sido uma descoberta surpreendente para os vizinhos ou para a polícia, pensou Tom. No saguão, Tom pediu as malas, mas sentiu que só voltou a respirar quando estava na calçada, e esperou o porteiro conseguir um táxi. Chegou um bem rápido, do qual desceram duas mulheres, e Tom e Frank entraram nele, rumando para a Gare de Lyon. Poderiam pegar o trem das catorze e dezoito com alguns minutos de sobra, o que era ótimo, pois evitaria a terrível espera pelo próximo trem, das cinco horas. Frank fixara o olhar na janela, os olhos intensos e sonhadores, o corpo rígido como uma estátua. Na verdade, Tom pensou na estátua de um anjo, uma daquelas figuras paralisadas e reconfortantes que havia

nas laterais das entradas de igrejas. Na estação, Tom comprou passagens de primeira classe e um exemplar do *Le Monde* na banca perto do embarque.

Logo que o trem começou a andar, Frank abriu um livro que havia comprado em uma livraria em Hamburgo, pelo que Tom se lembrava. Entre tantos livros, ele escolhera *The country diary of an Edwardian lady*. Tom passou os olhos pelo *Le Monde*, leu uma coluna sobre os *gauchistes* franceses que aparentemente não trazia nenhuma novidade, e colocou o jornal no banco ao lado de Frank, e os pés em cima. Frank não olhou para ele. Será que o garoto fingia estar absorto?

“Existe alguma razão para...”, disse Frank.

Tom inclinou-se para a frente, sem ter ouvido o resto da frase por causa do barulho do trem. “Razão para quê?”

Frank perguntou, com seriedade: “Existe uma única razão para explicar por que o comunismo não *funciona*?”

Tom pensou que, pelo barulho, o trem iria parar na próxima estação, mas ainda não havia puxado os freios, que fariam ainda mais barulho. Do outro lado do corredor, uma criancinha começou a chorar e o pai a beijou gentilmente. “O que fez você pensar nisso? Este livro?”

“Não, não. Foi *Berlim*”, disse Frank, franzindo a testa.

Tom inspirou, detestando ter que falar mais alto que o barulho do trem. “Mas funciona. O socialismo funciona. O que falta é a iniciativa individual... segundo dizem. O modelo russo não permite muitas iniciativas... então todo mundo se sente desencorajado.” Tom olhou à volta, satisfeito por ver que ninguém estava escutando sua explicação despreparada. “Existe uma diferença...”

“Há um ano eu pensei que era comunista. Até mesmo na linha de Moscou. Depende daquilo que a gente lê. Se você lê as coisas *certas*...”

O que Frank queria dizer com “as coisas certas”? “Se você lê...”

“Por que os russos precisavam do *Muro*?”, perguntou Frank franzindo muito a testa.

“Aí é que está. Quando se trata de liberdade de escolha... Mesmo agora as pessoas podem requisitar cidadania em países comunistas e provavelmente a conseguirão. Mas se você está em um país comunista, *tente* sair de lá!”

“É isso que é tão... é... injusto!”

Tom balançou a cabeça. O trem continuava a andar, como se já tivessem passado por Melun, mas isso era impossível. Ele estava contente de o garoto estar fazendo perguntas ingênuas. De que outra forma ele poderia aprender alguma coisa? Tom inclinou-se para a frente de novo. “Você viu o Muro. As barreiras estão do lado *deles*, mas eles afirmam que o construíram para manter os capitalistas *fora*. Mas poderia ser maravilhoso, sem dúvida. A Rússia tornou-se cada vez mais um Estado policial. Parece que eles pensam que precisam de todo aquele controle sobre o povo.” Como deveria terminar aquele raciocínio?, perguntou-se Tom. Jesus fora um comunista primitivo. “Mas é claro que a idéia é *sensacional!*”, gritou Tom. Será que era essa a maneira de instruir os jovens? Gritando chavões?

Estação de Melun. O garoto voltou ao livro e alguns minutos depois apontou uma frase para Tom. “Temos dessas em nosso jardim no Maine. Meu pai mandou buscá-las na Inglaterra.”

Tom leu a frase sobre uma flor silvestre inglesa da qual nunca tinha ouvido falar: amarela, às vezes roxa, florescendo no começo da primavera. Tom balançou a cabeça. Estava preocupado, pensando em muitas coisas ao mesmo tempo, e portanto em nada, nada que valesse a pena ou fosse importante.

Desceram em Moret, e Tom pegou um dos dois táxis que estavam no ponto. Então começou a se sentir melhor. Ali era o seu lar, casas conhecidas, até as árvores eram conhecidas, a ponte torreada sobre o Loing. Lembrou-se da primeira vez em que havia trazido o garoto de volta para a casa de Mme. Boutin, lembrou-se de sua desconfiança em relação à história do garoto, e de sua curiosidade em saber por que Frank o havia procurado. O táxi atravessou os portões de Belle Ombre, parando perto dos degraus da entrada. Tom sorriu ao ver a Mercedes vermelha e, como a porta da segunda garagem estava fechada, supôs que o Renault também estava lá, e que Heloise estava em casa. Tom pagou o motorista.

“*Bonjour*, monsieur Tome!”, disse Mme. Annette no último dos degraus. “E monsieur Billy! Bem-vindos!”

Tom percebeu que ela não parecia muito surpresa com a presença de Billy. “E como estão as coisas por aqui?” Deu uma beijoca no rosto de Mme. Annette.

“Tudo muito bem, mas madame Heloise ficou muito preocupada... por um ou dois dias. Entrem.”

Heloise foi ao encontro dele na sala de visitas e logo estava em seus braços. “Até que enfim, Tome!”

“Fiquei fora tanto tempo assim? E Billy está aqui.”

“Oi, Heloise. Aqui estou eu invadindo sua casa novamente”, disse o garoto em francês. “Mas é só por uma noite... se não for incômodo.”

“Não está invadindo. Como vai?” Ela piscou os olhos e estendeu a mão.

Naquele piscar de olhos, Tom percebeu que ela sabia quem o garoto era. “Temos muito o que conversar”, disse Tom alegremente, “mas primeiro quero levar nossas malas para cima. Então...” Fez um gesto para Frank, sem saber no momento como chamá-lo, e os dois subiram com a bagagem.

Pelo cheiro de laranja e baunilha no ar, Tom soube que Mme. Annette estava assando alguma coisa, caso contrário ela teria pegado as malas apenas para Tom retomá-las, porque ele não gostava de ver mulheres carregando as malas dos homens.

“Meu Deus, como é bom estar em casa!”, disse Tom no corredor do andar de cima. “Fique com o quarto de hóspedes, Frank, a menos que...” Uma rápida olhada assegurou a Tom que ninguém estava usando o quarto naquele momento. “Mas pode usar o meu banheiro. Quero falar com você, então venha cá daqui a pouco.” Tom foi para o quarto e tirou algumas coisas da mala para pendurar ou para lavar.

O garoto entrou com o rosto preocupado, e Tom sabia que ele havia notado o jeito de Heloise.

“Bem, Heloise sabe”, disse Tom, “mas não há com o que se preocupar.”

“Contanto que ela não pense que eu sou cem por cento falso.”

“Eu também não me preocuparia com isso. Será que esse bolo de cheiro delicioso, ou seja o que for, é para o chá ou para o jantar?”

“E quanto a madame Annette?”, perguntou Frank.

Tom riu. “Parece que ela quer chamar você de Billy. Mas ela provavelmente soube quem você era antes de Heloise. Madame Annette lê revistas de fofocas. De qualquer maneira, todos ficarão sabendo amanhã, quando você mostrar seu passaporte. Qual é o

problema? Está com vergonha *de si mesmo*? Vamos descer. Jogue sua roupa suja aí no chão. Eu avisarei madame Annette e ela deixará tudo pronto para amanhã de manhã.”

Frank voltou ao quarto de hóspedes e Tom desceu para a sala de visitas. O dia estava lindo, e as portas-janelas que davam para o jardim estavam abertas.

“É claro, eu soube pelas fotografias. Vi duas”, disse Heloise. “Madame Annette me mostrou a primeira. Por que ele fugiu?”

Nesse momento, Mme. Annette entrou com a bandeja do chá.

“Ele queria se afastar de casa por uns tempos. Pegou o passaporte do irmão mais velho quando fugiu. Mas ele vai voltar para casa amanhã, vai voltar para os Estados Unidos.”

“Ahn?”, exclamou Heloise, surpresa. “Vai, é?”

“Acabei de conhecer Johnny, irmão dele... e o detetive que a família contratou. Eles estão no Hôtel Lutetia em Paris. Fiquei em contato com eles desde Berlim.”

“Berlim? Pensei que você estivesse em Hamburgo... na maior parte do tempo.”

O garoto descia a escada.

Heloise serviu o chá. Mme. Annette havia voltado para a cozinha.

“Eric mora em Berlim, você sabe”, continuou Tom. “Eric Lanz, que esteve aqui na semana passada. Sente-se, Frank.”

“O que vocês estavam fazendo em Berlim?”, perguntou Heloise, como se o lugar fosse um posto militar avançado, ou um lugar que uma pessoa em férias jamais sonharia em visitar.

“Ah... só passeando.”

“Você está feliz de voltar para casa, Frank?”, perguntou Heloise enquanto lhe servia um pedaço de bolo de laranja.

O garoto estava passando por um mau momento, e Tom fingiu não perceber. Levantou-se do sofá e foi olhar a pilha de cartas que estavam onde Mme. Annette sempre as colocava, ao lado do telefone. Havia apenas umas seis ou oito, e algumas pareciam ser contas. Uma delas era de Jeff Constant, e Tom ficou curioso de saber do que se tratava, mas não a abriu.

“Você falou com sua mãe quando estava em Berlim?”, perguntou Heloise a Frank.

“Não”, disse Frank, engolindo o bolo como se fosse um pedaço de madeira.

“E como estava Berlim?” Heloise voltou-se para Tom agora.

“Não há nada no mundo igual. Como dizem de Veneza”, disse Tom. “Todo mundo faz o que quer. Não é mesmo, Frank?”

Frank esfregou o nó dos dedos no olho esquerdo e espreguiçou-se.

Tom desistiu. “Ei... Frank. Suba e tire uma soneca. Eu insisto. Por favor.” E para Heloise: “Reeves nos manteve acordados até tarde ontem à noite em Hamburgo. Eu o chamarei para o jantar, Frank”.

Frank levantou-se, fez uma leve reverência para Heloise, evidentemente com a garganta apertada demais para dizer qualquer coisa.

“Algum problema?”, sussurrou Heloise. “Lá em Hamburgo... ontem à noite?”

O garoto já havia subido.

“Bem... Hamburgo não interessa. Frank foi seqüestrado no domingo passado em Berlim. Só consegui pegá-lo na madrugada de terça-feira. Eles deram a ele...”

“Seqüestrado?”

“Sei que não saiu nos jornais. Os seqüestradores deram a ele muitos sedativos, e ele ainda está sentindo o efeito.”

Heloise estava atônita, piscando novamente mas de um jeito diferente, os olhos tão abertos que Tom podia ver as finas veias azul-escuras que irradiavam da pupila até a íris. “Não, não fiquei sabendo nada sobre seqüestro. A família dele pagou um resgate?”

“Não. Bem, sim, mas não foi entregue. Eu conto tudo para você em outra hora, quando estivermos sozinhos. De repente você me fez lembrar do Druckfisch do aquário de Berlim. Um peixinho surpreendente! Você vai ver umas fotos dele que eu comprei! Tem *cílios*... como se alguém os tivesse desenhado em volta dos olhos. Bem compridos!”

“Eu *não tenho* cílios compridos! Tom, sobre esse seqüestro. O que você quer dizer com não conseguir pegá-lo?”

“Outra hora eu lhe conto os detalhes. Não estamos machucados, como você pode ver.”

“E a mãe dele, sabe disso tudo?”

“Teve que saber, porque o dinheiro precisou ser arranjado. Eu só... comecei a contar isso para explicar a você porque o garoto está meio estranho hoje. Ele...”

“Ele é muito estranho. Em primeiro lugar, por que fugiria de casa? Você sabe?”

“Não. Não mesmo.” Tom sabia que nunca contaria a Heloise o que o garoto lhe contara. Havia um limite para o que Heloise devia saber, e Tom o conhecia muito bem, como uma marca em uma régua.

Tom leu a carta de Jeff Constant, e ficou mais tranqüilo, porque Jeff se comprometia com firmeza a cuidar para que os esboços totalmente malsucedidos e inacabados feitos pelo sucessor de Bernard Tufts imitando Derwatt fossem “rasgados”. Os esforços do falsário pareciam inesgotáveis. Tom deu uma olhada na estufa, colheu um tomate maduro que escapara da atenção de Mme. Annette, tomou um banho e colocou um jeans limpo. Também ajudou Heloise a polir um cabide que ela comprara em algum lugar. Na parte de cima do cabide havia ganchos de madeira com ponteiras de metal que lembraram a Tom os chifres das vacas do Oeste americano. Para surpresa de Tom, o objeto tinha realmente vindo dos Estados Unidos, segundo Heloise lhe contou, e isso devia ter feito o preço subir, mas ele não perguntou nada. Heloise havia gostado do cabide porque seu estilo rústico americano criava um contraste engraçado com o resto da casa.

Por volta das oito, Tom chamou Frank para jantar, e abriu duas cervejas para eles. Frank não conseguira dormir, mas Tom esperava que tivesse ao menos cochilado. Tom recebeu notícias da família de Heloise: a mãe dela estava muito bem, não seria necessária uma cirurgia, mas o médico a colocara em um regime de comidas sem sal e sem frituras, a tradicional receita médica francesa, pensou Tom, quando o médico não sabia mais o que dizer ou o que fazer. Heloise disse que havia ligado para eles naquela tarde para dizer que não iria jantar lá, porque Tom acabara de chegar.

Tomaram café na sala de visitas.

“Vou colocar aquele disco de que você gosta”, disse Heloise para Frank, colocando o *Transformer*, de Lou Reed. A música sobre maquiagem, *Make-up*, era a primeira do lado B:

Your face when sleeping is sublime,

*And then you open up your eyes...
Then comes pancake Factor Number One
Eyeliner rose lips, oh, it's such fun!
You're a slick little girl...*

Frank tomou o café de cabeça baixa o tempo todo.

Tom procurou uma caixa de charutos sobre a mesinha do telefone, mas não estava lá. Talvez tivesse acabado. E os novos que ele havia comprado estavam no quarto. Não estava com tanta vontade que se dispusesse a ir buscá-los. Tom não achou que fosse uma boa idéia colocar aquele disco, porque sabia que faria Frank se lembrar de Teresa. O garoto parecia estar sofrendo em seu íntimo, e Tom se perguntou se ele gostaria de “pedir licença” e sair, ou ficar na companhia deles apesar da música. Talvez a segunda música fosse mais fácil para ele.

*Sa — tel — lite...
Gone way up to Mars...
I've been told that you've been bold
With Harry, Mark and John...
Things like that drive me out of my mind...
I watched it for a little while...
I love to watch things on TV...*

A voz americana clara continuou cantando, os versos leves e simples, mas que também poderiam ser interpretados como a expressão de uma crise pessoal. Tom fez um sinal para Heloise, pedindo que desligasse o som, e levantou-se da poltrona. “Eu gosto desse disco, mas... que tal um pouco de música clássica? Talvez Albéniz. Quero ouvir esse disco.” Tinham uma nova gravação da *Suite Iberia* tocada ao piano por Michel Block, cuja performance superava a de todos os seus contemporâneos, segundo a maioria dos críticos. Heloise colocou o disco. Bem melhor! Aquilo era poesia musical, liberta de palavras humanas com mensagem. Os olhos de Frank encontraram-se com os de Tom por um instante, e Tom viu neles um brilho de gratidão.

“Eu vou subir”, disse Heloise. “Boa noite, Frank. Ainda vejo você amanhã de manhã, não?”

Frank levantou-se. “Sim. Boa noite, Heloise.”

Ela subiu.

Tom percebeu que o fato de Heloise ter subido cedo era uma dica para que ele fizesse o mesmo. Ela queria lhe fazer mais algumas perguntas, é claro.

O telefone tocou, e Tom abaixou o volume e atendeu. Era Ralph Thurlow em Paris, querendo saber se Tom e o garoto haviam chegado bem, e Tom assegurou-lhe que estava tudo bem.

“Fiz reserva para um vôo que sai amanhã de Roissy às doze e quarenta e cinco”, disse Thurlow. “Pode cuidar para que Frank esteja lá? Ele está aí? Eu gostaria de falar com ele.”

Tom olhou para Frank, que fez um vigoroso gesto de negativa. “Ele está lá em cima e acho que já está dormindo, mas posso garantir que ele estará em Paris. Qual companhia?”

“TWA, vôo 562. Acho que seria mais fácil se Frank viesse para o Lutetia entre dez e dez e meia amanhã e nós tomaríamos um táxi daqui.”

“Está bem, combinado.”

“Não falei nada esta tarde, senhor Ripley, mas tenho certeza de que o senhor teve algumas despesas. É só me informar e cuidarei da questão. Pode me escrever aos cuidados da senhora Pierson. Frank pode lhe dar o endereço.”

“Obrigado.”

“Vou vê-lo amanhã também? Eu preferiria que o senhor... é... trouxesse Frank aqui”, disse Thurlow.

“Tudo bem, senhor Thurlow.” Tom estava sorrindo quando desligou. Disse a Frank: “Thurlow reservou passagens para amanhã, lá pelo meio-dia. Você tem que ir para o hotel lá pelas dez. Isso é fácil. Há muitos trens pela manhã. Ou posso levá-lo de carro”.

“Ah, não”, disse Frank educadamente.

“Mas você vai, não é?”

“Vou, sim.”

Tom sentiu um alívio que tentava esconder.

“Eu estava pensando em pedir que o senhor viesse comigo... mas isso seria demais, acho.” As mãos de Frank estavam fechadas dentro dos bolsos da calça, e o queixo dele parecia tremer.

Ir com ele para onde, perguntou-se Tom. “Sente-se, Frank.”

O garoto não quis se sentar. “Tenho que enfrentar tudo, sei disso.”

“O que você quer dizer com tudo?”

“Contar-lhes o que fiz... em relação ao meu pai”, respondeu Frank, como se fosse sua sentença de morte.

“Eu falei para você não contar”, disse Tom em voz baixa, embora soubesse que Heloise estava no andar de cima, no quarto ou no banheiro, que ficava na parte de trás da casa. “Você não precisa contar, e sabe disso, então por que tocar no assunto novamente?”

“Se eu tivesse Teresa, juro que não contaria. Mas não tenho nem mesmo a ela.”

Lá estava o impasse novamente, pensou Tom. Teresa.

“Talvez eu me mate. O que mais posso fazer? Não estou dizendo isso ao senhor como uma ameaça, uma ameaça imbecil.” Olhou nos olhos de Tom. “Só estou sendo razoável. Hoje à tarde eu fiz um balanço de minha vida.”

Aos dezesseis anos. Tom acenou com a cabeça, mas disse que não acreditava. “Pode ser que a situação com Teresa não esteja totalmente perdida. Talvez ela só esteja interessada, ou pense que está interessada, por outra pessoa durante algumas semanas. Garotas gostam de brincar, sabe como é. Mas certamente ela sabe que você é sério.”

Frank sorriu um pouco. “E de que me adianta isso? Esse outro cara é *mais velho*.”

“Escute aqui, Frank...” Adiantaria alguma coisa manter o garoto mais um dia em Belle Ombre e tentar colocar algum bom senso na cabeça dele? Tom imediatamente duvidou do sucesso dessa possibilidade. “A única coisa que você não precisa fazer... é contar para alguém.”

“Acho que isso eu tenho que decidir sozinho”, disse Frank com surpreendente frieza.

Tom se perguntou se não deveria ir para os Estados Unidos com Frank, observar como ele ia se sair nos primeiros dias com a mãe e se assegurar de que o garoto não contaria nada. “E se eu fosse com você amanhã?”

“Para Paris?”

“Para os Estados Unidos.” Tom esperara um relaxamento da tensão do garoto, algum tipo de alívio evidente, mas Frank simplesmente deu de ombros.

“Certo, mas no final de que adianta...”

“Frank, você não vai entregar os pontos. Tem alguma objeção a que eu vá?”

“Não. O senhor é o único amigo que eu tenho.”

Tom balançou a cabeça. “Eu não sou seu único amigo, sou apenas a única pessoa com quem você conversou. Tudo bem, eu irei com você, e vou contar a Heloise neste instante. Agora venha para cima, durma um pouco. Está bem?”

O garoto subiu com Tom, que disse: “Boa noite, vejo você amanhã”, e foi para o quarto de Heloise e bateu na porta. Ela estava na cama, recostada em travesseiros e apoiada em um dos cotovelos, lendo um livro. Tom reparou que era o volume já gasto que tinham dos *Poemas escolhidos* de Auden. Ela dizia que gostava dos versos de Auden porque eram “claros”. Era uma hora estranha para ler poesia, pensou Tom, mas talvez não fosse. Ele observou os olhos dela vagarem de volta para o presente, para ele e para Frank.

“Vou para os Estados Unidos com Frank amanhã”, disse Tom, “provavelmente por uns dois ou três dias.”

“Por quê? Tom, você não me contou muita coisa. Quase nada.” Ela jogou o livro de lado, mas sem raiva.

De repente Tom percebeu que havia algo que poderia contar a Heloise. “Ele está apaixonado por uma garota nos Estados Unidos, e a garota recentemente começou a namorar outra pessoa, então o garoto está muito deprimido.”

“Essa é a razão para você ir para os Estados Unidos com ele? O que na verdade aconteceu em Berlim? Você ainda o está protegendo de... uma gangue?”

“Não! Aconteceu um seqüestro em Berlim. Quando Frank e eu estávamos dando um passeio em uma das florestas de lá. Eu e ele nos separamos por um minuto ou dois, e eles o agarraram. Marquei um encontro com os seqüestradores...” Tom fez uma pausa. “De qualquer

forma, consegui tirar Frank do apartamento deles. Ele estava muito sonolento por causa dos sedativos... ainda está um pouco.”

Heloise parecia incrédula. “Tudo isso em Berlim... na cidade?”

“Sim, Berlim Ocidental. É maior do que se pensa.” Tom havia sentado no pé da cama de Heloise, mas levantou-se. “E você não tem que se preocupar com amanhã, porque eu volto logo e... quando é que você vai embarcar naquele cruzeiro? É só no final de setembro, não é?” Estavam no dia primeiro de setembro.

“No dia 28. Tom, o que está realmente preocupando você? Acha que eles vão tentar seqüestrar o garoto de novo? As mesmas pessoas?”

Tom riu. “Não, com certeza, não! Eram um bando de delinqüentes juvenis em Berlim! Só quatro deles. E tenho certeza de que estão bastante assustados, escondidos.”

“Você não está me contando tudo.” Heloise não estava brava, nem sarcástica, mas uma mistura das duas coisas.

“Talvez não, mas mais tarde eu conto.”

“Foi isso que você disse sobre...” Heloise parou de falar e olhou para as mãos.

Murchinson? O desaparecimento que ainda não fora explicado? O americano que Tom havia matado na adega de Belle Ombre, acertando-o na cabeça com uma garrafa de vinho. Uma garrafa de excelente Margaux, lembrou-se Tom. Não, ele nunca contara a Heloise sobre como arrastara o cadáver de Murchinson para fora, nem nunca contara a verdade sobre a grande mancha vermelha escura que se recusava a sair do chão de cimento da adega, e que não fora totalmente causada por vinho. Tom esfregara o lugar muitas vezes. “De qualquer forma...” Tom foi na direção da porta.

Heloise ergueu os olhos para ele.

Tom ajoelhou-se ao lado da cama, abraçou-a da maneira que pôde e pressionou o rosto contra o lençol que a cobria.

Ela passou os dedos no cabelo dele. “Existe algum tipo de perigo nisso tudo? Você não pode me dizer?”

Tom percebeu que não tinha aquela resposta. “Perigo nenhum.” Levantou-se. “Boa noite, querida.”

Quando Tom saiu no corredor, viu que a luz do quarto do garoto ainda estava acesa. Tom ia passando quando a porta do quarto de

hóspedes se entreabriu. Frank o chamou. Tom entrou e o garoto fechou a porta. Frank estava de pijama, a cama estava pronta, mas ele ainda não havia deitado.

“Acho que me comportei como um covarde lá embaixo”, disse Frank. “Acho que foi a maneira como eu disse as coisas. Com as palavras erradas. E quase chorando, meu Deus!”

“E daí? Não faz mal.”

O garoto atravessou o tapete, olhando os pés descalços. “Tenho vontade de me perder. Não é tanto uma vontade de me matar, mas de desaparecer. Acho que é por causa de Teresa. Se eu pudesse me transformar em vapor... sabe como é?”

“Você quer dizer perder sua identidade? Perder o quê?”

“Tudo. Certa vez em que eu estava com Teresa, pensei ter perdido minha carteira.” Frank sorriu de repente. “Estávamos almoçando em um restaurante em Nova York, e eu queria pagar a conta e não conseguia encontrar minha carteira. Tinha a sensação de que a havia tirado do bolso um pouco antes da hora, e talvez ela tivesse caído no chão. Olhei debaixo da mesa... era uma espécie de bancada... e não consegui encontrá-la, então pensei que talvez a tivesse deixado em casa! Acho que estou sempre baratinado quando estou com Teresa. É isso que acontece... fico querendo desmaiar. Sempre que a vejo... todas as vezes... eu me sinto como se não conseguisse respirar!”

Tom fechou os olhos por um segundo, para demonstrar compreensão. “Você nunca deve mostrar que está nervoso para uma garota, Frank, mesmo que se sinta nervoso.”

“Sim, senhor. De qualquer forma, naquele dia, Teresa disse: ‘Tenho certeza de que você não a perdeu, procure de novo’, e àquela altura até mesmo o garçom estava me ajudando, e Teresa disse que poderia pagar a conta, e quando ela abriu a bolsa, descobriu que eu havia colocado a carteira lá, porque eu a tirara do bolso antes do tempo e estava nervoso. É assim que as coisas sempre aconteceram com Teresa. Eu achava que as coisas estavam péssimas... e então elas ficavam ótimas.”

Tom entendia. E Freud também poderia ter entendido. Será que essa garota era realmente ótima para Frank? Tom duvidava disso.

“Eu poderia lhe contar outra história como essa, mas não quero entediá-lo.”

Aonde ele estava querendo chegar? Ou será que só queria falar sobre Teresa?

“Eu realmente quero deixar tudo para trás, Tom. Até mesmo a minha vida, sim. É difícil para mim colocar em palavras. Talvez eu pudesse explicar para Teresa ou pelo menos dizer alguma coisa, mas agora ela nem se importa. Aborreceu-se comigo.”

Tom tirou o maço de cigarros do bolso e acendeu um. O garoto estava em um mundo onírico e precisava de uma dose de realidade. “Enquanto penso, Frank, onde está o passaporte de Andrews? Posso pegar?” Tom apontou para uma cadeira onde estava pendurada a jaqueta de Frank.

“Pode pegar, está ali”, disse o garoto.

Tom tirou-o de um bolso interno. “Isto vai voltar para Reeves.” Tom pigarreou e disse: “Será que eu deveria lhe contar que uma vez matei um homem nesta casa? Terrível, não é? Debaixo deste teto. Eu poderia lhe contar o motivo. Aquele quadro lá embaixo, que está em cima da lareira, *Homem na cadeira...*” De repente Tom percebeu que não poderia contar a Frank que era uma falsificação, e que muitos dos Derwatts em circulação eram falsos. Frank poderia contar isso para alguém, daqui a alguns meses ou anos.

“Sim, eu gosto dele”, disse Frank. “O homem tentou roubá-lo?”

“Não!” Tom jogou a cabeça para trás e riu. “Não vou dizer mais nada. De certa forma nós somos parecidos, não acha, Frank?” Será que vira algum alívio nos olhos do garoto ou não? “Boa noite, Frank. Acordo você lá pelas oito.”

No quarto, Tom descobriu que Mme. Annette havia desfeito sua mala, e ele teria que recomendar a arrumá-la novamente, com o aparelho de barba e tudo o mais. O presente de Heloise, a bolsa azul, estava sobre a escrivaninha agora, ainda na sacola plástica branca. Estava em uma caixa, e Tom decidiu colocá-la no quarto de Heloise no dia seguinte, sem que ela percebesse, para que ela a encontrasse depois que ele tivesse partido. Eram onze e cinco. Tom desceu para telefonar para Thurlow, embora houvesse um telefone no quarto.

Johnny atendeu e disse que Thurlow estava tomando banho.

“Seu irmão quer que eu vá com ele amanhã, então eu vou”, disse Tom. “Para os Estados Unidos.”

“Ah! É mesmo? Ora!” Johnny pareceu contente com a notícia. “Ralph vem vindo. É Tom Ripley”, disse Johnny, passando o telefone para Thurlow.

Tom explicou a situação novamente. “Você acha que pode me conseguir um lugar no mesmo vôo, ou eu mesmo tento esta noite?”

“Não, pode deixar comigo. Tenho certeza de que consigo”, disse Thurlow. “Isso foi idéia do Frank?”

“Foi ele quem quis, sim.”

“Está certo, Tom. Vejo você amanhã, lá pelas dez.”

Tom tomou outro banho quente e não via a hora de poder dormir. Na manhã daquele mesmo dia ele estivera em Hamburgo, e o que o velho Reeves estaria fazendo naquele momento? Fechando mais algum negócio com alguém em seu apartamento, tomando vinho branco? Tom decidiu arrumar a mala no dia seguinte.

Na cama e com a luz apagada, Tom se viu refletindo sobre o conflito de gerações, ou pelo menos tentou. Isso não acontecia em todas as gerações? E as gerações não se sobrepunham, de maneira que nunca se podia apontar um período de mudança definido de vinte e cinco anos? Tom tentou imaginar como era para Frank ter nascido quando os Beatles estavam começando em Londres (depois de Hamburgo), para depois irem para os Estados Unidos e mudar o rumo das canções pop; ter cerca de sete anos quando um homem aterrissara na Lua; quando a ONU, que deveria ser um órgão de manutenção da paz mundial, começava a ser alvo de zombarias e manipulações. E, antes disso, o mesmo não acontecera com a Liga das Nações? Isso era história antiga: a Liga das Nações, que não conseguira deter Franco e Hitler. Era como se toda geração tivesse que perder alguma coisa, para então tentar desesperadamente encontrar alguma coisa a que se apegar. Agora para os jovens eram os gurus, às vezes, ou o Hare Krishna, ou a seita do reverendo Moon, e música pop o tempo todo — e às vezes as canções de protesto social lhes chegavam à alma. No entanto, apaixonar-se estava fora de moda. Tom ouvira isso ou lera em algum lugar, mas com certeza não da boca de Frank. O garoto era incomum até por admitir que estava apaixonado. “Fique frio, nada de emoções fortes”, era o

lema da juventude. Muitos jovens não acreditavam em casamento, somente em viver juntos e, às vezes, ter filhos.

Mas onde estava ele? Frank disse que queria sumir. Será que queria dizer libertar-se das responsabilidades da família Pierson? Suicídio? Mudar de identidade? A que Frank queria se apegar? O sono de Tom colocou um fim a seus esforços para responder a essas perguntas. Lá fora uma coruja piava: Ú-úú, Ú-úú! Era começo de setembro, e Belle Ombre aos poucos entrava no outono e no inverno.

Heloise levou Tom e Frank de carro até a estação ferroviária de Moret, e tinha se oferecido para levá-los a Paris. Mas ela ia para Chantilly naquela noite, ver os pais, então Tom a convenceu de que não precisava ir até Paris. Ela despediu-se dos dois com desejos de boa viagem, e Tom reparou que ela deu um beijo extra em Frank.

Tom não conseguiu comprar um *France-Dimanche*, o jornal de fofocas, na estação de Moret, mas foi a primeira coisa que fez quando chegaram à Gare de Lyon. Passava um pouco das nove, e Tom parou na estação para dar uma olhada no jornal. Encontrou Frank Pierson na página dois, com a conhecida fotografia do passaporte em uma coluna. A manchete dizia HERDEIRO AMERICANO DESAPARECIDO ESTAVA EM FÉRIAS NA ALEMANHA. Tom leu toda a coluna, preocupado em encontrar seu nome, mas não achou nada. Será que Ralph Thurlow finalmente havia conseguido fazer alguma coisa que prestasse? Tom sentiu-se aliviado.

“Nada de especial”, disse Tom a Frank. “Quer ver?”

“Não, não quero, obrigado.” Frank ergueu a cabeça no que pareceu ser um esforço deliberado. Ele estava novamente deprimido.

Entraram na fila de táxis e foram para o Lutetia. Thurlow estava na recepção, assinando um cheque para pagar a conta.

“Bom dia, Tom! Oi, Frank! Johnny está lá em cima para garantir que toda a bagagem seja trazida para baixo.”

Tom e Frank esperaram. Johnny saiu de um elevador carregando algumas sacolas de uma companhia aérea. Sorriu para o irmão. “Você viu o *Tribune* de hoje?”

Eles tinham saído muito cedo de Belle Ombre, e Tom nem pensara em comprá-lo. Johnny informou ao irmão que o *Tribune* dizia que ele fora encontrado na Alemanha, em férias. E onde Frank deveria estar agora?, perguntou-se Tom, sem verbalizar a pergunta.

Frank disse: “Eu sei”, e pareceu constrangido.

Precisaram de dois táxis. Frank queria ir com Tom, mas Tom sugeriu que ele fosse com o irmão. Tom queria conversar com Ralph Thurlow, e aquela poderia ser uma boa oportunidade.

“Você conhece os Pierson há muito tempo?”, começou ele, num tom cordial.

“Conheço. Conheci John há uns cinco ou seis anos. Eu era sócio de Jack Diamond. Detetive particular. Jack voltou para San Francisco, que é de onde vim, mas eu continuei em Nova York.”

“Estou contente pelo fato de os jornais não terem dado muita atenção para o reaparecimento de Frank. Isso se deve aos seus esforços?”, perguntou Tom, ansioso por elogiar Thurlow, se pudesse.

“Espero que sim.” Thurlow demonstrou satisfação. “Fiz o melhor que pude para abafar tudo. Espero que não haja jornalistas no aeroporto. Sei que Frank odeia essas coisas.”

Thurlow exalava um odor masculino forte, e Tom afastou-se um pouco no banco do carro. “Que tipo de homem era John Pierson?”

“Ah...” Thurlow acendeu um cigarro lentamente. “Um gênio, tenho certeza disso. Talvez eu não consiga entender muito bem pessoas como ele. Vivia para o trabalho... e para o dinheiro, que era como uma meta para ele. Talvez lhe desse segurança emocional, até mais do que a própria família. Mas ele *com certeza* entendia de negócios. E se fez sozinho, também, não teve pai rico para ajudar. John começou comprando uma mercearia que ia falir em Connecticut, e começou dali, sempre no ramo de alimentos.”

Tom sempre ouvira falar que comida era uma fonte de segurança emocional. Continuou ouvindo.

“No primeiro casamento... ele se casou com uma garota rica de Connecticut. Acho que ela o aborrecia. Felizmente não tiveram filhos. Depois ela conheceu outro homem, talvez com um pouco mais de tempo para ela. Então eles se divorciaram. Sem alarde.” Thurlow olhou para Tom. “Eu não conhecia John nessa época, mas ouvi contar essas histórias. John sempre trabalhou muito, sempre quis o melhor para si e para a família.” Thurlow falava de maneira respeitosa.

“Ele era um homem feliz?”

Thurlow olhou pela janela e balançou a cabeça. “Quem pode ser feliz tentando administrar tanto dinheiro? É como um império. Uma

ótima esposa, Lily, filhos ótimos, casas ótimas em toda parte... talvez isso fosse apenas um acaso para um homem como ele. Eu não sei. Ele com certeza era mais feliz do que Howard Hughes.” Thurlow riu. “Aquele sujeito perdeu a cabeça!”

“Por que você acha que John Pierson se matou?”

“Não tenho certeza de que ele tenha se matado.” Thurlow olhou para Tom. “Como assim? Foi Frank quem disse isso?”, perguntou ele calmamente.

Será que Thurlow o estava sondando? Tentando sondar Frank? Tom também balançou a cabeça com lentidão proposital, muito embora o táxi estivesse naquele momento desviando abruptamente de um caminho para ultrapassá-lo na *périphérique*, enquanto rumavam para o norte. “Não, Frank não disse nada. Disse o que os jornais disseram, que pode ter sido um acidente ou suicídio. Qual é a sua opinião?”

Thurlow pareceu ponderar, mas Tom percebeu que seus lábios finos formaram um sorriso, de aparente certeza. “Eu acho que foi suicídio, e não acidente. Mas realmente *não sei*”, garantiu ele a Tom, “é apenas o meu palpite. Ele já estava com mais de sessenta anos. Como pode um homem ser feliz em uma cadeira de rodas... durante uma década... semiparalítico? John sempre tentava ser alegre... mas e se ele estava cansado? Não sei. Sei que ele havia ido centenas de vezes àquele penhasco. Não havia nenhum vento forte que o empurrasse para baixo naquele dia.”

Tom estava satisfeito. Thurlow não parecia desconfiar de Frank. “E Lily? Como ela é?”

“Ela está em um outro mundo. Era atriz quando John a conheceu. Por que a pergunta?”

“Porque acho que vou conhecê-la”, disse Tom, sorrindo. “Ela tem um favorito entre os dois garotos?”

Thurlow sorriu, diante da pergunta fácil. “Você deve achar que eu conheço a família muito bem, mas nem tanto.”

Tom resolveu encerrar o assunto. Eles haviam saído da *périphérique* em Porte de la Chapelle e começaram o aborrecido trecho de quinze quilômetros em direção ao horror chamado aeroporto Charles de Gaulle, quase tão ofensivo aos olhos de Tom quanto o Beaubourg, mas pelo menos dentro do Beaubourg havia coisas lindas de se olhar.

“Em que ocupa o seu tempo, senhor Ripley?”, perguntou Thurlow. “Alguém me disse que o senhor não tem um emprego fixo. Sabe como é, um escritório ou...”

Aquela pergunta era fácil para Tom, porque ele a havia respondido muitas vezes. Havia a jardinagem, ele estava estudando cravo, gostava de ler obras em francês e alemão, e estava constantemente tentando aperfeiçoar o conhecimento que tinha dessas línguas. Podia sentir que Thurlow o olhava como se ele fosse um marciano, provavelmente não gostando do que ouvia. Tom não se incomodava de maneira alguma. Já havia encontrado gente pior do que Thurlow. Sabia que Thurlow o considerava quase um vigarista, que tivera a sorte de se casar com uma francesa rica. Um gigolô, talvez, um aproveitador, um vadio e parasita. Tom manteve uma expressão amena no rosto, uma vez que nos próximos dias poderia precisar da ajuda de Thurlow, ou até mesmo de sua lealdade. Será que alguma vez Thurlow tivera que batalhar tanto por alguma coisa quanto Tom tivera que batalhar para proteger o nome de Derwatt — na verdade as falsificações de Derwatt, mas é claro que a primeira metade dos quadros *não* era falsa. Será que Thurlow já havia matado um ou dois mafiosos, como ele fizera? Ou agora era mais correto chamá-los de “criminosos organizados”, aqueles cafetões sádicos e chantagistas?

“E Susie?” Tom retomou a conversa cordialmente. “Suponho que você a conheça.”

“Susie? Ah, Susie, a empregada. Claro. Ela está com eles há muitos anos. Já está muito velha, mas eles não querem... aposentá-la.”

No aeroporto eles não conseguiram carrinhos de bagagem, então carregaram tudo nas mãos até o balcão da TWA. De repente, dois ou três fotógrafos agacharam-se com câmeras dos dois lados da fila. Tom abaixou a cabeça e viu Frank cobrir o rosto calmamente com uma das mãos. Thurlow balançou a cabeça, solidário com Tom. Um jornalista abordou Frank em um inglês com sotaque francês:

“Aproveitou suas férias na Alemanha, monsieur Pierson? Tem algo a dizer sobre a França? Por que... por que o senhor tentou se esconder?”

Uma máquina fotográfica grande e preta estava pendurada no pescoço do homem, e Tom teve vontade de agarrá-la e quebrá-la na

cabeça do sujeito, mas ele a ergueu e tirou uma foto de Frank no instante em que o garoto lhe dava as costas.

Terminado o *check-in*, Thurlow assumiu a dianteira do grupo de uma forma que Tom admirou, abrindo caminho no meio da imprensa — quatro ou cinco repórteres agora — como se fosse um atacante de futebol americano, enquanto se dirigiam para as escadas rolantes do portão 5, onde ficava o controle de passaportes, o que lhes daria alguma proteção contra os curiosos.

“Vou me sentar ao lado do meu amigo”, disse Frank com firmeza para a aeromoça depois que todos haviam embarcado. Ele se referia a Tom.

Tom deixou Frank cuidar da situação, e um homem ofereceu-se para trocar de lugar, assim eles ficaram lado a lado em uma fileira de seis lugares. Tom ficou na poltrona do corredor. Não era um Concorde, e Tom não ia apreciar as próximas sete horas. Pensou que era estranho que Thurlow não tivesse comprado passagens na primeira classe.

“Sobre o que você e Thurlow conversaram?”, perguntou Frank.

“Nada importante. Ele quis saber o que faço no dia-a-dia.” Tom riu. “E você e Johnny?”

“Também nada importante”, respondeu Frank, de maneira lacônica, mas Tom já conhecia o garoto e não se importou.

Tom esperava que Frank e Johnny não tivessem conversado sobre Teresa, porque Johnny parecia não ser muito compreensivo quando o assunto era amores perdidos. Tom havia trazido três livros para ler, que estavam em uma sacola de tecido xadrez. No avião havia as inevitáveis e incansáveis criancinhas — as três americanas —, que começaram a correr para cima e para baixo pelo corredor. Tom pensou que Frank e ele poderiam escapar à bagunça que elas fariam por estarem sentados a pelo menos dezoito fileiras de distância de onde as crianças estavam. Tom tentou ler, cochilar, pensar — embora nem sempre fosse bom tentar pensar. A inspiração e as idéias boas e produtivas raramente apareciam dessa maneira. Tom acordou de um cochilo com a expressão “*Domínio de cena!*” ecoando em seus ouvidos ou em seu cérebro. Ergueu o corpo e piscou para um faroeste que passava em uma tela no meio do avião, cujo som ele não podia ouvir pois recusara

os fones de ouvido. Como assim, domínio de cena? O que ele ia fazer na casa dos Pierson?

Tom retomou o livro. Quando uma das detestáveis crianças de quatro anos passou correndo por ele pela milionésima vez, balbuciando coisas sem sentido, Tom esticou a perna e colocou discretamente o pé no corredor. O monstinho caiu de barriga e começou a urrar como se fosse um animal agonizante. Tom fingiu que estava dormindo. Uma aeromoça entediada veio de algum lugar para levantar o pestinha. Tom viu o sorriso de satisfação de um homem que estava do outro lado do corredor. Não estava sozinho. A criança foi levada de volta para sua poltrona, sem dúvida para se recuperar ou, como diziam os franceses, *pour mieux sauter*. Se isso acontecesse, Tom deixaria para outro passageiro o prazer de fazê-la tropeçar.

Chegaram a Nova York no começo da tarde. Tom levantou-se para olhar pela janela, sempre impressionado com os arranha-céus de Manhattan encobertos por nuvens brancas e amareladas, o que os tornava enevoados como uma pintura impressionista. Lindo e admirável! Em lugar nenhum do mundo havia tantos prédios altos em uma área tão pequena! Então aterrissaram com uma pancada seca e seguiram como gado por todas as etapas até saírem do aeroporto: passaportes, bagagens, revista. Em seguida encontraram o homem de bochechas rosadas que Frank identificou para Tom como Eugene, o motorista. Baixo e um pouco careca, Eugene pareceu contente por ver Tom.

“Frank! Você está bem?” Eugene parecia amigável e ao mesmo tempo educado e correto. Tinha sotaque britânico e usava roupas comuns: camisa e gravata. “Senhor Thurlow! Como vai? Johnny!”

“Oi, Eugene”, disse Thurlow. “E este é Tom Ripley.”

Tom e Eugene cumprimentaram-se, e Eugene continuou: “A senhora Pierson teve que ir a Kennebunkport hoje de manhã. Susie não estava se sentindo bem. A senhora Pierson disse que podem escolher entre passar a noite no apartamento ou pegar um helicóptero agora mesmo no heliporto”.

Estavam todos ao sol, as bagagens na calçada, segurando a bagagem de mão. Tom, pelo menos, segurava a sua.

“Quem está no apartamento?”, perguntou Johnny.

“No momento ninguém, senhor. Flora está em férias”, disse Eugene. “Na verdade, temos deixado o apartamento fechado. A senhora Pierson disse que *talvez* viesse no meio da semana, caso Susie...”

“Vamos para o apartamento”, interrompeu Thurlow. “De qualquer forma, fica no caminho. Tudo bem para você, Johnny? Quero telefonar para o escritório. Talvez eu tenha que dar uma passada por lá.”

“Claro, tudo bem. Também quero olhar minha correspondência”, disse Johnny. “Qual é o problema com Susie, Eugene?”

“Não tenho muita certeza, senhor. Parece que ela teve um princípio de infarto. Sei que mandaram chamar o médico. Isso foi ao meio-dia de hoje. Sua mãe telefonou. Eu a trouxe ontem para cá e passamos a noite no apartamento. Ela queria encontrar vocês em Nova York.” Eugene sorriu. “Vou buscar o carro. Volto logo.”

Tom se perguntou se teria sido o primeiro infarto de Susie. Supôs que Flora fosse uma das empregadas. Eugene voltou, dirigindo um grande Daimler-Benz preto, e todos entraram. Havia espaço até para a bagagem. Frank sentou na frente com Eugene.

“Está tudo bem, Eugene?”, perguntou Johnny. “E minha mãe?”

“Ah, sim, senhor, acho que sim. Ela estava preocupada com Frank... é claro.” Eugene dirigia com eficiência e seriedade, o que fez Tom lembrar um manual da Rolls-Royce que havia lido certa vez, informando aos motoristas que nunca deveriam apoiar o cotovelo sobre a janela porque era deselegante.

Johnny acendeu um cigarro e apertou alguma coisa no estofamento de couro que fez aparecer um cinzeiro. Frank estava calado.

Terceira Avenida. Lexington. Manhattan parecia uma colméia, se comparada a Paris, com pequenas células com intensa atividade em toda parte, insetos humanos entrando e saindo, carregando coisas, descarregando, caminhando, trombando uns nos outros. Na frente de um prédio, onde um toldo se estendia até o meio-fio, o carro estacionou, e um porteiro sorridente de uniforme cinza abriu a porta do carro, após tocar o quepe com a ponta dos dedos.

“*Boa tarde*, senhor Pierson”, disse o porteiro.

Johnny cumprimentou-o pelo nome. Portas de vidro, e em seguida estavam subindo em um elevador, enquanto as malas iam em outro.

“Alguém está com a chave?”, perguntou Thurlow.

“Eu”, disse Johnny com ar de orgulho, tirando uma chave do bolso. Eugene estava guardando o carro.

O apartamento era o 12A. Entraram em um vestíbulo espaçoso. Algumas das poltronas na grande sala de visitas tinham capas brancas de proteção, aquelas que estavam mais próximas das janelas. As persianas estavam abaixadas e fechadas, de forma que era necessário acender a luz para poder enxergar. Johnny cuidou das duas coisas — sorrindo como se estivesse feliz por estar em casa, se é que o apartamento podia ser considerado assim —, abriu as persianas para que mais luz entrasse e ligou uma luminária de pé. Tom viu Frank parado no vestíbulo, olhando uma pequena pilha de cartas. O rosto do garoto continuava tenso, a testa um pouco franzida. Nada de Teresa, pensou Tom. Mas a entrada do garoto na sala de visitas foi quase um passeio. Olhou para Tom e disse:

“Muito bem, Tom... é isto. Pelo menos em parte. Nossa casa.”

Tom sorriu por educação, porque era isso que Frank queria. Tom aproximou-se de um quadro a óleo medíocre que estava em cima da lareira — será que a lareira funcionava? —, de uma mulher que ele supôs ser a mãe de Frank: loira, bonita, maquiada, posando não com as mãos no colo, mas estendidas sobre as costas de um sofá verde-claro. Ela usava um vestido preto sem mangas com uma flor vermelho-alaranjada no cinto. A boca sorria delicadamente, mas fora muito retocada pelo pintor, e Tom não tentou encontrar realidade ou personalidade nela. Quanto será que John Pierson havia pago por essa porcaria? Thurlow estava no vestíbulo, falando ao telefone, talvez com seu escritório. Tom não estava interessado no que ele estava dizendo. Percebeu que Johnny estava olhando as cartas, colocando duas no bolso, abrindo uma terceira. Parecia muito contente.

Na sala de visitas havia dois sofás de couro marrom — Tom podia ver apenas a parte de baixo da lateral de um deles, que estava coberto — formando um ângulo reto, e havia um piano de cauda com uma partitura sobre a estante. Tom aproximou-se para ver que música era, mas duas fotografias sobre o piano o distraíram. Uma delas era de um homem de cabelos escuros segurando uma criança de uns dois anos, sorridente e loira: Johnny, supôs Tom, e o homem era John Pierson, a aparência de quem mal chegara aos quarenta anos, sorrindo e com os

olhos castanhos amigáveis, nos quais Tom viu uma semelhança com os de Frank. A segunda fotografia de John também parecia atraente, ele de camisa branca sem gravata, sem óculos, no momento em que tirava um cachimbo da boca sorridente, enquanto um espectro de fumaça se erguia. Era difícil imaginar John, o pai, como um tirano, ou mesmo como um homem de negócios com base nessas fotos. A partitura sobre o piano trazia *Sweet Lorraine* impressa em letras ornamentais na capa. Será que Lily tocava? Tom sempre gostara de *Sweet Lorraine*..

Eugene chegou, e Thurlow acabara de entrar, vindo de outro quarto, e com o que parecia ser um copo de uísque com soda. Eugene imediatamente perguntou se Tom queria alguma coisa para beber, um chá ou uma bebida, e Tom recusou. Então Thurlow e Eugene discutiram o que fazer em seguida. Thurlow era a favor de irem de helicóptero, e Eugene disse que aquilo poderia ser arranjado, é claro, e iam todos? Tom olhou para Frank e não teria se surpreendido se o garoto dissesse que preferia ficar em Nova York e com Tom, mas Frank disse:

“Tudo bem, sim. Vamos todos.”

Então Eugene deu um telefonema.

Frank chamou Tom até um corredor. “Quer ver o meu quarto?” O garoto abriu a segunda porta à direita no corredor. Ali também as persianas estavam abaixadas, mas Frank puxou a cordinha e deixou a luz entrar.

Tom viu uma mesa comprida apoiada em cavaletes, livros bem arrumados em uma fileira contra a parede, uma pilha de cadernos escolares em espiral e duas fotografias da garota que ele reconheceu como Teresa. Em uma delas, a garota estava sozinha, uma tiara nos cabelos, um colar havaiano de flores, vestido branco, lábios rosados sorrindo com certa malícia, olhos brilhantes. A bela do baile naquela noite, pensou Tom. A outra foto, também colorida, era menor: Frank e Teresa em pé em um lugar que parecia ser Washington Square, Frank segurando a mão dela, Teresa com um jeans bege boca-de-sino e uma camisa de brim azul, segurando um saquinho de alguma coisa — talvez amendoins. Frank estava bonito e parecia feliz, como um adolescente seguro em relação à namorada.

“Minha foto favorita”, disse Frank. “Estou parecendo mais velho. Isso foi pouco antes... talvez umas duas semanas antes de eu ir para a Europa.”

O que significava cerca de uma semana antes de ele ter matado o pai. Mais uma vez ocorreu a Tom uma dúvida perturbadora e muito estranha: será que Frank havia realmente matado o pai? Ou será que era uma fantasia? Adolescentes criavam fantasias e se prendiam a elas. Será que Frank faria isso? Frank tinha um tipo de intensidade que inexistia completamente em Johnny. Demoraria muito tempo para Frank se recuperar de Teresa, e Tom achava que esse tempo seria de uns dois anos. Por outro lado, fantasiar que havia matado o pai, e ter contado a história a Tom, seria uma maneira de chamar a atenção para si próprio, e Frank não era o tipo de pessoa que fazia isso.

“Em que o senhor está pensando?”, perguntou Frank. “Teresa?”

“Você me contou a verdade sobre seu pai?”, perguntou Tom em voz baixa.

A boca de Frank de repente se enrijeceu de uma maneira que Tom conhecia muito bem. “Por que eu mentiria para o senhor?” Depois deu de ombros, como se envergonhado por ser tão sério. “Vamos sair.”

Ele podia muito bem estar mentindo, pensou Tom, porque acreditava mais na fantasia do que na realidade. “Seu irmão não suspeita de nada?”

“Meu irmão... ele me perguntou e eu disse que não... empurrei...” Frank interrompeu-se. “Johnny acreditou em mim. Acho que ele nem acreditaria na verdade se eu lhe contasse.”

Tom concordou com um movimento de cabeça e fez um gesto em direção à porta do quarto. Antes de sair, Tom deu uma olhada no aparelho de som e em uma caixa com três prateleiras de discos perto da porta. Tom voltou e fechou as persianas. O tapete era roxo escuro, assim como a colcha sobre a cama. Tom gostou da cor.

Todos desceram, entraram em dois táxis e rumaram para o Heliporto Midtown, na rua 13 Oeste. Tom já ouvira falar do heliporto, mas nunca tinha estado lá. Os Pierson tinham seu próprio helicóptero, com espaço para uma dúzia de pessoas, embora Tom não tivesse contado os bancos. Havia espaço suficiente para esticar as pernas, um bar e uma cozinha eletrônica.

“Não conheço essas pessoas”, disse Frank a Tom, referindo-se ao piloto e à aeromoça que estava anotando pedidos de bebida e comida. “São empregados do heliporto.”

Tom pediu uma cerveja e um sanduíche de queijo no pão de centeio. Passava pouco das cinco, e a viagem iria levar cerca de três horas, disse alguém. Thurlow sentou-se ao lado de Eugene nos bancos perto do piloto. Tom olhou pela janela e viu Nova York ficar abaixo deles.

Flap-flap-flap, como nas onomatopéias das histórias em quadrinhos. As montanhas de prédios afundavam abaixo deles, como se estivessem sendo tragadas para baixo, lembrando a Tom um filme passando de trás para a frente. Frank sentou-se do outro lado do corredor. Não havia ninguém atrás deles. Agora a aeromoça e o piloto contavam piadas lá na frente, ou pelo menos era o que parecia, pelo tanto que estavam rindo. À esquerda deles, um sol cor de laranja pairava sobre o horizonte.

Frank mergulhou em outro livro, que havia tirado do quarto. Tom tentou cochilar. Parecia a melhor coisa a fazer, diante do fato de que poderiam todos ficar acordados até tarde naquela noite. Para Tom, Frank e Thurlow, e também Johnny, eram cerca de duas da manhã. Tom percebeu que Thurlow já estava dormindo.

Uma mudança no ruído do motor acordou Tom. Estavam descendo.

“Vamos aterrissar no gramado dos fundos”, disse Frank a Tom.

Estava quase escurecendo. Tom viu uma grande casa branca, imponente mas ao mesmo tempo acolhedora, com suas luzes amareladas brilhando sob os telhados de duas varandas em ambos os lados. E talvez a mãe estivesse em uma das varandas, pensou Tom, como se fosse dar as boas-vindas a um filho que voltava para casa com todos os seus pertences embrulhados em um lenço que ele carregava na ponta de uma vareta apoiada no ombro. Tom percebeu que estava curioso para ver aquela residência dos Pierson, que não era a única casa que tinham, é claro, mas era uma muito importante. O mar estendia-se à direita deles, e Tom pôde ver algumas luzes, de bóias ou de pequenas embarcações. E, de repente, lá estava Lily Pierson — mamãe — na varanda, acenando! Parecia estar usando calça e blusa pretas, Tom não conseguia distinguir na semi-escuridão, mas o cabelo

loiro era visível à luz da varanda. Ao lado dela havia uma figura mais corpulenta, uma mulher quase toda vestida de branco.

O helicóptero pousou. Eles desceram por uma escada que se desdobrou.

“*Franky!* Seja bem-vindo à sua casa!”, gritou a mãe.

A mulher que estava ao lado dela era negra, e sorria também, aproximando-se para pegar a bagagem que Eugene e a aeromoça estavam tirando de um compartimento lateral.

“Oi, mãe”, disse Frank. Ele colocou o braço de maneira nervosa ou um pouco tensa em volta do ombro da mãe, e não chegou a beijar-lhe direito o rosto.

Ainda no gramado, Tom observava tudo à distância. O garoto estava envergonhado, mas gostava da mãe, pensou Tom.

“Esta é Evangelina”, dizia Lily Pierson para Frank, apontando para a mulher negra que agora ia na direção deles com as malas de alguém nas mãos. “Meu filho Frank... e Johnny”, disse ela para Evangelina. “E como vai, Ralph?”

“Muito bem, obrigado. Este é...”

Frank interrompeu Thurlow. “Mãe, este é Tom Ripley.”

“É um grande prazer conhecê-lo, senhor Ripley!” Os olhos maquiados de Lily Pierson inspecionaram a aparência de Tom, embora seu sorriso fosse bastante amistoso.

Foram conduzidos para a casa, e Lily garantiu-lhes que poderiam deixar jaquetas e capas no corredor ou em qualquer lugar. Comeram alguma coisa, ou estavam exaustos? Evangelina havia preparado uma refeição com frios, se alguém quisesse comer. A voz de Lily não parecia nervosa, apenas hospitaleira. O sotaque dela combinava Nova York com a Califórnia, pensou Tom.

Então todos se sentaram na ampla sala de visitas. Eugene desapareceu na mesma direção que Evangelina, talvez para a cozinha onde provavelmente estava a tripulação do helicóptero. E lá estava o quadro, o Derwatt que Frank mencionara em sua segunda visita a Belle Ombre. Era *O arco-íris*, uma falsificação de Bernard Tufts. Tom nunca havia visto o quadro, apenas se lembrava do título por um relatório de vendas da Galeria Buckmaster que lhe fora enviado havia uns quatro anos. Tom também se lembrou da descrição que Frank fez dele: bege

embaixo, que era a parte de cima dos edifícios da cidade, e um arco-íris praticamente todo vermelho em cima com um pouco de verde-claro por cima. *Todo irregular e pouco nítido*, Frank havia dito. *Não dá para dizer qual é a cidade, México ou Nova York*. E assim era, muito bem traçado por Bernard, o arco-íris delineado com segurança, e Tom tirou os olhos dele com relutância, querendo evitar que a senhora Pierson perguntasse se ele gostava dos quadros de Derwatt. Thurlow e Lily Pierson estavam conversando agora, Thurlow contando os acontecimentos em Paris (os telefonemas), e sobre Frank e o senhor Ripley passando umas duas noites em Hamburgo depois de Berlim, o que, sem dúvida, já era do conhecimento dela. Tom achou estranho estar sentado em um sofá muito maior que o seu, na frente de uma lareira também maior que a sua, sobre a qual estava um Derwatt falso, da mesma forma que o *Homem na cadeira* que havia sobre a lareira de Belle Ombre era falso.

“Senhor Ripley, fiquei sabendo por Ralph da *fantástica* ajuda que nos prestou”, disse Lily, piscando muito. Estava sentada em um enorme pufe verde entre Tom e a lareira.

Para Tom, “fantástico” era uma palavra usada por adolescentes. Percebeu que usava essa palavra em pensamento, mas nunca a falava. “Uma pequena ajuda eficaz, talvez”, disse Tom com modéstia. Frank havia saído da sala, e Johnny também.

“Quero agradecer-lhe muito. Nem sei como dizer isso... porque sei que o senhor arriscou a vida. Foi o que Ralph disse.” Tinha a dicção clara de uma atriz.

Teria Ralph Thurlow sido tão gentil?

“Ralph disse que o senhor nem sequer recorreu à polícia em Berlim.”

“Achei melhor não envolver a polícia, se conseguisse”, disse Tom. “Às vezes os seqüestradores entram em pânico. Como eu disse a Thurlow, acho que os seqüestradores de Berlim eram amadores. Muito jovens e desorganizados.”

Lily Pierson o observava com atenção. Aparentava ter menos de quarenta, mas provavelmente tinha um pouco mais, elegante e esbelta, com os olhos azuis que Tom vira na pintura a óleo em Nova York, sugerindo que seu cabelo loiro era autêntico. “E Frank não se machucou”, disse ela, como se maravilhada diante do fato.

“Não”, disse Tom.

Lily suspirou, olhou para Ralph Thurlow e de novo para Tom. “Como o senhor e Frank se conheceram?”

Nesse exato momento Frank voltou à sala de visitas. Os cantos de sua boca pareciam tensos. Tom supôs que ele tivesse procurado alguma carta ou bilhete de Teresa, novamente sem encontrar nada. O garoto havia mudado de roupa, e agora usava um jeans, tênis e uma camisa amarela. Ele tinha ouvido a última pergunta e disse para a mãe: “Eu procurei Tom na cidade onde ele mora. Eu tinha um emprego de meio período em uma cidade próxima... como jardineiro”.

“É mesmo? Bem... você sempre quis ser isso... fazer isso.” A mãe do garoto parecia pouco chocada, piscando muito. “E onde são essas cidades?”

“Moret”, disse Frank. “É onde eu estava trabalhando. Tom mora a uns dez quilômetros de distância. A cidade dele se chama Villeperce.”

“Villeperce”, repetiu a mãe.

O sotaque dela fez Tom sorrir, e ele fixou os olhos no *Arco-íris*, adorando-o.

“Não é muito longe de Paris, ao sul”, disse Frank, altivo e falando com uma precisão que Tom considerou incomum no garoto. “Eu lembrava o nome de Tom, porque papai o havia mencionado algumas vezes... em relação ao nosso quadro de Derwatt. Lembra-se, mamãe?”

“Não, sinceramente não me lembro”, disse Lily.

“Tom conhece as pessoas da galeria em Londres. Não é verdade, Tom?”

“É, conheço”, disse Tom com calma. De certa maneira, Frank estava se vangloriando de ter um amigo importante e — talvez, pensou Tom — propositalmente criando um espaço para a mãe ou Thurlow tocarem no assunto da autenticidade de alguns quadros assinados por Derwatt. Será que Frank ia defender Derwatt e todos os quadros, até mesmo as possíveis falsificações? Não chegaram a tanto.

Evangelina, de maneira lenta mas eficiente, colocou travessas e vinho em uma mesa comprida na sala atrás de Tom, no que foi ajudada por Eugene. Enquanto isso acontecia, Lily dispôs-se a mostrar a Tom o quarto onde iria ficar.

“É um prazer que possa ficar conosco pelo menos uma noite”, disse ela, conduzindo Tom por uma escada.

Tom foi levado para um grande quarto quadrado com duas janelas que Lily disse darem para o mar, embora o mar não estivesse visível naquela hora, apenas a escuridão. A mobília era branca e dourada, e havia um banheiro anexo, também em branco e dourado, e até as toalhas eram amarelas, e algumas das peças, como um pequeno gaveteiro, eram adornadas com arabescos dourados imitando a mobília do quarto, que era Luís xv *véritable*.

“Como está Frank de verdade?”, perguntou Lily, franzindo a testa de tal forma que três linhas ansiosas apareceram nela.

Tom não se apressou. “Acho que ele está apaixonado por uma garota chamada Teresa. A senhora sabe alguma coisa sobre Teresa?”

“Ah... *Teresa*...” A porta do quarto estava entreaberta, e Lily olhou para ela. “Bem, ela é a terceira ou quarta garota de quem *eu* já ouvi falar. Não que Frank me conte tudo sobre suas namoradas... ou sobre muitas outras coisas... mas Johnny acaba descobrindo. Mas qual é o problema com Teresa? Frank tem falado muito nela?”

“Ah, não, não muito. Mas parece que ele está apaixonado por ela. Ela já esteve nesta casa, não esteve? A senhora a conheceu?”

“Sim, claro. Uma garota *muito* agradável. Mas tem só dezesseis anos. Como Frank.” Lily Pierson olhou para Tom como se perguntasse que importância tinha aquilo.

“Johnny contou-me em Paris que Teresa está interessada em outra pessoa. Um homem mais velho, digamos. Acho que isso aborreceu Frank.”

“Ah, provavelmente. Teresa é tão bonita, ela é *muitíssimo* popular. Uma garota de dezesseis anos... vai preferir alguém de vinte, ou até mais velho.” Lily sorriu, como se o assunto estivesse encerrado.

Tom esperava conseguir de Lily alguma observação sobre a personalidade de Frank.

“Frank vai superar Teresa”, acrescentou ela alegremente, mas em voz baixa, como se Frank pudesse estar no corredor e conseguisse ouvi-la.

“Mais uma pergunta, senhora Pierson, enquanto tenho a oportunidade. Acho que Frank fugiu de casa porque estava chateado com a morte do pai. Não foi esse o motivo principal? Quero dizer, mais

do que Teresa, porque naquele momento, segundo Frank me contou, ela ainda não havia esfriado com ele.”

Lily pareceu escolher as palavras antes de falar. “Frank ficou muito aborrecido com a morte de John, mais do que Johnny, eu sei. Às vezes Johnny fica nas nuvens, com seu interesse pela fotografia e pelas garotas.”

Tom olhou para o rosto levemente contorcido de Lily e ficou pensando se ousaria perguntar a ela se o marido havia se matado. “Os jornais que li diziam que a morte de seu marido foi um acidente. A cadeira de rodas dele caiu em um penhasco.”

Lily deu de ombros, quase se contraindo. “Eu *realmente* não sei.”

A porta do quarto continuava entreaberta, e Tom pensou em fechá-la, em sugerir a Lily que se sentasse, mas será que isso não interromperia o fluxo da verdade, se é que ela a sabia? “Mas a senhora acha que foi um acidente e não suicídio?”

“Eu *não* sei. O terreno fica um pouco íngreme ali, e John nunca ficou na beirada. Teria sido uma estupidez. E a cadeira dele tinha um freio, é claro. Frank disse que ele simplesmente foi para a frente... num segundo... e por que ele teria movimentado a cadeira a não ser que quisesse?” Olhou para Tom, novamente com a testa franzida. “Frank veio correndo para a casa...” Não continuou.

“Frank me disse que seu marido estava desapontado porque nenhum dos rapazes queria... Eles não tinham muito interesse no trabalho dele. Os negócios das empresas Pierson, quero dizer.”

“Ah, *isso* é verdade. Acho que os meninos têm pavor dos *negócios*. Acham tudo muito complicado, ou simplesmente não gostam.” Lily olhou na direção das janelas como se os *negócios* pudessem ser uma enorme tempestade escura que viesse de fora. “Era uma decepção para John, com certeza. O senhor sabe como um pai quer que pelo menos *um* de seus filhos assuma os negócios. Mas existem outras pessoas na família de John... ele sempre chamava o pessoal que trabalhava com ele de sua família... que podem assumi-los. Nicholas Burgess, por exemplo, o braço direito de John, com apenas quarenta anos. Para mim é difícil acreditar que uma decepção em relação aos meninos teria feito John se matar, mas acho que ele poderia tê-lo feito em razão daquilo que realmente sentia... vergonha de estar em uma cadeira. Cansado

daquela situação, sei disso. E então no pôr-do-sol... Ele sempre ficava muito emotivo diante de um pôr-do-sol. Emotivo, não, *comovido*. Feliz e triste, como o fim de alguma coisa. Nem era o sol naquela posição, mas o crepúsculo se espalhando sobre a água na frente dele.”

Então Frank viera correndo para a casa. Lily havia falado como se o tivesse visto. “Frank sempre acompanhava o pai? Até o penhasco?”

“Não.” Lily sorriu. “Aquilo chateava Frank. Ele disse que John quis que ele o acompanhasse naquele fim de tarde. John fazia isso com frequência. Ele sempre contou mais com Frank do que com Johnny... cá entre nós.” Ela riu um pouco, um riso nervoso. “John dizia: ‘Existe alguma coisa mais sólida em Frank, que eu espero trazer à tona. Está estampado no rosto dele’. Ele queria dizer em comparação com Johnny, que é mais um... não sei... um sonhador.”

“Quando li sobre seu marido, aquilo me fez lembrar o caso de George Wallace. Talvez John tivesse períodos de depressão.”

“Ah, não mesmo”, disse Lily sorrindo agora. “Ele podia ser bem sisudo em relação ao trabalho, podia ficar de cara amarrada num dia em que as coisas não dessem certo, mas isso não é a mesma coisa que ficar deprimido. A empresa dos Pierson, os negócios dos Pierson, seja lá como ele chamasse, era um grande jogo de xadrez para John. Isso é o que muita gente dizia. Ganha-se um pouco hoje, perde-se um pouco amanhã, e o jogo *nunca* termina... nem mesmo agora que John se foi. Não, acho que John era, por natureza, um otimista. Ele sempre conseguia sorrir... quase sempre. Até mesmo no período em que esteve na cadeira. Nós sempre dissemos que era a cadeira e não a cadeira de rodas. Mas era triste para os meninos, no que diz respeito a ter um pai, porque durante muito tempo em suas vidas era só isso que conheciam: um homem de negócios em uma cadeira, falando de mercados, dinheiro, pessoas — tudo de certa forma invisível. Sem poder sair para passear, ou ensinar-lhes judô ou todas as coisas que os pais geralmente fazem.”

Tom sorriu. “Judô?”

“John costumava praticar judô neste quarto! Isto nem sempre foi um quarto de hóspedes.”

Estavam se dirigindo para a porta. Tom olhou para o teto alto, o chão amplo que forneceria espaço para colchonetes e saltos mortais. Lá

embaixo os outros estavam na sala de visitas “bufeteando-se”, como Tom sempre pensava quando encontrava a palavra “bufê”, mas nesse caso havia muito espaço e nenhuma aglomeração. Frank bebia uma Coca-Cola na garrafa. Thurlow estava em pé ao lado da mesa com Johnny, segurando um uísque e um prato de comida.

“Vamos lá fora”, disse Tom a Frank.

O garoto colocou a garrafa sobre a mesa imediatamente. “Lá fora onde?”

“Lá no gramado.” Tom percebeu que Lily havia se juntado a Johnny e Thurlow. “Você perguntou sobre a Susie? Como ela está?”

“Ah, dormindo como uma pedra”, disse Frank. “Perguntei a Evangelina. Que nome! Ela pertence a algum desse grupos malucos de *soul*. Disse que está aqui há apenas uma semana.”

“Susie está aqui?”

“Sim, ela tem um quarto lá em cima, nos fundos. Podemos sair por aqui.”

Frank abria uma grande porta-janela, onde deveria ser a sala de jantar principal, pensou Tom. Havia uma mesa comprida com cadeiras, e mesas menores também com cadeiras perto das paredes, aparadores e algumas estantes com livros. Havia pratos e um bolo sobre a mesa agora. Frank acendera uma lâmpada do lado de fora da casa, para que pudessem enxergar o caminho pela varanda e descer os quatro ou cinco degraus que levavam ao gramado. À esquerda dos degraus erguia-se a rampa sobre a qual Frank havia lhe falado. Depois dali estava tudo escuro, mas Frank disse que conhecia o caminho. Podia-se ver muito mal uma trilha de pedras que atravessava o gramado e depois fazia uma curva para a direita. À medida que os olhos de Tom se acostumavam com a escuridão, ele conseguia ver árvores altas, pinheiros ou álamos, à frente.

“É aqui o lugar onde seu pai costumava caminhar?”, perguntou Frank.

“É, bem... não caminhar. Ele vinha com a cadeira.” Frank diminuiu o passo e enfiou as mãos nos bolsos. “Não tem lua hoje.”

O garoto havia parado e Tom percebeu que ele estava pronto para voltar para a casa. Tom respirou fundo algumas vezes e olhou para trás, para a casa branca de dois andares com suas luzes amareladas. A

casa tinha um telhado pontudo, com os telhados das varandas projetados à esquerda e à direita. Tom não gostava da casa. Parecia ser bem nova e sem um estilo definido. Não era como uma casa sulista norte-americana, ou uma casa colonial da Nova Inglaterra. John Pierson provavelmente havia mandado construí-la segundo suas especificações, mas de qualquer forma Tom não havia gostado do arquiteto. “Eu queria ver o penhasco”, disse Tom. Será que Frank não sabia disso?

“Tudo bem, é por aqui”, disse Frank, e eles caminharam pela trilha de lajes para dentro da escuridão.

As lajes ainda estavam visíveis, e Frank caminhava como se tivesse certeza sobre cada centímetro onde pisava. Os álamos fecharam-se sobre a trilha, depois se abriram de novo, e eles estavam no penhasco, e Tom conseguiu ver-lhe a borda, definida por pedras de cores claras ou por seixos.

“O mar está ali”, disse Frank, apontando. Ele se afastou da beirada.

“É o que pensei.” Tom podia ouvir as ondas lá embaixo, um barulho suave, nem forte, nem ritmado, mas como se alguma coisa estivesse sendo lavada. E longe, na escuridão, Tom viu a luz branca da proa de um barco, e imaginou ter visto a luz rosada de um ancoradouro. Alguma coisa como um morcego passou assobiando em cima da cabeça deles, mas Frank não pareceu ter reparado. *Então foi aqui que aconteceu*, pensou Tom. Naquele momento, viu Frank passar por ele, as mãos nos bolsos de trás do jeans, até a beirada do penhasco. O garoto olhou para baixo. Tom teve um instante de temor por Frank, porque estava tão escuro, e o garoto parecia tão perto da beirada, mesmo pensando-se que a beirada se inclinava um pouco para cima, como Tom podia ver agora. Frank virou-se para trás de repente e disse:

“Esteve conversando com a minha mãe?”

“Ah, sim, um pouco. Perguntei a ela sobre Teresa. Sei que Teresa já veio aqui. Suponho que ela não escreveu para você.” Tom achou melhor perguntar diretamente do que não dizer nada sobre uma possível carta.

“Não”, disse Frank.

Tom aproximou-se dele, até ficarem a apenas uns dois metros um do outro. O garoto continuava imóvel. “Sinto muito”, disse Tom. Ele estava

pensando que a garota já havia se dado ao trabalho de telefonar para Thurlow em Paris uma vez há alguns dias e, agora que Frank fora encontrado e estava a salvo, ela simplesmente resolvera desaparecer, sem dar explicações.

“Só conversaram sobre Teresa?”, perguntou Frank, em um tom jovial como se aquele assunto não fosse muita coisa sobre o que falar.

“Não, eu perguntei se ela achava que a morte de seu pai havia sido suicídio ou acidente.”

“E o que ela disse?”

“Que não sabia. Sabe de uma coisa, Frank...” Tom abaixou a voz. “Ela não suspeita de você de maneira alguma... e é melhor você deixar tudo como está. Só isso. Acabou. Está feito. Sua mãe disse: ‘Suicídio ou acidente, já passou’. Alguma coisa assim. Então você precisa se recompor, Frank, e livrar-se de... por favor, não fique tão perto dessa beirada.” O garoto estava de frente para o mar, ficando na ponta dos pés e abaixando novamente, e Tom não sabia se era por agressividade ou distração.

Então Frank se virou e caminhou na direção de Tom, passando pelo lado esquerdo dele. O garoto virou-se novamente e disse: “Mas o senhor sabe que eu empurrei aquela cadeira. Sei que estive conversando com minha mãe sobre o que ela pensa ou em que ela acredita, mas eu já lhe *contei*. Eu disse para minha mãe que meu pai se jogou sozinho, e ela acreditou, mas isso não é a verdade”.

“Tudo bem, tudo bem”, disse Tom, amigável.

“Quando empurrei a cadeira de meu pai, eu até pensei que estava com Teresa... que ela... gostava de mim, quero dizer.”

“Tudo bem, eu entendo”, disse Tom.

“Eu pensei: vou tirar meu pai da minha vida, de nossas vidas, por mim e por Teresa. Sentia que meu pai estava estragando... minha vida. É irônico que Teresa tenha me dado coragem naquele momento. Agora ela foi embora. Agora não existe nada, além de silêncio... nada!” A voz dele estava trêmula.

Estranho, pensou Tom, que algumas garotas significassem tristeza e morte. Algumas pareciam a luz do sol, a criatividade, a alegria, mas na verdade significavam a morte, e nem mesmo porque seduziam suas vítimas. Na verdade os garotos eram culpados por se deixarem enganar

por... absolutamente nada, pura imaginação. Tom riu de repente. “Frank, você tem que perceber que existem outras garotas no mundo! Precisa ver que agora Teresa... se libertou de você. E você precisa se libertar dela.”

“Já me libertei. Acho que fiz isso em Berlim. A verdadeira crise foi lá, quando ouvi o que Johnny contou.” Frank deu de ombros, mas não estava olhando para Tom. “Mas tenho que admitir que procurei uma carta dela quando cheguei aqui.”

“Então vá em frente a partir daí. As coisas parecem péssimas agora, mas você tem muitos anos pela frente. Vamos!” Tom deu um tapinha no ombro do garoto. “Vamos voltar para casa num minuto. Espere um pouco.”

Tom queria ver a beirada do penhasco e aproximou-se das pedras de cor mais clara. Podia sentir os seixos e um pouco de grama sob os sapatos. Podia sentir também o vazio lá embaixo, escuro agora, mas onde alguma coisa ressoava, como o som de um imenso buraco. E lá no fundo, impossíveis de serem vistas agora, estavam as rochas sobre as quais o pai de Frank havia caído. Tom virou-se ao ouvir os passos do garoto vindo em sua direção e no mesmo instante afastou-se da beirada. Teve a repentina sensação de que o garoto poderia empurrá-lo lá para baixo. Que insana aquela idéia, pensou ele. Sabia que o garoto o adorava. Mas o amor era estranho também.

“Vamos voltar?”, perguntou Frank.

“Claro.” Tom sentiu um suor frio na testa. Sabia que estava mais cansado do que imaginava, e que havia perdido a noção do tempo por causa da viagem de avião.

Tom dormiu assim que se deitou. Algum tempo depois, acordou com uma contorção violenta do corpo. Um pesadelo? Se era, ele não se lembrava de nada. Por quanto tempo ele havia dormido? Uma hora?

“*Não!*” Aquilo fora dito em sussurro ou em voz bem baixa no corredor do lado de fora de seu quarto.

Tom saiu da cama. As vozes do lado de fora continuaram, uma voz feminina parecida com um arrulho de pombo misturando-se à de Frank. Tom sabia que o quarto de Frank era o do lado direito. Conseguiu ouvir apenas algumas palavras, ditas pela mulher: “... tão *impaciente...* Eu *sei...* o que, *o que* você vai fazer... não me *interessa!*”.

Devia ser Susie, e ela parecia zangada. Tom conseguia identificar o sotaque alemão. Na verdade, ele poderia colocar o ouvido na porta e ouvir mais, mas Tom tinha aversão a bisbilhotice. Deu as costas para a porta, tateou o caminho de volta para a cama, achou o criado-mudo onde estavam o maço de cigarros e os fósforos. Tom acendeu um fósforo, ligou o abajur de cabeceira, acendeu um cigarro e sentou-se na cama. Assim era melhor.

Será que Susie havia batido na porta de Frank? Era mais provável que Frank tivesse batido na porta dela! Tom riu e recostou-se na cama. Ouviu uma porta se fechar devagar ali perto, parecia a do quarto de Frank. Tom levantou-se, apagou o cigarro e calçou os mocassins, que mais uma vez serviam de chinelos, como ocorrera em Berlim. Saiu no corredor e viu uma luz acesa sob a porta fechada do quarto de Frank. Tom bateu de leve na porta com a ponta dos dedos.

“É o Tom”, disse ele, ao escutar passos que se aproximaram da porta lentamente.

Frank abriu a porta, os olhos fundos de cansaço, mas sorrindo. “Entre!”, sussurrou ele.

Tom entrou. “Era a Susie?”

Frank confirmou. “O senhor tem um cigarro aí? Os meus estão lá embaixo.”

Tom estava com o maço no bolso do pijama. “E o que é que ela queria, afinal?” Ele acendeu o cigarro do garoto.

Frank disse: “Ufa!”, soprando a fumaça, quase rindo. “Ela ainda diz que me viu no penhasco.”

Tom balançou a cabeça. “Ela vai ter outro infarto. Quer que eu fale com ela amanhã? Estou curioso para conhecê-la.” Olhou para trás, para a porta fechada, porque Frank também havia olhado. “Ela anda por aí à noite? Pensei que estivesse doente.”

“Forte como um touro.” Frank estava zozinho de cansaço, e deitou-se na cama com os pés descalços no ar por um instante.

Tom deu uma olhada no quarto, viu uma antiga mesa marrom sobre a qual havia um rádio, uma máquina de escrever, livros e um bloco de papel. No chão, perto das portas do armário que estavam entreabertas, viu botas de esqui e de equitação. Fotografias de artistas estavam presas em um grande quadro acima da mesa marrom, os Ramones de jeans, com imagem de desleixados, e abaixo disso tudo alguns desenhos e fotografias, talvez de Teresa, mas como Tom não queria trazer o assunto à tona, não foi olhar de perto. “Ela que se dane”, disse Tom, referindo-se a Susie, “ela *não* viu você. Você não está esperando outra visita dela esta noite está?”

“Bruxa velha”, disse Frank, os olhos semicerrados.

Tom despediu-se com um aceno de mão, saiu e voltou para o quarto. Reparou que seu quarto tinha uma chave que trancava a porta por dentro, mas não a trancou.

Na manhã seguinte, depois dos rituais do café-da-manhã, Tom pediu à senhora Pierson permissão para colher algumas flores do jardim para levar a Susie. Lily Pierson disse que era claro que ele podia. Como Tom havia suposto, Frank sabia mais sobre o jardim do que a mãe e garantiu a Tom que ela não iria se importar com o que eles cortassem. Juntaram um buquê de rosas brancas. Tom preferiu fazer a visita a Susie sem avisar, mas pediu a Evangelina — o nome era apropriado — que anunciasse sua presença. A empregada assim o fez e depois pediu que ele tivesse a gentileza de esperar no corredor.

“Susie gosta de pentear o cabelo”, disse Evangelina com um sorriso alegre.

Depois de alguns minutos, Tom foi chamado por uma voz gutural ou sonolenta dizendo “Entre”, e ele bateu primeiro e depois entrou.

Susie estava recostada em travesseiros em um quarto esbranquiçado, mais claro ainda pela luz do sol que entrava. O cabelo de Susie parecia amarelado e acinzentado ao mesmo tempo, o rosto redondo e enrugado, os olhos cansados e inteligentes. Ela lembrou a Tom alguns selos alemães com imagens de mulheres famosas sobre quem Tom, de maneira geral, nunca ouvira falar. O braço esquerdo, coberto pela manga comprida de uma camisola branca, estava para fora dos lençóis.

“Bom dia. Sou Tom Ripley”, disse Tom. Ia dizer que era amigo de Frank, mas se conteve. Talvez ela já tivesse ouvido falar sobre ele, por meio de Lily. “Como está se sentindo hoje?”

“Mais ou menos bem, obrigada.”

Um aparelho de televisão diante da cama lembrou a Tom alguns quartos de hospital que ele já vira, mas o resto do quarto era bastante personalizado, com velhas fotos de família, toalhinhas de crochê, uma prateleira cheia de bugigangas, lembrancinhas e até mesmo um boneco vestido de menestrel, com chapéu e tudo, que deveria ser uma relíquia da infância de Johnny. “Que bom ouvir isso. A senhora Pierson me contou que a senhora teve uma ameaça de infarto. Deve ser assustador.”

“Sim, quando é a primeira vez”, respondeu ela, um tanto ranzinza, sem tirar os olhos azuis de Tom.

“Eu acabei de... Frank ficou comigo alguns dias na Europa. Talvez a senhora Pierson tenha lhe contado.” Tom não obteve comentário sobre o que havia dito e procurou um vaso para colocar as flores, sem encontrar. “Trouxe estas flores para alegrar um pouco o seu quarto.” Tom entregou o buquê com um sorriso.

“Muito obrigada”, disse Susie, pegando o buquê com uma das mãos — Frank colocara um guardanapo em volta das hastes — e apertando uma campainha ao lado da cama com a outra.

Num instante alguém bateu na porta. Evangelina entrou e segurou as flores. Susie pediu-lhe a gentileza de colocá-las em um vaso.

Ela não o convidou a sentar, mas mesmo assim Tom pegou uma cadeira. “Acho que a senhora sabe...” Tom desejou ter perguntado aos outros o sobrenome de Susie. “... que Frank ficou muito aborrecido com a morte do pai. Frank me procurou na França, onde moro. Foi assim que o conheci.”

Ela olhou para ele, ainda arredia, e disse: “Frank não é um bom menino”.

Tom conteve um suspiro e tentou parecer agradável e educado. “Ele me parece um bom menino... ficou hospedado em minha casa vários dias.”

“*Por que* ele fugiu?”

“Acho que estava chateado. Bem, tudo o que fez...” Será que Susie sabia que Frank havia levado o passaporte de Johnny? “Muitos jovens fogem de casa. E depois voltam.”

“Acho que Frank matou o pai”, disse Susie, a voz trêmula, balançando o indicador da mão que estava fora dos lençóis. “E isso é terrível.”

Tom inspirou lentamente. “Por que a senhora acha isso?”

“O senhor não ficou surpreso? Ele confessou o que fez para o senhor?”

“É claro que não. Não. Estou lhe perguntando por que a senhora acha que foi ele.” Tom franziu a testa, para mostrar seriedade, e começou a fingir estar surpreso também.

“Por que eu vi... quase.”

Tom esperou um instante antes de continuar. “A senhora quer dizer no penhasco?”

“*Sim.*”

“A senhora o viu? Estava no gramado?”

“Não, eu estava no andar de cima da casa. Mas vi Frank sair com o pai. Ele *nunca* saía com o pai. Tinham acabado um jogo de croqué. O senhor Pierson...”

“O senhor Pierson jogava croqué?”

“Sim, claro! Ele conseguia ir com a cadeira aonde quisesse. A senhora Pierson sempre quis que ele jogasse um pouco... para esquecer... o senhor sabe, as preocupações com o trabalho.”

“Frank também estava jogando nesse dia?”

“Sim, e Johnny também. Eu lembro que Johnny tinha um encontro... e foi embora. Mas todos jogaram.”

Tom cruzou as pernas, quis um cigarro mas achou melhor não acender um. “A senhora contou à senhora Pierson”, começou Tom, franzindo a testa de maneira ansiosa, “que achava que Frank havia empurrado o pai do penhasco?”

“Contei”, disse Susie com convicção.

“A senhora Pierson não parece achar que isso seja verdade.”

“O senhor perguntou a ela?”

“Sim”, disse Tom com igual convicção. “Ela acha que foi acidente ou suicídio.”

Susie fungou, olhou para a televisão, como se desejasse que o aparelho estivesse ligado.

“A senhora disse a mesma coisa para a polícia... sobre Frank?”

“Disse.”

“E o que eles disseram?”

“Ah, disseram que eu não poderia ter visto, porque estava no andar de cima. Mas existem algumas coisas que a gente *sabe*. O senhor entende, senhor...”

“Ripley. Tom. Desculpe-me, não sei seu sobrenome.”

“Schuhmacher”, respondeu ela, no instante em que Evangelina entrava com as flores em um vaso rosa. “Obrigada, Evangelina.”

Evangelina colocou o vaso na mesa-de-cabeceira entre Tom e Susie e saiu.

“A menos que tenha visto Frank fazer aquilo... o que deve ser impossível, segundo a polícia... a senhora não deveria ficar dizendo que viu. Isso tem perturbado muito o garoto.”

“Frank estava com o pai.” Mais uma vez a mão gorducha mas enrugada ergueu-se e caiu sobre a cama. “Se tivesse sido um acidente, mesmo suicídio, Frank poderia ter impedido, não é?”

A princípio Tom pensou que Susie estava certa, depois pensou na velocidade que os controles da cadeira poderiam fazê-la atingir. Mas não quis discutir isso com Susie. “O senhor Pierson não poderia ter se jogado sozinho, antes que Frank se desse conta do que estava acontecendo? Foi isso que *eu* pensei.”

Ela balançou a cabeça. “Disseram que Frank voltou correndo. Eu só o vi depois que desci. Todo mundo estava falando naquele momento. Sei que Frank disse que o pai se jogou.” Os olhos azuis baços estavam fixos em Tom.

“Foi isso que Frank me contou também.” O momento da mentira devia ter sido como um segundo crime para Frank. Se o garoto tivesse voltado calmamente, tendo deixado passar uma meia hora, como se tivesse deixado o pai lá, olhando o pôr-do-sol! Tom percebeu que isso era o que ele teria feito; por mais nervoso que estivesse, certamente haveria algum... *planejamento*. “O que a senhora acha ou no que acredita... certamente nunca poderá ser provado”, disse Tom.

“Frank nega, eu sei.”

“A senhora quer que o garoto tenha um colapso por causa de sua... acusação?” Susie pareceu parar para pensar sobre a pergunta, e Tom resolveu aproveitar aquela vantagem, se é que tinha alguma. “A menos que houvesse uma testemunha, ou alguma prova concreta, sua acusação nunca poderá ser provada... nem mesmo levada em consideração nesse caso.” E quando é que a velha iria morrer, perguntou-se Tom, para largar do pé de Frank? Susie Schuhmacher parecia capaz de agüentar mais alguns anos, e Frank dificilmente se livraria dela, porque ela estava instalada na casa de Kennebunkport, onde pelo jeito a família ficava com frequência, e ela também era levada para o apartamento de Nova York, quando a família estava lá.

“Por que eu deveria me importar com o que acontece com Frank? Ele...”

“A senhora não gosta de Frank?”, perguntou Tom, como se estivesse surpreso.

“Ele não é... simpático. É rebelde... infeliz. Nunca se sabe o que está pensando. Tem umas idéias e não as larga. Umas atitudes.”

Tom franziu a testa. “Mas a senhora diria que ele é desonesto?”

“Não”, respondeu Susie, “ele é muito educado. Está além de desonestidade, o que quero dizer. É até mais importante...” Ela parecia estar ficando cansada. “Mas por que eu deveria me importar com ele? Ele tem tudo. Mas não dá valor para o que tem, nunca deu. Deixou a mãe bem preocupada, fugindo de casa. Nem se preocupa com isso. Ele não é um bom menino.”

Tom achou que não era o momento de discursar sobre o temor ou a aversão que Frank tinha pelos negócios do pai, ou mesmo de perguntar o que ela sabia sobre a influência de Teresa. Tom ouviu um telefone tocar em algum lugar bem afastado. “Mas acho que o senhor Pierson gostava muito de Frank.”

“Talvez gostasse demais. E o garoto merecia? Veja o que aconteceu!”

Tom descruzou as pernas, demonstrando constrangimento. “Acho que já tomei demais o seu tempo, senhora Schuhmacher...”

“Tudo bem.”

“Vou embora amanhã, talvez esta tarde, então vou me despedir agora e lhe desejo melhoras. Na verdade, acho que a senhora está muito bem”, acrescentou ele, com sinceridade. Tom já estava em pé.

“O senhor mora na França.”

“Moro.”

“Acho que me lembro do senhor Pierson mencionando o seu nome. O senhor conhece as pessoas da galeria de Londres.”

“Sim, conheço”, respondeu Tom.

Ela ergueu a mão novamente, deixou-a cair e olhou para a janela.

“Até mais, Susie.” Tom fez uma reverência, mas Susie não viu. Ele saiu do quarto.

No corredor, encontrou Johnny, sorridente.

“Eu estava vindo salvá-lo! Gostaria de ver meu quarto escuro?”

“Claro”, disse Tom.

Johnny virou-se e levou Tom para um quarto do lado esquerdo do corredor. Johnny ligou as luzes vermelhas, que criavam o efeito de uma caverna escura com uma atmosfera rosada, algo como um cenário teatral. As paredes eram pretas, e podia-se divisar o encosto preto de um sofá, e em um canto mais afastado Tom mal percebeu a brancura do que parecia ser uma pia comprida. Johnny desligou as luzes vermelhas e acendeu as normais. Havia algumas câmeras em tripés. Agora parecia haver menos panos pretos. Não era um quarto grande. Tom não sabia nada sobre câmeras. Não soube o que dizer quando Johnny apontou para uma câmera que havia acabado de comprar, a não ser “Impressionante!”.

“Eu poderia lhe mostrar o meu trabalho. A maior parte está nestas pastas, a não ser por um que está lá embaixo, na sala de jantar, que eu

chamo de ‘Domingo branco’, mas não tem neve nele. Mas... acho que agora minha mãe quer falar com você.”

“Agora? É mesmo?”

“Sim, porque Ralph está indo embora, e ela disse que queria falar com você depois que ele saísse. Como está Susie?” Havia um certo ar de quem estava se divertindo, ou ia se divertir, no sorriso dele.

“Acho que está muito bem. Parecia bastante forte. É claro que não sei como costuma ser o aspecto dela.”

“Ela está meio caduca. Não dê muita atenção ao que diz.” Johnny ainda estava sorrindo, mas suas palavras soaram como um aviso.

Tom sentiu que Johnny estava protegendo o irmão. Ele sabia o que Susie dizia, e Frank havia contado a Tom que Johnny não acreditara nela. Tom desceu com Johnny e encontrou a senhora Pierson e Ralph Thurlow com o sobretudo no braço. Thurlow devia ter dormido até tarde hoje, porque ele só o vira agora.

“Tom...” Ralph Thurlow estendeu a mão. “Se algum dia necessitar de serviço... na mesma área de atuação...” Procurou dentro da carteira e tirou um cartão. “Telefone para o meu escritório, está bem? Meu endereço residencial também está aí.”

Tom sorriu. “Não vou me esquecer.”

“Estou falando sério, vamos nos encontrar em Nova York qualquer dia desses. Estou indo para lá agora. Até mais, Tom.”

“*Bon voyage*”, disse Tom.

Tom pensou que Thurlow iria embora no carro preto que estava na entrada da casa, mas a senhora Pierson e Thurlow saíram na varanda e caminharam para a esquerda. Tom viu que um helicóptero havia pousado ou fora levado para um círculo de cimento no gramado dos fundos. A propriedade era tão grande que Tom deduziu que os Pierson tinham seu próprio hangar em algum ponto no fim do caminho de cimento que desaparecia entre as árvores. Esse helicóptero parecia menor do que aquele em que vieram de Nova York, mas talvez ele apenas estivesse se acostumando à escala de dimensões em que viviam os Pierson. Tom olhou para o Daimler-Benz preto cujo cano de escapamento soltava uma fumaça quase invisível, e viu que Frank estava ao volante, sozinho. O carro moveu-se mais ou menos dois metros para a frente e depois deu ré, vagarosamente.

“O que está fazendo?”, perguntou Tom.

Frank sorriu. Estava com a mesma camisa amarela do dia anterior e sentava-se com as costas bastante retas, como se fosse um motorista de uniforme. “Nada.”

“Você tem carteira de motorista?”

“Ainda não, mas sei dirigir. Você gosta deste carro? Eu gosto. É clássico.”

Era semelhante ao carro que Eugene dirigira em Nova York, mas o estofamento era marrom em vez de bege.

“Não vá a lugar nenhum sem carteira”, disse Tom. O garoto parecia disposto a sair com o carro, embora estivesse acelerando devagar. “Vejo você mais tarde. Parece que sua mãe quer falar comigo.”

“É mesmo?” Frank desligou o carro e olhou para Tom através da janela aberta. “E o que o senhor achou de Susie?”

“Ela estava... a mesma de sempre, acho eu.” Susie estava contando a mesma velha história, era isso o que Tom queria dizer. Frank pareceu igualmente contente e pensativo, e naquele momento parecia muito bonito, talvez um pouco mais velho do que realmente era. Ocorreu a Tom que talvez Teresa pudesse ter ligado naquela manhã, mas não quis perguntar. Voltou para a casa.

Lily Pierson, usando calça azul-clara naquela manhã, dava instruções sobre o almoço para Evangelina. Uma parte dos pensamentos de Tom estava em sua partida. Será que ele devia tentar ir para Nova York naquela noite? Ficar uma noite em Nova York? Precisava ligar para Heloise.

Lily virou-se para ele, sorrindo. “Sente-se, Tom. Ah, não, vamos entrar ali... é mais agradável.” Ela o conduziu para uma sala ensolarada ao lado da sala de visitas.

Era uma biblioteca, cheia de livros de economia em encadernações novas e brilhantes, com uma grande escrivaninha quadrada na qual havia um porta-cachimbo com cinco ou seis deles. A cadeira giratória estofada em couro verde-escuro atrás da escrivaninha parecia antiga e pouco usada, e ocorreu a Tom que talvez John Pierson achasse que não valia a pena sair da cadeira de rodas para ir para aquela cadeira quando estivesse naquela sala.

“E o que o senhor achou de Susie?” Lily fez a pergunta no mesmo tom que seus filhos, sorrindo com os lábios apertados, assim como estavam suas mãos. Ela parecia ansiosa para ouvir algo agradável.

Tom inclinou a cabeça com ar pensativo. “Exatamente o que Frank me contou. Um pouco... teimosa, talvez.”

“E ela ainda pensa que Frank empurrou o pai no penhasco?” Lily fez a pergunta em um tom que dava a entender que a idéia era absurda.

“É o que ela pensa, sim”, disse Tom.

“Ninguém acredita nela. Não há nada para acreditar. Ela não *viu* nada. Eu realmente não posso continuar me preocupando com as coisas que Susie diz. Ela pode tornar qualquer um tão excêntrico quanto ela própria. Mas o que eu queria dizer ao senhor é que entendo que teve muitas despesas com Frank. Então, sem estender mais o assunto, gostaria que aceitasse este cheque de mim, da família.” Ela havia tirado um cheque dobrado do bolso da blusa.

Tom olhou a importância. Vinte mil dólares. “Minhas despesas não foram tantas assim. De qualquer forma, foi um prazer conhecer o seu filho.” Tom riu.

“Seria um prazer para mim se aceitasse.”

“Minhas despesas não chegaram à metade disto.” Mas então, pelo modo como ela tirou o cabelo da testa desnecessariamente, Tom percebeu que ficaria contente se ele aceitasse o cheque. “Tudo bem, então.” Tom colocou o cheque no bolso da calça e manteve a mão lá. “Eu agradeço também.”

“Ralph contou-me sobre Berlim. O senhor arriscou sua vida.”

Tom não estava interessado no assunto naquele momento. “A senhora sabe se Frank recebeu um telefonema de Teresa esta manhã?”

“Acho que não. Por quê?”

“Achei que ele estava mais animado agora há pouco. Mas não sei.” Tom realmente não sabia. Sabia apenas que Frank estava com um humor diferente, de um tipo que ele ainda não havia visto.

“Nunca se pode dizer nada sobre Frank”, disse Lily. “Quero dizer, pela maneira como ele age.”

O que significava que Frank podia agir de maneira contrária ao que estava sentindo? Lily estava tão aliviada por ter Frank de volta a casa, que fatores como Teresa não importavam muito, supôs Tom.

“Meu amigo Tal Stevens vem para cá esta tarde, e eu gostaria que o conhecesse”, disse Lily quando saíam da biblioteca. “Um dos melhores advogados de John, embora nunca tivesse sido empregado da empresa, era apenas um consultor *free-lance*.”

Esse era o amigo de quem Lily gostava, segundo Frank. Lily dizia que Tal tinha que trabalhar naquela tarde, então provavelmente não chegaria antes das seis. “E eu tenho que cuidar da minha volta”, disse Tom. “Pensei em ficar um ou dois dias em Nova York.”

“Mas o senhor não vai embora *hoje*, espero. Telefone para sua esposa na França e avise-a. Faça isso! Frank disse que o senhor tem uma bela casa lá. Ele me contou sobre sua estufa e... sobre os dois Derwatts que o senhor tem na sala de visitas, e sobre seu cravo.”

“Contou, é?” O cravo francês dele e de Heloise entre helicópteros, lagostas do Maine e uma negra americana chamada Evangelina! Pareceu algo surrealista para Tom. “Com sua licença”, disse Tom, “vou dar alguns telefonemas.”

“Fique à vontade, a casa é sua!”

Do quarto, Tom telefonou para o Hotel Chelsea em Manhattan e perguntou se eles tinham um apartamento de solteiro para aquela noite. Uma voz simpática disse que provavelmente conseguiriam um, com um pouco de sorte. Já era alguma coisa. Tom pensou em se despedir depois do almoço. Lily dissera que uns vizinhos, os Hunter, viriam às quatro, porque gostavam muito de Frank e queriam vê-lo. Tom supôs que algum dos empregados dos Pierson poderia levá-lo até Bangor, de onde ele tomaria um avião para Nova York.

Lagostas do Maine foi exatamente o prato do almoço, como se Tom tivesse tido uma premonição. Antes do almoço, ele e Frank tinham ido de perua, com Eugene ao volante, até a cidade de Kennebunkport para buscar as lagostas encomendadas. A cidade havia despertado uma onda de nostalgia em Tom que quase lhe enchera os olhos de lágrimas: fachadas brancas das casas e lojas, um frescor na brisa do mar, o brilho do sol, e os pardais americanos nas árvores ainda carregadas com a folhagem de verão — tudo isso fez Tom pensar que havia cometido um erro ao deixar os Estados Unidos. Mas tinha que tirar isso da cabeça imediatamente, pois era um sentimento deprimente e frustrante, e ele se lembrou de que traria Heloise para os Estados Unidos no final de

outubro, ou quando ela voltasse e se recuperasse de seu cruzeiro para a Antártica.

Embora Frank tivesse ficado surpreso e desapontado quando Tom disse que ia embora naquela tarde, o garoto pareceu alegre durante o almoço. Será que o bom humor de Frank era puro fingimento?, perguntou-se Tom. Frank havia vestido uma jaqueta elegante de linho azul, embora ainda estivesse de jeans. “O mesmo vinho que bebemos na casa de Tom”, disse ele para a mãe, erguendo o copo de haste alta num floreio. “Sancerre. Pedi a Eugene que o encontrasse. Na verdade, fui à adega com ele para buscar.”

“É *delicioso*”, disse Lily, sorrindo para Tom, como se o vinho fosse dele e não dela.

“Heloise é muito bonita, mãe”, disse Frank, mergulhando uma garfada de lagosta na manteiga derretida.

“Você acha? Vou contar a ela”, disse Tom.

Frank pôs a mão sobre o estômago e fingiu arrotar, um gesto silencioso que também era uma reverência para Tom.

Johnny comeu calado, e apenas disse alguma coisa à mãe sobre a possibilidade de uma garota chamada Christine aparecer lá pelas sete, e ele não sabia se iam sair para jantar em algum lugar ou se iam ficar por lá mesmo.

“Garotas, garotas, garotas”, disse Frank com desdém.

“Fique quieto, tontinho”, murmurou Johnny. “Está com ciúmes, é?”

“Parem vocês dois”, disse Lily.

Era um típico almoço em família.

Às três da tarde, Tom já acertara tudo: havia reservado uma passagem em um voo no começo da noite de Bangor até o Aeroporto Kennedy, e Eugene iria levá-lo de carro a Bangor. Ele arrumou a mala, mas não a fechou. Foi até o corredor e bateu na porta entreaberta do quarto de Frank. Não houve resposta. Tom abriu um pouco mais a porta e entrou. O quarto estava vazio e em ordem, a cama provavelmente arrumada por Evangelina. Sobre a escrivaninha de Frank estava o urso de Berlim, de uns trinta centímetros, os olhos de contas marrons com um círculo amarelo, a boca alegre e fechada. Tom lembrou-se de como Frank se divertiu com a placa escrita à mão: 3 WÜRFE 1 MARK. Frank achou que a palavra *Würfe* era engraçada para

significar “tiros”, porque soava como alguma coisa para comer, ou talvez o som de um latido. Como é que o pequeno urso havia sobrevivido a um seqüestro, um assassinato, algumas viagens de avião, e estava ali tão fofo e alegre? Tom queria convidar Frank para fazer outro passeio até o penhasco. Tinha a impressão de que, se pudesse fazer com que o garoto se acostumassem ao penhasco, embora acostumar-se não fosse a melhor palavra, a culpa de Frank diminuiria.

“Acho que Frank saiu com Johnny para encher o pneu da bicicleta”, disse Lily a Tom lá embaixo.

“Pensei que ele pudesse dar um passeio comigo, já que ainda tenho uma hora”, disse Tom.

“Eles devem voltar logo, e tenho certeza de que Frank iria adorar. Para ele, você é o *maioral*, Tom.”

Tom não ouvia esse termo elogioso desde que era adolescente em Boston. Saiu para o gramado e foi na direção do caminho de lajes. Queria ver o penhasco à luz do dia. De alguma forma, a trilha pareceu-lhe mais longa, mas de repente ele havia passado as árvores, com uma bela visão de água azul à sua frente, talvez não tão azul quanto a do Pacífico, mas ainda assim bastante azul e limpa. Gaivotas se deixavam levar pelo vento, e três ou quatro barquinhos, um deles a vela, moviam-se lentamente sobre a enorme superfície. E lá estava o penhasco. De repente, Tom achou-o muito feio. Ele aproximou-se da beirada, olhando para a grama que se misturava com pedras, e depois a rocha, e por fim parou a uns vinte centímetros do vazio. Lá embaixo, exatamente como havia imaginado, rochas grandes brancas e beges, que pareciam ter sido tombadas por uma avalanche de pedras em um passado não muito remoto. Lá onde a água começava, ele conseguia ver pequenas ondas brancas batendo nas rochas menores. Procurou tola mente por algum sinal da catástrofe ocorrida com John Pierson, como um pedaço de cromo da cadeira de rodas. Não viu nada que não fosse natural ali. Mesmo que John Pierson tivesse cruzado a beirada em baixa velocidade, ele teria se chocado contra as rochas pontiagudas uns nove metros abaixo e possivelmente teria despencado mais alguns metros. Tom conseguiu ver que não havia mais nenhuma mancha de sangue nas rochas, e a constatação o fez estremecer. Afastou-se da beira do penhasco e voltou.

Olhou na direção da casa que mal podia ser vista através das árvores, apenas a cumeeira cinza-escura aparecia, e então viu Frank vindo pela trilha, ainda com a jaqueta azul. Será que o garoto estava procurando por ele? Sem pensar, Tom moveu-se para a direita e escondeu-se atrás de algumas árvores e arbustos. Frank iria procurar por ele? Chamá-lo pelo nome, se pensasse que ele poderia estar ali? Tom percebeu que estava curioso — talvez porque queria ver a expressão do garoto enquanto ele se aproximava do penhasco. Agora Frank estava tão perto que Tom podia ver seu cabelo castanho balançando um pouco com o movimento dos passos.

Frank olhou para a direita e para a esquerda, e para as árvores, mas Tom estava bem escondido.

Além disso, pensou Tom, provavelmente a mãe não havia contado que Tom tinha ido para o penhasco, porque ele não lhe dissera que iria. De qualquer forma, Frank não chamou por ele nem olhou mais ao redor. O garoto estava com os polegares enfiados nos bolsos da frente do jeans e andava lentamente em direção à beirada do penhasco, com certa arrogância, balançando os pés. Agora toda a figura do garoto formava uma silhueta contra o céu azul, a talvez uns seis metros de Tom. O garoto olhou para baixo. Mas ficou mais tempo olhando para o mar, e para Tom ele pareceu inspirar profundamente e relaxar. Então ele recuou, como Tom havia feito, olhando para o tênis. Apoiou o pé direito para trás, espalhando um pouco do pedregulho, e tirou os dedos dos bolsos. Inclinou-se para a frente e saiu correndo.

“Ei!”, gritou Tom, e se lançou na direção dele. Talvez ele tivesse tropeçado, ou apenas se lançado horizontalmente, mas suas mãos estavam estendidas, e ele conseguiu pegar Frank pelo tornozelo.

Frank caiu de barriga no chão, ofegante, o braço direito pendurado sobre a beirada do penhasco.

“Pelo amor de Deus!”, disse Tom, e puxou o tornozelo de Frank com força em sua direção. Levantou-se e ergueu Frank pelo braço.

O garoto estava sem fôlego, e seus olhos estavam vidrados, olhando o vazio.

“Que porra você está fazendo?” Tom percebeu que sua voz ficara rouca de repente. “Acorde!” Tom endireitou Frank, também sentiu-se em estado de choque, e puxou o garoto pelo braço em direção à casa.

Um pássaro deu um grito nesse momento, um guincho estranho, como se também estivesse chocado. Tom se recompôs e disse: “Tudo bem, Frank. Você quase conseguiu. Foi como se tivesse conseguido, não é? Reflexo rápido quando ouviu a minha voz? Você se jogou no chão como um jogador de futebol!” Teria sido isso mesmo? Ou Tom o impedira de se jogar agarrando-lhe o tornozelo? Tom bateu nervosamente nas costas do garoto. “Você já fez isso uma vez, está bem? Está certo?”

“É”, disse Frank.

“Fale a verdade”, disse Tom, como se estivesse fazendo uma pergunta. “Não diga só ‘é’ para mim. Você provou o que queria provar. Está bem?”

“Sim, senhor.”

Estavam andando de volta para a casa. A moleza nas pernas de Tom foi desaparecendo devagar, e ele inspirou profundamente. “Não vou falar nada sobre o que aconteceu. Não vamos falar sobre isso para ninguém. Está bem, Frank?” Ele olhou para o garoto, que de repente parecia tão alto quanto ele.

Frank olhava para a frente, não para a casa mas para além dela. “Claro, Tom, tudo bem.”

Quando Tom e Frank retornaram à casa, os Hunter já tinham chegado. Tom não saberia disso se Frank não tivesse apontado o carro verde parado na frente da casa. Tom teria pensado que era um dos carros dos Pierson.

“Tenho certeza de que estão no salão com vista para o mar”, disse Frank, como se quisesse enfatizar “vista para o mar”. “Mamãe sempre serve o chá naquela sala.” Ele olhou para a mala de Tom, que alguém havia trazido para baixo e colocado perto da porta.

“Vamos tomar alguma coisa. Eu realmente estou precisando de uma bebida”, disse Tom, indo até a mesa do bar que tinha quase três metros de comprimento. “Será que vocês têm Drambuie?”

“Drambuie? É claro que sim.”

Tom observou o garoto inclinar-se sobre uma fileira dupla de garrafas, o dedo indicador estendido para a direita, depois para a esquerda, até que encontrou a garrafa e ergueu-a, sorrindo.

“Lembro-me de ter visto uma garrafa destas na sua casa.” Frank serviu a bebida em dois copos.

Tom percebeu que a mão de Frank estava firme, mas seu rosto ainda estava pálido quando ele ergueu o copo. Tom aproximou-se e tocou o copo do garoto. “Isto vai lhe fazer bem.”

Beberam. Tom reparou que o último botão de sua jaqueta estava pendurado apenas por alguns fios de linha, então ele o arrancou, guardou no bolso e limpou um pouco da sujeira com a mão. A jaqueta do garoto tinha um rasgo de uns três centímetros do lado direito.

Frank girou o corpo apoiado em um dos calcanhares e perguntou: “A que horas o senhor tem que ir embora?”

“Lá pelas cinco.” Tom viu que eram quatro e quinze. “Não estou com vontade de me despedir de Susie”, disse Tom.

“Ah, não tem importância!”

“Mas a sua mãe...”

Eles subiram. Um pouco de cor havia voltado ao rosto de Frank, e seus passos eram ágeis. Frank bateu em uma porta branca entreaberta, e ele e Tom entraram. Era uma sala ampla, totalmente acarpetada, e com três janelas grandes ocupando toda a parede do lado do mar. Lily Pierson estava sentada perto de uma mesa redonda baixa, e um casal de meia-idade que Tom supôs serem os Hunter estava sentado em poltronas. Johnny estava em pé, segurando algumas fotos.

“Por onde vocês andaram?”, perguntou Lily. “Entrem aqui, os dois. Betsy, este é Tom Ripley... sobre quem eu tenho falado tanto. Wally... *Frank* finalmente voltou!”

“Frank!”, disseram os Hunter quase ao mesmo tempo, enquanto o garoto se aproximava, inclinando-se de leve e apertando a mão de Wally. “Você está importunando as pessoas com essas porcarias de novo?”, Frank perguntou ao irmão.

“Finalmente pude conhecê-lo”, disse Wally Hunter, apertando a mão de Tom e olhando em seus olhos como se ele, Tom, pudesse ser algum milagreiro — ou alguém que talvez não existisse de fato —, mas a mão de Tom doeu.

Os Hunter, ele usando um terno de algodão castanho e a esposa, um vestido de algodão lilás, pareciam ser os representantes do verão chique do Maine.

“Quer chá, Frank?”, perguntou a mãe do garoto.

“Sim, por favor.” Frank ainda não havia sentado.

Tom recusou o chá. “Preciso ir embora, Lily.” Ela pedira que a chamasse assim. “Eugene disse que poderia me levar de carro até Bangor.”

Johnny e a mãe falaram ao mesmo tempo. É claro que Eugene poderia levá-lo até Bangor. “Ou então eu levo”, disse Johnny. Disseram a Tom que ele teria pelo menos dez minutos antes de sair. Tom não queria falar sobre os acontecimentos na Europa, e Lily conseguiu desviar Wally Hunter do assunto, prometendo lhe contar tudo o que acontecera na França e em Berlim em outra ocasião. Betsy Hunter mantinha olhos cinzentos e frios sobre Tom, mas ele estava absolutamente indiferente ao que ela poderia estar pensando. Tom também sentiu indiferença em relação à chegada de Talmadge Stevens,

mais cedo do que o esperado. Os Hunter pareciam conhecê-lo e gostar dele, a julgar pela maneira como o cumprimentaram.

Lily apresentou-o a Tom. Era um pouco mais alto que Tom, parecia ter quarenta e poucos anos, e era do tipo atlético, que talvez praticasse corrida. Tom logo percebeu que Lily e Tal tinham um caso. Mas e daí? Onde estava Frank? Saíra da sala sem ser notado. Tom fez o mesmo. Pensou ter ouvido música... talvez um dos discos de Frank... um minuto atrás.

O quarto de Frank ficava do outro lado do corredor, mais para os fundos da casa. A porta estava fechada. Tom bateu mas não teve resposta. Entreabriu a porta. “Frank?”

O garoto não estava no quarto. O aparelho de som tinha um disco dentro, mas não estava ligado. Tom viu que era o *Transformer*, de Lou Reed, o mesmo lado que Heloise havia tocado em Belle Ombre. Tom olhou o relógio: quase cinco, e ele e Eugene deveriam sair às cinco. Provavelmente Eugene estava lá embaixo na área reservada aos empregados.

Tom desceu e foi até a sala de visitas, que estava vazia, e ouviu algumas gargalhadas que vinham da sala onde estavam tomando chá. Entrou em outra sala grande, com janelas que davam para o jardim, encontrou o corredor novamente e continuou andando em direção aos fundos da casa, onde achava que seria a cozinha. As portas da cozinha estavam abertas, e as paredes reluziam cheias de panelas de cobre e frigideiras. Eugene estava em pé bebendo uma xícara de alguma coisa, o rosto rosado, conversando com Evangelina, e ficou atento assim que viu Tom. Por algum motivo, Tom esperava que Frank estivesse ali.

“Com licença”, disse Tom. “Vocês viram...”

“Estou de olho no horário, senhor, cinco horas. No meu ainda faltam sete minutos. Precisa de ajuda com a bagagem?” Eugene havia colocado a xícara e o pires sobre a mesa.

“Não, obrigado, já está aqui embaixo. Onde está Frank? Vocês sabem?”

“Acho que está lá em cima, senhor, tomando chá”, disse Eugene.

Não, não está, Tom ia dizer, mas preferiu não falar nada. Sentiu-se alarmado de repente. “Obrigado”, disse a Eugene, e saiu apressado pela casa, procurando a saída mais próxima, que para Tom era a porta

que dava na varanda e que levava ao gramado. Talvez Frank estivesse lá em cima de novo, na sala onde as pessoas tomavam chá, mas Tom quis ir até o penhasco antes. Imaginou-se vendo o garoto em pé na beirada novamente, contemplando — o quê? Tom saiu correndo. Frank não estava lá. Tom diminuiu o passo, ofegante, não por falta de ar, mas de alívio. Mas, quando se aproximou mais da beirada do penhasco, começou a sentir medo novamente. Continuou andando.

Lá embaixo estava a jaqueta azul, o tom de azul mais escuro do jeans, a cabeça de cabelos escuros com um contorno vermelho, como se fosse uma flor, irreal, mas real o suficiente contra as rochas brancas. Tom abriu a boca, como se fosse gritar alguma coisa, mas não gritou. Ele nem respirou por alguns segundos, até perceber que estava se sufocando, e se arriscando ele próprio a cair de onde estava. O garoto estava morto e não havia nada a fazer, nada que se pudesse tentar para salvá-lo.

Precisava contar para a mãe, pensou Tom, enquanto voltava para a casa. Deus do céu, com todas aquelas pessoas lá!

Quando entrou na casa, encontrou Eugene, rosado e atento. “Algum problema, senhor? Faltam só dois minutos para as cinco, então nós...”

“Acho que temos que chamar a polícia... uma ambulância, alguma coisa.”

Eugene examinou Tom de alto a baixo para ver se ele estava machucado.

“É *Frank!* Ele está no penhasco”, disse Tom.

Eugene de repente entendeu. “Ele *caiu?*”, disse, pronto para correr.

“Tenho certeza de que está morto. Pode telefonar para um hospital ou para alguém? Vou contar à senhora Pierson. Ligue primeiro para o hospital!”, disse Tom, quando Eugene deu sinais de querer sair correndo.

Tom reuniu forças para ir até a sala de chá e foi. Bateu na porta e entrou. Todos pareciam estar bastante à vontade, Tal reclinado em uma das extremidades do sofá perto de Lily, Johnny ainda em pé conversando com a senhora Hunter. “Posso falar com você um minuto?”, disse Tom a Lily.

Ela se levantou. “Algum problema, Tom?”, perguntou ela, como se pensasse que ele apenas havia mudado seus planos de viagem, o que

não teria sido nenhum incômodo.

Tom falou com ela no corredor, depois de ter fechado a porta. “Frank acabou de pular do penhasco.”

“O-o quê? Ah, *não!*”

“Eu saí para procurá-lo. E o vi lá embaixo. Eugene está telefonando para o hospital... mas acho que ele está morto.”

Tal abriu a porta de repente, e sua expressão mudou no mesmo instante. “O que aconteceu?”

Lily Pierson não conseguia falar, então Tom disse: “Frank acabou de pular do penhasco”.

“Do *penhasco?*” Tal estava prestes a descer correndo, mas Tom fez um gesto, como se dissesse que era inútil.

“Qual é o problema?” Johnny saíra da sala, e atrás dele vinham os Hunter.

Tom ouviu Eugene subir correndo a escada e foi até o início do corredor para encontrá-lo.

“A ambulância e a polícia deverão chegar em minutos, senhor”, disse Eugene rapidamente, e passou por Tom.

Tom olhou para o corredor e viu uma figura de branco — não, era azul-claro, mais claro que a jaqueta de Frank —, Susie. Eugene, que tinha passado pelos outros, disse algo a Susie. Ela fez um sinal de aprovação, e Tom achou que até deu um leve sorriso. Naquele momento, Johnny passou correndo por Tom na direção da escada.

Duas ambulâncias chegaram, uma delas trazendo equipamentos de ressuscitação, pelo que Tom pôde ver quando dois homens inteiramente vestidos de branco atravessaram o gramado, guiados por Eugene. Em seguida passou uma escada dobrável. Será que Eugene os havia instruído, ou eles se lembravam do penhasco e do que havia acontecido com John Pierson? Tom voltou para mais perto da casa. Ele definitivamente não queria ver o rosto esmagado do garoto, queria ir embora logo, embora soubesse que não podia fazê-lo. Teria que esperar até que o garoto fosse trazido para cima, até que pudesse dizer mais algumas palavras para Lily. Tom entrou na casa, olhou para a mala que ainda estava perto da porta da frente e então foi para o andar de cima. Teve um impulso de entrar no quarto de Frank novamente, pela última vez.

Lá em cima, ele viu Susie Schumacher em pé no final do corredor, as mãos espalmadas para trás apoiando-a na parede. Ela olhou para ele e acenou com a cabeça, ou pelo menos foi o que Tom pensou ter visto. Andou até a porta do quarto de Frank e um pouco mais para a frente. Susie inclinava a cabeça. O que ela queria? Tom olhou para ela, como se não pudesse desviar os olhos, mas também franziu o cenho para ela.

“Você viu?”, disse Susie.

“Não”, respondeu Tom com firmeza. Estaria ela tentando intimidá-lo, convencê-lo? Tom sentiu uma hostilidade animalesca em relação a ela, uma sensação de autopreservação que lhe dava ânimo. Continuou andando na direção dela. Parou a uns três metros de distância. “Sobre o que você está falando?”

“Frank... é claro. Ele era um menino mau e pelo menos *sabia* que era.” Agora ela se movia de maneira quase imperceptível na direção de Tom e um pouco para a direita, para voltar ao quarto. “E talvez o senhor seja igual a ele”, acrescentou ela.

Tom recuou um passo, principalmente para manter uma certa distância dela. Virou-se e voltou para o quarto de Frank, entrando. Fechou a porta, sentindo raiva, mas o sentimento foi diminuindo. Aquela cama tão arrumada, onde Frank nunca mais iria dormir! E o urso de Berlim. Tom aproximou-se dele lentamente, querendo-o. Quem iria saber, ou se importar, se ele o levasse? Tom pegou-o com delicadeza pelas orelhas peludas. Um pedaço de papel sobre a mesa chamou a atenção dele. Estava à esquerda do urso. “Teresa, eu te amo para sempre!”, Frank havia escrito. Tom soltou um suspiro que estava contido. Que absurdo! Mas é claro que era verdade, porque Frank havia morrido na última meia hora. Tom não mexeu no papel, embora tenha lhe ocorrido sumir com aquele bilhete, destruí-lo, como se estivesse prestando um favor para um amigo morto. Mas Tom saiu só com o urso, e fechou a porta.

Lá embaixo ele colocou o urso em um canto da mala, com o focinho para dentro para não amassar. A sala de visitas estava vazia. Tom viu que estavam todos no gramado, e uma das ambulâncias deixava o local. Tom não quis ir para o gramado novamente. Andou um pouco pela sala e acendeu um cigarro.

Eugene apareceu e disse que telefonara para o aeroporto de Bangor. Havia um outro avião que Tom poderia pegar, se ele assim desejasse, se saíssem em quinze minutos. Eugene reassumira suas funções, embora seu rosto estivesse muito mais pálido.

“Ótimo”, disse Tom. “Obrigado por cuidar disso.” Tom foi até o gramado para falar com a mãe de Frank, bem no momento em que uma maca coberta com um pano branco era colocada na ambulância que estava lá.

Lily afundou o rosto no ombro de Tom. Todos diziam alguma coisa, mas o forte aperto de Lily nos ombros de Tom tinha mais significado. Logo depois, Tom estava no banco de trás de um dos carrões dos Pierson, sendo levado para Bangor por Eugene.

Chegou ao hotel Chelsea à meia-noite. Havia pessoas cantando no saguão, que tinha uma lareira quadrada e sofás em plástico branco e preto, acorrentados ao chão para evitar roubos. A letra era um poema humorístico e, entre muitas risadas, os garotos e garotas vestindo jeans tentavam adaptá-lo ao som de um violão. Sim, havia um apartamento para o senhor Ripley, disse o recepcionista com uma roupa de tweed. Tom observou as pinturas a óleo que estavam nas paredes, algumas doadas por clientes que não puderam pagar suas contas. No geral, o tom que sobressaía era o vermelho tomate. Um elevador antiquado levou-o até o andar de seu apartamento.

Tom tomou uma ducha, vestiu a pior calça que trouxera e deitou na cama por alguns minutos para relaxar. Foi inútil. A melhor coisa a fazer era comer algo, embora não estivesse com fome, dar uma caminhada e depois tentar dormir. No Aeroporto Kennedy ele havia feito uma reserva para a noite do dia seguinte, para Paris.

Saiu e foi caminhar pela Sétima Avenida, passou por docerias e lanchonetes, algumas ainda abertas. As calçadas estavam salpicadas pelo brilho opaco de aros de metal de latas de cerveja. Táxis balançavam como se estivessem bêbados, entrando e saindo de buracos na rua, fazendo Tom se lembrar um pouco dos Citroëns na França, grandes, pesados e agressivos. À frente, e dos dois lados da avenida, erguiam-se prédios altos e escuros, alguns comerciais, outros residenciais, como enormes pedaços de terra invadindo o céu. Muitas janelas estavam acesas. Nova York nunca dormia.

“Agora não há mais razão para eu ficar”, Tom dissera para Lily. Ele se referia ao funeral, mas também queria dizer que não havia mais nada que pudesse fazer por Frank. Tom não contou a ela sobre a primeira tentativa do garoto de se matar, menos de uma hora antes. Lily poderia ter dito: “Por que não ficou de olho nele depois?”. Tom havia pensado, erroneamente, que a crise de Frank já havia passado.

Entrou numa lanchonete de esquina, com bancos no balcão, e pediu um hambúrguer e um café. Não quis se sentar, mas com certeza ficar em pé não era proibido. Dois fregueses negros discutiam sobre uma aposta que tinham feito e sobre a possível vigarice do agenciador que ambos haviam usado. A conversa dos dois parecia muito complicada, e Tom desistiu de acompanhá-la. Pensou que poderia ligar para alguns amigos em Nova York amanhã, apenas para dizer um alô. No entanto, a idéia não o atraiu. Sentiu-se perdido e sem objetivos, péssimo. Comeu metade do hambúrguer, bebeu metade do café fraco, pagou e saiu, caminhando pela rua 42. Eram quase duas da madrugada.

Ali estava mais animado, como um circo enlouquecido ou um palco onde ele podia ficar andando sem rumo. Policiais grandalhões em camisas azuis de manga curta balançavam os cassetetes e faziam piadas com as prostitutas que deveriam prender. Será que eles as haviam prendido tantas vezes que estavam cansados disso? Ou será que estavam se preparando para prendê-las? Garotos adolescentes, de rostos maquiados e olhos vivos, avaliavam os homens mais velhos, alguns já com dinheiro na mão, prontos para comprá-los.

“Não”, disse Tom, gentilmente, abaixando a cabeça diante da abordagem de uma garota loira cujas coxas estufavam de modo horrível a calça de plástico preto brilhante. Tom leu surpreso os títulos grosseiros dos filmes nos cartazes dos cinemas. Que falta de talento quando o assunto era pornografia! Mas essa *clientèle* não queria sutileza ou talento. E todas aquelas fotos em cores extravagantes de homens com mulheres, homens com homens, mulheres com mulheres, nus e provavelmente transando, o que Frank não conseguira fazer com Teresa na única vez em que havia tentado! Tom riu um pouco, com um senso de humor bizarro. De repente ele se cansou de tudo aquilo e apressou o passo por entre grupos de rostos negros e brancos em direção à mancha escura que era o prédio da Biblioteca Pública na

Quinta Avenida. Mas não chegou até a Quinta, virando em direção sul na Sexta Avenida.

Um marinheiro foi atirado para fora de um bar e trombou com Tom. O marinheiro caiu no chão e Tom levantou-o, segurou-o com uma das mãos e pegou o chapéu dele que havia caído. O garoto parecia um adolescente e cambaleava como um mastro em tempestade.

“Onde estão seus colegas?”, perguntou Tom. “Tem algum colega seu aí dentro?”

“Eu quero um táxi e quero uma garota”, disse o garoto, sorrindo.

Ele parecia saudável, e provavelmente algumas doses de uísque e meia dúzia de cervejas o deixaram naquele estado. “Vamos.” Tom pegou-o pelo braço e abriu a porta do bar, procurando por outros uniformes de marinheiro. Viu dois deles no bar, mas o *barman* veio na direção de Tom e disse:

“Não queremos esse sujeito aqui e não vamos servir nada para ele!”

“Esses são seus amigos?”, perguntou Tom, apontando para os dois marinheiros

“A gente não quer ele aqui!”, disse um dos dois marinheiros, também um pouco bêbado. “Ele pode ir embora daqui, porra!”

O marinheiro que Tom ajudara estava apoiado no batente da porta, resistindo aos esforços do *barman* para tirá-lo de lá à força.

Tom aproximou-se dos dois que estavam no bar, não dando a mínima para a possibilidade de levar um murro no queixo. Com o melhor sotaque nova-iorquino que pôde imitar, Tom disse secamente: “Tomem conta do companheiro de vocês! Que bela maneira de tratar um cara que tem o mesmo uniforme, não?”. Tom olhou para o segundo marinheiro, que não estava tão bêbado, e viu que ele vinha em sua direção, depois de se afastar cambaleando do bar. Tom caminhou em direção à porta e olhou para trás. De maneira relutante, o marinheiro mais sóbrio estava se aproximando do companheiro bêbado.

Ora, já é alguma coisa, pensou Tom enquanto saía, embora muito pouco. Andou de volta ao Chelsea. Lá, algumas pessoas estavam bêbadas, ou alegres, ou animadas no saguão, mas o cenário era de calma, se comparado a Times Square. O Chelsea era famoso por seus hóspedes excêntricos, embora de maneira geral eles se mantivessem dentro de certos limites.

Tom pensou em ligar para Heloise, pois seriam nove da manhã lá, mas não ligou. Percebeu que estava despedaçado. *Despedaçado*. E como ele havia escapado de levar uma surra dos marinheiros naquele bar? Mais uma vez ele tivera sorte. Caiu na cama, sem se importar com quando iria acordar.

Devia ligar para Lily no dia seguinte? Ou será que o telefonema iria perturbá-la, aborrecê-la? Será que ela estava cuidando de coisas como o tipo de caixão adequado? Johnny cresceria de repente e assumiria os negócios? Ou Tal assumiria? Será que Teresa ia ficar sabendo, e será que iria para o enterro, cremação ou seja lá o que fosse feito? Ele tinha que pensar nessas coisas naquela noite? Perguntou-se isso, enquanto revirava na cama.

Somente lá pelas nove horas da noite seguinte Tom recuperou alguma serenidade, uma sensação de voltar a si mesmo. Os motores do avião estavam em pleno funcionamento, e de repente ele teve a impressão de acordar, como se já estivesse em casa. Sentiu-se feliz, ou mais feliz, como se tivesse escapado de — de quê? Ele havia comprado uma outra mala, na Mark Cross dessa vez, pois as Gucci estavam ficando tão esnobes que ele resolvera boicotá-las, e a nova mala estava cheia das coisas que ele havia comprado: um suéter para Heloise, um livro de arte da Doubleday, um avental de listras azuis e brancas para Mme. Annette, com um bolso vermelho onde estava escrito FUI ALMOÇAR, mais um brochinho de ouro, também para Mme. Annette, porque o aniversário dela estava próximo. O broche tinha o formato de um ganso voando, com alguns filetes em ouro parecendo juncos. Comprou também um bonito porta-passaporte para Eric Lanz. Ele não havia se esquecido de Peter em Berlim. Pretendia procurar alguma coisa especial para ele em Paris. Tom ficou observando as luzes encantadas de Manhattan subindo e descendo suavemente com o movimento do avião, e pensou que Frank em breve seria enterrado naquele mesmo pedaço de terra. Quando a costa dos Estados Unidos estava fora de vista, fechou os olhos e tentou dormir. Mas continuou pensando em Frank, achando difícil acreditar que o garoto estava morto. Era um fato, mas mesmo assim era algo que ele não conseguia aceitar como real. Havia pensado que o sono ajudaria, mas acordara naquela manhã com a mesma sensação de irrealidade em relação à morte de Frank — como

se ele pudesse olhar para o outro lado do corredor do avião e ver Frank sentado ali, sorrindo para ele, surpreendendo-o. Tom não conseguiu evitar a lembrança do lençol branco sobre a maca. Nenhum enfermeiro colocaria um lençol cobrindo a cabeça de alguém, a menos que a pessoa estivesse morta.

Teria que escrever para Lily Pierson, uma carta adequada, à mão, e sabia que conseguiria, de maneira educada e terna, mas o que Lily saberia sobre o pequeno jardim da casa em Moret onde Frank havia dormido? Ou sobre Berlim, ou mesmo do poder de Teresa sobre o filho? Tom ficou imaginando qual teria sido o último pensamento de Frank ao cair sobre as rochas. Teresa? A lembrança do pai caindo fatalmente do mesmo penhasco? Será que pensara nele? Tom mexeu-se na poltrona e abriu os olhos. As aeromoças começaram a circular. Tom suspirou, sem se importar se havia pedido um uísque, uma cerveja, comida ou qualquer outra coisa.

Que piada, pensou, que inúteis se mostravam agora as preleções cuidadosamente estudadas que ele fizera para Frank sobre o tema “dinheiro” ou “dinheiro e poder”! Use-o um pouco, desfrute-o um pouco, dissera Tom, e pare de se sentir culpado. Doe um pouco para caridade, para projetos artísticos, para qualquer coisa de que você goste ou para quem esteja precisando. E também havia dito, como o fizera Lily, que havia outros que podiam assumir a administração dos negócios dos Pierson, pelo menos até que Frank tivesse terminado os estudos e mesmo depois disso. Mas ele teria que se envolver um pouco com as empresas, ia ter seu nome (e talvez do irmão também) no topo da lista de diretores, mas nem isso Frank queria.

Em algum momento, a milhares de pés de altura e com céu totalmente escuro, Tom conseguiu dormir sob um cobertor que fora trazido por uma aeromoça ruiva. Quando acordou o sol estava nascendo, brilhante, como se em descompasso com o tempo, como tudo o mais, e o avião estava sobre a França, segundo o aviso que o havia despertado.

Estava em Roissy novamente, descendo uma das escadas rolantes com a bagagem de mão. Poderia ter problemas com a mala nova e seu conteúdo, mas Tom assumiu um ar de absoluta alienação e passou pelo portão onde estava marcado “Nada a declarar”. Verificou uma

tabela de horários na carteira e decidiu tomar um trem. Em seguida, ligou para Belle Ombre.

“Tome!”, disse Heloise. “*Onde* você está?”

Ela mal acreditou que ele estivesse no Aeroporto Charles de Gaulle, nem ele acreditava que ela estivesse tão perto. “Consigo chegar em Moret ao meio-dia e meia, sem problemas. Acabei de verificar.” De repente, Tom estava sorrindo. “Está tudo bem?”

Tudo estava bem, a não ser pelo fato de que Mme. Annette havia machucado o joelho num tombo ou escorregão na escada. Mas nem isso parecia ser algo sério, porque ela continuava andando normalmente, contou Heloise. “Por que você não me escreveu... ou telefonou?”

“Fiquei lá tão pouco tempo!”, respondeu Tom. “Só dois dias! Vou lhe contar tudo quando nos encontrarmos. Meio-dia e trinta e um.”

“*A bientôt, chéri!*” Ela ia buscá-lo.

Tom tomou um táxi para a Gare de Lyon com a bagagem, que não estava excessivamente pesada, e tomou o trem para Moret, depois de comprar um *Le Monde* e um *Le Figaro*. Tinha quase acabado de passar os olhos pelos dois jornais, quando percebeu que não havia procurado nenhuma notícia sobre Frank. Percebeu também que não teria dado tempo de sair uma notícia sobre a morte dele nesses jornais. Será que iriam chamar de “acidente” mais uma vez? O que a mãe dele iria dizer? Pensou que Lily ia dizer que o filho era um suicida. E que a história ou as fofocas interpretassem como quisessem as duas mortes no mesmo verão.

Heloise esperava por ele ao lado da Mercedes vermelha. A brisa soprava o cabelo dela. Ela o viu e acenou, embora ele não pudesse responder, carregando as duas malas mais uma sacola plástica com cigarros holandeses, jornais e livros. Beijou Heloise dos dois lados do rosto e no pescoço.

“Você está bem?”, perguntou ela.

Tom deu um breve gemido em resposta e colocou as malas no carro.

“Pensei que você ia voltar de novo com o Frank”, disse ela, sorrindo.

Para Tom, era surpreendente ver como ela parecia feliz. Enquanto se afastavam da estação, ele se perguntou quando deveria contar a ela sobre Frank. Heloise, que fizera questão de dirigir, já havia se livrado

do tráfego mais pesado e dos faróis e rumava para Villeperce. “Acho melhor contar agora: Frank morreu anteontem.” Tom olhou para o volante enquanto falava, mas as mãos de Heloise apenas apertaram a direção por um segundo.

“Como assim, *morreu?*”, perguntou ela em francês.

“Pulou do mesmo penhasco em que o pai morreu. Quando chegarmos em casa eu explico melhor, mas eu não queria comentar nada na frente de madame Annette, mesmo em inglês.”

“Que penhasco é esse?”, perguntou ela, ainda em francês.

“O penhasco que existe na propriedade deles no Maine. De frente para o mar.”

“Ah, sei!” Heloise lembrou-se de repente, talvez pelas notícias nos jornais. “Você estava lá? *Viu* tudo?”

“Eu estava na casa. Não o vi, não, porque o penhasco é um pouco afastado. Eu...” Tom estava com dificuldade para falar. “Na verdade, não há muito para contar. Passei uma noite lá. Pretendia vir embora no dia seguinte... e foi o que fiz. A mãe dele e alguns amigos estavam tomando chá. Eu saí para procurar o garoto.”

“E viu que ele tinha pulado?”, disse Heloise, agora em inglês.

“Sim.”

“Que horrível, Tome! É por isso que você está tão... distante.”

“Eu? Distante?” Estavam se aproximando de Villeperce, e Tom olhou para uma casa da qual gostava, e depois a agência do correio, depois a padaria, antes que Heloise virasse à esquerda. Ela fizera um caminho que passava por dentro da vila, talvez por acaso, talvez porque estivesse nervosa e quisesse ir mais devagar. Tom continuou: “Talvez eu o tenha encontrado uns dez minutos depois de ter se jogado. Não sei. Tive que voltar e contar para a família. É um penhasco bem íngreme... com rochas embaixo. Mais tarde eu lhe conto mais, querida”. Mas o que mais havia para contar? Tom olhou para Heloise, que estava passando pelos portões de Belle Ombre.

“É, você *precisa* me contar”, disse ela, saindo do carro.

Tom percebeu que aquela era uma história que ela iria querer ouvir com detalhes, porque ele não havia feito nada errado e não ia esconder nada dela.

“Eu gostava de Frank, sabe?”, disse Heloise a Tom, e seus olhos azuis encontraram os de Tom por um momento. “No começo, não gostei. Mas depois comecei a gostar.”

Tom sabia disso.

“Essa mala é nova?”

Tom sorriu. “E com algumas coisinhas novas dentro dela também.”

“Ah! Obrigada pela bolsa alemã, Tome!”

“*Bon jour*, monsieur Tome!” Mme. Annette estava em pé na porta da frente, sob a luz do sol. E tom pôde ver uma faixa elástica pouco abaixo da barra da saia, sob as meias, em volta do joelho.

“Como vai, querida madame Annette?”, disse Tom, abraçando-a, e ela respondeu que estava muito bem, beijando-o no rosto, e depois foi pegar a mala que Heloise carregava.

Ela insistiu em carregar as duas malas para cima, uma por vez, apesar do joelho machucado, e Tom não a impediu, porque sabia que aquilo lhe dava prazer.

“É tão bom estar em *casa!*”, disse Tom, olhando ao redor na sala de visitas, a mesa posta para o almoço, o cravo, o Derwatt falso sobre a lareira. “Sabe, os Pierson têm *O arco-íris*? Já contei isso ou não? É um dos Derwatts fa... fascinantes.”

“É mesmo?!”, disse Heloise, com certo deboche, como se já tivesse, ou nunca tivesse, ouvido falar desse quadro em especial, ou talvez porque desconfiasse que era falso.

Tom não sabia dizer. Mas riu, aliviado, feliz. Mme. Annette estava descendo a escada, com cuidado, uma das mãos no corrimão. Pelo menos alguns anos atrás ele conseguira convencê-la a não encerar os degraus.

“Como você pode estar tão alegre, com o garoto morto?” Heloise fizera a pergunta em inglês, e Mme. Annette, que carregava a segunda mala, não prestou atenção.

Heloise estava certa. Tom não sabia por que se sentia tão alegre. “Talvez eu não tenha me dado conta ainda. Foi tão de repente... um choque para todos na casa. Johnny, o irmão mais velho de Frank, estava lá. Frank estava muito infeliz por causa de uma garota. Eu já contei sobre ela, Teresa. Além da morte do pai...” Tom não iria além

disso. A morte de John Pierson sempre seria suicídio ou acidente, sempre que falasse com Heloise a respeito.

“Mas isso é terrível... se matar aos dezesseis anos! Você sabia que cada vez mais os jovens estão se matando? Estou sempre lendo notícias assim nos jornais. Quer um pouco? Ou outra coisa?” Heloise estendeu a taça para vinho cheia de água Perrier que acabara de servir para ela.

Tom recusou. “Quero lavar as mãos antes.” Foi até o lavabo e de passagem viu um maço com quatro cartas na mesinha do telefone, a correspondência de ontem e de hoje. Aquilo podia esperar.

Durante o almoço, Tom contou a Heloise sobre a casa dos Pierson em Kennebunkport, sobre a estranha empregada chamada Susie Schuhmacher, que cuidara dos garotos anos atrás, e que agora estava adoentada, depois de um infarto. Conseguiu descrever a casa como uma mistura de luxo e melancolia, o que era a verdade, ou, pelo menos, era como ele se sentia nela. Pela testa franzida de Heloise, Tom percebeu que ela sabia que ele não estava contando toda a verdade.

“E você foi embora na mesma noite... logo depois que o garoto morreu?”, perguntou ela.

“Sim. Não vi de que adiantaria ficar mais tempo. O enterro... deve ter sido há dois dias.” Talvez seja hoje, terça-feira, pensou Tom.

“Não acho que você conseguiria enfrentar o enterro”, disse Heloise. “Você gostava do garoto, não é? Eu sei.”

“É”, respondeu Tom. Podia olhar com firmeza para Heloise agora. Era estranho ter tentado guiar uma vida jovem como aquela, da maneira como ele havia tentado, e ter fracassado. Talvez um dia ele reconhecesse aquilo para Heloise. Mas na verdade ele nunca faria isso, porque jamais contaria a ela que o garoto havia empurrado o pai do penhasco, e que essa era a explicação para o suicídio dele, ou pelo menos era mais importante do que Teresa, sentiu Tom.

“Você conheceu Teresa?”, perguntou Heloise. Ela já havia pedido uma descrição completa de Lily Pierson, a ex-atriz que havia se casado com a fortuna, e Tom fez o melhor que pôde, incluindo uma descrição do atencioso Tal Stevens, com quem ele achava que Lily iria se casar.

“Não, não conheci Teresa. Acho que ela estava em Nova York.” E Tom suspeitava que Teresa nem sequer compareceria ao enterro de Frank. Mas que importância teria isso? Para Frank, Teresa fora uma

idéia, quase intangível, e assim continuaria sendo, como Frank havia escrito, “para sempre”.

Tom subiu para olhar a correspondência e desfazer as malas. Havia outra carta de Jeff Constant, da Galeria Buckmaster, de Londres, e numa passada de olhos ele viu que estava tudo bem. As novidades eram que a administração da Academia Derwatt em Perugia havia sido entregue a dois jovens londrinos com inclinações artísticas (Jeff citava os nomes), e que haviam pensado em comprar um *palazzo* nas redondezas da Academia para ser convertido em um hotel para os estudantes de arte. O que Tom achava da idéia? Será que ele conhecia o tal prédio, que ficava a sudoeste da escola de arte? Os novos rapazes de Londres enviariam uma carta por correio. Jeff escreveu:

Isso significa expansão, o que é sempre bom, não acha, Tom? A menos que você tenha alguma informação relevante sobre a situação interna da Itália, que possa tornar a compra desaconselhável no momento.

Tom não tinha nenhuma informação desse tipo. Será que Jeff achava que ele era um gênio? Sim, achava. Tom sabia que iria concordar com a compra. Era interessante a idéia de expansão para hotéis. A escola de arte tirava a maior parte de sua renda da hospedagem dos alunos. O verdadeiro Derwatt teria se torcido de vergonha.

Tirou o suéter, entrou no banheiro azul e branco e pendurou o suéter em uma cadeira. Pensou ter ouvido os cupins silenciarem assim que ouviram os passos dele entrando. Ou será que ele os ouvira antes? Encostou o ouvido na prateleira de madeira. Não! Ele tinha ouvido os insetos, e eles não tinham ficado quietos. Havia um leve ruído, que aumentou enquanto ele escutava. Continuavam trabalhando, os danados! Em um pijama dobrado que estava sobre a prateleira, Tom viu uma miniatura de pirâmide feita de um pó vermelho fino que caíra das escavações acima. O que será que estavam construindo ali? Camas, depósitos de ovos? Será que aqueles pequenos carpinteiros tinham juntado sua inteligência e construído uma pequena estante lá dentro, feita de baba e serragem, um pequeno monumento a seus

conhecimentos, à sua vontade de viver? Tom teve que rir daquilo. Será que estava ficando louco?

Do canto da mala, Tom tirou o urso de Berlim, ajeitou-lhe o pêlo suavemente e colocou-o na escrivaninha, apoiado em alguns dicionários. O ursinho só ficava sentado, as pernas não desdobravam para que ele ficasse em pé. Os olhos brilhantes fitaram Tom com a mesma alegria inocente que tinham em Berlim, e Tom sorriu para ele, pensando nos “3 Würfe 1 Mark”, pelos quais o bichinho mudara de dono. “Você vai ter um bom lar para o resto da vida”, disse Tom para o urso.

Ia tomar um banho, deitar na cama e olhar o restante da correspondência. Ia tentar se adaptar novamente ao horário. Faltavam vinte para as três agora, pelo horário francês. Frank seria enterrado naquele dia, Tom tinha certeza disso, mas nem se importou em descobrir a que horas seria, porque para Frank o tempo havia deixado de ser importante.

SOBRE A AUTORA

Patricia Highsmith nasceu em Fort Worth, Texas, em 1921, e criou-se em Nova York, onde se formou pela Universidade de Columbia. Em 1957, ganhou o Grande Prêmio Francês de Literatura Policial e, em 1964, o Silver Dagger, da Associação Britânica de Escritores Policiais. Aversa ao contato com jornalistas, passou a maior parte da vida reclusa em diversas cidades européias, particularmente na Itália. Viveu seus últimos anos isolada numa mansão perto de Locarno, na Suíça italiana. Publicou mais de vinte livros, entre contos e romances. Morreu em 1995.

O primeiro romance de Patricia Highsmith, *Pacto sinistro* (1950), transformou-se num clássico da literatura policial e do cinema noir depois de ser filmado por Alfred Hitchcock, em 1951. Mas foi com o criminoso Tom Ripley que Highsmith ganhou o reconhecimento do público e da crítica. *O talentoso Ripley*, de 1955, inaugurou a série protagonizada por um dos personagens mais famosos da literatura policial. Um ano depois de lançado, o livro recebeu o Prêmio Edgar Allan Poe, da Associação dos Escritores Policiais dos Estados Unidos, e em 1959 foi adaptado para o cinema por René Clément (*O sol por testemunha*), com Alain Delon no papel principal. Em 1999, Anthony Minghella dirigiu uma segunda versão cinematográfica, protagonizada por Matt Damon.

Depois de *O talentoso Ripley*, Highsmith escreveu também *Ripley subterrâneo* (1970), *O jogo de Ripley* (1974), *O garoto que seguiu Ripley* (1980) e *Ripley debaixo d'água* (1991). *O jogo de Ripley* foi adaptado para o cinema pela primeira vez por Wim Wenders, em 1977 (*O amigo americano*), com Dennis Hopper no papel principal; e em 2002 foi adaptado novamente por Liliana Cavani (*O retorno do talentoso Ripley*), com John Malkovich como protagonista.

SÉRIE POLICIAL

Réquiem caribenho

Brigitte Aubert

Bellini e a esfinge

Bellini e o demônio

Bellini e os espíritos

Tony Bellotto

Os pecados dos pais

O ladrão que estudava

Espinosa

Punhalada no escuro

O ladrão que pintava como

Mondrian

Uma longa fila de homens

mortos

Bilhete para o cemitério

O ladrão que achava que era

Bogart

Lawrence Block

O destino bate à sua porta

James Cain

Post-mortem

Corpo de delito

Restos mortais

Desumano e degradante

Lavoura de corpos

Cemitério de indigentes

Causa mortis

Contágio criminoso

Foco incial

Alerta negro

A última delegacia

Patricia Cornwell

Vendetta

Michael Dibdin

Edições perigosas

Impressões e provas

John Dunning

Máscaras

Passado perfeito

Leonardo Padura Fuentes

Tão pura, tão boa

Correntezas

Frances Fyfield

O silêncio da chuva

Achados e perdidos

Vento sudoeste

Uma janela em Copacabana

Perseguido

Luiz Alfredo Garcia-Roza

Neutralidade suspeita

A noite do professor

Transferência mortal

Um lugar entre os vivos

Jean-Pierre Gattégno

Continental Op

Dashiell Hammett

O talentoso Ripley

Ripley subterrâneo

O jogo de Ripley

Ripley debaixo d'água

O garoto que seguiu Ripley

Patricia Highsmith

Sala dos Homicídios

Morte no seminário

Uma certa justiça

Pecado original

A torre negra

Morte de um perito

O enigma de Sally

P. D. James

Música fúnebre

Morag Joss

*Sexta-feira o rabino acordou
tarde*

*Sábado o rabino passou
fome*

Domingo o rabino ficou em

casa
Segunda-feira o rabino
viajou
O dia em que o rabino foi
embora
Harry Kemelman

Um drink antes da guerra
Apelo às trevas
Sagrado
Gone, baby, gone
Sobre meninos e lobos
Paciente 67
Dennis Lehane

Morte em terra estrangeira
Morte no Teatro La Fenice
Donna Leon

A tragédia Blackwell
Ross Macdonald

É sempre noite
Léo Malet

Assassinos sem rosto
Os cães de Riga
A leoa branca
Henning Mankell

Os mares do Sul
O labirinto grego
O quinteto de Buenos Aires
O homem da minha vida
Manuel Vázquez
Montalbán

O diabo vestia azul
Walter Mosley

Informações sobre a vítima
Vida pregressa
Joaquim Nogueira

Revolução difícil
George Pelecanos

A morte também frequenta o

Paraíso

Lev Raphael

Serpente

A confraria do medo

A caixa vermelha

Cozinheiros demais

Milionários demais

Mulheres demais

Ser canalha

Aranhas de ouro

Clientes demais

Rex Stout

Fuja logo e demore para voltar

O homem do avesso

Fred Vargas

A noiva estava de preto

Casei-me com um morto

Cornell Woolrich

Copyright © 1993 by Diogenes Verlag AG Zürich
Publicado originalmente em 1980

Título original:
The boy who followed Ripley

Capa e projeto gráfico:
João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa:
Thyago Nogueira

Preparação:
Leny Cordeiro

Revisão:
Renato Potenza Rodrigues
Otacílio Nunes

ISBN 978-85-438-0007-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br